



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL -
CAMPUS CHAPECÓ SANTA CATARINA**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS (PPGEL)
LINHA DE PESQUISA: DIVERSIDADE E MUDANÇA LINGÜÍSTICA**

PAULA CRISTINA MERLO BORTOLOTTO

***O TALIAN NA FALA DOS ÍTALO-BRASILEIROS
EM CHAPECÓ - SC E PATO BRANCO - PR:
MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO DOS TERMOS DE PARENTESCO***

**CHAPECÓ – SC
2015**

PAULA CRISTINA MERLO BORTOLOTTO

O TALIAN NA FALA DOS ÍTALO-BRASILEIROS
EM CHAPECÓ - SC E PATO BRANCO - PR:
MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO DOS TERMOS DE PARENTESCO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dra. Cristiane Horst

CHAPECÓ - SC
2015

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Bortolotto, Paula Cristina Merlo

O talian na fala dos ítalo-brasileiros em Chapecó - SC e Pato Branco - PR: manutenção e substituição dos termos de parentesco / Paula Cristina Merlo Bortolotto. -- 2015. 187 f.:il.

Orientadora: Cristiane Horst .

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), Chapecó, SC, 2015.

1. Contato linguístico italiano-português. 2. Dialetologia Pluridimensional e Relacional . 3. Manutenção e substituição linguística . 4. Termos de parentesco. I. , Cristiane Horst, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

PAULA CRISTINA MERLO BORTOLOTTO

**O TALIAN NA FALA DOS ÍTALO-BRASILEIROS EM CHAPECÓ – SC E
PATO BRANCO – PR: MANUTENÇÃO E SUBSTITUIÇÃO DOS TERMOS DE
PARENTESCO**

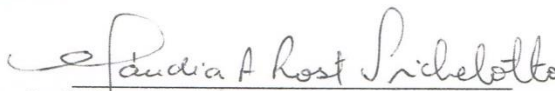
Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da
Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS para obtenção do título de Mestre em
Estudos Linguísticos, defendida em 31/03/2015.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Cristiane Horst



Aprovada em: 31/03/2015

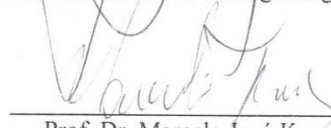
BANCA EXAMINADORA



Prof^ª. Dra. Cláudia Andréa Rost Snichelotto – UFFS



Prof. Dr. Felício Wessling Margotti – UFSC



Prof. Dr. Marcelo Jacó Krug – UFFS

Chapecó SC, março de 2015.

AGRADECIMENTOS

- A Deus;
- À minha mãe / *mama*, Zenilde pela força e compreensão;
- A todos os familiares, pela ajuda;
- À amiga Andréia, pelo incentivo e acolhimento;
- Aos amigos de sempre e aos colegas feitos ao longo deste percurso, pelas conversas;
- Aos professores do PPGEL da UFFS da linha de pesquisa Diversidade e Mudança Linguística, pelos ensinamentos, trocas e amizade;
- À professora Cláudia Andrea Rost Snichelotto, pela oportunidade de frequentar a disciplina isolada de Sociolinguística Variacionista;
- A todos os professores do PPGEL da UFFS, pelo conhecimento;
- Aos informantes e aqueles que os indicaram, o meu muito obrigada, sem vocês essa pesquisa não seria possível;
- E em especial a professora Cristiane Horst, pelos estímulos, carinho e dedicada orientação.

RESUMO

Com esta pesquisa pretendemos descrever e analisar a manutenção e a substituição dos termos de parentesco do *talian* pelos termos de parentesco do português (Pt.), na fala de informantes ítalo-brasileiros em Chapecó, Santa Catarina (SC) e Pato Branco, Paraná (PR); em contextos plurilíngues, de contato linguístico do *talian* com o português do Oeste de SC, com o português do Sudoeste do PR, com o português padrão e com o italiano (Ita.). A partir do contato de diferentes variedades linguísticas vindas do norte da Itália ao sul do Brasil, com predomínio do vêneto e do lombardo, formou-se uma coine, chamada de *talian* ou vêneto brasileiro. As localidades da pesquisa, Chapecó e Pato Branco, se desenvolveram no século XX, caracterizando-se como área de migração interna. Ou seja, foram constituídas por um grande número de descendentes de imigrantes europeus, em sua maioria, alemães e italianos, os quais migraram das colônias velhas do Rio Grande do Sul (RS), onde seus antepassados haviam se instalado, à procura de melhores condições, pois as famílias eram grandes, e as terras se tornaram improdutivas, escassas e conseqüentemente com alto valor comercial. A análise dos dados seguiu os moldes teórico-metodológicos da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, contemplando o espaço variacional e a pluralidade dos informantes (inf.(s)) que compõem as duas localidades. Dessa maneira, foram entrevistados 16 inf.(s) ítalo-brasileiros, isto é, com sobrenome de pai e mãe com descendência italiana, sendo oito em cada ponto. Para tanto, foram levadas em consideração as dimensões diatópica (pontos geográficos – Chapecó SC e Pato Branco PR), diageracional (idade – GII (55 anos ou mais) e GI (de 18 a 36 anos de idade)), diassexual (gênero/sexo – masculino e feminino), diastrática classe social/escolarização – Ca (com graduação ou mais) e Cb (de nenhuma escolaridade até o Ensino Médio)), dialingual (bilíngues *talian*-português) e diafásica (variação de estilo no roteiro de entrevista – questionário, conversa livre semidirigida e leitura). Isso possibilitou uma melhor descrição da manutenção e substituição do fenômeno lexical estudado, os termos de parentesco. Esses se classificam em três tipos: termos de parentesco sanguíneo (bisavô, bisavó, vovô, vovó, pai, mãe, filho, filha, tio, tia, primo, prima, sobrinho, sobrinha etc.); termos de parentesco de aliança (marido, esposa, homem, mulher, sogro, sogra, genro, nora, cunhado, cunhada, padraço, madraça, enteado, enteada etc.) e termos de parentesco espiritual (padrinho, madrinha, afilhado, afilhada, comadre, compadre). A análise das respostas espontâneas do questionário lexical aponta para 30% de manutenção das variantes do *talian* em Chapecó SC e 28% em Pato Branco PR e 66% de substituição para o português, em ambos os pontos geográficos.

Palavras-chave: Contato linguístico italiano-português. Dialetoologia Pluridimensional e Relacional. Manutenção e substituição linguística. Termos de parentesco.

RESUMO¹

Com questa risserca pretendemos describer e analisar la manutenssion e la sustituission dei tèrmini de parentà del talian par i tèrmini de parenta del portoghese (Pt.) in informanti ítalo-brasiliani in Chapecó, Santa Catarina (SC) e Pato Branco (PR), in contesti plurilengoe e de contato con el portoghese del Oeste de SC, com el portoghese del Sudoeste del PR, con el portoghese padron e italiano (Ita.). Queste due località se ga svilupà ntel sècolo XX, caraterisandosse come migrassion interna. O sia, ze state costituide par un grandò nùmero de dessendenti de imigranti europèi, in so maioransa, alemani e italiani, chei ga migrà de le vecia colònie del Rio Grande do Sul (RS) ndove so antenati se gavea istalà, inserca de meio condission, parché le fameie zera grande, e la terá se gavea torna fiaca, scarsa e par consequensa, tanto cara. La análise dei dadi há seguito i moldi teòrichi metodològichi dea Dialetologia Pluridimensional e Relassional, contemplando el spasso variassional e la pluralità dei informante (inf.(s)) che forma le due località. De questa maneira, foron intrevistadi 16 inf.(s) ítalo-brasiliani, o sia, con cognome de pupà e mama con dessendenza taliana, èssendo oto in cada punto. E lora, foron considerà le dimension, diatòpica (ponti geogràfichi – Chapecó SC e Pato Branco PR), diagerassional (età – GII (55 ani o depiù) e GI (de 18 a 36 ani de età)), diasessual (género/sexo – omo e dona), diastrática (classe social/scolarisassion – Ca (con graduassion o più) e Cb (de gnanca una scolarità fin el Ensino Médio)), dialingual (bilengoe talian-portoghese) e diafásica (variassion del stilo nel roteiro de intreviste – questionàrio, ciàcola libera semidirigista, letura). Cossita, foron possìbili na meio descrission de la manutenssion e sustituission del fenòmino lessical studiá, i tèrmini de parentà. Questi se classifica in trè tipi: tèrmini de parentà sanguinio (bisnono, bisnona, nono, nona, pupà, mama, fiol, fiola, zio, zia, cosin, cosina, neodo, neoda, etc.); tèrmini de parentà de aliança (marido, sposa, omo, fémena, messier, sòcera, género, nora, cugnà, cugnada, paregno, maregna, etc.) e tèrmini de parentà spiritual (sàntolo, santola, fiosso, fiossa, comare, compare). La analisi di risposte spontane apunti di rilievo lessicale per 30% di mantenere varianti in talian in Chapecó SC e 28% in Pato Branco PR e 66% di sostituzione par il portoghesi, in due punti geografici.

Paroli-ciave: Contato linguístico italiano-portoghese. Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Manutenssion e la sustituission linguística. Tèrmini de parentà.

¹ O resumo está escrito no *talian* (variedade linguística italiana oral originada no sul do Brasil). Chegou-se a esta escrita depois de observar a fala de alguns falantes de Chapecó SC e Pato Branco PR, de consultas a dicionários de *talian* e também contamos com a ajuda na tradução da equipe da Revista *Talian* Brasil (os integrantes da revista também escrevem o *talian* conforme a fala de suas famílias e da localidade em que residem).

RIASSUNTO

Con questa ricerca proponiamo a descrivere e analizzare la manutenzione e la sostituzione dei termini di parentela del *talian* dai termini di parentela del portoghese (Pt.) negli informatori italo-brasiliani a Chapecó, Santa Catarina (SC) e Pato Branco, Paraná (PR) in contesti multilingui e di contatto con il portoghese dell' ovest di SC, con il portoghese del sudovest del PR, con il portoghese standard e l' italiano (Ita.). Queste due località si sono sviluppate nel secolo XX, caratterizzate come la migrazione interna, o sia, sono state costituite da un gran numero di discendenti di immigranti europei, soprattutto tedeschi e italiani, emigrati dalle vecchie colonie del Rio Grande do Sul (RS), dove i loro antenati si sono stati stabiliti per ritrovare migliori condizioni perché le loro famiglie erano grandi e la terra è diventata debole, scarsa e quindi costosa. L'analisi dei dati ha seguito i modelli teorici e metodologici della Dialettologia Pluridimensionale e Relazionali, contemplando lo spazio variazionale e la pluralità degli informatori (inf.(s)) che compongono le località. Così, gli intervistati sono 16 inf.(s) italo-brasiliani, cioè con il cognome del padre e della madre di discendenza italiana, otto in ogni punto. Con questo scopo, sono stati considerate le dimensioni: diatopica (punti spaziali – Chapecó SC e Pato Branco PR), diagerazionale (età - GII (55 anni o più) e GI (18-36 anni)), diagenerica (genere/sexo – uomo e donna), diastratica (classe sociale/scolarità - Ca (laurea o più) e Cb (nessuna scolarità fino al liceo)), dialinguale (bilingue *talian*-portoghese) e diafasica (cambiamento di stile nella guida dell' intervista - domanda quiz e risposte, conversazione libera semistrutturata e lettura). Per possibile una migliore rappresentazione della manutenzione e sostituzione del fenomeno lessicale studiato è importante osservare i termini di parentela. Questi sono classificati in tre tipi: termini di parentela di sangue (bisnonno, bisnonna, nonno, nonna, padre, madre, figlio, figlia, zio, zia, nipote, nipote, ecc); termini di parentela di alleanza (marito, moglie, uomo, donna, suocero, suocera, nuora, genero, cognato, cognata, patrigno, matrigna, ecc.) e termini di parentela spirituale (padrino, madrina, figlioccio, figlioccia, comare, compare). L'analisi delle risposte spontanee punti di rilievo lessicale per 30% di manutenzione di varianti in *talian* in Chapecó SC e 28% in Pato Branco PR e 66% di sostituzione per portoghesi, in entrambi i punti geografici.

Parole chiave: Contatto linguistico italiano-portoghese. Dialettologia Pluridimensionale e Relazionale. Manutenzione e la sostituzione linguistica. Termini di parentela.

LISTA DE ABREVIATURAS

ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil

ALiB: Atlas Linguístico do Brasil

ALMA: Atlas Linguístico-Contratual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata

Ca: Classe alta

Cb: Classe baixa

CEP: Conselho de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Federal da Fronteira Sul

F.: Feminino

F.(s): Femininas

GI: Geração I

GII: Geração II

Inf.: Informante

Inf.(s): Informantes

Ita.: Italiano

M.: Masculino

M.(s): Masculinos

Pt.: Português

PB.: Português brasileiro

PtRS.: português rio-grandense

RIC: Região de colonização italiana

Trad.: Tradução

Var. Variação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa com as regiões do norte da Itália de onde vieram os imigrantes e suas variedades linguísticas.....	31
Figura 2 – Mapa com as região de colonização italiana (RCI) no mapa do Rio Grande do Sul...	32
Figura 3 – Mapa com as primeiras Colônias italianas formadas na RCI no Rio Grande do Sul...	33
Figura 4 – O <i>ego</i> tem relações primárias com a família de criação e com a sua família de procriação (A e B) e X e Y têm relações secundárias entre si ligadas pelo <i>ego</i>	43
Figura 5 – A família do ego (B) está ligada à família do seu cônjuge (A), e este também se liga com seus filhos (C), com as famílias de seus irmãos (D) e com os filhos de seus filhos (netos) (E e F).....	44
Figura 6 – Espaço variacional e disciplinas da variação.....	50
Figura 7 - Esquema da cruz.....	53
Figura 8 - Distribuição dos informantes ítalo-brasileiros nos municípios de Chapecó SC e Pato Branco PR, conforme as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e diastrática.....	54
Figura 9 – Mapa com a localização das localidades de pesquisa, Chapecó SC e Pato Branco PR.....	60
Figura 10 – Mapa com a localização da área contestada e sua respectiva delimitação territorial, referente à disputa que envolvia PR e SC na Guerra do Contestado.....	62

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Síntese das aplicações dos termos de parentesco entre os inf.(s) M(s) de CaGII, CaGI, CbGII e CbGI em Chapecó SC.....	97
Gráfico 2 - Síntese das aplicações dos termos de parentesco entre os inf.(s) F(s) de CaGII, CaGI, CbGII e CbGI em Chapecó SC.....	98
Gráfico 3 - Síntese das aplicações dos termos de parentesco entre os inf.(s) M(s) de CaGI, CbGI, CbGII e CbGII em Pato Branco PR.....	99
Gráfico 4 - Síntese das aplicações dos termos de parentesco entre os inf.(s) F(s) de CaGII, CaGI, CbGII e CbGI em Pato Branco PR.....	99
Gráfico 11 – Aplicações dos termos de parentesco na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI em Chapecó SC.....	107
Gráfico 12 - Aplicações dos termos de parentesco na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI em Pato Branco PR.....	107
Gráfico 13 – Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco na GI e GII em Chapecó SC.....	109
Gráfico 14 – Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco na GI e GII em Pato Branco PR.....	110
Gráfico 15 – Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco na Ca e Cb em Chapecó SC.....	112
Gráfico 16 - Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco na Ca e Cb em Pato Branco PR.....	113
Gráfico 17 – Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco homem e mulher em Chapecó SC.....	114
Gráfico 18 – Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco homem e mulher em Pato Branco PR.....	115

Gráfico 19 – Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco por tipos de termos de parentesco em Chapecó SC.....	117
Gráfico 20 – Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco por tipos de termos de parentesco em Pato Branco PR.....	118
Gráfico 21 – Resultado final da aplicação dos resultados dos termos de parentesco em Chapecó SC.....	120
Gráfico 22 - Resultados final da aplicação dos termos de parentesco em Pato Branco PR.....	120

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Divisão dos dialetos conforme as regiões do norte da Itália.....	30
Quadro 2 – Dimensões, parâmetros e critérios metodológicos da Dialectologia Pluridimensional e Relacional controlados na pesquisa.....	55
Quadro 3 – Resultados individuais das aplicações dos termos de parentesco no questionário lexical.....	77
Quadro 4 - Termos de parentesco sanguíneo: inf.(s) M(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI Chapecó SC.....	85
Quadro 5 - Termos de parentesco sanguíneo: inf.(s) F(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Chapecó SC.....	86
Quadro 6 - Termos de parentesco sanguíneo: inf.(s) M(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Pato Branco PR.....	87
Quadro 7 - Termos de parentesco sanguíneo: inf.(s) F(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Pato Branco PR.....	88
Quadro 8 - Termos de parentesco de aliança: inf.(s) M(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Chapecó SC.....	89
Quadro 9 - Termos de parentesco de aliança: inf.(s) F(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Chapecó SC.....	90
Quadro 10 - Termos de parentesco de aliança: inf.(s) M(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Pato Branco PR.....	91
Quadro 11 - Termos de parentesco de aliança: inf.(s) F(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Pato Branco PR.....	92
Quadro 12 - Termos de parentesco espiritual: inf.(s) M(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Chapecó SC.....	93
Quadro 13 - Termos de parentesco espiritual: inf.(s) F(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Chapecó SC.....	94

Quadro 14 - Termos de parentesco espiritual: inf.(s) M(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Pato Branco PR.....	95
Quadro 15 - Termos de parentesco espiritual: inf.(s) F(s) de CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Pato Branco PR.....	96
Quadro 16 - Síntese da aplicação dos termos de parentesco sanguíneo na CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Chapecó SC.....	101
Quadro 17 - Síntese da aplicação dos termos de parentesco sanguíneo na CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Pato Branco PR.....	102
Quadro 18 - Síntese da aplicação dos termos de parentesco de aliança na CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Chapecó SC.....	103
Quadro 19 - Síntese da aplicação dos termos de parentesco de aliança na CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Pato Branco PR.....	104
Quadro 20 - Síntese da aplicação dos termos de parentesco espiritual na CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Chapecó SC.....	105
Quadro 21 - Síntese da aplicação dos termos de parentesco espiritual na CaGII, CaGI e CbGII e CbGI em Pato Branco PR.....	106
Quadro 22 - Termos de parentesco produzidos por cada inf. em Chapecó SC e Pato Branco PR.....	123

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 CONTEXTO TEÓRICO DO ESTUDO	25
1.1 Plurilinguismo, bilinguismo e os contatos linguísticos no Brasil	25
1.2 Contextualização da imigração italiana no sul do Brasil e a formação da coine vêneta	29
1.3 Manutenção e substituição das línguas	35
1.3.1 Fatores que podem desencadear a manutenção e a substituição linguística do <i>talian</i>	38
1.4 Os termos de parentesco e sua importância social.....	40
1.5 Dialetoлогия Tradicional, Sociolinguística e os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional	45
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	52
2.1 A seleção dos informantes	52
2.2 O levantamento dos dados conforme as dimensões controladas	55
2.2.1 Dimensão Diageracional	55
2.2.2 Dimensão Diassexual	57
2.2.3 Dimensão Diastrática	58
2.2.4 Dimensão Dialingual.....	58
2.2.5 Dimensão Diatópica	59
2.2.5.1 Chapecó SC	62
2.2.5.2 Pato Branco PR	63
2.2.6 Dimensão Diafásica	65
2.2.6.1 Questionário	66
2.2.6.2 Conversa livre semidirigida.....	67
2.2.6.3 Leitura	68

2.3 Transcrição e procedimento para análise dos dados	68
3 ANÁLISE DOS DADOS	70
3.1 Considerações preliminares sobre a estruturação da análise dos dados	70
3.2. Descrições individuais das aplicações de cada termo de parentesco do questionário lexical.....	71
3.3 Comparações das aplicações dos diferentes tipos de termos de parentesco entre homens e mulheres das diferentes classes e gerações: CaGII, CaGI, CbGII e CbGI	84
3.4 Comparações das aplicações dos diferentes tipos de termos de parentesco na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI	100
3.5 Síntese dos resultados comparativos do questionário lexical nas dimensões diageracional, diassexual, diastrática, dialingual e diatópica	108
3.6 Síntese das aplicações dos termos de parentesco na conversa livre semidirigida e algumas impressões sobre a leitura.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS	137
ANEXOS	147

INTRODUÇÃO

A imigração italiana ocorreu com grande intensidade no Brasil em dois momentos. A mais antiga se estendeu do ano de 1875 a 1940 e esses imigrantes foram conduzidos ao Rio Grande do Sul (RS), Santa Catarina (SC), Paraná (PR), São Paulo (SP) e Espírito Santo (ES). Já a imigração mais recente aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial² (MIORANZA, 1990).

A partir do início do século XIX, por causa das unificações nacionais da Alemanha e Itália e por outras questões, como o crescimento do capitalismo, toda a Europa passou por dificuldades, o que levou a modificações econômicas, políticas e sociais (BUSSE; BELONI, 2013, p. 312). Conforme Radin (2001, p. 46), esse processo afetou principalmente o setor agrícola, isso fez com que um grande número de agricultores emigrassem para a América. No fim do século XIX, o governo imperial brasileiro estava realizando campanhas imigratórias, devido à escassez de mão de obra provocada pelo fim do regime escravo³. Então, os imigrantes italianos que vieram para o Brasil foram destinados a duas grandes frentes: para as fazendas de café em SP e para as terras não colonizadas da região sul.

A partir de então, o sul do Brasil que já era constituído de grande diversidade linguística, étnica e cultural é acrescido ainda mais, o que compõe um espaço geográfico plurilíngue. Vários fatores contribuem para esta realidade: a região faz fronteira com países de língua hispânica; essas terras também já foram disputadas por espanhóis e portugueses, sendo ocupadas pelos imigrantes lusos no século XVII e XVIII. A área foi colonizada e desenvolvida em momentos distintos e, por imigrantes vindos de diferentes países no século XIX: os alemães (a partir de 1824), os italianos (1875), os poloneses (1891), os ucranianos (1891), entre outros. E mais recentemente, no século XX, receberam-se os imigrantes asiáticos (MARGOTTI, 2004, p. 1).

No ano de 1922, Antenor Nascentes aponta um contexto dialetal, em que o RS, SC, PR, SP, parte de Minas Gerais (MG), de Goiás (GO) e do Mato Grosso (MT) estavam dentro dos

²Estendeu-se de setembro de 1939 a 1945.

³ Fim do tráfico de escravos: 1850; Ventre livre: 1871; Abolição da escravidão: 1888.

limites do *subfalar sulista*⁴. Porém, estudos mais recentes mostram que essa descrição não dá mais conta das variedades linguísticas faladas nesse espaço geográfico. Por exemplo, no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) (2011), é possível ver a existência de pelo menos oito áreas linguísticas na região sul do Brasil. Altenhofen (2008, p. 18-19) corrobora também que só no sul do país se reconhecem duas grandes áreas, a paranaense e a rio-grandense e no interior dessas se constata subáreas específicas, como: fronteira sul-riograndense, zona lateral açoriano-catarinense, PR do sul e PR do norte e áreas bilíngues.

Romano (2015, p. 262-263 - no prelo), no que se refere ao *subfalar sulista* feita por Antenor Nascentes (1953 [1922]), com base em cartas lexicais, diz que não é mais válida e enfatiza dois possíveis grandes falares nessa área, o *falar paulista* e o *falar sulista*. Sobre o assunto, Romano (2015, p. 265 – no prelo) afirma que: “o território investigado pode ser dividido em duas grandes áreas: (i) a meridional (*falar sulista*) e (ii) a setentrional (*falar paulista*), caracterizadas anteriormente e que apresentam limites virtuais e fluidos”.

Constata-se que o *falar paulista* se estende do Estado de SP, com influência no norte do PR, oeste do MS, sudoeste e interior do Estado de GO, sul de MG e Triângulo Mineiro. Observou-se também que o *subfalar sulista* não fica somente restrito dentro da área dita por Nascentes (1953 [1922]). No que diz respeito ao *falar sulista*, contempla o Estado do RS e, por um corredor do oeste catarinense e sudoeste paranaense, chega a MS. Esse falar com influência do sul-rio-grandense revela o contato do Pt. com o espanhol, do Pt. com línguas de imigração (alemã e italiana) e do Pt. com o tupi. Em síntese, esse falar (sulista), segue ao Centro-Oeste, passa por SC e, por um corredor central do PR, passa em localidades como Lapa e Piraí do Sul, chegando às cidades paulistas localizadas no Vale do Ribeira até chegar a Itapetininga e Sorocaba (ROMANO, 2015, p. 263-264 - no prelo).

Sobre a etnolinguicidade dos imigrantes italianos, ela não foi levada em conta, nem nos portos de embarque da Itália e nem mesmo durante a ocupação dos lotes coloniais. Assim, no sul do Brasil formaram-se colônias mistas, ou seja, imigrantes vindos de regiões diferentes do norte italiano, com variedades linguísticas distintas, passaram a conviver (TRENTO, 1986). A partir desse contato linguístico, se origina um modo específico de falar, pois muitas variedades começaram a co-ocorrer. A variedade vêneta, pelo fato de apresentar um grande número de falantes, em torno de 60%, sobressaiu-se frente a outras línguas e costumes. Com o passar do

⁴ Para uma melhor visualização, no Anexo E, apresenta-se o mapa da Região Sul do Brasil no contexto dialetal de Antenor Nascentes de 1922, visto em Altenhofen (2008).

tempo, foi modificada pelo contato, especialmente com o lombardo. Assim originou-se o *talian*⁵ (MARGOTTI, 2004, p. 38). Posteriormente, essa coine⁶ se depara com o português (Pt.) e suas variedades nos diferentes locais, como escola, vida social dos imigrantes e de seus descendentes.

Conforme Margotti (2004, p. 38-39), “a miscigenação linguística se deu à semelhança da mistura dos sangues. Nas primeiras décadas houve resistência aos casamentos, depois as barreiras foram caindo. Na língua ocorreu um fenômeno semelhante.”. Portanto, mesmo com as pressões oriundas da escola, sociedade, meios de comunicação de massa em favor da variedade padrão do Pt. e dos casamentos entre etnias diferentes, a fala na variedade minoritária italiana continua em níveis como familiar, interfamiliar e comunitário em situações de festas, jogos, reuniões sociais (ZILIO, 2001 *apud* MARGOTTI, 2004, p. 39). Essa informação é confirmada por Luzzatto (1994), que constatou que o *talian* é falado na região sul nos seguintes locais: no RS em Caxias do Sul, Farroupilha, Garibaldi, Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Veranópolis, Erechim e Carlos Barbosa; em SC nos municípios de Joaçaba, Caçador, Chapecó e Concórdia e no PR em Cascavel, Francisco Beltrão, Medianeira, Pato Branco e Toledo.

Esta pesquisa está inserida no projeto *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense (ALCF-OC)*, sob a coordenação da pesquisadora Cristiane Horst que, por sua vez, está vinculado ao projeto maior *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF)*. Assim, a realização desse estudo alia-se à importância da manutenção de uma língua de imigração italiana (*talian*), numa tentativa de valorizar a língua e a identidade dos ítalo-brasileiros, que hoje, somam-se cerca de 31 milhões em nosso país; essa situação torna o país cultural, étnico e linguisticamente mais enriquecido (PERTILLE, 2009). Dito isso, discorreremos o **objetivo geral** que é descrever e analisar a manutenção e a substituição dos termos de parentesco do *talian* pelos termos de parentesco do Pt. na fala dos inf.(s) ítalo-brasileiros, nos municípios de Chapecó, SC e Pato Branco, PR.

⁵ Conforme José Clemente Ponzenato, o *talian* é uma variedade linguística nascida no Brasil e chamada também de venêto rio-grandense ou venêto brasileiro, sendo mais falado na região da Serra Gaúcha. E é uma variante do venêto. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplNoticias/noticias/1240599541/imprimir>. Acessado em 26/02/2014.

⁶ Segundo Frosi e Mioranza (1979), coine é a fusão de dois grupos mais representativos, se referindo especificamente ao *talian*, é a junção do venêto e do lombardo, variedades linguísticas mais significativas observadas no sul do Brasil. Afinal, foram das regiões do Vêneto e da Lombardia que vieram o maior número de imigrantes italianos. Essa fusão tornou-se um instrumento linguístico usado entre os ítalo-brasileiros em diversas localidades para se comunicar, tanto em família, como no comércio.

No que se refere aos **objetivos específicos** temos:

- 1) Investigar e relacionar a fala dos inf.(s) ítalo-brasileiros de Chapecó SC e Pato Branco PR, segundo as dimensões diageracional, diassexual, diastrática, dialingual e diatópica;
- 2) Observar e analisar a fala dos inf.(s) de Chapecó SC e Pato Branco PR conforme a dimensão diafásica;
- 3) Verificar quais dos tipos de termos de parentesco - sanguíneo, de aliança e espiritual - da variedade italiana e do Pt., os inf.(s) de Chapecó SC e de Pato Branco PR mais mantem e mais substituem;
- 4) Identificar a proficiência individual dos inf.(s) em *talian* e Pt., de Chapecó SC e de Pato Branco PR, levando em consideração as respostas espontâneas do questionário lexical.

Diante dos objetivos específicos, definimos as seguintes **hipóteses**:

- 1)
 - a) Quanto à dimensão diageracional, pressupomos que os inf.(s) da GII (55 anos ou mais), tanto de Chapecó, como de Pato Branco conhecem mais os termos de parentesco da variedade *talian* do que a GI. Na GI (18 a 36 anos) predomina os termos de parentesco do Pt., e os termos do *talian* mais conhecidos pela geração mais nova são os termos do parentesco do tipo sanguíneo. Essa suposição de diminuição da língua minoritária justifica-se, como menciona Oliveira (2003), que vem desde a Proclamação da República, no qual os imigrantes italianos que residissem a mais de dois anos no país foram considerados brasileiros isso veio ao encontro com o desejo deles de se tornarem bilíngues. Essa condição era tida por eles como uma maneira de serem reconhecidos como brasileiros e, terem um espaço de igual forma na sociedade. Em seguida, com a *Nacionalização do Ensino* (1937), a fala nas variedades minoritárias restringiu-se ao ambiente familiar, e os pais passaram a estimular o Pt. com seus filhos;
 - b) Quanto a dimensão diassexual, de modo geral, as mulheres de ambas as localidades vão aplicar mais os termos de parentesco no Pt. que os homens. As mulheres são

mais sensíveis aos padrões de prestígio e se autocorrigem mais nitidamente (LABOV, 2008 [1972], p.146-147), como o Pt. é a língua majoritária e oficial do país, vai ser mais prestigiado na sociedade que o *talian*;

- c) Outra hipótese que envolve a dimensão diassexual, mais a dimensão diageracional, é que as mulheres de CbGII, de Chapecó e Pato Branco vão usar mais os termos de parentesco do *talian* que os homens desta célula. Conforme Bocchese (2004, p. 50-51), as mulheres ítalo-brasileiras, ao saírem das colônias do RS, sofriam muito nas novas terras (se refere ao contexto do sudoeste do PR), sabiam somente a variedade minoritária e isso dificultava a comunicação com outras etnias existentes na nova morada; essa constatação leva a acreditar que essas mulheres ainda hoje preservam mais o *talian*;
- d) Diastraticamente, sobre a manutenção do *talian* tem-se a expectativa que a Cb realize maior número de termos de parentesco da variedade italiana que a Ca, tanto em Chapecó como em Pato Branco. Conforme Labov (2003, 2008 [1972]), indivíduos mais escolarizados tendem a aproximar mais suas falas da variedade padrão. Nesse sentido, Pertille (2009), diz que a escola, os meios de comunicação de massa e a urbanização são fatores que colaboram para que a língua de imigração deixe de ser falada;
- e) Referente à dimensão dialingual, tem-se a hipótese de que os inf.(s) ítalo-brasileiros de Chapecó e de Pato Branco vão aplicar mais os termos de parentesco em Pt. do que no *talian*. Conforme Cavalcanti (1999); Altenhofen (2004); Krug (2004, 2011), Margotti (2004), a partir de 1937 houve uma diminuição de falantes das línguas de imigração. Mas os termos de parentesco do *talian* ainda serão falados, em porcentagem menor que o Pt.;
- f) No que se refere à dimensão diatópica, espera-se encontrar semelhanças entre os dois pontos geográficos. Afinal, os contextos atuais e históricos são muito parecidos. Chapecó e Pato Branco são cidades mais urbanas, sendo a “capital do oeste catarinense” e “capital do sudoeste paranaense” e ambas as localidades foram desenvolvidas por descendentes italianos vindos das colônias velhas do RS e SC,

depois do século XX. Nos dois pontos há informantes bilíngues *talian*-português que passaram pelo regime político do Estado Novo – *Nacionalização do Ensino* (1937 a 1942), sendo obrigados a aprender o Pt.; fato que também levou os pais a deixarem de passar a variedade minoritária aos filhos (FERRAZ, 2007);

- 2) Na dimensão diafásica, ou seja, referente ao estilo do roteiro de entrevista, conforme Thun (2005), a conversa livre é o estilo mais descuidado, o mais informal e descontraído, seguido do questionário e da leitura (estilo mais formal). Com isso, supomos que é na conversa livre semidirigida em que fica mais visível a influência do Pt. na manutenção e substituição dos termos de parentesco do *talian* pelos termos Pt., nos dois pontos geográficos selecionado para a pesquisa;
- 3) Em Chapecó e Pato Branco, dos três tipos de termos de parentesco (sanguíneo, de aliança e espiritual), o parentesco de aliança será menos aplicado no *talian* e mais usado em Pt., pelos inf.(s). Horst (2011) confirma que o processo de lusitanização dos termos está diretamente ligada aos casamentos interétnicos, atuando principalmente na redução da aplicação dos termos de aliança. Os termos de parentesco espiritual vai se classificar como intermediário. Já o parentesco sanguíneo, acredita-se que seja o que mais vai manter as aplicações no *talian*, entre os ítalo-brasileiros. Isso porque os descendentes de italianos manterem uma ligação forte com a família, com os laços de sangue, pois para Savoldi (2008), para os descendentes de italianos, ter sangue italiano é uma maneira de manter vivo o orgulho da sua etnia, da sua língua e dos seus costumes;
- 4) No que se refere à proficiência individual dos inf.(s) em *talian* e Pt., de Chapecó e Pato Branco, com base nas respostas espontâneas do questionário, pressupomos que há graus proficiência diferentes, afinal, conforme Mackey (1972) e Romaine (1995), é preciso considerar graus de bilinguismo variados, pois é impossível definir o grau de bilinguismo em uma segunda língua. E não se pode também deixar de considerar a existência da variação na própria língua materna⁷, pois nem todos os indivíduos

⁷ Nesse trabalho seguiremos o conceito de língua materna descrito por Altenhofen (2002), que diz ser “[...] um conceito dinâmico que varia conforme um conjunto de traços relevantes, válidos para um determinado momento da vida do falante, os quais englobam a) a primeira língua aprendida pelo falante, b) em alguns casos, simultaneamente com outra língua, com a qual c) compartilha usos e funções específicas, e) apresentando-se porém geralmente como língua dominante, f) fortemente identificada com a língua da mãe e do pai, e, por isso, d) provida

possuem o mesmo grau de conhecimento em todos os níveis da língua. Assim, os ítalo-brasileiros mais proficientes nas duas línguas (*talian* e Pt.) (GII) tendem a falar espontaneamente grande parte dos termos de parentesco da variedade italiana; já os mais jovens, alguns entendem a variedade e usam alguns termos do *talian*, outros entendem pouco e produzem poucos termos de parentesco do *talian*.

O fato que instigou a presente pesquisa foi a observação de que se fala alguns termos de parentesco do *talian* com frequência nessas localidades. Por exemplo, termos como *nono* / vovô, *nona* / vovó, *mama* / mãe são falados pela maioria dos ítalo-brasileiros (e por luso-brasileiros que também vivem em uma situação de contato linguístico com o italiano), em diversas faixas etárias, ou quem não fala esses termos de parentesco do *talian* no seu dia a dia tem conhecimento deles.

Nesse sentido, Ghasarian (1996) infere que o parentesco tem grande importância afetiva e na organização das sociedades. É uma forma de organização social que tem como objetivo promover a comunicação, quando o sujeito se define em relação a um outro (SARTI, 2005, p. 43). “Os grupos sociais fundamentam-se no parentesco, seja real (a consanguinidade), seja fictício (nomeadamente adoção), e nas relações de aliança” (GHASARIAN, 1996, p. 14), uma vez que constituem os laços familiares e de amizade do ser humano. Portanto, não se trata só de olhar um grupo de indivíduos e como realizam os termos de parentesco por si só, e sim pela sua representatividade social, seja nas relações profundas, o parentesco sanguíneo e de afinidade, as relações de aliança; bem como nas relações de compadrio (parentesco espiritual).

Os termos de parentesco são classificados em três tipos. O **parentesco sanguíneo**, que compreende os termos usados para se referir aos que fazem parte de uma mesma árvore genealógica. Por exemplo, bisavô, bisavó, vovô, vovó, pai, mãe, filho, filha, neto, neta, tio, tia, sobrinho, sobrinha, primo, prima, etc. (GECKELER, 1973; GALVÃO, 2006 e HORST, 2011). O **parentesco de aliança** que acontece por afinidade e torna parentes duas famílias, originando termos como marido, esposa, sogro, sogra, genro, nora, cunhado, cunhada etc. (GECKELER, 1973 *apud* HORST, 2011). Já o **parentesco espiritual** teve origem por instituição da Igreja no

de um valor afetivo próprio. Em relação ao bilinguismo precoce e simultâneo, é pertinente admitir a possibilidade de falantes com duas línguas maternas, apresentando um domínio equivalente em cada língua [...]” (ALTENHOFEN, 2002, p. 159)

século VI, os pais naturais ou adotivos não podiam mais ser pais espirituais, então surgiram os termos de parentesco como padrinho, madrinha, afilhado, afilhada, compadre e comadre (GOLDSCHMIDT, 2004).

No Brasil, não há conhecimento, até o momento, de trabalhos que tratem do fenômeno linguístico dos termos de parentesco em uma situação de contato linguístico italiano-português. Somente tem-se o trabalho de Horst (2011), que realizou uma pesquisa sobre a dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco, focando o contato linguístico alemão-português, na localidade de Colinas, RS.

No que se refere ao contato italiano-português, com enfoque em outros fenômenos, há vários trabalhos. Frosi e Mioranza (1975 e 1983) publicaram estudos referentes a pesquisas realizadas no período de 1973 a 1979, que abarcou 50 distritos, em 16 municípios de colonização italiana. Tinham como objetivos registrar o que ainda era possível de elementos da língua dos descendentes, apontar diferenças entre os grupos dialetais italianos, indicar interinfluências dialetais, etc. (FROSI E MIORANZA, 1983, p. 1); ainda têm Frosi (2000), Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul; convivência e mescla linguística, entre outros textos, entre outros trabalhos da autora.

Bisol com seus estudos de 1982, “Harmonização Vocálica, uma regra variável” e em 1989, com “A palatização e sua restrição variável” contrapõem resultados obtidos dos alemães e italianos com informantes da capital, Porto Alegre e regiões de fronteira com o Uruguai; nas duas pesquisas constatou-se que o contato português com as línguas de imigração proporciona especificidades diferentes nas questões das regras fonológicas. Paviani (1992), em Nova Roma realiza uma pesquisa sobre o pronome *me*, como sendo um traço característico do português falado pelos ítalo-brasileiros. Spessato (2001), em seu estudo, por exemplo, ao tratar como os descendentes de italianos de Chapecó SC realizam o “r”, constatou que em início de palavras o *r* tepe teve 48% das ocorrências e a variante intermediária entre vibrante múltipla e tepe teve 24%; já entre as vogais obteve 42% de tepe e 49% de intermediária.

Ponso (2003), na sua dissertação intitulada “Variação do português em contato com o italiano na comunidade bilíngue de São Marcos – RS”, realiza a análise levando em consideração a metodologia da dialetologia pluridimensional e relacional e constata que na localidade bilíngue há uma mudança em curso, com tendência para o monolinguísmo em português. Margotti (2004), na sua tese de doutorado “Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil”, de modo geral chega ao resultado que a difusão do

português nas comunidades ítalo-brasileiras está deixando de ser de contato, permanecendo só como substrato, pois restam apenas marcas da variedade italiana.

E Pertille (2009), na sua tese “O *talian* entre o italiano padrão e o português brasileiro: manutenção e substituição linguística no Alto Uruguai Gaúcho”, nas suas considerações finais ressalta a grande importância da família na manutenção das línguas minoritárias de imigração, pois é através dela que se passa a língua de origem às gerações mais novas. Destaca que nas localidades pesquisadas, os fatores favoráveis à manutenção do *talian* são: a transmissão intergeracional, a homogeneidade étnica, isolamento, etc., por outro lado, os fatores que aceleram a perda da língua minoritária são a política de repressão do Estado, a escola como veículo monolingualizador em português, o desprezo ou ausência de suporte institucional, urbanização aliada à falta de consciência dos benefícios do bilinguismo, entre outros.

Esta pesquisa foi deliberada pelo Conselho de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), cujo número de identificação é 30805514.1.0000.5564 e segue os moldes teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional e Relacional, que se caracteriza como sendo a combinação da Dialectologia Tradicional com a Sociolinguística, assim, forma um eixo tridimensional - pontos geográficos, variável e suas variantes, bem como as estratificações sociais dos inf.(s) (THUN, 1989; 1998; 1999; 2005).

Dessa forma, o estudo foi realizado com 16 inf. (s) ítalo-brasileiros, distribuídos oito em cada ponto geográfico. Leva em consideração as seguintes dimensões: diatópica – pontos geográficos: Chapecó SC e Pato Branco PR; diasssexual – homens e mulheres; diafásica – estilo do roteiro de entrevista: questionário, conversa livre semidirigida e leitura; diastrática – classe social/grau de escolaridade: de nenhuma escolaridade até o Ensino Médio (classe baixa (Cb)) e com graduação ou mais (classe alta (Ca)); diageracional – inf.(s) de 18 a 36 anos de idade (geração I (GI)) e com 55 anos ou mais (geração II (GII)) e a dialingual – bilíngues *talian*-Pt..

O trabalho está dividido em três partes. O **capítulo 1** mostra o contexto teórico da pesquisa, o qual está dividido nos seguintes subcapítulos: 1.1 Plurilinguismo, bilinguismo e os contatos linguísticos no Brasil; 1.2 Imigração italiana no sul do Brasil e a formação da *coine veneta* (vêneto rio-grandense ou *talian*); 1.3 trata da manutenção e substituição linguísticas; 1.4 mostra os termos de parentesco e sua importância social e, por fim, no 1.5 discute-se sobre o modelo teórico-metodológico da Dialectologia Pluridimensional e Recional. No **capítulo 2** apresentam-se os procedimentos metodológicos da pesquisa. O tópico 2.1 refere-se ao

levantamento dos dados. No tópico 2.2 tem-se o levantamento dos dados conforme as dimensões controladas (tratadas em seus respectivos subtópicos). E o tópico 2.3 trata da transcrição e dos procedimentos para análise dos dados.

Na sequência, o **capítulo 3** abarca a análise dos dados. O tópico 3.1 trata das considerações preliminares da análise dos dados. O tópico 3.2 traz uma breve descrição dos resultados individuais dos termos no questionário lexical, acompanhado de um quadro que mostra os resultados. No tópico 3.3, relaciona-se os dados das respostas do questionário lexical homem e mulher, da Ca e Cb nos diferentes tipos de termos de parentesco. O tópico 3.4 é referente à aplicação dos diferentes tipos de termos de parentesco do questionário lexical na GI e GII. No tópico 3.5, trata de uma síntese da aplicação dos termos de parentesco, nas dimensões diatópica, diageracional, diassexual, diastrática e dialingual. O tópico 3.6 mostra uma síntese dos resultados obtidos na convesa livre semidirigida e leitura. Por fim, seguem as **considerações finais, as referências e os anexos.**

1 CONTEXTO TEÓRICO DO ESTUDO

O estudo leva em consideração a variação linguística, concentrando-se o contato linguístico italiano-português e a manutenção e substituição dos termos de parentesco em uma língua minoritária de imigração, o *talian* pelos termos de parentesco em Pt.. Para dar conta da análise dessa pesquisa, fizeram-se necessárias várias exigências teóricas, as quais serão expostas a seguir nesse capítulo.

1.1 Plurilinguismo, bilinguismo e os contatos linguísticos no Brasil

O artigo 13 da Constituição Brasileira de 1988 especifica que a língua portuguesa é o idioma oficial do Brasil. Porém, há muitas outras línguas faladas no território brasileiro. Oliveira e Altenhofen (2011) afirmam que são faladas hoje cerca de 270 línguas em nosso país. Dessas, 180 são indígenas e 30 são de imigração; informação esta, que já foi atualizada para 330 línguas faladas, sendo 250 indígenas e 56 de imigração (ALTENHOFEN, 2013). Margotti (2004, p. 45) também afirma que:

[...] como não existe uma etnia dita brasileira, também não existe uma única língua brasileira. Além das variantes regionais, sociais do português do Brasil, como língua comum e oficial, a presença de etnias diversas resultou um quadro variável de línguas, falares e dialetos que convivem lado a lado com a língua oficial.

Mesmo diante desse cenário plurilíngue, ainda predominam os resquícios das duas grandes ações políticas monolingualizadoras⁸ vividas no passado, principalmente os da última, que dizem respeito ao decreto da década de 1930 - *Nacionalização do Ensino*, que reforça a crença de que o Brasil tem uma única língua. Altenhofen (2004) acresce que esse mito no qual predomina a crença que nosso país é monolíngue e, mais ainda, que a língua portuguesa é homogênea e é assegurado inclusive pelos próprios falantes bilíngues, aqueles que não têm

⁸ 1ª: Proibição da língua geral de base tupi em favor do Pt., em 03/05/ 1757 (XVIII), através do *Directorio dos Índios* pelo Marquês de Pombal e confirmada pelo rei D. José em 17/08/1758 (OLIVEIRA; ALTENHOFEN, 2011).

2ª: Na década de 1930, mais especificamente no ano de 1937, estabeleceu-se no Brasil uma constituição do governo de Getúlio Vargas (política do Estado Novo, 1937-1945), a *Nacionalização do Ensino*, que proibia os imigrantes, principalmente os alemães e italianos, da região colonial do RS e SC de se comunicarem nas suas variedades linguísticas. Houve o fechamento das escolas, no qual o ensino era realizado na língua minoritária, ficando conhecido como *Nacionalização do Ensino* (OLIVEIRA; ALTENHOFEN, 2011).

como língua materna o português. Cavalcanti (1999, p. 387-388), sobre esse tema, discorre sobre o mito de o Brasil ser um país monolíngue:

[...] é eficaz para apagar as minorias, isto é, as nações indígenas, as comunidades imigrantes e, por extensão, as maiorias tratadas como minorias, ou seja, as comunidades falantes de variedades desprestigiadas do português. Em segundo lugar, uma das razões para essa estranheza pode ser decorrente de o bilinguismo estar estereotipicamente relacionado às línguas de prestígio no que se convencionou denominar bilinguismo de elite. Em terceiro lugar, esses contextos bilíngues de minorias são (tornados) invisíveis, portanto naturalizados, tanto por quem deles faz parte como pela sociedade envolvente, uma vez que as línguas faladas são de tradição oral, portanto estigmatizadas.

No que diz respeito ao bilinguismo, para Romaine (1995), há muito mais bilíngues no mundo do que monolíngues, sendo difícil elencar países totalmente monolíngues e não tem como assegurar haver indivíduos plenamente monolíngues, sem variação na própria língua. Segundo Coseriu (1982), ninguém fala uma mesma forma do Pt., do alemão, o que se fala é sempre uma determinada forma (variedade) do Pt., do alemão. Altenhofen (2008) complementa dizendo ser necessário ampliar o horizonte ao se tratar de *línguas em contato* como entidades sociais para *variedades em contato* (RASO; MELO; ALTENHOFEN, 2011).

O uso de duas línguas por um indivíduo pressupõe a existência de duas comunidades linguísticas diferentes, com provável contato entre elas, o que não necessariamente supõe a existência de uma comunidade bilíngue. No entanto, pode se considerar uma comunidade bilíngue, apenas um conjunto de indivíduos, providos de razões para serem bilíngues. Mas o contato pode resultar em bilinguismo e, esse tende a variar em grau, função, alternância e interferência (MACKEY, 1972).

Mackey (1972) ressalta ainda que é impossível definir o grau de perfeição atingido por um bilíngue, sendo conveniente sempre falar de graus de proficiência diferente de cada falante. Afinal, o bilinguismo é uma característica do uso e não um fenômeno da língua, ou seja, a língua é propriedade do grupo social e o bilinguismo é uma habilidade individual. Confortin (1996, p. 573) complementa a ideia dizendo que “sendo a língua propriedade de um grupo social ou nacional, os falantes bi ou multilingues fazem parte, às vezes, deste grupo; noutras, o fenômeno é individual”.

Desse modo, o bilinguismo é a alternância da prática de duas línguas, não importando o grau de competência em cada uma das línguas pelo falante (WEINREICH, 1964 [1953]). Logo, o autor classifica o bilinguismo em três tipos: coordenado, composto e subordinado. No bilinguismo coordenado, os sinais linguísticos são diferentes em cada uma das línguas; no

bilinguismo composto, cada uma das línguas mantém seus sons, mas com significados diferentes e no bilinguismo subordinado a segunda língua tem sua estrutura ancorada na primeira.

Ainda nesse ínterin, Mattoso (1982) também faz uma distinção entre os bilíngues, os grupos de falantes bilíngues coordenados e os compostos, no qual esses equivalem à diferenciação vista em Weinreich (1964 [1953]). O bilinguismo coordenado tem um sistema independente para cada língua, tanto na codificação, quanto na decodificação. Já o bilíngue composto, primeiro formula o pensamento em sua língua materna, passando em seguida por um processo de tradução rápida e de baixa consciência, para a outra língua e o mesmo processo ocorre quando ele é o ouvinte da mensagem na sua segunda língua. Ou seja, o falante não se dá conta desse processo.

Devido a esse fator, há muita interferência na oralidade e na escrita de uma língua na outra. King e Mackey (2007) enfatizam que, quando bilíngues estão falando com um monolíngue, por exemplo, eles raramente conseguem desativar completamente a língua que eles não estão falando naquele momento, o que ocasionalmente leva a pequenas quantidades de interferências na língua ou percepção. Um bilíngue não é exatamente dois monolíngues e isso, segundo os autores, é uma coisa boa. Vale lembrar que o nível de competência vai depender do contexto em que o informante convive, se monolíngue, bi ou plurilíngue e também da demanda dessa interação.

É importante destacar também a mistura e alternância dos códigos, na fala de indivíduos bilíngues, fato esse muito ocorrente com os descendentes de imigrantes. Assim, conforme Raso, Melo e Altenhofen (2011, p. 38) “[...] não se pode falar de uma língua de imigração falada pelos imigrantes, mas muito mais de um conjunto de variedades dialetais, incluindo o dialeto padrão”.

Com isso, parte-se do pressuposto mencionado por Weinreich (1964 [1953]) de que toda comunidade linguística é heterogênea. Toda interação que faz uso da língua pressupõe um contato linguístico, entre línguas ou entre variedades de uma mesma língua. Então, ao tratar dos contatos existentes no Brasil, precisa-se considerar que, além de contato linguístico, há contato entre etnias e entre culturas diferentes.

Segundo Pertille (2009), antes mesmo da chegada dos portugueses em nosso país, já se tinha contato de cerca de mil a duas mil línguas indígenas. O português que chegou às terras brasileiras já tinha marcas distintas, devido às diferenças entre as regiões de Portugal e possivelmente, conforme Raso, Melo e Altenhofen (2011, p. 32), esses imigrantes lusos eram

de origem rural e analfabetos. Os portugueses chegaram em vários momentos e ocorreram diferentes tipos de contatos linguísticos, com os índios, com os africanos, com os próprios portugueses e com os imigrantes europeus e asiáticos do século XIX e XX (MARGOTTI, 2004; FERRAZ, 2007).

Referindo-se mais especificamente ao sul do Brasil, é possível constatar nesse espaço geográfico, vários tipos de contatos linguísticos, os quais acompanharam os processos migratórios e imigratórios. Conforme aponta Atenhofen (2008), esses processos são: a colonização luso-açoriana (mais antiga) em contato com populações indígenas, em áreas do litoral de SC e do RS; a ocupação lusa do sul do PR a partir de SP; o contato luso-espanhol, em áreas de fronteira; o contato norte-sul entre (tropeiros) paulistas e gaúchos, acompanhando as rotas migratórias mais antigas, sobretudo dos séculos XVIII e XIX; o contato luso-africano, nas áreas de cafeicultura e de pecuária; o contato a partir do século XIX, das línguas de imigração, como por exemplo, alemãs, italianas, polonesas, ucranianas, russas, japonesas etc. com as diferentes variedades do Pt.; os contatos derivados das migrações de gaúchos e descendentes de imigrantes em áreas de ocupação recente, na região das Missões, oeste catarinense e sudoeste do PR; o contatos recentes derivados da ocupação do norte do Paraná por grupos lusófonos de outras partes do país e diferentes imigrantes e seus descendentes e os contatos individuais e indiretos, por exemplo, através da mídia e de eventos, periódicos, etc. Em síntese, entre os diversos movimentos migratórios dos descendentes de imigrantes do sul do Brasil (RS), destacam-se a conquista do oeste SC e sudoeste do PR, a atração por novas terras no Mato Grosso e Amazônia, bem como no Paraguai (RASO, MELO e ALTENHOFEN, 2011).

Frente a esse cenário de contato linguístico presente no Brasil, Altenhofen e Margotti (2011, p. 290) destacam que os contatos linguísticos “surgem como resultado natural de um movimento de imigração e ou de migrações internas que, via de regra, implica uma *transposição* de um contexto sociocultural e político a outro e, conseqüentemente, uma mudança de *status* social e político”. Esses autores enfatizam ainda que as línguas de imigração, ainda hoje, assumem um papel marginal, referindo-se exclusivamente, nesse caso, aos estudos das descrições do Pt. falado no nosso país. Assim, as línguas imigrantes se descontextualizam, passando de língua majoritária de um local para minoritária em um país de outra língua, mesmo permanecendo com os seus falantes.

1.2 Contextualização da imigração italiana no sul do Brasil e a formação da coiné vêneta

Entre os séculos XIX e início do século XX, os países europeus passaram por uma grave crise. Na Itália, esse fato acabou culminando na saída daquele país de um grande número de sua população, que emigrou para vários países. Bertonha (2005 *apud* PERTILLE 2009, p. 43-44) expõe uma estatística com números da imigração italiana, compreendendo o período de 1870 a 1970. Em síntese, os países que mais receberam imigrantes italianos foram Estados Unidos com 5,6 milhões; França 4,1; Suíça 3,0; Argentina 2,9; Alemanha 2,4; Brasil 1,5 etc.

O setor agrícola italiano foi um dos mais afetados pela crise, Margotti (2004, p. 32) expõe que muitos camponeses viviam como arrendatários, recebiam uma área de 1 ha de terra por família, chamados de *campi*, e tinham que dar ao proprietário um terço da produção e, em alguns casos, a metade. Isso, juntamente com os altos impostos, levou muitos camponeses a contraírem dívidas e tornou-se impossível a sobrevivência. Frosi e Mioranza (1975, p. 52) complementam dizendo que o maior número de imigrantes veio do norte da Itália, região esta que tinha sido a mais afetada pela crise econômica durante a unificação do país.

Nesse período em que crescia a crise na Itália, o Brasil já vinha adotando uma política de “branquear a nação”, que se intensifica com o fim do regime escravo; precisava mais do que nunca substituir a mão de obra escrava por trabalhadores europeus assalariados nas fazendas de café em SP e no ES. Esses imigrantes também vieram desenvolver núcleos produtivos urbanos e povoar e tornar produtiva a região sul do país, que tinha suas divisas ameaçadas naquele momento, devido às disputas na fronteira com a Argentina (RADIN, 2001; IANNI, 1979 *apud* MARGOTTI, 2004).

O governo brasileiro oferecia certos benefícios aos imigrantes que se deslocavam para o sul, mas muitas vezes não se concretizavam na prática. Os italianos que vieram para a região tinham o interesse em ser proprietários de terras; o local também era propício para o cultivo das culturas costumeiras, assemelhando-se com o clima do norte da Itália (MARGOTTI, 2004, p. 32). Os milaneses originários da Lombardia foram os primeiros imigrantes italianos a chegarem ao Brasil; em 20 de maio de 1875 chegam na Colônia Fundo Nova Palmira, chamada hoje de Nova Milano, RS. De 1875 a 1914, o RS, recebeu em torno de 80 mil italianos, vindos principalmente da região do Vêneto (54%), Lombardia (33%), Trentino Alto Adige (7%), Friuli-Venezia Giulia (4,5%) e de outras províncias que chegam em torno de 1,5% (FROSI 1987 *apud* PONSO 2003).

Nesse sentido, Frosi e Mioranza (2009, p. 75) apresenta uma divisão dialetal correspondente a cada região do norte da Itália, de onde os imigrantes chegaram ao Brasil, conforme podemos visualizar no quadro 1 a seguir:

Quadro 1 – Divisão dos dialetos conforme as regiões do norte da Itália

Divisão dialetal conforme as regiões do norte da Itália	
Regiões	Dialetos
Região do Vêneo	Vicentino, Feltrino-belunês, Trevisano, Paduano, Veronês, Veneziano e Rovigino.
Região da Lombardia	Cremonês, Begamasco, Matuano, Milanês, Bresciano, Veresiano Coamsco e Paviense.
Região do Trentino-Alto Ádige	Trentino (Tirolês).
Região da Fríuli-Venécia Júlia	Friulano e Triestino.

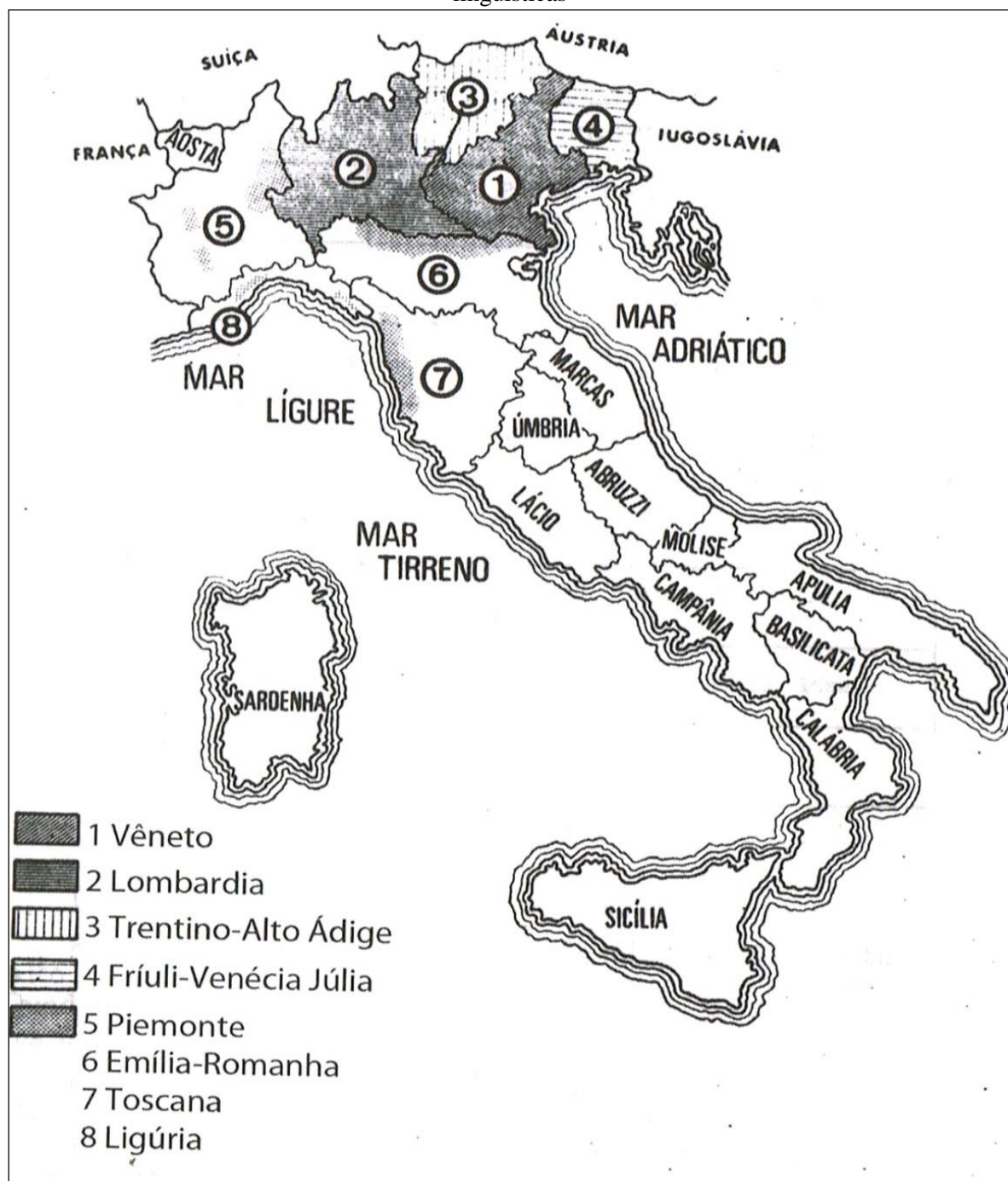
Fonte: (FROSI, 2009, p. 75)

Conforme Frosi (1987) e Ponso (2003), o maior número de imigrantes italianos veio da região do Venêto, com 54% e da Lombardia, com 33%. Já Margotti (2004), afirma que a população falante de dialetos vênets gira em torno de 60%. Portanto, foram principalmente as variedades da região vêneta, que foram modificadas através do contato com as variedades vindas da Lombardia. A partir desse contato linguístico que se originou uma coine na região de colonização italiana (RCI⁹), denominada de venêto rio-grandense, venêto brasileiro ou *talian*. Assim, essa variedade se tornou meio de comunicação no convívio familiar (intercalando naquele primeiro momento com a variedade específica do local de origem de cada família), mas principalmente com amigos e vizinhos dos núcleos coloniais. Em seguida, essa coine entra em contato com o Pt. daqueles locais, recebendo marcas também desse contato.

O mapa a seguir, extraído de Frosi e Raso (2011), apresenta a visualização dos locais do norte da Itália de onde vieram essas variedades:

⁹ A partir de agora, passa-se a usar no texto a sigla RIC, para se referir a região de colonização italiana.

Figura 1: Mapa das Regiões do Norte da Itália de onde vieram os imigrantes e suas variedades linguísticas

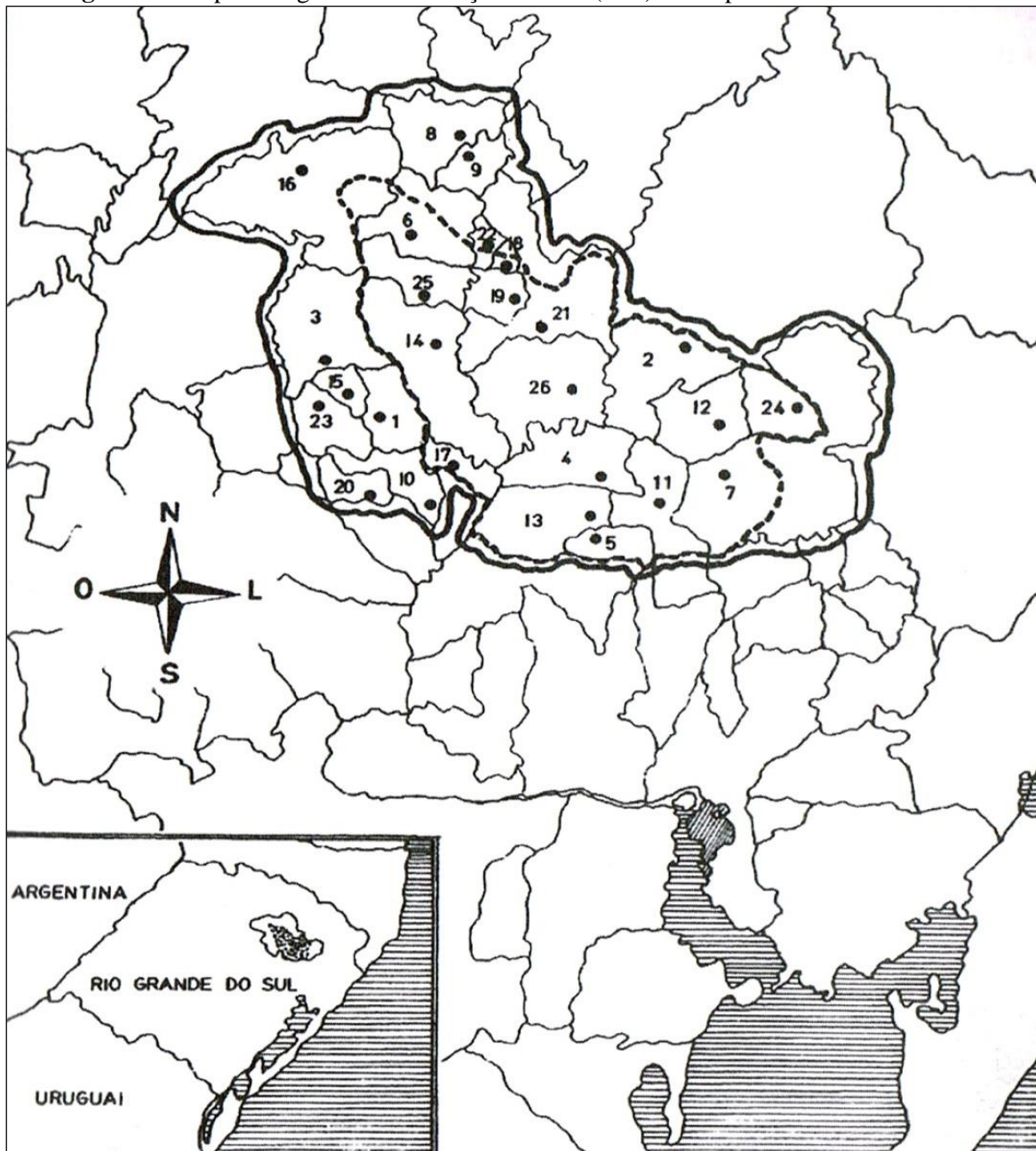


Fonte: Mapa extraído de Frosi e Raso (2011, p. 338).

Margotti (2004, p. 33) relata que a “grande imigração italiana”, segundo historiadores, teve início em 1875, tanto no RS, quanto em SC. A população italiana foi encaminhada para locais que não eram úteis para a pecuária e que ainda não tinha sido ocupada pelos imigrantes alemães, localizados na encosta superior do norte gaúcho (GREGORY, 2002). Na sequência, é

possível observar no mapa 2, retirado de Frosi e Raso (2011), a exata localização da RCI no Rio Grande do Sul:

Figura 2 – Mapa da região de colonização italiana (RCI) no mapa do Rio Grande do Sul.

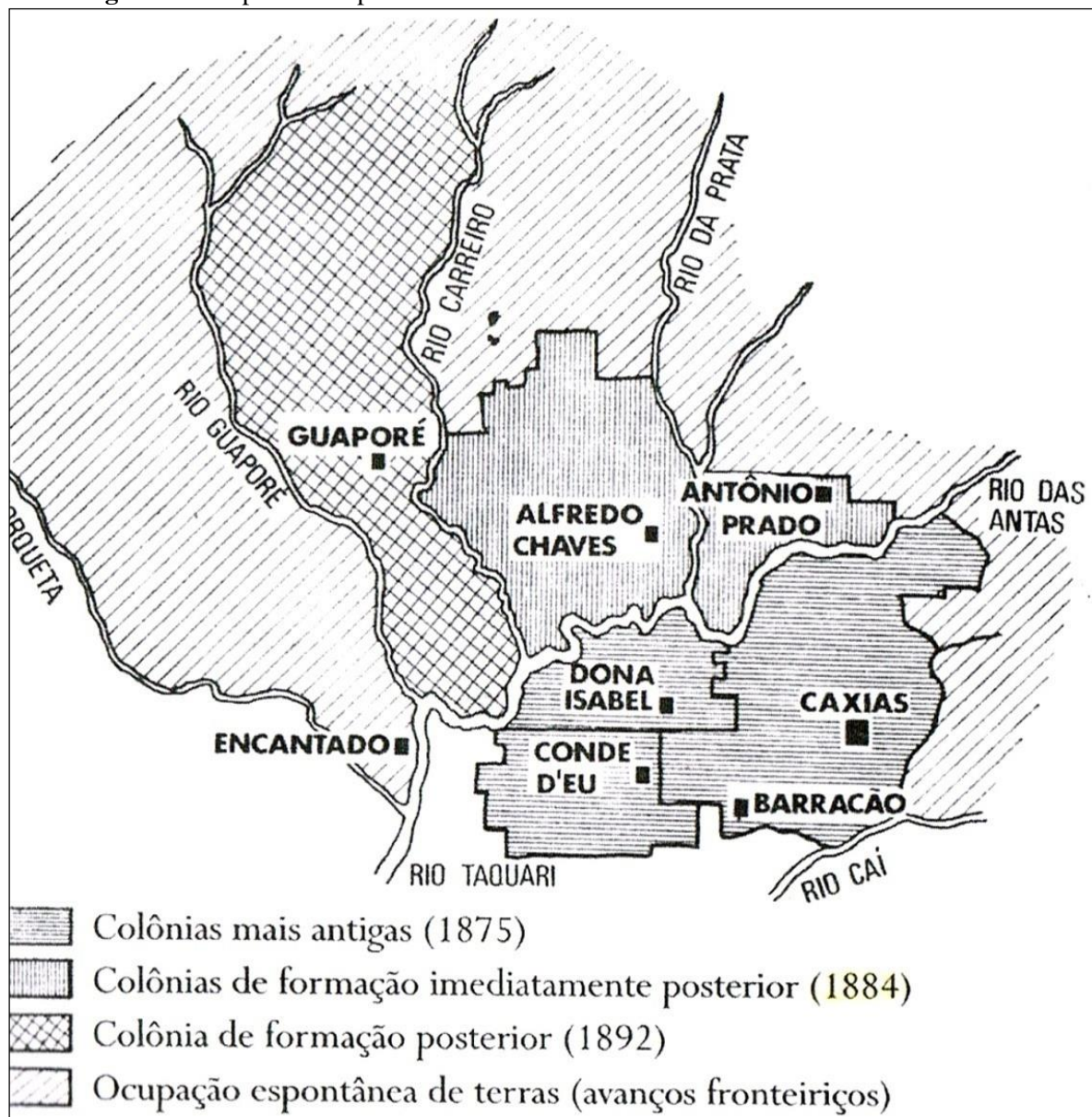


Fonte: Mapa extraído Frosi e Raso (2011, p. 341).

Como é possível observar, esses imigrantes foram estabelecidos inicialmente nas Colônias de Caxias e Conde d'Eu. Logo após, foram para as glebas colônias de Dona Isabel e em 1877 para a Colônia de Silveira Martins. Na decorrência, com o aumento de imigrantes, o governo criou em 1884, a Colônia de Alfredo Chaves e logo a seguir a de Antônio Prado. Em

1890 ultrapassaram-se os limites do rio Carreiro e, em 1892 origina-se Guaporé. Koch (2000) sintetiza o percurso da imigração italiana dizendo que os imigrantes ocuparam, a princípio, o RS, instalando-se no vale dos Sinos, Caí, Taquari e região da Serra. A seguir a localização das primeiras colônias na RCI no mapa, segundo Frosi e Raso (2011):

Figura 3 – Mapa com as primeiras Colônias italianas formadas na RCI no Rio Grande do Sul.



Fonte: Mapa retirado de Frosi e Raso (2011, p. 340).

Já em SC, os imigrantes italianos se estabeleceram por volta de 1875 a 1877, e fundaram Rio dos Cedros, Rodeio e Ascurra, em Blumenau; Botuverá e Nova Trento, perto de Brusque; Luis Alves, no Vale do Rio Itajaí-Açu. No Sul de SC, a partir de 1877, Azambuja, Urussanga,

Grão-Pará, Orleans, Nova Veneza, Nova Belono (Siderópolis) (MARGOTTI, 2004, p. 34). Conforme Zanelatto (2011, 27), “a imigração italiana para o sul catarinense foi ocorrendo quando o governo imperial nomeia, em 1876, o engenheiro Joaquim Vieira Ferreira para instalar e organizar uma colônia no Vale do Tubarão”. O autor também fala da falta de investimento na região sul de SC pelo governo, estradas precárias que dificultava o transporte dos produtos e os baixos preços dos mesmos, diferentemente do norte de SC, que era mais desenvolvido (ZANELATTO, 2011). E por fim, os imigrantes desbravaram o Alto Uruguai, região norte e nordeste do RS, centro-oeste de SC e sudoeste do PR.

Sabbatini (1975 *apud* FROSI; RASO, 2011) infere três períodos da imigração e da língua italiana. De 1875 a 1910 – na RCI, nesse primeiro momento, a comunicação se dava através do núcleo colonial e nos dialetos italianos, de origem das quatro regiões da Itália setentrional. No segundo período, de 1910 a 1950 - a interinfluência dos vários dialetos ganha força com a abertura de estradas, sendo possível a comunicação entre comunidades um pouco mais distantes e não somente entre vizinhos. Assim, desse cruzamento de variedades, formou-se a *coiné* veneta ou *talian*, tornando-se de uso generalizado. Porém, nesse período a língua oficial do país receptor, o português, ganhou destaque nesses contextos com a *Campanha de Nacionalização do Ensino*, obrigando os imigrantes a se comunicarem em Pt., sujeitos a punições se desobedecessem. E no terceiro período, de 1950 a 1975 – houve ainda a convivência de falas específicas com a *coiné*, e essa passa a ser estigmatizada frente à língua portuguesa.

Ainda em Frosi e Raso (2011), os autores acrescentam o quarto período, que vai de 1975 até os dias de hoje, o qual é marcado pela comemoração do centenário da imigração italiana (1975). Desse período em diante, observou-se o abandono da vergonha dos ítalo-brasileiros da RCI perante o estigma que envolvia suas vidas (cultura e fala) e um grande crescimento de estudos realizados em diversas áreas, como por exemplo, por linguístas, dialetólogos, historiadores, etc. sobre a temática da imigração italiana. Ressalta-se também que hoje são mais de 30 milhões de descendentes de imigrantes italianos no Brasil, sendo bem mais do que nos Estados Unidos e Argentina, onde a imigração italiana foi bem maior inicialmente (FROSI e RASO, 2011). Sobre a constituição da população do sul do Brasil, é pertinente pensar ainda, que as línguas que acompanharam esses imigrantes tornaram-se línguas minoritárias perante o país, mas majoritária para aqueles grupos. Pertille (2009) ressalta que a perda da língua segue sim um *continuum*, e que o primeiro passo para o início dessa perda foi com a formação da *coiné* veneta.

Ainda permeando o percurso histórico do sul do Brasil, mais tarde, datando-se do final do século XIX até mais ou menos metade de século XX, houve a ocupação do oeste catarinense e sudoeste do PR, como será possível ver no capítulo 2 deste trabalho, no tópico referente à dimensão diatópica. Lembrando que esse movimento migratório interno dos descendentes se deu devido ao enfraquecimento da terra e, com o grande número de pessoas por família geraram-se dificuldades no sustento. Esse processo de migração interna ainda continuou/continua na direção Sul ao Norte, inclusive, ultrapassando as fronteiras brasileiras.

1.3 Manutenção e substituição das línguas

Ainda hoje, emergem os resquícios das duas grandes ações monolingualizadoras de tornar o Brasil homogêneo, ou seja, com uma única língua e um só povo (PERTILLE, 2009). Assim, o português tornou-se a língua materna da maior parte da população brasileira, isso se deu através de um processo de conflito linguístico, o qual acabou deixando algumas marcas em todos os níveis do Pt. do nosso país (RASO; MELO, 2011). Ainda sobre o assunto, Pertille (2009, p. 36-37) expõe que:

[...] algumas línguas de povos minoritários têm *status* de alguma espécie no Estado ou na região particular onde vivem, outras nem alcançam *status* algum. As consequências para estas populações ultrapassam o terreno linguístico e deixam profundas marcas no campo social. O resultado é substituir a língua de menor poder pela língua majoritária. O processo é de substituição e perda, não de adição, fomento a aquisição bi ou plurilíngue.

Margotti (2004) observa que os primeiros imigrantes italianos eram monolíngues na variedade minoritária, depois se tornaram bilíngues e, hoje, há uma forte tendência ao monolinguísmo novamente, agora em Pt.. Esse enfraquecimento das línguas minoritárias, para Cavalcanti (1999), teve início no governo de Getúlio Vargas, mais especificamente no ano de 1937, quando essas línguas foram proibidas de serem faladas em público; seguido da *Nacionalização do Ensino*. Portanto, a escola e os meios de comunicação de massa estão entre os principais fatores ao desprestígio dessas línguas, na medida em que priorizam o Pt..

De modo geral, a língua italiana (*talian*) está deixando de ser de contato entre os ítalo-brasileiros, permanecendo apenas como substrato, pois o que mais se observa são as marcas da variedade no Pt.; a partir da quarta, quinta, sexta geração, com raras exceções, foi deixada de se transmitir a variedade minoritária. A fala das línguas minoritárias segue uma linha

decrecente, uma vez que somente a geração de mais idade ainda fala essa língua, as outras faixas etárias tendem a falar de modo infrequente com a família, outros só entendem, mas não falam (ALTENHOFEN, 2004; MARGOTTI, 2004)

Já Krug (2004) constatou que em Imigrante, RS, os teuto-brasileiros conservam mais a variedade minoritária do que os ítalo-brasileiros. E no que diz respeito aos alemães e suas variedades linguísticas, no sul do Brasil Horst e Krug (2012, p.371) informam que:

[...] passaram a dividir espaço com o PT-RGS e com o PT – P no território sul-brasileiro. Com esse contato diário, os indivíduos teuto-brasileiros foram confrontados com o dilema da manutenção e afirmação dos hábitos linguísticos de suas variedades e a adoção de hábitos da variedade nova, neste caso o Português.

Skutnabb-Kangas & Phillipson (1996) inferem dois conceitos importantes sobre o processo de manutenção e substituição que as línguas passam. O *linguicídio* e o *linguicismo*, fazendo uma distinção com relação ao destino da língua. *Linguicídio* é o processo final de uma língua, podendo ser comparado a um fenômeno natural (nasce, cresce e morre). Então, o *linguicídio* e a morte de uma língua são atribuídos às línguas e não aos seus falantes. Os falantes podem passar por mudança de língua ou uma perda em nível individual. Mas o processo de perda ou morte de uma língua só se concretiza quando todos os seus falantes vivenciaram a perda e não falam mais nada dessa língua. Já o termo *linguicismo*, segundo os autores, pode se relacionar com ambas as línguas e seus falantes. Tem sido principalmente estudada em conexão com a educação de imigrantes e minorias linguísticas indígenas.

Muitas línguas desaparecem por motivos variados, conforme documento da UNESCO (2003) a perda de uma língua pode ser causada por forças externas como cultura, economia, religião, imposição militar, política, entre outras. E também por fatores internos, como por exemplo, o olhar negativo dos próprios falantes sobre sua língua materna. Aprender uma língua dominante tem sido uma experiência subtrativa para os falantes de línguas minoritárias. Por sua vez, os falantes da língua dominante aprenderam outras línguas simplesmente como acréscimo. Nesse sentido, o desaparecimento das línguas pode se dar frequentemente como resultado da modernização, sendo inevitáveis e concomitantes as mudanças sociais (SKUTNABB-KANGAS; PHILLIPSON, 1996).

Contudo, Pertille (2009) assegura ainda que questões referentes à manutenção e substituição de línguas e iniciativas de destacar o bi ou plurilinguismo estão “do mesmo lado da moeda”. Assim, a autora destaca sobre o país que:

[...] o plurilinguismo brasileiro, ao mesmo tempo que é visto como algo positivo e desejável, no sentido de dominar com desenvoltura o português e operar com destreza línguas estrangeiras modernas, como o inglês, francês, espanhol, alemão, italiano, japonês, entre outros tantos, por outro lado é visto como indesejável e deficiente, quando se manifesta em um português dialetal, com traços regionais ou de línguas alóctones, de populações minoritárias, sem projeção social e econômica (PERTILLE, 2009, p. 34).

As línguas alóctones, isto é, língua originária de fora do país são vistas como estranhas em comparação com a língua oficial. Portanto, de um viés político-linguístico as línguas de imigração são referidas com termos de *status* e *corpus*, ou seja, são línguas pertencentes a grupos menores, não tendo valor político (ALTENHOFEN e MARGOTTI, 2011), assim agregam *status* menores perante a sociedade. As ações monolingualizadoras a favor de uma única língua oficial, a língua portuguesa, perdura na memória da população e dos próprios descendentes de imigrantes até hoje; guardam as marcas do preconceito e do estigma (PERTILLE, 2009).

A *Constituição Brasileira* de 1988, nos artigos 13, 23 e 215, mencionam amparo às línguas dos povos indígenas e nada se fala sobre as línguas de imigração. Mas a partir do ano de 1996, sob os cuidados da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), a Declaração dos Direitos Humanos foi lançada com o intuito de que novos planejamentos fossem estudados em relação às línguas minoritárias.

No ano seguinte, 1997, com o apoio do Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) elaborou-se um projeto, o qual visava ampliar a concepção de patrimônio cultural da Constituição Federal e reconhecer as línguas minoritárias como sendo bens do país. A partir disso, em 2005, a Comissão de Educação e Cultura da Câmara dos Deputados, juntamente com o IPHAN e com o Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Políticas Linguística (IPOL) começaram a preparar a criação de um livro para registrar as línguas. Em 2006 foi realizado um seminário no Congresso Nacional, objetivando reconhecer a pluralidade linguística do Brasil. E como resultado, em 2007 ocorreu a Audiência Pública da Diversidade Linguística na Câmara dos Deputados em Brasília, evento que abriu espaço para o inventário de reconhecimento do *talian* como sendo o primeiro representante das línguas de imigração. Esse processo de inventariamento realizou-se através do Instituto Vêneto da Universidade de Caxias do Sul RS.

Pertille (2009) enfatiza ainda que o IPHAN montou um grupo de trabalho de Diversidade Linguística do Brasil. Com isso, a Universidade de Caxias do Sul foi convidada a realizar um

levantamento do *talian*, que foi incluído entre as cinco primeiras línguas a serem inventariadas no Brasil. O coordenador geral do projeto é o professor e pesquisador José Clemente Ponzenato, e a coordenadora científica do projeto é a professora Dr. Marley Terezinha Pertille.

Em 09 de setembro de 2014, a Comissão Técnica do Inventário Nacional da Diversidade Linguística (CT-INDL) certificou três línguas *asurini do trocará*, *guarani mbya*¹⁰ e *talian* no Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL). Essas línguas incluídas no INDL foram inventariadas por meio de projetos-piloto apoiados pelo IPHAN e que foram executados entre 2008 e 2011. E no Seminário Ibero-Americano da Diversidade Linguística, ocorrido entre os dias 17 a 20 de novembro de 2014 em Foz do Iguaçu PR, certificou-se oficialmente o *talian* como referência cultural brasileira (IPHAN, 2014).

No que se refere aos eventos internacionais realizados em torno da defesa das línguas, Fonseca¹¹ diz que a Unesco, em 2002, torna público o *Atlas das línguas em perigo no mundo*; já a Assembleia Geral organizou a *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial*, no ano de 2003, um artigo a favor da língua como vetor do patrimônio cultural e, em 2005, a *Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais* reconhece que as diferenças da língua é fundamental para a diversidade cultural.

1.3.1 Fatores que podem desencadear a manutenção e a substituição linguística do *talian*

O *status* de uma língua é um dos fatores mais importantes para mantê-la ou levá-la ao abandono. Desde o momento da formação da *coiné vêneta* até os dias de hoje, a língua minoritária dos imigrantes italianos que se estabeleceram no sul do Brasil passou por vários estágios. Inicialmente, o *talian* era língua de comunicação nas colônias e língua materna de

¹⁰“Segundo o site do IPHAN, o **Asurini do Trocará** ou Asurini do Tocantins é uma língua falada pelo povo indígena Asurini e pertence ao Tupi-Guarani. Esse povo vive as margens do Rio Tocantins, no município de Tucuruí (PA). **Guarani Mbya** é uma das três variedades modernas da Língua Guarani, juntamente com o Nhandeva ou Ava Guarani e o Kaiowa. A língua Guarani Mbya é uma das línguas indígenas faladas no Brasil, ocupando uma grande faixa do litoral que vai do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, além da fronteira entre Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina.”. Informação disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=18682&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>. Acessado em 24/02/2015).

¹¹ Dados retirados da Revista Eletrônica Patrimônio do IPHAN. Artigo de Maria Cecília Londres Fonseca. **A Diversidade Linguística no Brasil: considerações sobre uma proposta de política**. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=215>. Acessado em 26/02/2014, às 22:15 horas.

muitos descendentes; naquela época, todos se conheciam, tinham orgulho de suas origens e da língua que falavam (PERTILLE, 2009).

Essa população, na sua maioria era composta de camponeses, vindos de outro país, com baixa instrução, pouco poder econômico e político. Portanto, o *talian* tinha grande relevância no ambiente familiar e com amigos dentro das colônias, mas não na sociedade brasileira de modo geral; a qual a língua portuguesa era oficial e majoritária do país. Isso se intensificou ainda mais, com a *Campanha de Nacionalização* do país na década 1930, que proibiu a fala nas línguas minoritárias em público e fechou as escolas dos imigrantes, que tinha o ensino ministrado na língua minoritária.

Para Pertille (2009), a valorização do *talian* está diretamente ligada ao seu *status* de língua de imigração. Acredita-se haver uma ligação, uma continuidade no que se refere ao *status* de uma língua de imigração e o bilinguismo e o monolinguismo dos seus descendentes. Ou seja, o fato de ser uma língua de minoria, frente a uma maioria; de serem agricultores com poucos recursos financeiros e escolares e acrescido pelo evento proibitivo faz com que esta língua não tenha valor social, nem gera lucro comercial, a não ser nas festas típicas. Com isso, a família de descendência italiana não quis que os filhos sofressem preconceito e não viu necessidade de transmitir a variedade linguística a seus descendentes. Os filhos também não se interessaram em aprender, pois em contextos mais urbanos não era prestigiado.

A questão ligada ao *status* da língua *talian* está relacionada também à “separação” da zona rural e da zona urbana. Assim, o urbano é + Pt. = + *status*, enquanto que na zona rural é + italiano = + *status*. A saída do mundo rural gera dificuldades não só pelo uso do *talian* em ambientes urbanos, mas pelas interferências no Pt.. Portanto, ambientes + isolados = + *talian* e no urbano se tem a presença de um *continuum* que vai de – *talian* para + Pt., isso pode ser observado conforme a dimensão diageracional, pois a língua segue um grau de funcionalidade, e muitas vezes não se fala porque não se tem com quem falar (PERTILLE, 2009).

O contato familiar é um dos fatores mais importantes, ou quiçá, o mais importante para manter a língua dos descendentes de italianos até hoje, e a ruptura com esse contato supõe-se que gera a substituição mais rapidamente. Conforme Pertille (2009), a união da família de imigrantes italianos era a forma fundamental nos primeiros tempos de colonização para a sobrevivência, pois dela dependiam a produção na agricultura e a cultura, incluindo a língua.

A família italiana tradicionalmente é numerosa e culturalmente se mantinha sob o mesmo teto os avós, os pais e os filhos. Assim, enquanto que mulheres acompanhavam seus maridos e

filhos mais velhos nos trabalhos da roça, os avós ajudavam a criar os netos, e por conta desse contato direto se mantinha a língua. Pertille (2009, p. 206) observa o valor dos *nonos* na manutenção e diz que: “A presença dos “nonos” na transmissão da língua de origem aparece em 100% dos depoimentos dos informantes mais jovens, independente do ponto pesquisado”.

Pertille (2009) enfatiza também que, a nacionalização do ensino da década de 1930 em favor da unificação da língua portuguesa contribuiu fortemente para a perda e desprestígio da língua italiana. A autora constata haver uma divisão dentro do próprio grupo de imigrantes. Formou-se um grupo mais urbano, residentes nas cidades e mais bem financeiramente que vê a língua dos moradores da zona rural e menos favorecido como “língua de colono”, inferindo um desprestígio linguístico, seja por falar *talian*, seja pela pronúncia evidente italiana ao falar Pt.. A proibição marcou um período específico, do qual emergem resquícios nas novas gerações até hoje.

A religião também sempre fez parte da cultura dos camponeses italianos, porém pelo que se observa, entre os ítalo-brasileiros não se manteve a língua italiana nessa prática. Isto é, não se deu continuidade de rezar a missa na variedade italiana, sendo a religião um grande símbolo da cultura italiana, mas não se destaca na manutenção linguística do *talian*. De acordo Giron (2007), ao se fazer uma escala, o trabalho entre os ítalo-brasileiros, ainda é mais importante que a religião.

Outro fato que pode interferir positivamente ou negativamente é a questão geográfica. Quanto mais acesso de deslocamento e urbanizada for uma localidade, melhor é a comunicação em Pt.. Centros urbanos oferecem mais escolas, universidades, empregos, atendimento de saúde mais especializado, mais acesso a meios de comunicação, entre outros fatores; consequentemente, muitas pessoas das zonas rurais se deslocam para os centros urbanos. Já em comunidades mais isoladas há pouca diferença entre o espaço tido como rural e urbano, ou seja, não se tem muita diferença na maneira de falar. Em suma, a distribuição, a concentração e o crescimento demográfico, bem como a heterogeneidade das comunidades são relevantes quanto à perda e à manutenção linguística de cada ponto geográfico (PERTILLE, 2009).

1.4 Os termos de parentesco e sua importância social

O parentesco é um sistema exclusivamente dos humanos, mas já começava a ter seus primeiros indícios com os primatas. Nessa época, o sistema ficava restrito entre a mãe e os

filhos (matrilinear). O desenvolvimento das relações de parentesco começou a se efetivar realmente com o *Homo sapiens sapiens*, esse que desenvolveu a linguagem, a arte e a escrita (GHASARIAN, 1996, p. 19).

Com o aparecimento dos códigos linguísticos e dos sistemas simbólicos, se conseguiu reestruturar as relações internas dos grupos, nomeando pais e filhos, a relação de quem procria com quem, os irmãos. Lévi-Straus (1949 *apud* GHASARIAN 1996, p. 20) menciona que, foi nesse período que começou a proibição do incesto¹². Com isso originou-se uma nova organização social e, conseqüentemente, os grupos desenvolveram uma cultura, uma política e uma língua em comum. Com o surgimento da agricultura¹³, a organização social em bandos de recolhedores e caçadores se extinguiu, dando início a um estilo de vida pastoril. Isso favoreceu as uniões, tornando-as estáveis e duradouras; bem como estabilizou os sistemas de parentesco (GHASARIAN, 1996, p. 21).

Ghasarian (1996) faz menção que o parentesco nem sempre é organizado da mesma maneira nas sociedades humanas. Mas o mais difundido, principalmente no ocidente é a família nuclear, que é composta pelos cônjuges, os filhos e alguns ascendentes como hóspedes. Dessa maneira, o parentesco se torna uma das principais formas de ordem na sociedade, uma rede de relações. Assim, a estrutura e o funcionamento das sociedades industriais e tradicionais estão diretamente ligados ao parentesco.

Segundo Batalha (1995, p. 751), “[...] existem universalmente dois princípios mentais subjacentes à organização social de qualquer grupo doméstico: a afinidade e a filiação”, A filiação é estabelecida pelos laços de sangue, também é atribuído a um pai e uma mãe social, isto é, alguém que cria e educa, sem necessariamente ser o genitor (adoção); a citar os termos que provem dessas relações: pai, mãe, filho, filha, irmão, irmã, avô, avó, tio, tia, sobrinho, sobrinha, primo, prima, bisavô, bisavó, tataravô, tararavó. Os termos padrasto, madrasta, enteado e enteada advêm da relação de casais que trazem filhos de outra (s) união (es), sejam eles separados ou viúvos (famílias recompostas) (LOBO, 2005). A afinidade perpassa entre dois grupos através do casamento, além da união casual, se tornam parentes também os membros

¹² Incesto: s.m. união sexual ilícita entre parentes consanguíneos ou afins. Relação sexual entre parentes, entre pais e filhos, entre irmãos (consanguíneos ou adotivos) (HOUAISS – Dicionário Online, disponível em: <http://www.dicio.com.br/incesto/>).

¹³ Segundo Mello, Raso e Altenhofen (2011), a revolução agrícola ocorreu por volta de 10.000 a.C no Mediterrâneo.

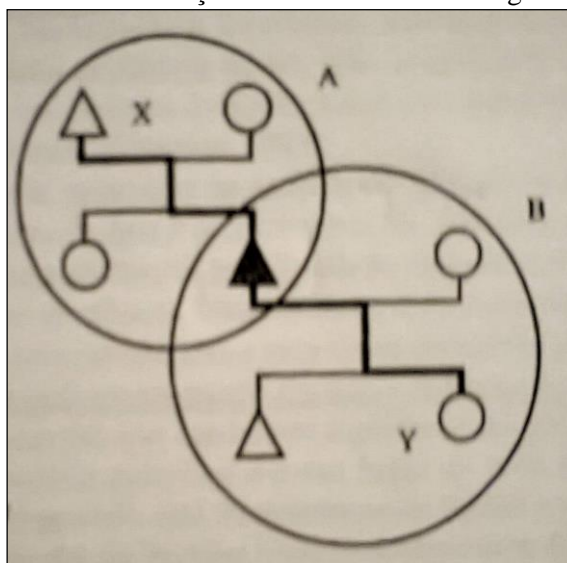
das duas famílias, desencadeando os termos marido, esposa (homem e mulher), sogro, sogra, genro, nora, cunhado, cunhada e consogros.

Já o parentesco espiritual ou “parentesco fictício ou pseudoparentesco” está ganhando cada vez mais espaço nos estudos. Foi por instituição da Igreja no século VI que ele surgiu. Os pais naturais não podiam mais ser pais espirituais, desse modo, surgem os termos como padrinho, madrinha, afilhado, afilhada, compadre e comadre. (GECKELER, 1973; GOLDSCHMIDT, 2004 *apud* HORST, 2011).

Vale destacar também, que o parentesco sanguíneo é caracterizado por tipos de relação. A relação de sexualidade, entre marido e mulher; de descendência, entre pais e filhos e de fraternidade ou colateralidade, entre irmãos. Contudo esse sistema divide os consanguíneos em parentes primários: pai, mãe, filho, filha, irmão e irmã, os secundários (ligados por um intermediário): avô, avó, neto, neta, tio, tia, sobrinho e sobrinha e os parentes terciários (ligados por dois intermediários), os primos (GHASARISN, 1996).

Outra forma de organização é a relação nuclear, as chamadas de famílias extensas. Residem juntas duas famílias nucleares pertencentes a duas gerações. Constituem-se pelo casal, os filhos casados e os seus filhos (netos), dando continuidade no tempo e envolvendo relações de primeira ordem entre parentes primários (marido e mulher, pai e filho (s), irmão e irmã), relações de segunda ordem, entre duas pessoas (duas famílias nucleares diferentes), ligadas entre si por uma pessoa, que é parente primário para cada um deles. Ou seja, o *ego* a duas famílias (A e B), que são para ele parentes primários, já X e Y são ligados entre si por *ego*, sendo parentes secundários. Conforme a figura 4, extraída de Ghasarian (1996):

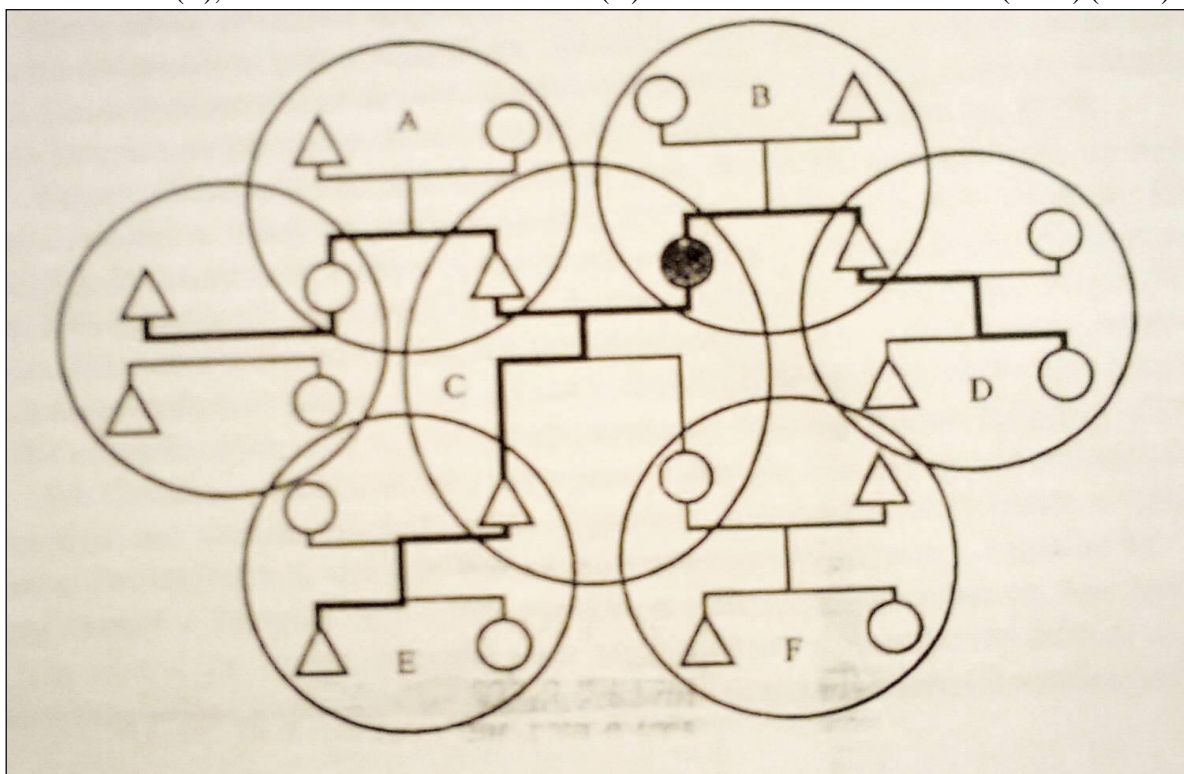
Figura 4 – O *ego* tem relações primárias com a família de criação e com a sua família de procriação (A e B) e X e Y têm relações secundárias entre si ligadas pelo *ego*



Fonte: (GHASARIAN, 1996, p. 40)

Nem sempre a família se constitui sob o mesmo teto, devendo assim distinguir família de grupo doméstico, caracterizada por laços de sangue e de residência – dimensão mais lateralizada do que as famílias extensas, sendo chamada de famílias elementares. Portanto, a família do ego (B) está ligada à família do seu cônjuge (A), resultando dessa união a família de procriação do ego (C), estando ligada à família de procriação do seu germano (D) e as famílias de seus filhos (E e F). Ghasarian (1996, p. 42) relata que, “co-residentes ou não, os membros de uma família possuem uma identidade comum. O patronímico, o nome de parentesco que um indivíduo recebe ao nascer, testemunha essa identidade.” Para uma melhor compreensão, segue a figura 5, de acordo com Ghasarian (1996):

Figura 5 – A família do ego (B) está ligada à família do seu cônjuge (A), e este também se liga com seus filhos (C), com as famílias de seus irmãos (D) e com os filhos de seus filhos (netos) (E e F).



Fonte: (GHASARIAN, 1996, p. 41).

Sarti (2005) ressalta a contribuição de Lévi-Strauss na teoria do parentesco, e para ele são necessárias duas famílias para que exista a família. A relação de aliança entre dois grupos é a base fundadora da família, tornando a sociedade precessora da família, dessa forma, com os laços de aliança se torna possível um sistema de articulação. Portanto, para Lévi- Strauss a aliança (social) precede a consanguinidade (biológico). Com base nas palavras de Silva (1999, p. 2):

Os estudos do parentesco correspondem, sem dúvida alguma, a uma arena privilegiada para o desenvolvimento da reflexão sobre a relação linguagem e cultura, como assinala Lévi- Strauss. Consagrado tanto na Linguística quanto na Antropologia, o campo de pesquisa tradicionalmente denominado “estudos de parentesco” articula duas ordens de realidade inextricavelmente imbricadas: um sistema terminológico, que consiste fundamentalmente em um vocabulário (portanto fenômeno linguístico), e um sistema de atitudes, que corresponde a um código que atribui a indivíduos, ou a classe de indivíduos, condutas em função de relações sociais que estabelecem entre si (logo, um fenômeno social).

Com base no social, Lobo (2005) trata da questão das famílias recompostas, que de certa forma são uma ameaça à ordem social, perturba o tradicional do que seja a família, tanto a social

(de aliança) e a natural (fundada pelos laços de sangue). Furstenberg (1979) complementa ainda que isso se deve em partes pelo fato dos pesquisadores sociais terem deixado essa área de estudo um pouco de lado. Ainda hoje, cientistas sociais europeus e norte-americanos tratam a questão do recasamento e das famílias recompostas como um “problema social” frente à primeira família, a tradicional família nuclear.

Butler (2003, p. 221), sobre os novos modelos de famílias expõe o seguinte pensamento: “o parentesco não é nem uma esfera completamente autônoma, proclamada como distinta da comunidade e da amizade – ou dos regulamentos do Estado [...] nem está “ultrapassado” ou “morto” [...]”. Na sociologia recente, o parentesco tem se separado da hipótese de casamento, podendo ser vista em abordagens sociológicas americanas, por exemplo, que existem relações de parentesco que não se enquadram nos modelos de famílias nucleares, podendo dessa forma basear-se em relações biológicas, mas também em relações não biológicas.

1.5 Dialetoлогия Tradicional, Sociolinguística e os pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional

Este estudo seguirá a perspectiva teórico-metodológica da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, que se caracteriza como sendo a combinação da Dialetoлогия Tradicional e da Sociolinguística.

A partir do século XIX, os estudos da linguagem ganharam novos caminhos, opondo-se aos neogramáticos; portanto, a dialetologia, também chamada de geografia linguística ou geolinguística se originou com a intenção de descrever os usos da língua, a localização espacial e tinha como objetivo identificar as famílias de línguas ao longo do continente. Para isso, trabalhos e estudiosos tiveram grande importância para o percurso da dialetologia.

Os primeiros estudos foram: a criação da *Academie de Celtique*, em 1804; o posicionamento de Grimm, fundador da filologia românica em defesa dos “patois” em 1812, autor também da primeira descrição de um grupo de dialetos alemães, em 1819; a publicação do primeiro fascículo da gramática comparada das línguas indo-europeias por Franz Bopp, em 1833; a publicação do *Atlas Linguistique de l' Europe* de Bernardino Biondelli, em 1841 sob a influência do *Atlas Ethographique Du Globe* de Adrien Balbi de 1826 (CARDOSO, 2010, p. 35).

Para Pop (1950 *apud* CARDOSO, 2010, p. 40-41), os dois marcos de extrema importância para a dialetologia são: o levantamento dos dados da realidade alemã de Wenker no final do século XIX, que representa o início da geografia linguística da Alemanha, o qual foi continuado por Ferdinand Wrede em 1911 após sua morte, e o *Atlas Linguistique de la France* (ALF) de Gilliéron e Edmont, que iniciou a coleta de dados em 1887 e teve a ajuda do *Ministère de l'Instruction Publique*, sendo publicado em Paris, de 1902 a 1910¹⁴. Chambers e Trudgill (1994, p. 41) destacam que o modelo monodimensional da dialetologia tradicional, isto é, aquele que prezava por um informante homem, de preferência idoso, sem escolaridade e residente na zona rural, nascido e criado no local, utilizado pelo ALF, foi difundido e faz parte da maioria dos atlas linguísticos da Europa e da América.

No que se refere a geolinguística do português, Cardoso (2010) discorre que em Portugal se destaca, a princípio, Leite de Vasconcellos, que produziu o primeiro mapa dos dialetos portugueses, denominado *Mappa dialectologica do continente português*, publicado no ano de 1897, em Paris. A intenção desse atlas era olhar a língua em todos os continentes onde ela tinha ido, inclusive analisa e descreve o Pt. do Brasil; considera este um dialeto e reconhece sua pluralidade, devido sua extensão e diversidade étnica. Destaca-se o trabalho do professor Boléo da Universidade de Coimbra, com a organização do Inquérito Linguístico de Boléo (ILB) e diversas teses com enfoque na dialetologia portuguesa. Na sequência, Portugal é incluído no *Atlas linguístico da Península Ibérica* (ALPI) e também é incluído em dois projetos de maior amplitude, em 1974 no *Atlas Linguarum Europae* (ALE) e no *Atlas Linguistique Roman* (ALIR), com início em 1987.

No Brasil, também se atribui ao século XIX as primeiras manifestações dialetológicas sobre o Pt. em nosso país. Estas foram feitas em 1826 por Domingos Borges de Barros, o Visconde da Pedra Branca. Ferreira e Cardoso (1994, p. 37-62) atribuem aos estudos dialetais brasileiros três etapas, que são:

- 1ª fase – de 1826 a 1920, nesse período destacam-se trabalhos relacionados com o léxico e suas particularidades no Pt. do Brasil, assim são produzidos dicionários, vocabulários e léxicos regionais. Desse período destacam-se os nomes de Visconde Beaurepaure-Rohan com *Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada*, em 1883 a 1884 e no ano seguinte foi transformado no *Dicionário*

¹⁴ Ver mais sobre esses dois estudos em Cardoso (2010, p. 40-44)

de vocábulos brasileiros; Vicente Chermont de Miranda com a *Coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó*, em 1905; Rodolfo Garcia com *Dicionário de Brasileirismos*, no ano de 1912, entre outros.

- 2ª fase – 1920 a 1952, período em que se destacam trabalhos monográficos, ampliando os estudos semântico-lexical ao fonético-fonológico e sintático. Inicia com a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral (1920), o qual se detém no processo de dialetação do português brasileiro. Em 1922, Antenor Nascentes publica *O linguajar carioca*, em suma, esse autor se preocupa primeiro em entender o falar brasileiro, para situar o falar carioca no conjunto dos falares do país. E em 1934, Mário Marroquim publica *A língua do nordeste*, enfocando a língua de Alagoas e Pernambuco, dentre outros estudos.
- 3ª fase – tem início em 1952, e nesse mesmo ano, pelo decreto número 30.643, de 20 de março 1952, foi criada a Comissão de Filologia da Casa Rui Brabosa, com a atribuição de elaborar o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB¹⁵). Nesse momento se destacam a criação do Atlas prévio dos falares baianos, em 1963, o Atlas de Sergipe e devido as dificuldades de se fazer um atlas do país, acentuou-se a construção de diversos atlas regionais. O projeto do ALiB foi retomado com mais força em 1996, ocasionando novos projetos regionais e, em outubro de 2014 no Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística (CIDs) na Universidade Estadual de Londrina (UEL), foram publicados os dois primeiros volumes.

A dialetologia monodimensional não se preocupava com as dimensões sociais, nesse sentido, Thun (2005, 63-64) enfatiza e supõe que:

[...] foi o afastamento da burguesia do mundo rural que causou nos dialetólogos acadêmicos do século passado a ilusão de uma uniformidade da vida e cultura dos camponeses a qual amolda como síntese e peça de conservação de museu, o atlas linguístico estritamente diatópico.

Contudo, a partir da década de 1950 surge o termo sociolinguística, a qual só se desenvolveu como corrente teórica na década de 1960 e de 1970 nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra; em

¹⁵ Para um melhor detalhamento sobre o ALiB, como coordenação do projeto, rede de pontos geográficos controlados, informações sobre os questionários, entre outros fatores, ver Cardoso (2010, p. 167-175).

especial com trabalhos de William Labov¹⁶. Teve também a contribuição de Gumperz, Dell Hymes e William Bright (com a conferência *The Dimensions of Sociolinguistics*, no ano de 1966) (CEZARIO e VOTRE, 2012).

A base da Sociolinguística é interdisciplinar, entre a linguística e a sociologia, isso tanto interno (conteúdo da língua) como na sua metodologia. A teoria da Variação e Mudança Linguística foi difundida por Labov (1966) e por WEIREINCH; LABOV; HERZOG (1968), apresentando uma nova proposta metodológica de estudar a língua. Os autores não compreendem o estudo da língua e a evolução dela fora do contexto social e da comunidade de fala¹⁷. A partir de então, se começou a levar em consideração as estratificações sociais que permeiam cada comunidade de fala, passou-se então a trabalhar com a variação, bem como com a heterogeneidade do local, a qual vai refletir na língua.

Dessa forma, essa proposta é contrária aos princípios das correntes anteriores, tanto a estruturalista saussuriana, como a gerativista chomskyana¹⁸, as quais viam a língua como um sistema sincrônico e homogêneo. Recaindo como principal crítica, desses métodos anteriores, que a língua não pode ser estudada fora do seu contexto social. Afinal, conforme Cezario e Votre (2012, p. 146) “o estruturalismo e o gerativismo não incluíram nas suas análises a variação porque esta estava fora do âmbito do objeto da linguística, o qual deveria ser abstraído do “caos” da realidade do uso linguístico”. Contudo, a Sociolinguística passa a enfatizar as variáveis extralinguísticas e trabalha com falantes em situações reais de fala (CEZARIO e VOTRE, 2012).

¹⁶ Sobre esse fato, Labov (2008 [1972], p. 13) afirma que “[...] resisti ao termo *sociolinguística*, já que ele implica que pode haver uma teoria ou prática linguística bem-sucedida que não é social”.

¹⁷ Adotaremos neste trabalho o conceito de comunidade de fala visto em Labov (2008 [1972], p. 188), em que diz que: “[...] uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”.

¹⁸ Para Saussure, a língua era homogênea e seu foco principal era distinguir o aspecto sincrônico do diacrônico. O sincronismo tem haver com o momento, com o estático e o diacrônico se estende ao longo do tempo. Conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), se queria romper com o método histórico-comparativo, com isso Saussure privilegiou o sincrônico, pois com ele, não era necessário estudar os fatos linguísticos relacionando-os com a história. Dessa maneira se isolou a língua dos fatores externos, isto é, os fatores extralinguísticos (sociais) foram deixados em segundo plano. Outra corrente teórica da linguística do século XX foi o gerativismo, este foi iniciado por Chomsk. Ao resenhar o Verbal Behavior, de Skinner, Chomsk enfatiza que os falantes de uma língua não ficam restritos a imitação dela, sendo eles criativos no uso que fazem da língua (WEIREINCH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]). Com isso, Silva (2011) relata que, Chomsky propõe a existência de um falante ideal em uma comunidade também ideal e, considera que todas as línguas teriam pontos em comum (princípios da Gramática Universal (GU)).

Conforme Labov (2008 [1972]), o estudo da Teoria da Variação e Mudança Linguística considera a língua como forma de comportamento social, aquela usada no dia a dia; por exemplo, em casa com o cônjuge e com os filhos, com parentes, com os amigos, com os colegas de escola, no local de trabalho, etc. Nessa perspectiva torna-se fundamental a comunidade de fala em que os falantes estão inseridos e estratificá-los socialmente (classe social, idade, sexo/gênero, estilo, etc.), levando em consideração um número maior de inf.(s) dentro do contexto social. Cada inf. é único, mas não se pode deixar de lado a comunidade de fala a que ele pertence.

Labov (2008 [1972]) enfatiza ainda que, o foco teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguística é identificar as regras linguísticas, os sistemas que co-existem em situação natural de fala. Assim, a evolução desses dois fatores acontece com o passar do tempo, a partir do condicionamento da variação da língua (SNICHELOTTO, 2009). Dessa forma, se supera a dicotomia assegurada no estruturalismo do sincronismo e diacronismo, como diz Margotti (2004, p. 78) “[...] a análise sincrônica deve se fundamentar no conceito de língua como um sistema de língua de regras variáveis, no qual um contínuo processo de variação e mudança opera na estrutura linguística, mantendo, contudo, a unidade em meio à heterogeneidade”.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), estabelecem que para a análise dos fenômenos de mudança linguística deve-se levar em consideração cinco dimensões:

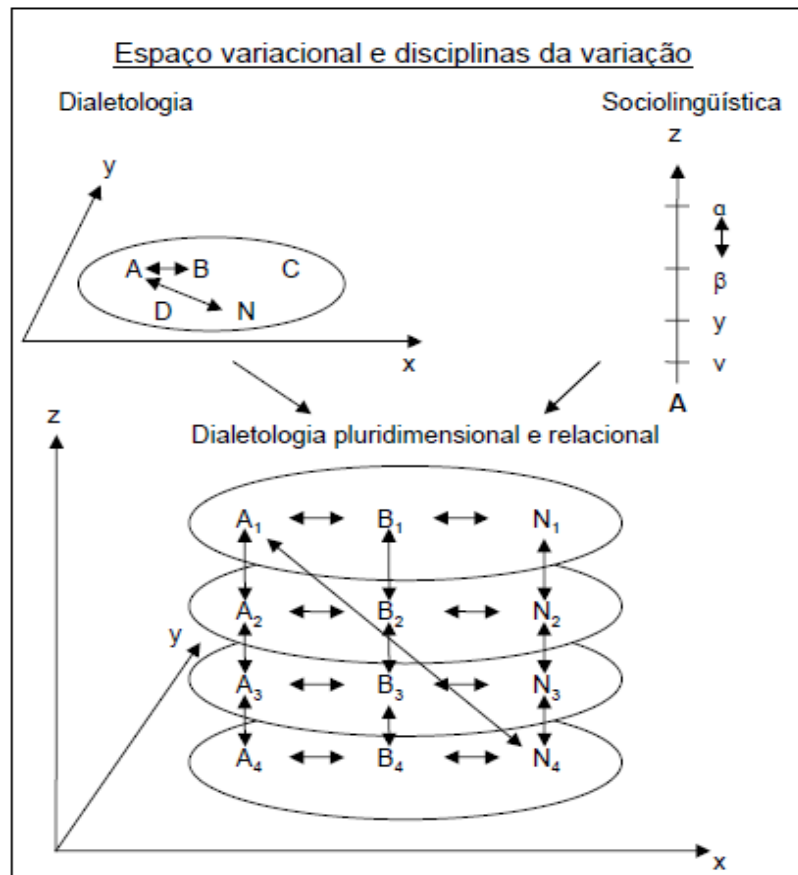
- Os **fatores universais** que limitam a mudança e variação linguística e, estes podem ser sociais ou linguísticos;
- A **transição** dos intervenientes entre dois estados da língua;
- O **encaixamento** das mudanças que ocorrem na estrutura linguística e no social da comunidade;
- A **avaliação** dos efeitos da mudança que acarreta possíveis efeitos na estrutura linguística e na eficiência da comunicação e
- A **implementação** que corresponde as possíveis razões, para que uma mudança ocorra na língua em determinada época.

Cardoso e Mota (2006) ressaltam que a preocupação com os efeitos da variação social torna-se muito importante nos estudos da Dialetologia, assim o modo monodimensional vem perdendo espaço para a pludimensionalidade. Além dos dados diatópicos (pontos geográficos),

a Dialectologia passa a sistematizar a repercussão das variáveis sociais sobre os usos de cada falante, adotando uma perspectiva pluridimensional. Ou seja, não basta saber somente onde se fala e como se fala, é preciso saber também, quem fala e por que fala. Dessa forma, passa-se a traçar o perfil de quem fala e responder por que se fala de determinada forma naquele contexto, quais os fatores que estão atuando na produção de determinada variante de um fenômeno linguístico.

Para uma melhor compreensão e visualização da metodologia, veja-se o esquema abaixo proposto por Thun (2005). A Dialectologia Tradicional contempla o eixo bidimensional horizontal: as variáveis linguísticas e suas variantes (x) e os pontos geográficos (y). Já a Sociolinguística, o eixo vertical (z) se detém a olhar para uma comunidade de fala, dando ênfase às dimensões sociais (variáveis extralinguísticas), como idade, sexo/gênero, zona rural e urbana, estilo, etc., já a Dialectologia Pluridimensional e Relacional contempla o eixo tridimensional, ou seja, é a junção dos eixos x, y e z, conforme segue a figura 6:

Figura 6 – Espaço variacional e disciplinas da variação



Fonte: (THUN, 2005, p. 67).

Conforme Thun (1998; 1999; 2010), no modelo da Dialetologia Pluridimensional e Relacional a língua varia em um plano pluridimensional e macroanalítico, isto é, envolve uma rede de pontos em determinada área geográfica. Sendo assim, a pluridimensionalidade abrange várias dimensões, a exemplificar algumas, a **dimensão diatópica**, que corresponde aos pontos geográficos (variação no espaço); a **dimensão diassexual**, que consiste em levar em consideração a variação linguística existente na fala de homens e de mulheres; a **dimensão diafásica**, que enfatiza a variação a partir da diferença de estilo, correspondendo ao roteiro de entrevista (por exemplo, conversa livre, leitura e pergunta e resposta); a **dimensão diazonal**, que enfoca a variação existente entre informantes moradores da zona rural e urbana de cada ponto; a **dimensão diastrática**, que corresponde à variação existente entre classes sociais diferentes, sendo vista pelo controle de diferentes graus de escolaridade; a **dimensão diageracional**, que remete à variação por idade. A **dimensão dialingual**, refere-se ao contato de línguas; **dimensão diarreferencial**, referente à diferenciação entre fala objetiva e fala metalinguística, correlações subjetivas nas mudanças objetivas, valores da própria variável linguística (LABOV, 2008 [1972]), e a **dimensão diatópico-cinética** que diz respeito à diferença de informantes topostático e topodinâmico, isto é, informantes que se movimentam de um lugar para outro e os que quase não saem de sua comunidade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos, levados em consideração para se realizar este estudo. Ou seja, como serão escolhidos os inf.(s), as dimensões controladas no estudo e os procedimentos para análise dos dados. Para tanto, o capítulo está dividido em três subcapítulos e seus respectivos tópicos e subtópicos detalhados.

2.1 A seleção dos informantes

Os inf.(s) deste estudo são ítalo-brasileiros, isto é, têm sobrenome de pai e/ou de mãe com descendência¹⁹ italiana. O informante (inf.) selecionado além de ser descendente de italianos, também tinha que residir grande parte de sua vida nas localidades de Chapecó SC e Pato Branco PR, ou pelo menos dois terços da vida.

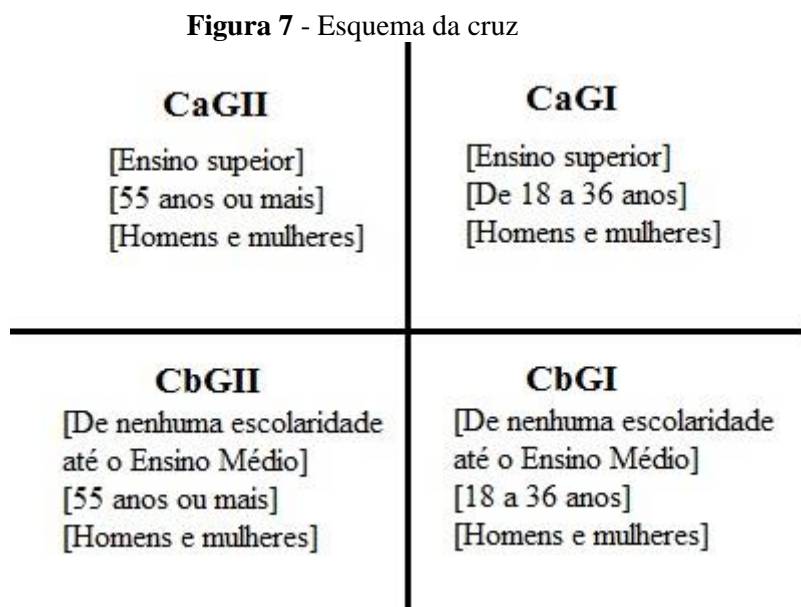
A seleção foi feita por indicação; assim, primeiramente as informações referentes à etnia e o tempo de residência foram concedidas por amigos, parentes ou conhecidos dos entrevistados. Depois de receber a indicação, entramos em contato com o inf. (pessoalmente, por telefone, e-mail ou por conversa *in box* em redes sociais). Com esse primeiro contato foi possível confirmar sua disposição em marcar uma entrevista, a sua descendência étnica e o tempo de moradia no local. O assunto referenciado a tratar foi que seria uma conversa sobre imigração italiana no sul do Brasil e a colonização da localidade.

As gravações foram feitas através de um gravador portátil (*Ipone* com um gravador acoplado), de fácil manuseio e com cabo para passar os dados ao computador, *notbook*. As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora deste trabalho e ocorreram quase que na sua totalidade durante o período matutino ou vespertino, exceto com dois informantes da GICb de Pato Branco, que foi realizada no início da noite e com os dois inf.(s) juntos devido à indisponibilidade por causa do trabalho dos informantes. As conversas se realizaram na casa, no local de trabalho ou no local de estudo dos entrevistados. Houve pluralidade simultânea

¹⁹ Segundo o Dicionário *Houaiss* de Língua Portuguesa on-line, o significado da palavra **descendência** é: “s.f. Relação de parentesco que se estabelece através da proveniência de um antepassado comum. Grupo de indivíduos que possuem, por filiação, esse mesmo antepassado (comum) [...]”. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/descendencia/>.

(THUN, 2005), ou seja, entrevista simultânea com um homem e uma mulher com o mesmo perfil, por exemplo GIICb e entrevistas individuais. Ressalta-se que também teve casos de estar coletando dados de um inf. e estava acompanhado de várias pessoas da sua família, que também participavam da interação, mas na hora da transcrição dos dados se tomou o devido cuidado de considerar somente a resposta do inf. previamente selecionado.

Durante a seleção tivemos o cuidado de englobar moradores de diferentes locais em cada ponto geográfico, para assim contemplar a zona urbana - o centro da cidade e os bairros - e a zona rural. O número total de é 16 inf.(s) ítalo-brasileiros, sendo distribuídos oito em cada localidade. Chegou-se a esse número de inf.(s) como base no esquema em cruz, conforme Thun (2005), que contempla sempre um homem e uma mulher (dimensão diassexual) distribuídos nas dimensões diageracional (idade) e diastrática (grau de escolaridade). Como é possível ver no esquema a seguir:



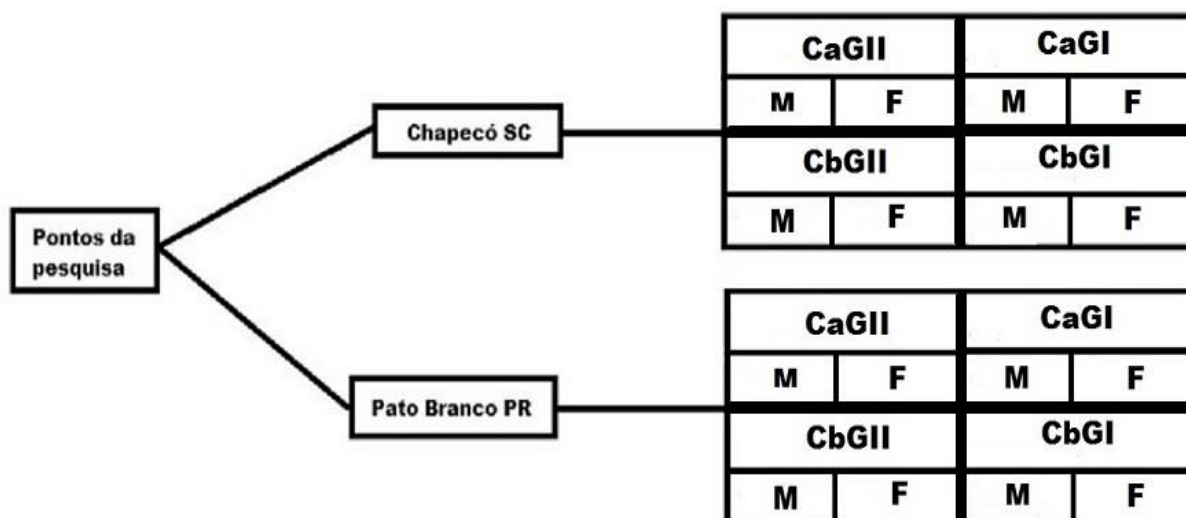
Fonte: (THUN, 2005, p. 67) – com adaptações.

Essa perspectiva (esquema em cruz) é vista nos atlas linguísticos pluridimensionais, por exemplo, no *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU)²⁰ e no *Atlas*

²⁰ O ADDU é coordenado por Harald Thun e Adolfo Elizaincín e teve a participação de vários pesquisadores - tem por objetivo descrever sob a perspectiva geolinguística a região do Rio da Prata. Já teve dois volumes publicados no ano 2000, referentes à fonética e à morfossintaxe. Esse atlas tem como base a pluridimensionalidade, controlando as seguintes dimensões: dialingual (espanhol/português); diatópica (topostático); diatópico-cinética (topostático/topodinâmico); diastrática (classe alta / classe baixa); diageracional (geração II/geração I); diassexual (mulheres/homens); diafásica (conversa livre; questionário; leitura); diarreferencial (fala “objetiva”/fala metalingüística) (THUN, 2005, p.71). Vale destacar que o ADDU insere-se no macroprojeto *Atlas Lingüístico de contatos do Rio da Prata*, o qual abriga três projetos parciais de atlas: o ADDU;

*Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata (ALMA-H)*²¹, atlas esses, coordenados e desenvolvidos por Harald Thun e parcerias, os quais contam com uma equipe significativa de pesquisadores. Para maior compreensão de como foi feita a seleção dos entrevistados em cada localidade, veja-se a figura a seguir com base na cruz de Thun (2005), que diz respeito à matriz de informantes de Chapecó e de Pato Branco, distribuídos nas dimensões diatópica (dois pontos geográficos), diastrática (informantes de nenhuma escolaridade até o Ensino Médio (Cb) e com ensino superior (Ca)), diageracional (informantes de 18 a 36 anos (GI) e com 55 ou mais (GII)) e dissexual (um homem (masculino (M)) e uma mulher (feminino (F)) em cada célula composta pela classe e geração). Vejamos a figura:

Figura 8 - Distribuição dos inf.(s) ítalo-brasileiros nos municípios de Chapecó SC e Pato Branco PR, conforme as dimensões diatópica, diageracional, diassexual e diastrática



Fonte: Figura da pesquisadora 2014 com base em Thun (2005).


o *Atlas Linguístico Guaraní-Românico* (ALRG) coordenado por Harald Thun e Wolf Dietrich, Amídio Aquino - foi publicado dois tomos em 2002 e o *Atlas Linguístico de los Mennonitas Rioplatenses* (ALMRP) – este encontra-se em desenvolvimento (ISQUERDO; ROMANO, 2012, p. 897).

²¹ O ALMA é um macroprojeto desenvolvido em conjunto pelas áreas de Romanística (da Christian-Albrechts-Universität de Kiel, Alemanha) e Germanística (do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil), sob a coordenação de Harald Thun (Kiel) e Cléo V. Altenhofen (Porto Alegre). Fundamentado pelos pressupostos teóricos metodológicos da dialetologia pluridimensional e relacional de Thun (1996). Informação disponível no site do ALMA: <http://www.ufrgs.br/projalma/oqueeh/apresentacao.html>.

2.2 O levantamento dos dados conforme as dimensões controladas

Segundo Thun (2008), a dimensão é o eixo da variação, que é composto por um conjunto de traços classificadores chamados de parâmetros. Esses parâmetros seguem critérios específicos, segundo o objetivo de cada estudo. Para se obter os dados para a análise da pesquisa, serão controladas as seguintes dimensões, parâmetros e critérios, conforme o quadro 2:

Quadro 2 – Dimensões, parâmetros e critérios metodológicos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional controlados no estudo.

Dimensão	Parâmetro	Critério
Diageracional	Geração II (GII) Geração I (GI)	GII – com 55 anos ou mais; GI – de 18 a 36 anos.
Diassexual	Masculino (M) e Feminina (F)	Igual número de informantes homens e mulheres.
Diastrática	Classe alta (Ca); Classe baixa (Cb)	Ca – com ensino superior; Cb – de nenhuma escolaridade até o Ensino Médio.
Dialingual	Português (Pt.); <i>Talian</i>	Entrevistados bilíngues, <i>talian</i> -Pt.
Diatópico	Topoestático e topodinâmico ²²	Informantes com endereço fixo em Chapecó SC e Pato Branco PR.
Diafásica		Resposta ao questionário (R); Leitura (L); Conversa livre semidirigida (C).

Fonte: Extraído de Thun (2008) – com adaptações para a pesquisa.

2.2.1 Dimensão Diageracional

Variável importante diante da manutenção e substituição dos termos de parentesco do *talian*, pelos termos do Pt. no espaço pluridimensional, a idade dos inf.(s). Optou-se por considerar duas faixas etárias, já estabelecidas pelos moldes teórico-metodológicos da Dialetologia Pluridimensional e Relacional. Com essa distinção de idade, torna-se possível comparar a fala dos inf.(s) de uma geração de mais idade (GII), de 55 anos ou mais, que ainda

²²Não será feito o controle do parâmetro topoestático e topodinâmico. Assim, os informantes ítalo-brasileiros precisam residir mais de dois terços de suas vidas na localidade e ter endereço fixo. É possível existirem colaboradores topoestáticos, isto é, que sejam fixos aos municípios e topodinâmicos, aqueles que vieram de outras regiões, mas que já fazem mais de dois terços que estão na localidade e, aqueles que devido à profissão ou estudos se deslocam frequentemente para outros lugares.

são ativos socialmente, isto é, trabalham, ou são aposentados; com a fala de uma geração mais nova (GI), 18 a 36 anos, na qual abarca indivíduos que estão iniciando uma graduação, ou prestes a se inserirem no mercado de trabalho ou recém inseridos.

Conforme Margotti (2004, p. 20), no que diz respeito à linha sucessória da geração dos imigrantes italianos, considera-se um espaço de 25 anos de uma geração para outra. Os inf.(s) da pesquisa representam a terceira, a quinta e alguns a sexta geração de ítalo-brasileiros; com isso queremos verificar as diferenças no comportamento linguístico conforme a idade. Labov (2008 [1972]), ao tratar da mudança sonora, fala do problema da transição, em que um estágio de uma mudança evolui a partir de um estágio anterior. Assim, para se estabelecer a existência de uma mudança linguística, é necessário a observação de duas gerações sucessivas, com características sociais comparáveis.

Naro (2003, p. 81) e Guy (2001, p.11) apontam que quanto mais jovens forem os inf.(s), mais inovadores eles são em relação à difusão da mudança linguística. No que diz respeito à língua de imigração, Heredia (1989), Krug (2004) e Margotti (2004) enfatizam, de modo geral, que a língua segue um estágio decrescente, da geração de mais idade para a geração mais nova.

Os informantes que fazem parte da geração II (GII), ou seja, com 55 anos ou mais viveram duas situações distintas. A geração nascida ao longo da década de 1950 vivenciou o período marcado pelo “apagamento” ou anulação linguística e cultural. Como diz Pertille (2009, p. 136), “as palavras “medo”, “resignação” e “vergonha”, tão presentes na década de 30, durante o governo do Estado Novo, foram substituídas por um véu de invisibilidade sobre tudo o que dizia respeito à origem, a língua e cultura dos imigrantes”. Ainda, a infância e o início da juventude culminaram no período da ditadura política, no qual não tiveram o direito à língua e à cultura de seus antepassados, não mais por proibição, mas por falta de conhecimento desse direito, já que seu modelo de língua, durante a infância e juventude, foi outro. Já os informantes nascidos nas décadas de 1930 e 1940 passaram por toda a repressão da política do Estado Novo - *Nacionalização do Ensino*, conferido pelo presidente Getúlio Vargas. Apesar disso, tiveram como língua materna a língua minoritária, falada em casa pelos pais e avós; esses, possivelmente, conservam o *talian* em grau maior ou menor (MARGOTTI, 2004; PERTILLE, 2009). Enquanto que aos informantes da geração (GI) de 18 a 36 anos, nascidos do ano de 1978 em diante, de modo geral, não foi transmitida a língua minoritária. Seguiram o modelo linguístico falado em suas casas e reforçado pela escola, primando pelo Pt., mas alguns, devido

à convivência familiar com gerações de mais idade e falantes de *talian*, tiveram contato linguístico com a variedade italiana.

2.2.2 Dimensão Diassexual

A dimensão diassexual considera a seleção de homens e mulheres em igual número. O objetivo é correlacionar o desempenho linguístico e o sexo/gênero, ou seja, verificar se o sexo/gênero dos inf.(s) é fator relevante na manutenção e substituição linguística dos termos de parentesco do *talian* pelos termos do Pt..

Com relação à variação proporcionada por esta dimensão, estudos sociovariacionistas atribuem à mulher a liderança nas inovações, principalmente quando se trata de formas prestigiadas (LABOV, 1990; 2008 [1972]). Diante disso, pode-se supor que as mulheres mantêm menos os termos de parentesco da variedade italiana em relação aos homens e aplicam mais os termos de parentesco em Pt.; afinal, elas são mais sensíveis às mudanças e aos padrões de prestígio (LABOV, 2008 [1972]).

Porém, Bortoni-Ricardo (1985) não considera viável fazer uma generalização comum de que as mulheres se destacam frente às inovações e as formas padrão. Para a autora, o que vai desencadear o comportamento linguístico é o papel social, a inclusão ou exclusão, etc. Nesse sentido, Pertille (2009, p. 138) discorre sobre o assunto, referente à manutenção e substituição da variedade italiana, que de modo geral, o pai, chefe da família, portanto, responsável pelos negócios, bens, etc., proporciona muitas vezes a ligação entre a zona rural e urbana. Enquanto que a mãe, culturalmente, se responsabiliza pelo ambiente familiar; dessa forma tende a deslocar-se do lar, para outros locais, em menor proporção.

Bocchese (2004) sinaliza que as mulheres ítalo-brasileiras, que migravam do ambiente familiar do RS para sudoeste paranaense, sofreram muito para se adaptar, frente as mais diversas adversidades. Geralmente, eram casais novos que migravam. Muitas mulheres estavam grávidas ou tinham filhos pequenos e falavam somente a variedade minoritária. Era o homem, o pai de família, quem saía para fazer os negócios e as compras; sendo ele o responsável por propagar o português no ambiente familiar, juntamente com os filhos em idade escolar, enquanto a mulher, a mãe de descendência italiana, ficava mais restrita às atividades da casa e ao cuidado dos filhos; conseqüentemente, preservou mais a língua de origem (PERTILLE, 2009).

2.2.3 Dimensão Diastrática

No que se refere à dimensão diastrática seria possível considerar fatores definidores da classe social dos informantes, como a profissão, a escolaridade, o perfil socioeconômico, etc. A Dialetologia Pluridimensional e Relacional considera a escolaridade como fator referente à classe social. Desse modo, para esta pesquisa, será controlada a escolaridade dos informantes em dois grupos. Participantes de nenhuma escolaridade até o Ensino Médio correspondem à classe baixa (Cb), e inf.(s) com ensino superior, à classe alta (Ca).

A consideração da dimensão diastrática é de extrema importância para este estudo que juntamente com a faixa etária e o sexo/gênero, constituem o esquema de cruz (THUN, 1998, 2005), visto nos mapas pluridimensionais. Falantes de maior escolaridade tendem a privilegiar mudanças que implementam uma forma socialmente aceita (LABOV, 1990; 2008 [1972]). Com isso, Margotti (2004, p. 21), avalia que falantes menos escolarizados produzem mais traços do italiano, enquanto inf.(s) com mais escolaridade são responsáveis por difundir mais os traços do Pt..

Frente à visão macroanalítica da dimensão diastrática, envolvendo diferentes pontos, Pertille (2009, p. 138) refere-se à manutenção e substituição do *talian*, chamando a atenção que, na visão popular e leiga, pressupõe-se que o falante da variedade é de “classe social mais baixa, colono e que fala tudo errado”, mas a autora tem dúvida se, realmente, o padrão de vida pode interferir em parâmetros de maior substituição ou manutenção da língua de origem dos descendentes de italianos.

2.2.4 Dimensão Dialingual

Outro fator de extrema relevância para a manutenção e substituição dos termos de parentesco do *talian* pelos termos do Pt. é a dimensão dialingual, representada nesta pesquisa pelo contato linguístico do *talian* com o Pt.. Porém, não se pode considerar somente o contato de duas línguas, pois há contato entre variedades de uma mesma língua (COSERIU, 1982; RASO, MELO e ALTENHOFEN, 2011). Assim, na localidade de Chapecó SC temos o contato do *talian* com o Pt. falado na região oeste de SC, com o Pt. padrão e com o Ita. e em Pato Branco o contato do Pt. falado no sudoeste do PR, com o Pt. padrão e com o Ita.. Portanto,

quando mencionarmos em nossas análises o Pt., estaremos falando da variedade daquele local que está sendo tratado naquele momento.

Como já se mencionou anteriormente, os entrevistados foram escolhidos por indicação e através do sobrenome. Portanto, consideram-se ítalo-brasileiros, os descendentes de italianos, ou seja, aqueles com sobrenome de pai e/ou mãe com descendência italiana.

Vale destacar, que o primeiro critério de escolha foi ser ítalo-brasileiro e não saber falar *talian* ou não; pois a informação sobre o grau de bilinguismo do colaborador(a) foi identificada com a realização das entrevistas e contemplada na análise qualitativa dos dados. A pesquisadora/entrevistadora iniciou todas as entrevistas no *talian* e, caso obtinha um retorno positivo, continuava toda a entrevista na variedade, mas se o informante não respondesse (ficasse um tempo sem falar nada) e, em seguida, dissesse que realmente não entendia e que não conseguia responder na variedade italiana, a entrevista era mudada de língua, passando a ocorrer em português. Adotamos esse procedimento a fim de dar mais confiabilidade ao resultado da pesquisa, pois se as entrevistas fossem realizadas com todos os informantes em Pt., inclusive com aqueles que têm como língua materna o *talian*, ou mais proficiente em ambas as línguas, poderíamos induzi-los a produzirem os termos de parentesco em Pt., mesmo eles sabendo e usando em seu cotidiano os termos do *talian*.

2.2.5 Dimensão Diatópica

Na região sul do Brasil, as áreas que contemplam o contato italiano-português são formadas por muitas localidades, mas de diferentes maneiras. Por exemplo, há locais em que a população é formada pela maioria de descendentes de italianos; em outros, apesar da presença significativa de ítalo-brasileiros, têm-se a presença de outras etnias no mesmo espaço, como alemães, poloneses, ucranianos, luso-brasileiros, africanos, indígenas etc. Vale ressaltar que constataram situações em que outras etnias se sobressaem, em números, em relação aos ítalo-brasileiros. É importante considerar também que alguns municípios fazem parte das chamadas colônias antigas, naquelas em que foram assentados imigrantes vindos diretamente da Itália e outros, são chamados de colônias novas, resultado da migração interna, colonizado por descendentes dos imigrantes (MARGOTTI, 2004, p. 18).

Escolhemos dois pontos geográficos pela presença significativa de ítalo-brasileiros; informação esta que se pode constatar no ALERS (2011)²³ e também por serem localidades maiores, mais urbanas, sendo consideradas capitais de suas microrregiões. Chapecó está localizada no oeste de SC e Pato Branco no sudoeste do PR. Ambas as cidades, fazem parte das chamadas colônias novas. O número de pontos selecionados considera as limitações que permeiam uma pesquisa individual, como, por exemplo, a disponibilidade de tempo para a coleta e análise dos dados, recursos financeiros, entre outros. Assim, julgamos válidos esses dois pontos pela sua representatividade étnica e por serem localidades mais urbanas, ou seja, são consideradas as capitais de suas microrregiões, Chapecó capital do oeste catarinense e Pato Branco do sudoeste paranaense. Na sequência, o mapa mostra a localização desses dois pontos geográficos:

Figura 9: Mapa com a localização das localidades da pesquisa, Chapecó SC e Pato Branco PR.



Fonte: Disponível em: <http://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-regiao-sul/> - com adaptações.

²³Conforme a leitura da carta 04 do ALERS (2011), Chapecó corresponde ao ponto número 433 e apresenta o grupo étnico dos italianos. Já Pato Branco, corresponde ao ponto número 287 e apresenta a presença dos grupos étnicos italianos e alemães.

Até o ano de 1838, as terras do oeste de SC eram ocupadas predominantemente por indígenas (maioria kaingangs e em menor número, Guaranis) e caboclos. Posteriormente, essas terras passam ter também a presença dos tropeiros paulistas, esses que transportavam gado do RS a SP (CÂNDIDO *et al.*, 2010).

No final do século XIX, mais precisamente, início do século XX, aconteceu o segundo momento referente à colonização, principalmente, por descendentes de imigrantes europeus, no estado de SC. Assim, acontece a ocupação das terras em direção ao oeste catarinense, como diz Gregory (2002, p. 32): “As terras do Oeste de SC foram colonizadas partir da construção, na década de 1910, da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul, sendo vendidas às companhias colonizadoras pela *Brasil Development and Colonization Company* [...]”. De posse das terras, e com a incumbência de construir a ferrovia, essas empresas acabaram trazendo um grande número de colonos do RS para SC.

De 1912 a 1916, aconteceu um fato marcante, referente às terras do oeste de SC e sudoeste do PR, a chamada Guerra do Contestado, que se caracterizou como uma disputa diplomática entre os governos dos dois estados por terras. Nesse contexto, até mais ou menos 1916, o sudoeste do PR e o oeste de SC formavam uma área só e faziam parte do Paraná. A disputa terminou quando o Presidente da República da época, Wenceslau Braz, dividiu as áreas, neste ato, a maior parte das terras ficou com SC. No mapa a seguir, retirado de Voltolini (2005), é possível ver a área contestada e a divisão que coube para cada estado:

Figura 10: Mapa com a localização da área contestada e sua respectiva delimitação territorial, referente à disputa que envolvia PR e SC, na Guerra do Contestado.



Fonte: (VOLTOLINI, 2005, p. 55).

2.2.5.1 Chapecó SC

Após a Guerra do Contestado, o estado de SC passou a agregar várias localidades e vilarejos. E foi através da Lei n.º 1.147, de 25 de agosto de 1917, que Santa Catarina passou a ter posse de um território de 28.000 km², dividindo a área nos municípios de Mafra, Porto União (atual Joaçaba) e Passo dos Índios (atual Chapecó). A criação do município de Chapecó²⁴ ocorreu no ano 1917. E a partir de 1920, o governo realizou concessões de terras, com isso empresas colonizadoras passaram a atuar com força em toda essa região oeste. A primeira que se estabeleceu em Chapecó foi a Companhia Bertaso, Maia e Cia, que trouxe muitos migrantes, principalmente, do RS que adquiriram lotes de terras, com o objetivo de desenvolver o “sertão”. Assim, até a década de 1940, o destaque foi para a atividade de extração de madeira e ervamate (RADIN, 2001).

²⁴ O nome Chapecó tem origem indígena (*Kaingang*), que significa “de onde se avista o caminho da roça” (PAIM, 2006).

Depois de 1940, Chapecó obteve maior desenvolvimento, com a criação de suínos e a agricultura, além do capital obtido com a extração da erva-mate. A criação de suínos passa a desenvolver o comércio e o crescimento da área urbana. Em 1950, fundaram-se as primeiras indústrias, a Saic e frigoríficos, que industrializavam os produtos suínos. Dessa forma, mais pessoas passaram a se deslocar para a cidade à procura de empregos, inclusive de localidades vizinhas (PAIM, 2006).

Desse momento em diante, o município só cresceu, havendo deslocamento de profissionais capacitados para a região, implantação do ensino superior e de bancos, mais escolas, diversos ramos de empresas, criação de rodovias para escoar os produtos produzidos. E no ano 1980, se destaca a atividade hidrelétrica e a implantação de um grande hospital regional abrangendo toda região oeste de Santa Catarina.

Conforme o IBGE (2014), Chapecó apresenta hoje, aproximadamente, 200 mil habitantes. Enquanto que em 2010, a população girava em torno de 180 mil habitantes e desse número, 90.378 eram homens e 92.631 mulheres; contemplava uma população urbana de 93% e a rural de 7% (IBGE, 2010). O município se encontra a 630 quilômetros de sua capital, Florianópolis SC, e a 160 quilômetros da Argentina, ficando em um entroncamento de rodovias federais, o que facilita os negócios entre as fronteiras da região sul.

No que se refere à educação, o ensino básico conta com escolas públicas e particulares. O ensino superior tem 22 instituições, tendo pólos a distância, ensino profissionalizante e uma universidade pública, a Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) (MEC). A economia do município está pautada com grande força em empresas frigoríficas, que processam e importam carnes, fabricação de máquinas agroindustriais, empresas no ramo de softwares, entre outras.

2.2.5.2 Pato Branco PR

No início do século XX, governo do Estado do PR, desenvolveu a Colônia Bom Retiro para acolher a população que residia na área que coube a SC, na Guerra do Contestado. Com o passar do tempo, formou-se um povoado nessa colônia ao lado de um pequeno rio, denominado de Villa Nova, que hoje é o atual município de Pato Branco²⁵. Habitavam o local também nessa

²⁵ A nomeação do município de Pato Branco tem ligação com o nome de João Arruda, esse era um maragato que veio fugido dos campos gaúchos. Ao chegar à região, se instalou com sua família perto de um pequeno rio, no qual começou a fazer roças para o sustento. Certo dia matou nesse rio um pato selvagem de cor branca, então, passou a chamá-lo de rio Pato Branco. Com passar dos tempos se formou um vilarejo ao redor desse rio, o qual, mais tarde, quando se emancipou, emprestou o nome ao município, Pato Branco (VOLTOLINI, 2005).

época índios (kaingang e em menor número, guaranis), caboclos e ainda alguns escravos fugitivos da época da escravidão e seus descendentes (VOLTOLINI, 2005). A partir da primeira década do século XX, as primeiras famílias a se instalar na localidade foram a dos Felisbello no ano de 1903, do gaúcho João Arruda e dos Damaceno em 1910.

O primeiro ciclo econômico da região sudoeste foi a extração da madeira, com pinheiros Araucária e erva-mate. Essas atividades, principalmente a da erva-mate, culminou na instalação de muitos trabalhadores vindos da Argentina para trabalhar nas empresas ervateiras deste país e alguns paraguaios. Segundo Bocchese (2004), data-se o ano de 1920 a presença da primeira professora em Villa Nova, Ana Maria Cordeiro, esposa de Antonio Cordeiro, condutor de tropas de animais cargueiros na empresa de erva-mate do argentino Luiz Pastoriza. A grande maioria dos alunos eram filhos de argentinos e paraguaios, que estavam instalados trabalhando na extração da erva, e filhos de caboclos. Desse modo, as aulas eram bilíngues, em português para os caboclos e em espanhol para os argentinos e paraguaios. Em 1925, os argentinos deixaram esse local e, assim, a população local ficou sem aulas durante certo período.

Na década de 1940, ocorreu o declínio da atividade da erva-mate e a intensificação da suinocultura. Foi a partir da década de 1950, que Villa Nova começou a se desenvolver através de projetos do governo federal. O grande crescimento populacional, nesse município, e em toda região sudoeste do PR, ocorreu com a criação da Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), em 1943. Esta se instalou, inicialmente, em Pato Branco, no ano de 1944 e, em 1948, foi para a atual cidade de Francisco Beltrão, passando a receber migrantes, principalmente, do RS e de SC, com destaque para os descendentes de italianos.

Nos primeiros anos, a distribuição das terras era gratuita, bem como a casa, as ferramentas, as sementes e assistência médica. No entanto, essas pessoas não recebiam as escrituras das terras, mas um documento provisório de posse, porque o estado do PR estava com esses terrenos na justiça.

Havia na região também outra companhia colonizadora, a Companhia Industrial e Territorial Ltda (CITLA), que comercializava terras ilegalmente e agia com violência para tirar as pessoas já instaladas pela CANGO. Para ampliar seus negócios e ganhar mais força se associou com mais duas companhias, a Apucarana e a Comercial. Assim, agiam na venda das terras e passaram a interferir nas atividades da CANGO. O impasse das terras só se resolveu

com a entrada do novo presidente, Jânio Quadros e a criação do Grupo Executivo para as Terras do Sudeste do Paraná (GETSOP), na qual regularizou e deu os documentos legítimos aos proprietários das terras.

Segundo o IBGE (2010), Pato Branco apresentava uma população total de 72.370. Dessa, 34.984 eram homens e 37.386 mulheres. Os residentes da área urbana somavam 68.09 habitantes e da área rural 4.279. Já a estimativa do primeiro semestre de 2014 é que a população do município estava em 78.136 habitantes, aumentando 6% de 2010 para 2014 (IBGE, 2014).

Conforme dados da Prefeitura Municipal de Pato Branco²⁶, a instalação do município se deu em 14/12/1952. O município se encontra próximo à divisa com o estado de SC e tem distância de 100 quilômetros da Argentina. Conta com 75 cursos de nível superior – distribuído em uma universidade federal, um polo federal de educação a distância e duas instituições particulares. Conta também com 25 escolas municipais e 15 escolas estaduais. É polo regional também no setor do comércio, serviços e agro-negócios, destacando-se na área industrial, principalmente nos ramos metal-mecânico, tecnológico e moveleiro, além da agricultura e pecuária leiteira. Tem o quarto índice de desenvolvimento humano do PR, cadeia forte em agronegócios e maior índice de crescimento na construção civil do Estado. A Saúde tem gestão plena do Sistema Único para atender o sudoeste do PR e oeste de SC.

2.2.6 Dimensão Diafásica

A dimensão diafásica consiste na variação estilística do roteiro de entrevista, isto é, pressupõe-se que estilos apresentam resultados diferentes quanto à variação linguística. Portanto, toda fala é fásica, ou seja, é realizada dentro de um estilo; conforme a situação comunicativa e a intenção expressiva geram-se possibilidades de escolha ADDU, 2000 *apud* MARGOTTI, 2004).

Com a finalidade de descrever e analisar a manutenção e a substituição dos termos de parentesco do *talian*, para os termos do Pt., em uma situação de contato linguístico de uma língua de imigração com Pt., optou-se por realizar a coleta de dados seguindo três instrumentos: questionário, conversa livre semidirigida e leitura.

²⁶ Dados retirados do site da Prefeitura Municipal de Pato Branco PR: <http://patobranco.pr.gov.br/o-municipio/>, acessado em 03/02/2015.

2.2.6.1 Questionário

O questionário está dividido em duas partes, o **questionário geral** e o **questionário lexical - termos de parentesco**. O questionário geral foi composto por 22 perguntas referentes aos dados pessoais dos inf.(s) como nome, sobrenome, escolaridade, trabalho, religião, identificação dos pais (nome e sobrenome, profissão, religião, de que lugares vieram etc.), perguntas sobre a sua comunidade, sobre a variedade italiana, entre outras. Essas questões foram selecionadas e algumas vezes adaptadas de outros questionários de estudos já realizados de Margotti (2004), Pertille (2009), Horst (2011) e Krug (2013).

O questionário lexical - termos de parentesco compôs-se de 58 questões que envolveram os termos do parentesco sanguíneo (31 questões), de aliança (17 questões), espiritual (nove questões) e neutro (uma questão) aplicadas durante as entrevistas. Mas na análise dos dados, foram usados os dados de 56 questões (descartou-se a questão de número 32 referente ao termo órfão, por ser um termo de parentesco neutro e a questão 36 referente ao termo casal (parentesco de aliança), pelo fato de ter a mesma maneira de falar e de escrever no *talian* e Pt. (o resultado será apresentado tabelas no subcapítulo 3.2 da análise dos dados e no Anexo B a descrição dos resultados individuais)).

As questões foram elaboradas conforme os termos vistos no questionário de Horst (2011). Essas perguntas foram feitas de maneira em que a pesquisadora / entrevistadora não proferia o termo de parentesco que iria ser perguntado, ele só poderia ser usado em outras questões depois que o termo já tivesse sido falado pelo inf.; vejamos os exemplos para melhor compreensão: 1. *Come ciamè la persona cheve gà portà al mondo? / Como você / tu chama a pessoa que te gerou? Resposta: mama / mare / mãe / madre, etc.* 2. *La mama de to mama ze toa? / A mãe de sua / tua mãe é sua / tua? Resposta: nona / avó / nonna, etc.* É importante também destacar que, primeiramente, essas questões foram elaboradas em Pt. e depois passaram por um processo de tradução para o *talian*.

A tradução foi realizada conforme a observação de falantes de *talian* dos pontos pesquisados, bem como se pediu a ajuda de algumas pessoas das localidades (essas não foram inf.(s) da pesquisa). A pesquisadora lia as questões em Pt. e as pessoas (falantes de *talian* e Pt.) traduziam para a variedade italiana oralmente e a pesquisadora anotava à sua maneira. Depois desse processo, consultamos dicionários como o de *talian* (LUZZATTO, 2000) e de italiano (DICIONÁRIO ESCOLAR WMF: italiano-português e português-italiano, 2013), para elaboração da grafia. Logo após, o roteiro de entrevista completo (texto introdutório, de início

de gravação, questionário geral, questionário lexical, conversa livre semidirigida e leitura) passou pelo mesmo processo do questionário lexical (tradução para o *talian* com ajuda de pessoas das localidades, dicionários de *talian* e de italiano e revisão). Para a revisão, contamos com a colaboração do professor José Carlos Radin (UFFS) (que usou seus conhecimentos da língua e dicionários de *talian* e vêneto) e da Revista *Talian* Brasil.

Com isso, o nosso interesse foi levar os ítalo-brasileiros a falar os termos de parentescos como os aplicam no seu dia a dia, e/ou se eles conhecem os termos em *talian*. Pressupondo que poderiam ser falados no *talian*, no Pt., no Ita e de forma mista, isto é, quando se mistura as duas línguas, o *talian* e o Pt. e surgem termos como, por exemplo, *os primi / os primos*.

As perguntas do questionário lexical foram feitas seguindo três tempos (perguntar, insistir e sugerir) mencionados por Thun (2000, 2005), que já foi aplicado em atlas e pesquisas pluridimensionais. Primeiro fazíamos a pergunta e aguardávamos a **resposta espontânea**, em seguida, se o termo era dito em Pt., **insistíamos** para ver se o informante sabia no *talian*, quando não se alcançou o esperado, por fim, **sugeríamos** o termo na variedade italiana para constatar se os inf.(s) conheciam o termo ou se nunca tinham ouvido falar. (Anexo A (texto introdutório), Anexo A1 (questionário geral) e A2 (questionário lexical – termos de parentesco)).

2.2.6.2 Conversa livre semidirigida

A conversa livre semidirigida é o estilo mais informal, mais descuidado, que possibilita obter dados espontâneos, os mais próximos dos usados pelos informantes no dia a dia. Labov (2003; 2008) chama atenção para o paradoxo do entrevistador, pois não há falante de estilo único, portanto, o(a) informante pode variar sua fala, conforme o contexto – escola, trabalho, em casa, com os amigos, etc. Através desse estilo chega-se o mais próximo do vernáculo que o participante utiliza nos seus contextos diário, mesmo sabendo do contexto, não será habitual para o participante, pois estará falando com alguém que não conhece e sendo gravado.

Optou-se pela conversa livre semidirigida, em vez de conversa livre, pelo fato de poder estar instigando o entrevistado (a) durante a conversa a produzir alguns termos de parentesco, caso não fale. Com essa prática, também se conseguiram comentários sobre a etnia dos participantes, sua língua, cultura; que correspondem às atitudes étnico-linguísticas (dimensão diarreferencial, a qual será explicitada detalhadamente a seguir). A conversa propôs ao(a) informante falar sobre sua família, por exemplo: perguntávamos de onde vieram seus bisavós, seus avós, como a família se estabeleceu na localidade, entre outras questões. (Anexo A3)

2.2.6.3 Leitura

A leitura é o estilo mais formal, mais cuidado pelo informante. Afinal leva em conta o que se aprendeu na escola, pois é a variedade linguística prestigiada na sociedade.

Para este estilo, elaboramos um texto contendo todos os termos de parentesco que fazem parte do questionário lexical, ou seja, 58 termos, divididos nos três tipos de termos de parentesco (sanguíneo, de aliança e espiritual) e mais o neutro (órfão). O texto foi dividido em três línguas também, no *talian*, no Pt. e no Ita. (nessa ordem). O objetivo foi observar qual a fluência durante a leitura dos inf.(s) nessas três línguas.

No caso da leitura da parte do *talian*, é esperado que os inf.(s) encontrem dificuldades para ler os termos de parentesco, bem como as outras palavras, mesmo aqueles que sejam proficientes nas duas línguas (*talian* e Pt.). Esse fato vem confirmar que o *talian* é uma variedade somente falada e, que nós com ajuda de ítalo-brasileiros, discionários de *talian* e de Ita. e da Revista *Talian* Brasil, elaboramos uma escrita em *talian*. Na parte em Pt. objetivamos averiguar se teria diferença na leitura da GI e da GII. A parte em Ita. convém pelo fato de nos proporcionar a informação se os inf.(s) têm ou tiveram contato com o italiano padrão.

2.3 Transcrição e procedimento para análise dos dados

Os dados deste trabalho foram obtidos através de entrevistas e gravados com um gravador portátil. No que se refere ao questionário geral, as gravações foram ouvidas e algumas informações sustentaram as afirmações no decorrer da análise (as vezes trechos transcritos). O questionário lexical – dos termos de parentesco, foi registrado também por escrito (questionário impresso), no momento da gravação. Assim, foi marcada a resposta espontânea, a por insistência e a sugerida. Esse procedimento de gravar e anotar os dados foi adotado com a finalidade de adiantar a transcrição, já que o questionário lexical sobre os termos é extenso (Anexo A2).

A partir dessas anotações elaboramos uma tabela, contendo os três tipos de termos de parentesco (sanguíneo, de aliança e espiritual), com o resultado individual das aplicações dos termos de parentesco vistas no questionário lexical. A tabela conta com uma legenda com símbolos para cada tipo de resposta: espontânea, insistência e sugestão aceita ou não; do lado esquerdo na vertical, seguem os termos de parentesco e suas variações; na primeira linha horizontal, tem-se a legenda, na segunda linha, as duas localidades foram separadas; na terceira

linha, houve separação da CaGI, CbGI, CaGII e CbGII e na quarta linha, a divisão por sexo/gênero – masculino (M) e feminino (F) (ver no subcapítulo 3.2 e a descrição da tabela no Anexo B). Alguns trechos da conversa livre semidirigida foram transcritos e colocados no decorrer da análise, por envolver o percurso feito pelos ancestrais imigrantes e migrantes dos informantes e por falar sobre as localidades. Referente ao estilo leitura, foram apresentados uma síntese das impressões da pesquisadora durante a análise dos dados.

Na segunda parte, após transcrição e registro dos dados, iniciamos a análise dos dados propriamente dita. A primeira parte é composta por tabela e análise dos resultados gerais, referentes aos termos de parentescos apresentados no questionário lexical. Em seguida, apresentamos os resultados com as respostas espontâneas vistas no questionário lexical. Para este processo, primeiramente foram elaboradas três tabelas, uma para cada tipo de parentesco com as respostas espontâneas. As tabelas contam, como as tabelas elaboradas com o resultado do questionário lexical, com a separação por localidades, por classe, gerações e por sexo/gênero. O primeiro passo foi fazer a contagem das respostas espontâneas dadas por cada um dos inf.(s) e registadas nos devidos espaços, em seguida se realizou a contagem dos termos de cada inf. em Pt., em *talian*, misto e no Ita. (vide Anexo - Anexo C1, Anexo C2 e Anexo C3).

Para finalizar, foram feitas as considerações finais dos dados coletados e seus respectivos resultados relacionados dimensionalmente de Chapecó SC e Pato Branco PR, considerando quais fatores estão influenciando na manutenção e na substituição dos termos de parentesco do *talian* pelos termos de parentesco do Pt..

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Considerações preliminares sobre a estruturação da análise dos dados

Neste capítulo analisaremos como estão sendo aplicados os termos de parentesco no grupo étnico dos ítalo-brasileiros em Chapecó - SC e Pato Branco - PR. Antes de iniciar, gostaríamos de deixar claro que a análise é sincrônica, isto é, os dados foram coletados em um determinado período, nos meses de setembro, outubro e novembro de 2014 em Chapecó e Pato Branco. Para isso, a análise dos dados está estruturada em cinco tópicos, os quais foram necessários para responder aos objetivos, bem como às hipóteses decorrentes:

- O tópico 3.2 corresponde à apresentação do resultado individual das respostas espontâneas do questionário lexical – termos de parentesco, nos dois pontos geográficos;
- O tópico 3.3 trata da comparação das aplicações nos diferentes tipos de parentesco do questionário lexical entre homens e mulheres das diferentes classes e gerações: CaGII, CaGI, CbGII e CbGI
- O tópico 3.4 refere-se a comparação das aplicações nos diferentes tipos de parentesco do questionário lexical nos grupos: CaGII, CaGI e CbGII, CbGI;
- No tópico 3.5 apresenta-se à síntese das aplicações das dimensões no questionário lexical nas dimensões: diageracional, diassexual; diastrática, dialingual e diatópica;
- Para finalizar, o tópico 3.6 apresenta uma breve síntese dos dados da conversa livre semidirigida e impressões sobre a leitura, para assim comparar com os resultados obtidos na aplicação do questionário (dimensão diafásica).

No tópico 3.2 os resultados das aplicações dos termos de parentesco do questionário lexical serão apresentados através de uma breve descrição, seguido de uma tabela levando em consideração os três tipos de termos de parentesco (sanguíneo, de aliança e espiritual).

Levamos em consideração neste subcapítulo todas respostas dadas, ou seja, nos três tempos: a resposta espontânea, a resposta por insistência e a resposta por sugestão. Do tópico 3.3 ao tópico 3.5, os dados que vão nos guiar são provenientes das respostas espontâneas do questionário lexical. Quando necessário, serão utilizadas informações obtidas no questionário geral, bem como na sequência apresentaremos uma breve síntese da conversa livre semidirigida e as impressões sobre a leitura, com a finalidade de complementar a análise. Foram consideradas cinquenta e seis questões do questionário lexical, que envolvem os três tipos de parentesco: sanguíneo, de aliança e espiritual.

É importante destacar também que os inf.(s) sabiam que a conversa era sobre imigração italiana e que o objetivo era saber se eles, como descendentes de italianos em uma situação de contato linguístico italiano-Pt., falavam determinadas palavras, ou seja, se usavam as palavras do italiano ou as do Pt., ou se misturavam, ou ainda se usavam as do Pt., mas conheciam ou não as do *talian*. Não foi informado aos pesquisados quais palavras eram essas. Vale destacar também que todos os inf.(s) falam o Pt. na maioria dos locais, principalmente na sociedade, no comércio, isso independentemente do grau de bilinguismo de cada um dos participantes.

3.2. Descrições individuais das aplicações de cada termo de parentesco do questionário lexical

Começaremos a análise sobre a manutenção e substituição dos termos de parentesco da variedade *talian* por termos do Pt. pelo parentesco sanguíneo. Na questão de número 1 do questionário lexical²⁷: *Mama / mare / mãe / madre*, ao olharmos de modo geral para os dados dos dois pontos geográficos, podemos constatar que a maioria dos indivíduos da GII, tanto de Ca, quanto de Cb, homens e mulheres, falaram espontaneamente variantes do *talian*; destacando-se a variação entre os termos *mama* e *mare*. Já na GI, da Ca e da Cb, houve a predominância da variante do Pt. *mãe*. Porém, observaram-se diferenças entre as duas localidades no que se refere a esta geração: em Chapecó predominou *mãe* e os inf.(s) demonstraram já terem ouvido alguma vez o termo na variedade italiana, *mama*. Em contrapartida, em Pato Branco também predominou o Pt. e por insistência os inf.(s) da Ca

²⁷ Todas as aplicações dos termos de parentesco realizadas no questionário lexical, serão apresentadas a partir de agora, no tópico 3.2 através de breves análises descritivas, seguidas de um quadro (com os três tipos de termos de parentesco - sanguíneo, de aliança e espiritual). As aplicações também podem ser visualizadas a partir de uma descrição completa no Anexo B.

produziram *mama* e os inf.(s) de CaGI M e CbGI F falaram espontaneamente a variante do Ita., *madre*.

Na questão de número 2: *pupà / pare / papa / papi / pai / padre*, ao observar de modo geral as duas localidades, podemos dizer que na CaGII e CbGII predominaram espontaneamente as variantes do *talian*, mas não se destacou nenhum termo em específico da variedade, sendo que os inf.(s) alternam entre *pupà, pare, papa e papi*. Na CaGI e CbGI variantes que mais apareceram como resposta primeira foram as do Pt. e alguns falaram as do *talian* junto com *pai*; por insistência obtivemos a variante do italiano padrão de alguns informantes e na sugestão, a maioria mostraram desconhecimento da variante do *talian, pupà*.

No que se refere a questão de número 3: *pari / patri / pais / genitori / padres*, ao olharmos de modo geral para os dados, é possível dizer que predominou mais as variantes em Pt., mas a maioria dos indivíduos da GII mostraram conhecer a variante do *talian pari* e a GI praticamente desconhece essa variante. Na pergunta 4: *fiol / toseto / bambino / filho / figlio*, de maneira geral pode-se dizer que a geração mais velha falou espontaneamente as variantes do *talian*, enquanto que a geração mais nova falou as variantes do Pt. e alguns já ouviram as variantes do *talian*.

Na questão de número 5: *fiola / tosa / filha / figlia* podemos dizer que a GII fala espontaneamente as variantes da variedade italiana e na GI predominaram as variantes em Pt., sendo que alguns, por insistência e por sugestão dizem conhecer as variantes no *talian*, e a minoria desconhece. A questão de número 6 é sobre: *fioi / bambini / tosatèi / prole / filhos / figli*, sendo possível visualizar, de modo geral, que a geração de mais idade falou ou demonstrou conhecer a variante do *talian fioi*. Já praticamente todos da geração mais nova falaram a variante do Pt. *filhos* e poucos conhecem a variante do *talian*.

A pergunta 7, no qual tem-se as variantes *gèmei, gêmeos e gemelli*, com algumas exceções, a GI falou quase que na sua totalidade a variante *gêmeos*, enquanto que a GII, respondeu usando a variante do *talian gèmei*. Na pergunta de número 8, segue as alternativas: *fiolo più vechio, primogênito, figlio più vecchio e primo fiol*. Nessa questão podemos constatar que a maioria dos inf.(s) de ambas as classes e da GI e da GII, dos dois municípios falaram espontaneamente a variante do Pt. *primogênito*, com algumas exceções da GII em Chapecó, que aplicou a variante do *talian, fiolo più vechio*.

Em relação a questão de número 9, as respostas às alternativas *bambim, caçula, figlio più giovane, nène e pì giovane* variaram bastante entre os inf.(s). Contudo, a geração mais nova

fala mais a variante em Pt., *caçula*, enquanto que a geração de mais idade parece alternar entre as variantes do *talian nène e bambim*; porém na sugestão ocorreram diversos casos que conhecem a variante do *talian, bambim*. Na questão 10, *fradèi, irmãos e fratelli*, nota-se a predominância da variante em *talian, fradèi* aplicada pelos inf.(s).da GII, enquanto que na GI se destaca com a variante do Pt., *irmãos*, com algumas exceções.

Na questão 11, em relação aos termos *fradel, irmão e fratelli*, o que se observa é que há uma diferença na GI entre as duas localidades na resposta por insistência e sugestão. Em Chapecó, a maioria dos inf.(s) responderam usando a variante em Pt., mas na insistência e sugestão mostram conhecer a variante na variedade, enquanto que em Pato Branco conhecem menos. A maioria da GII falou a variante do *talian, fradel*. Questão 12, *sorela, irmã e sorella*, destaca-se que a CbGII é quem fala a variante em *talian*. A GI, na sua maioria, foi a variante do Pt. *irmã* e alguns conhecem a variante em *talian*. Porém, houve inf.(s) que associaram a variante do Pt. *irmã* e a variante do *talian sorela* ao termo irmão (*fradel*) e aplicaram para irmã o termo *fradela*.

Pergunta 13, *noni, avós, nonni e nonos*, é possível constatar que a GII é a que mais falou a variante em *talian, noni*. Alguns da GI falaram a variante na variedade, ou conhecem na sua grande maioria. Apareceu na GI também o termo misto, *nonos*, bem como a variante em Pt., *avós*. Na questão 14, *nono, avô e nonno* na sua maioria os inf.(s) falaram a variante no *talian, nono*, Alguns inf.(s) da GI discorreram da variante no Pt., *avô*, porém na insistência ocorreu a a variante no *talian*, salvo um inf. que nunca ouviu.

Na interrogativa de número 15, *nona, avó e nonna*, observa-se que todos os inf.(s) conhecem a variante no *talian, nona*. A GII e GI, de ambas as localidades, disseram a variante *nona* e aqueles que falaram no espontâneo a variante em Pt. *avó*, na insistência, disse a variante *nona*. Continuando a descrição dos resultados individuais, na questão 16, *nepoti, netos e nèti*, na sua maioria, tanto a GI, quanto a GII falaram a variante do Pt., mesmo que a conversa estivesse sendo em *talian*. E aqueles que não realizaram a variante doPt. falaram o termo misto *nèti*, com exceção do inf. M da CbGII de Chapecó que falou avariante do *talian, nepoti*.

Nas questões 17 e 18, referentes a *nepoto / neto / nepote e nepota / neta / nepote* houve muitas semelhanças. É possível dizer que quase na totalidade as respostas dadas para os termos *neto* e *neta* foi realizada usando a variante em Pt., somente dois dos 16 inf.(s) que falaram duas variantes na variedade italiana.

Sobre as questões 19: *bisnoni / bisavôs / bisnonni bisnonos*; 20: *bisnono / bisavô / bisnonno / nono biso* e 21: *bisnona / bisavó / bisnonna / nona bisa*, de modo geral, é possível dizer que a GII, principalmente a de Cb são os que mais realizaram as variantes do *talian* em suas respostas espontâneas, em ambas as localidades. Na GI, a maioria aplicou as variantes do Pt., mas conhecem as variantes do *talian*.

Nas questões 23: *zii / tios*; 24: *zio / tio* e 25: *zia / tia*, a GI falou as variantes em Pt., *tios*, *tio* e *tia*; já a GII, e com frequência a sempre a Cb, disseram as variantes da variedade italiana, *zii*, *zio* e *zia*.

A questão 26 tratava dos termos *neodi / sobrinhos / nepoti / sobrinhi*, observou-se que a GI aplicou a variante em port. e desconhece a variante do *talian*, *neodi*. A GII alterna entre o termo misto, *sobrinhi* e a variante em port. e somente um inf. diz já ter ouvido a variante do *talian neodi* para sobrinhos. Caracterizando-se assim um processo de substituição do termo sobrinhos do *talian* pelo termo no Pt..

Nas questões 27 *neodo / sobrinho* e 28 *neoda / sobrinha*, em ambos os pontos geográficos tanto os inf.(s) da GI, quando a GII falaram as variantes do Pt. *sobrinho* e *sobrinha*, exceto a CbGII de Chapecó em que os inf.(s) mencionaram as variantes do *talian neodo* e *neoda*.

Ao olharmos para a questão 29, que tem as variantes, *cusini / primos / cusin / primi*, verificamos que há muitas respostas que enfatizam o termo misto *primi*, variando entre a GI e GII. A variante em Pt., *primo* foi mais falada e a variante do *talian*, praticamente foi desconhecida, salvo uma exceção.

Referente as questões 30: *cosin / primo / cugino / cosino* e 31: *cusina / prima / cugina*, nota-se praticamente 100% das respostas usando as variantes do Pt. e desconhecimento das variantes em *talian*, *cosin*, *cosino* e *cusina*. Portanto, mais dois termos de parentesco sanguíneo em que houve a substituição dos termos do *talian* pelos termos do Pt..

Passando para as questões do parentesco de aliança, 33: *maregna / madrasta / matrigna*, 34: *fiastro / enteado / figliastro / fiolastro*, 35: *paregno / padrasto / patrigno*, e 36: *fiastra, enteada / figliastra / fiolastra* tem-se mais um caso de termos que houve a substituição dos termos do *talian* pelos do port. Os inf.(s) falam as variantes do Pt. *madrasta* e *padrasto* e não conhecem as variantes do *talian*, *maregna* e *paregno*. Muitos relatam que no “taliano” não tem um termo e descrevem a situação, por exemplo: “*é a mulher do pai do fulano*” (referindo-se a *madrasta*).

Agora, considerando somente a questão 37, *dona / femene / esposa / donna / sposa*, predomina a variante do Pt. esposa, mas há aparecimento também da variante do *talian femene* e a maioria, na sugestão, demonstraram conhecer a outra variante do *talian, dona*.

Na questão 38, referente ao termo *marì / omo / marido / esposo / uomo / sposo*, constata-se que a GI de ambas as localidades variam entre as variantes do port., que são *marido e esposo*. Alguns inf.(s) da GII apresentam a manutenção da variante do *talian omo*. Porém, todos desconhecem o termo *marì*, exceto um inf..

Sobre a questão 39, *casal / coppia* tem-se a mesma grafia e pronuncia para o termo no *talian* e no Pt. Portanto, decidimos desconsiderar esse termo para a análise dos dados, pois 100% dos inf.(s) falaram *casal*.

As questões 40, 41 e 42 referem-se a *missieri/ sogros / suoceri / sogri, miser / sòcero / sogro / suocero e sòcera / sogra / suocera / madona*, o que se observa desses termos de parentesco de aliança, sogros, sogro e sogra é que praticamente todos os inf.(s) responderam usando as variantes do Pt., com uma exceção. Para o termo sogros, alguns inf.(s).da GII, usaram o termos misto, *sogri*.

Agora, considerando apenas a questão 43, que tem como variantes *cugni / cunhados / coniatì / cunhà / cunhài / cunhadi*, verifica-se que de modo geral, que a GI a variante em Pt. e em menor número no Ita. e a GII se centrou nos termos mistos. Passando para as questões 44: *cugná / cunhado / coniato* e 45: *cugnada / cunhada / coniatà*, constata-se que a GI de ambas as localidades realizou os termos de parentesco cunhado e cunhada praticamente na sua totalidade usando as variantes do Pt. Já a GII, no que se refere a cunhado variaram entre a variante do *talian cugnà* e a do Pt..

Em relação a questão 46: *generi / genros / gendros*, ao analisarmos vê-se que o termo foi utilizado na sua maioria na variante do Pt. e os inf.(s).que produziram a variante do *talian* foram os da GII. Com as perguntas 47: *gènero / genro / genero / gendrio* e 48: *niora / nora / nuora*, verificamos que, para o termo genro usou-se mais as variantes em Pt., *genro* e *nora*. Um inf. da GII falou a variante do *talian gènero*. Ao sugerir os termos do *talian, gènero* e *niora*, uns conhecem outros não. O termo *nora* ocorreu em praticamente 100% das produções na variante em Pt. pela GI e GII.

Para findar os termos de parentesco de aliança, na questão 49: *comissieri / consogros / consogri / consòceri*, que teve como pergunta: *E i genitori del omo e dela fémèna zeli che tra de lori? / E os pais do marido e da mulher são o que entre si?*, constatamos um caso de

desconhecimento dessa variante entre os ítalo-brasileiros. Nenhum inf. mencionou conhecer a variante do *talian*, nem a variante do Pt. Somente a inf. F de CaGI de Pato Branco que respondeu espontaneamente usando o termo do Pt. *consogros*.

Daqui em diante enfoca-se os termos de parentesco espiritual. A questão 50: *sàntoli / padrinhos / padrini / padrinhi*, observa-se que tanto em Chapecó como em Pato Branco a GI realizou 100% usando a variante em Pt. e desconhece a variante do *talian* *sàntoli*. A GII variou as respostas entre o termo misto *padrinhi* e a variante do *talian*.

Ao observar os termos aplicados nas questões 51: *sàntolo / padrinho / padrino* e 52: *sàntola / madrinha / madrina*, em ambos os municípios, a GI de Ca e Cb e a GII de Ca usaram as variantes em Pt. *padrinho* e *madrinha* e na sugestão predominou a heterogeneidade, uns conhecem as variantes do *talian* *sàntolo* e *sàntola* e outros desconhecem. A GII de Cb produziu as variantes em *talian*.

Nas questões 53: *fioffi / afilhados / figliocci / afilhadi*, 54: *fiosso / afilhado / figliocco* e 55: *fiossa / afilhada / figliocca*, ficou evidente que a GI usa nas respostas espontâneas as variantes do Pt. *afilhados*, *afilhado* e *afilhada*, mas observou-se na aplicação desses termos uma diferença ditópica, referente a insistência e a sugestão. Assim, alguns dos inf.(s). da GI de Chapecó ao se insistir ou sugerir mostraram conhecer as variantes do *talian* *fioffi*, *fiosso* e *fiossa*, já em Pato Branco, dizem nunca terem ouvido. A GII foi a que mais falou as variantes do *talian*.

Por fim, as questões 56: *compari / compadres / compadri*, 57: *compare / compadre* e 58: *comare / comadre*, mostram que a GI e a CaGII, de modo geral foram usadas variantes do Pt., mas a grande maioria conhece as variantes do *talian* e a GII respondeu usando as variantes do *talian* *compari*, *compare* e *comare*. Para uma melhor visualização, segue o quadro 3 com as respostas espontâneas, por insistência e sugeridas, dos inf.(s) de Chapecó e Pato Branco aplicadas no questionário lexical:

Quadro 3: Resultados individuais das aplicações dos termos de parentesco no questionário lexical

LEGENDA																	
Resposta espontânea ● Resposta por insistência ⊖ Sugestão aceita ⊕ Sugestão não aceita ○																	
		CHAPECÓ SC								PATO BRANCO PR							
		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI		CaGII		CaGI		CbGII		CbGI	
TERMOS		M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
1	Mama	●	●	⊕	⊕	⊖	●	⊕	⊖	●	●	⊖	⊖	●	●		
	Mare	○				●		○			⊖						
	Mãe	⊖		●	●			●	●	●			●			●	●
	Madre				⊕							●	⊕				●
2	Pupà	⊕	●	●	○	⊕	●	○	○	⊕	⊕		○	●	⊕	○	○
	Pare				⊖			⊕		○	⊖						
	Popà																
	Papa	●				●				●			●		●	●	
	Papi	●						●									
	Pai				●			●	●				●		●	●	●
	Padre	⊖							⊖	●			⊖				
	Patri											●					
3	Pari	⊕	○	⊖	○	○	●	○	○	○	⊕		○	⊕	⊖	○	○
	Pais	●		●	●			●	●	●	●		●			●	●
	Padres		●					●	⊖								
	Patri											●					
	Genitori			○	○	●	●	○		⊕	⊕	●	⊕			○	○
4	Fiol	⊕	●	●	⊖	●	●	○	⊕	⊖	●		○	●	⊕		
	Filho	●		●	●			●	●				●			●	●
	Figlio			○	○												
	Toseto									●					●		
	Bambino											●					
5	Fiola	⊕	●	●	⊖	●	⊕	○	⊖	●	●	⊕	○	●	●	○	⊕
	Filha	●		●	●			●	●				●			●	●
	Figlia				○												
	Tosa			●				●									
6	Fioi	○	●	●	⊕	●	●	○	○	⊕	●		○	○	●	⊕	○
	Filhos	●			●			●	●	●				●			●
	Bambini				○												
	Tosatèi			●													
	Prole											●					

7	Gêmei	☉	●	☉	☉	●	●	☉	☉	●	●	●	☉	●	●	☉	☉
	Gêmeos	●		●	●			●	●				●			●	●
	Gemelli			☉													
8	Fiolo più vechio	☉	●	●	☉	☉	●	☉	☉	☉	●	☉	☉	☉	☉	☉	☉
	Primogênito	●	●	☉	●	●		●	☉	☉	●	●	●	●	●	●	☉
	Figlio più vecchio				☉												
	Primo fiol														●		
9	Bambin	●	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	●	☉	☉	☉	☉	☉	☉
	Caçula	●			●				☉				●			●	●
	Figlio più giovane		●	●	☉		●		●								
	Nene	●	●			●		●				●			●		
	Pi giovane													●			
10	Fradèi	☉	●	●	☉	●	●	☉	☉	●	●	●	☉	●	●	☉	☉
	Irmãos	●	●		●			●	●				●			●	●
	Fratelli																
11	Fradel	☉	●	●	☉	●	●	☉	☉	●	●	☉	●	●	☉	☉	☉
	Irmão	●			●			●	●				●			●	●
	Fratello				☉												
	Frañi											●					
12	Sorela		☉	☉	☉	●	●	☉	☉	☉	☉	☉	☉	●	●	☉	☉
	Fradela	●	●					●	●								
	Irmã			●	●								●			●	●
	Sorella		☉														
	Fradela	●								●							
13	Noni	☉		●	☉	●	●	●		●	●	☉	☉	●	●	☉	☉
	Avós		●		●				●				●				
	Nonni		☉														
	Nonos								●							●	●
14	Nono		●	●	☉	●	●		☉	●	●	●	☉	●	●	●	●
	Avô				●				●				●				
	Nonno																
15	Nona	●	●	●	☉	●	●	●	●	●	●	●	☉	●	●	●	●
	Avó				●				●				●				
	Nonna																
16	Nepoti		☉	☉	☉	●	☉		☉	☉	☉	☉	☉		☉	☉	☉

	Netos	●		●	●				●			●	●		●	●	
	Nepoti													●			
	Nèti		●			●	●		●	●	●						
17	Nepoto	○	○	○	○	○	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
	Neto	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	Nepote																
18	Nepota	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
	Neta	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	
	Nepote																
19	Bisnoni	●	○	○	○	●	●	○	○	○	○	●	○	●	●	○	○
	Bisavôs	●		●	●			●	●	●	●		●		●	●	
	Bisnonni																
	Bisnonos										●						
20	Bisnono	○	●	●	○	●	●	○	○	○	○	○	●	●	○	○	
	Bisavô	●		●	●			●	●	●	●		●		●	●	
	Bisnonno																
	Nono biso										●						
21	Bisnona	●	●	●	○	●	●	○	○	○	○	○	●	●	○	○	
	Bisavó			●	●			●	●	●	●		●		●	●	
	Bisnonna																
	Nona bisa										●						
22	Bisnepoti	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
	Bisnetos	●	○	●	●	●		●	●		●		●	●	●	●	
	Bisnepoti																
	Bisnèti		●			●			●								
23	Zii	○	○	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○	●	●	○	○
	Tios	●	●	●	●			●	●		●	●	●		●	●	
	Zii																
24	Zio	○	●	○	○	●	●	○	○	●	○	○	○	●	●	○	○
	Tio	●		●	●			●	●		●	●	●		●	●	
	Zio																
25	Zia	○	●	○	○	●	●	○	○	●	●	●	○	○	●	○	○
	Tia	●		●	●			●	●		●	●	●		●	●	
	Zia																
26	Neodi	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	
	Sobrinhos	●			●	●	●	●	●			●	●	●	●	●	
	Nepoti																
	Sobrinhi		●			●			●	●							

37	Dona	☉		☉	☉	●	☉	☉		☉	☉	☉	●	☉			
	femene	☉	●	●		☉	●	○	●	☉	☉	●	○		☉	○	○
	Esposa	●		●	●	☉		●	●	●	●	●	●	●		●	●
	Donna															☉	
	Sposa					☉	☉									☉	
38	Mari	○	○	○	○	○	○	○	○	☉	○	○	○	○	○	○	○
	Omo	☉		●	●	●	○	○	☉	●	☉	○	●	●			
	Marido	●	●	●					●		●		●		☉	●	●
	Esposo		●	●	●				●	●		●	●				
	Uomo																
	Sposo								☉								
39	Casal	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Coppia	○		○	○	○	○	○		○	○	○				○	○
40	Missieri	○	○	○	○	☉		○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
	Sogros	●		●	●	●		●	●			●	●	●	●	●	●
	Suoceri																
	Sogri		●			●				●	●						
41	Missier	○	○	○	○	☉	○	○	○	○	○	○	○	☉	○	○	○
	Sòcero	○		○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
	Sogro	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
	Suocero																
42	Sòcera	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
	Sogra	●	●	●	●	●		●	●	●		●	●	●	●	●	●
	Suocera																
	Madona							●				●					
43	Cugni	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
	Cunhados	●		●	●			●	●	●	●	●	●				
	Coaniati															●	●
	Cunhà							●				●					
	Cunhai					●											
	Cunhadi		●							●					●		
	Neodi													●			
44	Cugnà	○	○	○	○	●	●	○	○	○	●	○	○	☉	○	○	○
	Cunhado	●	●	●	●			●	●	●	●	●	●		●	●	●
	Coniato																
	Neodo													●			
45	Cugnada	○	○	○	○	●	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○	○
	Cunhada		●	●	●		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

	Coniata															
46	Generi	☉		☉	☉	●	●	☉		●			☉		☉	☉
	Genros	●		●	●			●		●		●		●	●	●
	Generi		●													
	Genros									●						
47	Gènere	☉	☉	☉	☉	☉	●	☉	☉	☉	☉	☉			☉	☉
	Genro		●	●	●	●			●	●	●		●		●	●
	Genero															
	Gendrio										●					
48	Niora	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉
	Nora	●	●	●	●	●	●	●	●		●	●	●	●	●	●
	Nuora															
	Gènera										●					
49	Comissieri	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉
	Consogros	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	☉	●	☉	☉	☉
	Consogri															
	Consòceri	☉		☉	☉	☉	☉	☉		☉	☉		☉	☉	☉	
50	Sàntoli	☉	☉	☉	☉	●	●	☉	☉	☉	☉				☉	☉
	Padrinhos	●		●	●			●	●	●	●	●			●	●
	Padrini															
	Padrinhi		●				●				●	●				
51	Sàntolo	☉	☉	☉	☉	●	●	☉	☉	☉	☉	☉	●	●	☉	☉
	Padrinho	●	●	●	●			●	●	●	●	●			●	●
	Padrino										●					
	Patrino											●				
52	Sàntola	☉	☉	☉	☉	●	●	☉	☉	☉	☉	☉	●	●	☉	☉
	Madrinha	●	●	●	●			●	●	●	●	●			●	●
	Segunda mare			●												
	Dinda										●					
	Madrina											●				
53	Fiossi	☉	☉	☉	☉	●	●	☉	☉	☉	☉	☉	●	●	☉	☉
	Afilhados	●	●	●	●			●	●	●	●	●			●	●
	Figlioeci															
	Afilhadi											●				
54	Fiosso	☉	☉	☉	☉	●	●	☉	☉	●	●	☉	☉	●	●	☉
	Afilhado	●	●		●	●		●	●			●	●		●	●
	Figlioeco															

55	Fiossa	○	○	○	●	●	●	○	○	●	●	○	○	●	●	○	○
	Afilhada	●	●	●	●			●	●			●	●			●	●
	Figliocca																
56	Compari	○	○	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○	●	●	○	○
	Compadres	●	●	●	○			●	●		●	●	●			●	●
	Compadri									●							
57	Compare	○	○	○	○	●	●	○	○	○	○	○	○	●	●	○	○
	Compadre	●	●		○			●	○	●	●	●	●			●	●
	Compadre								●								
58	Comare	○	●	●	●	●	●	○	○	○	○	○	○	●	●	○	○
	Comadre	●	●		○			●	●	●	●	●	●			●	●

Fonte: Dados da pesquisadora 2014.

Em síntese, observando o quadro com os resultados das aplicações dos termos de parentesco no questionário lexical, pelos inf.(s) de Chapecó e Pato Branco, podemos constatar que os termos de parentesco mais usados nas respostas em *talian* foram termos do parentesco sanguíneo, seguido do parentesco espiritual e de aliança. Essas constatações foram aplicadas nas respostas espontâneas, na insistência e na sugestão (mostra o conhecimento dos termos).

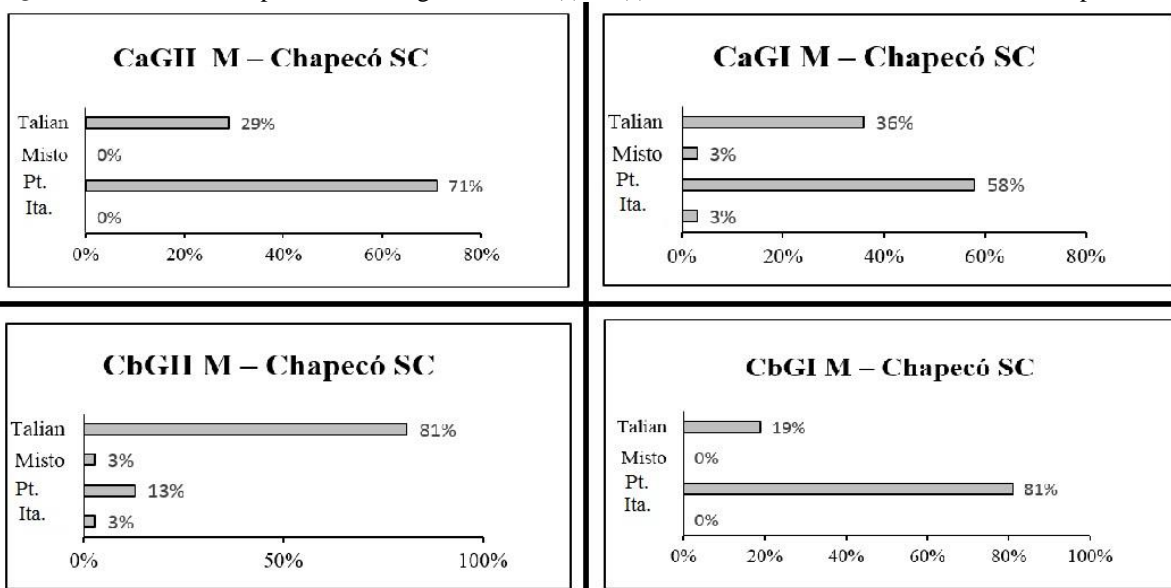
Nas duas localidades foram os inf.(s) da CbGII quem mais mantiveram e mostraram conhecer grande parte dos termos de parentesco do *talian* e a CbGI foi a que mais substituiu os termos de parentesco do *talian* pelos termos de parentesco do Pt.. A CaGII teve variações na aplicação dos termos, alternando entre *talian* e Pt. em ambos os municípios. Já a CaGI em Chapecó, o inf. M aplicou números consideráveis de termos em *talian* nas suas respostas espontâneas, enquanto que a inf. F, nas respostas espontâneas usou praticamente todos os termos de parentesco em Pt., mas ao insistir, principalmente e sugerir mostra grande conhecimento dos termos em *talian*. Em Pato Branco, na CaGI o inf. M aplica e conhece números consideráveis de termos em *talian* e a inf. F tem números baixos de usos dos termos em *talian* e altos em Pt. e na insistência e sugestão mostra não conhecer os termos. A seguir nos subcapítulos 3.3, 3.4 e 3.5 iremos centrar a análise dos dados nas respostas espontâneas apresentadas no questionário lexical.

3.3 Comparações das aplicações dos diferentes tipos de termos de parentesco entre homens e mulheres das diferentes classes e gerações: CaGII, CaGI, CbGII e CbGI

A seguir apresentamos uma descrição e análise dos termos de parentesco com as respostas espontâneas coletadas através do questionário lexical, que contemplou as dimensões diatópica, diageracional, diastrática e diassexual com os diferentes tipos de parentesco. O parentesco sanguíneo totaliza 31 termos, o parentesco de aliança 17, o parentesco espiritual 9 e o termo de parentesco neutro 1, que totaliza 58 termos de parentesco. Porém como já mencionamos anteriormente, para a análise, levaremos em consideração 56 termos de parentesco, descartando o termo neutro (órfão) e o termo de aliança (casal). No decorrer da descrição e análise, para uma melhor visualização, os dados serão agrupados e apresentados em tabelas e gráficos. As porcentagens apresentadas foram calculadas com base nas tabelas 1 (termos de parentesco sanguíneo - respostas espontâneas), 2 (termos de parentesco de aliança – respostas espontâneas) e 3 (termos de parentesco espiritual – respostas espontâneas), que se encontram em anexo (Anexo C1, Anexo C2 e Anexo C3).

Primeiramente veremos a síntese de aplicação dos termos de parentesco sanguíneo, envolvendo os homens e as mulheres de CaGII e CaGI, CbGII e CbGI em Chapecó e Pato Branco. Entre os homens da amostra de Chapecó, a CbGII foi a que mais manteve os termos de parentesco da variedade italiana, com 81% em *talian*, 13% em Pt., 3%, do Ita. e 3% misto; a CaGI teve 36% das variantes aplicadas em *talian*, 58% em Pt., 3% de Ita. e 3% misto. Já o inf. M de CbGI foi o que menos usou os termos do *talian*, 19%, seguido de 81% em Pt. e 6% e o inf. de CaGII, teve a porcentagem de 29% em *talian* e 71% em Pt.. Segue o quadro 4, com os gráficos para melhor visualizar e relacionar os resultados:

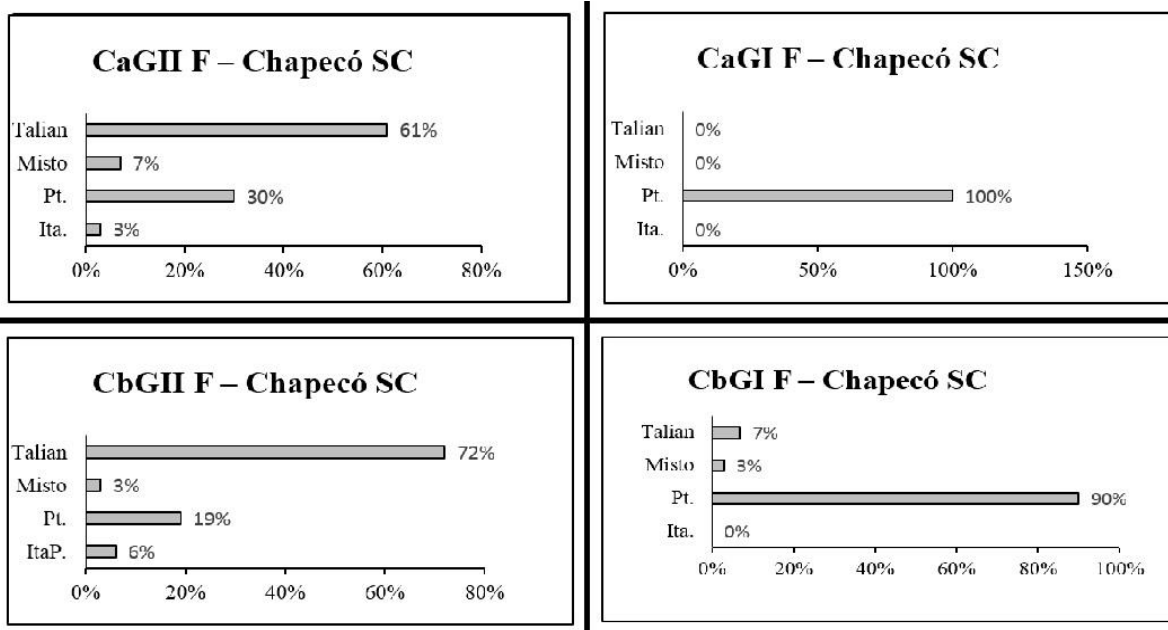
Quadro 4 - Termos de parentesco sanguíneo – Inf.(s) M.(s) de CaGII e CaGI, CbGII e CbGI - Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Da mesma maneira que observamos o uso dos termos de parentesco sanguíneo entre os homens de CaGII e CaGI da CbGII e CbGI em Chapecó, fizemos com as mulheres da amostra de Chapecó. A CbGII foi que mais usou os termos de parentesco do *talian*, 72%, seguido de 19% em Pt., 3% misto e 6% do Ita.; a CaGII, manteve 61% dos termos do *talian*, 30% em Pt., 7% misto e 3% Ita. Já a CaGI, em suas respostas espontâneas ao questionário lexical, substituiu em 100% os termos do *talian* pelos termos do Pt., seguida da inf. de CbGI, que substituiu 90% dos termos em Pt. e 7% em *talian* 3% misto. Segue quadro 5:

Quadro 5: Termos de parentesco sanguíneo - Inf(s). F.(s) CaGII e CaGI, CbGII e CbGI - Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

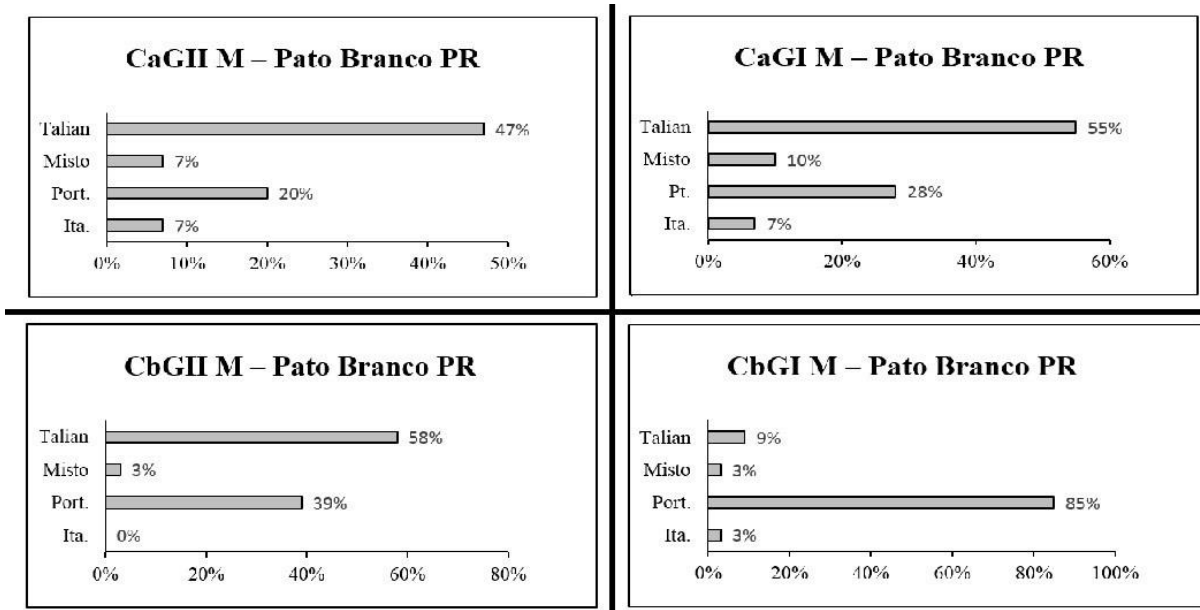
Ao comparar os resultados dos inf. M.(s) e das F.(s) no que diz respeito a quem mais manteve e mais substituiu os termos de parentesco sanguíneo pelos termos do Pt., verificamos que a CbGII M manteve mais os termos do *talian*, 81%, e a inf. F dessa célula teve 72% *talian*. Na CaGII, a inf. F usou mais termos do *talian*, 61%, já o inf. M dessa célula teve 29% do *talian*. Porém na CaGI, a porcentagem se inverte, o inf. M. manteve mais os termos do *talian*, 36%; já a F. teve 100% dos termos de parentesco falados em Pt.. Na CbGI, a diferença fica mais amena, o inf. M teve 19% de *talian*, enquanto que a inf. F produziu 7% dos termos no *talian*.

Portanto, ao comparar os inf.(s) M.(s) e F.(s) da CaGII e CaGI GI e de CbGII e CbGI de Chapecó, observa-se que a classe e geração que mais manteve o *talian* é a CbGII. Porém, os que mais substituíram os termos da variedade minoritária italiana pelo Pt. entre os homens, foi o inf. de CbG I, com 81% de aplicações de termos em Pt. e entre as mulheres foi a inf. de CaGI, com 100% das aplicações espontâneas dos termos em Pt.. Conforme podemos ver na tabela 1 (Anexo C1), em números reais as respostas espontâneas realizadas no questionário lexical; os quatro inf.(s) M.(s) de Chapecó usaram 54 termos do *talian* em suas respostas e as inf.(s) F.(s) 45, lembrando que foram aplicados 31 termos de parentesco sanguíneo. Portanto, cada inf. poderia usar 31 termos do *talian*, que totalizaria 124 realizações para os quatro homens e 124 para as quatro mulheres; isso contando uma variante do *talian* para cada termo de parentesco,

mas há termos com mais de uma variante, por exemplo, o termo pai, no *talian* temos as possibilidades que conhecemos de *pupà, pare e popà*, o que poderia levar o inf. a falar mais de uma variante como resposta espontânea. Já na substituição dos termos do *talian* pelos termos do Pt. os números de produções se equipararam, os inf.(s) M.(s) somaram 74 termos em Pt. e as mulheres, também 74 termos em Pt., no qual cada inf. poderia usar 31 termos de parentesco sanguíneo, sendo que os quatro homens poderiam ter o total 124 aplicações, o mesmo número de aplicações para as quatro mulheres.

Em Pato Branco, a CbGII M foi a que mais usou os termos do *talian* em suas respostas, 58% e com 39% de Pt. e 3% de misto. O segundo inf. que mais manteve as variantes dos termos sanguíneos foi o de CaGI, com 55% de termos do *talian*, 28% do Pt., 10% de misto e 7% de Ita.. A CbGI foi a que mais substituiu os termos do *talian* pelos do Pt., com 85% de produção em Pt., 9% *talian*. e 3% de misto e de Ita.. A CaGII foi a segunda que mais substituiu, teve 47% de *talian*, 20% de Pt., 7% de termos mistos e 7% de Ita.. Segue o quadro 6 para comparação:

Quadro 6: Termos de parentesco sanguíneo: Inf.(s) M.(s) de CaGII e CaGI, CbGII e CbGI - Pato Branco PR

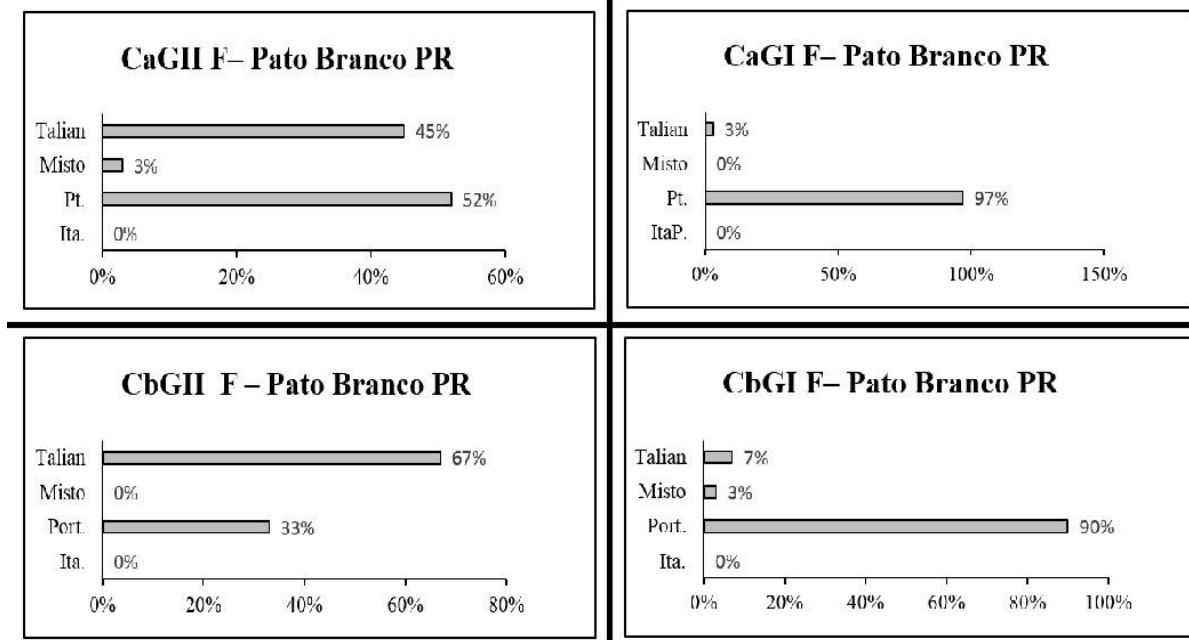


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

No quadro 6 descrevemos os resultados do parentesco sanguíneo entre os inf.(s) F(s) CaGI e CbGI, CaGII e CbGII em Pato Branco. A CbGII manteve mais o *talian*, chegando a 67%, bem como teve 33% de Pt., seguida da inf. de CaGII que usou em suas respostas 45% dos termos em *talian*, 52% em Pt. e 3% de mistos. Por outro lado, na inf. de CaGI se constata 97%

dos termos de parentesco em Pt. e 3% no *talian*; seguida da inf. de CbGI, que teve 90% dos termos em Pt., 7% em *talian* e 3% de termos mistos.

Quadro 7: Termos de parentesco sanguíneo: Inf.(s) F.(s) de CaGI e CaGI, CbGII e CbGI - Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Portanto, ao relacionar os dados de inf.(s) M(s) e F(s) de Ca e Cb da GI e GII, no que diz respeito ao parentesco sanguíneo em Pato Branco, observamos que entre os inf.(s) que mais aplicaram os termos do *talian*, foram os da CbGII, a diferença foi singela, 67% para inf. F. e 58% M.. Entre os M(s), a CaGI ficou em segundo lugar de manutenção do *talian*, com 55%, já as F(s) foi a CaGII, com 45%. Dos M(s), quem mais substituiu foi o inf. de CbGI, com 85% dos termos em Pt. e entre as F(s) foi a inf. de CaGI, com 97% dos termos em Pt.. O segundo lugar de substituição ficou entre os homens com a CaGII, com 20% em Pt e entre as mulheres a CbGI, com 90% em Pt..

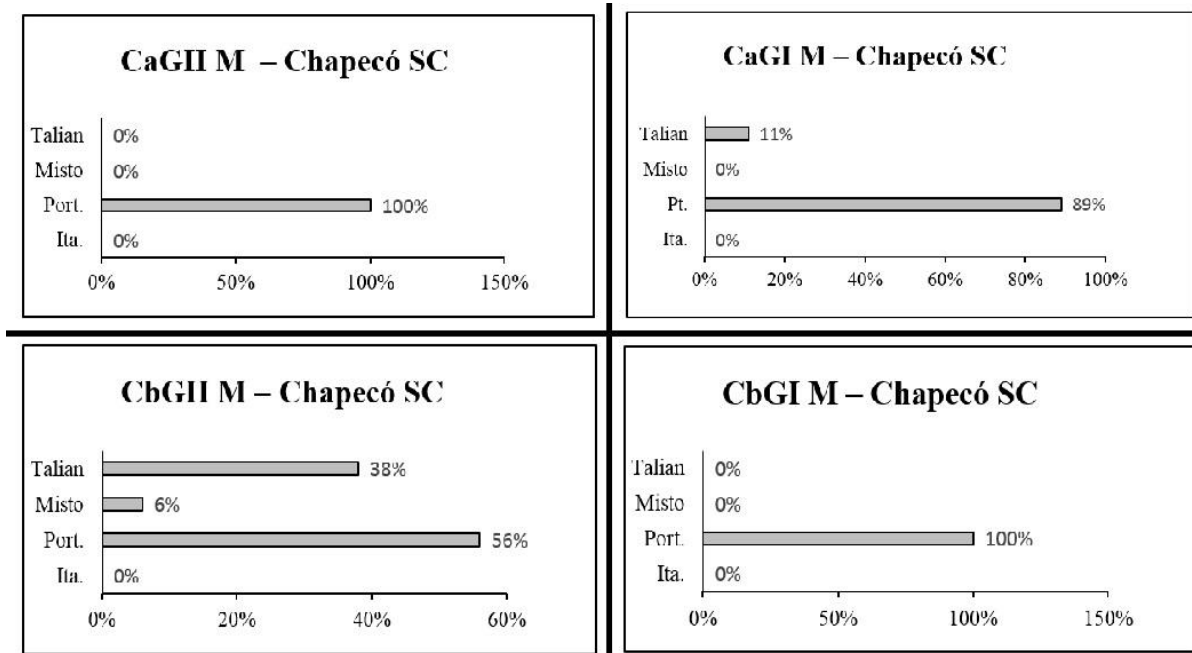
Coincidiu entre os homens e mulheres quem teve mais manutenção dos termos do *talian*, a CbGII, sendo que o inf. M teve 58% de *talian* e a inf. F 67%. Já quem mais substituiu os termos do *talian* pelos termos do Pt. para os inf.(s) M(s) foi a CbGI, com 85% em Pt. e entre as F(s) foi a CaGI, com 97% em Pt.. Em números reais, ao se fazer a soma dos dados do parentesco sanguíneo entre os quatro inf.(s) M(s), CaGII, CaGI, CbGII e CbGI, tem-se um total de 51 termos no *talian* e entre as inf.(s) F(s) de CaGII, CaGI, CbGII e CbGI somou-se 37 termos no *talian*. Como já mencionamos anteriormente, o total de aplicações dos termos de parentesco

sanguíneo poderia chegar a 31 por inf., que na somatória entre os quatro homens ou entre as quatro mulheres poderíamos ter no mínimo 124. Isso quer dizer que, foram as mulheres que mais substituíram, com 84 termos do Pt., enquanto que os homens aplicaram 68 termos em Pt.; no Pt. também poderiam serem aplicados 31 termos de parentesco sanguíneo por cada inf., o que entre os quatro homens ou entre as quatro mulheres somaria 124 termos (Anexo C1).

Comparando os dois pontos, tanto em Chapecó como em Pato Branco, a CbGII, entre homens e mulheres, foi a que mais teve manutenção dos termos de parentesco sanguíneo do *talian*. O resultado também foi o mesmo nas duas localidades para quem mais substituiu os termos para o Pt., entre os homens foi os da CbGI e entre as mulheres as da CaGI.

A seguir no quadro 8, verificamos os termos de parentesco de aliança entre homens de CaGII e CaGI, CbGII e CbGI em Chapecó. O inf. M que mais usou os termos do *talian* foi de CbGII, com 38% e 56% de termos em Pt. e 6% misto; o segundo inf. M que mais manteve foi o de CaGI, com 11% de *talian*, 89% de Pt. OS inf.(s) de CaGII e CbGI tiveram 100% dos termos de aliança realizados em Pt.. Vejamos:

Quadro 8: Termos de parentesco de aliança: Inf.(s) M.(s) de CaGII e CaGI, CbGII e CbGI - Chapecó SC

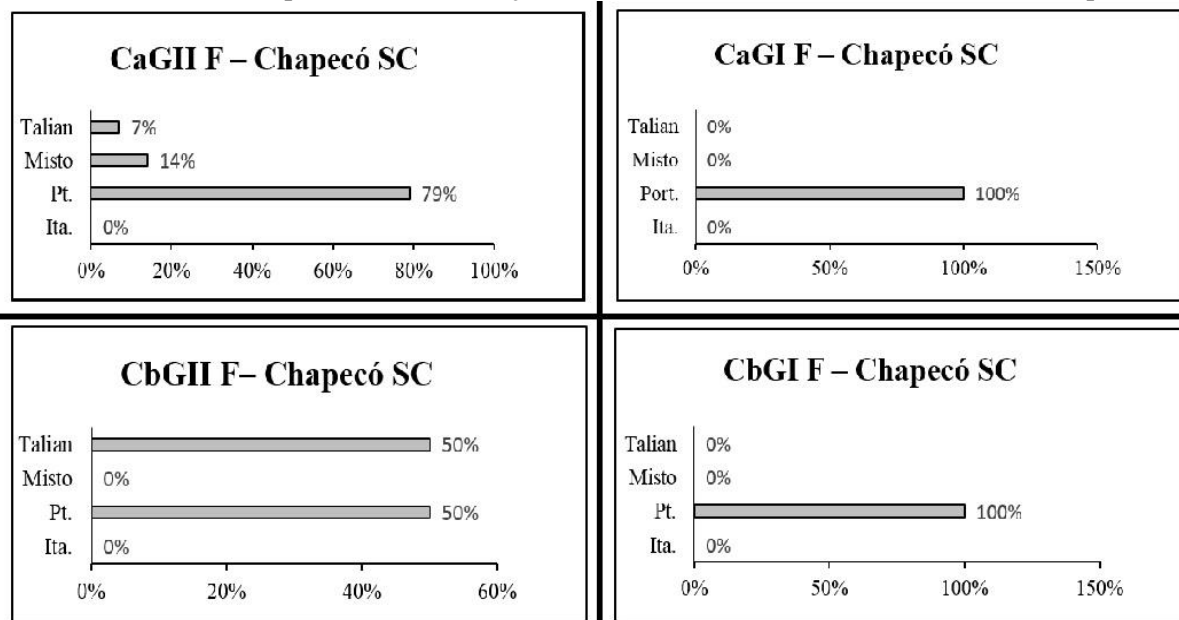


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Já entre as inf.(s) F.(s) de Chapecó, a inf. que mais usou os termos do parentesco de aliança em *talian* foi a de CbGII, com 50% *talian* e 50% de Pt., seguida da inf. de CaGII que

teve 7% de *talian*, 14% de misto e 79% de Pt.. Enquanto que as inf.(s) que mais substituíram foram as de CaGI e CbGI, com 100% em Pt.. A seguir, o quadro cruz 9, com os gráficos que mostram esses resultados:

Quadro 9: Termos de parentesco de aliança: Inf.(s) F.(s) CaGII e CaGI, CbGII e CbGI - Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

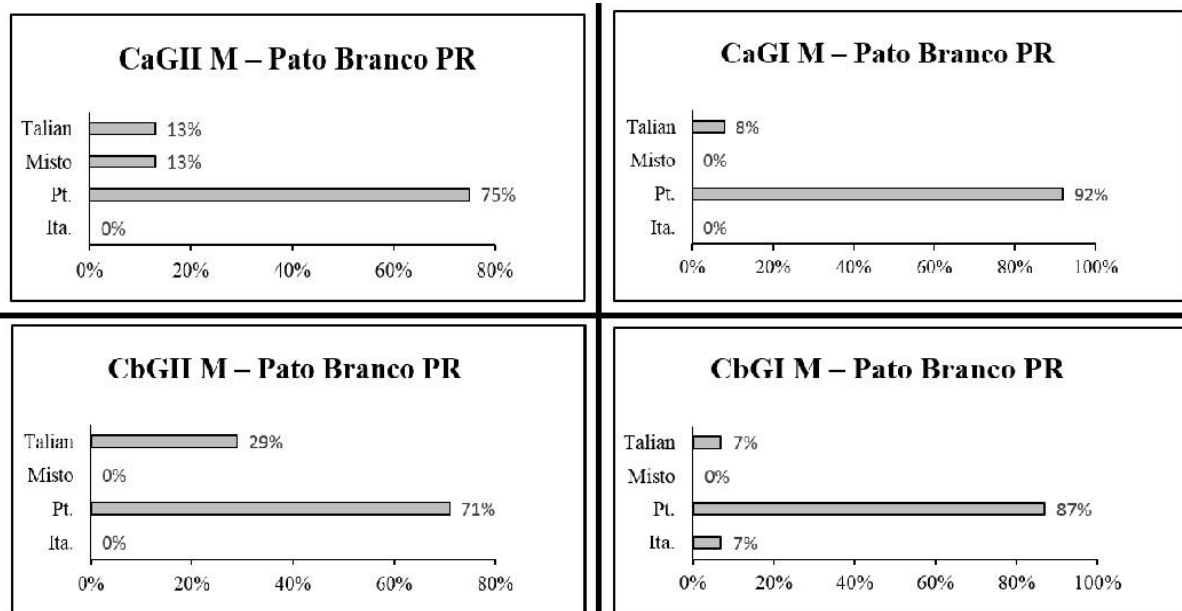
Comparando os homens e as mulheres de Chapecó, no que diz respeito a produção dos termos de parentesco de aliança, nota-se semelhanças e algumas diferenças significativas entre os sexos. Os inf.(s) que mais usaram os termos do *talian* foram da CbGII, o homem com, 38% em *talian*, e a mulher com 50% de *talian*. Porém, o segundo inf. M que mais produziu termos do *talian* foi o de CaGI, com 11% e entre as mulheres foi a de CaGII, com 7% de *talian*. Quem mais substituiu os termos de aliança do *talian*, entre os homens foi o inf. de CbGI e a CaGII com 100% dos termos falados em Pt.. Para as mulheres a substituição se fez mais presente na CaGI e CbGI, com 100% das respostas em Pt..

Em números reais, considerando os quatro informantes em separado de cada sexo/gênero, o total de ocorrência em *talian*, entre os quatro homens de Chapecó foi de 8, as mulheres tiveram também 8; sendo que poderíamos ter 16 usos de termos de parentesco de aliança para cada inf., o que para cada quatro homens ou quatro mulheres totalizaria 64 ou mais (considerando também a existência de mais de uma variante para cada termo de parentesco no *talian*). Já o número de produção em Pt. também praticamente se iguala, inf.(s). M.(s) 50 e inf.(s).

F.(s) 48. No caso do das aplicações dos termos de parentesco no Pt., também poderíamos ter 16 aplicações para cada inf. e 64 para os quatro homens, bem como para as quatro mulheres (Anexo C2).

Ao olhar para os dados de Pato Branco, referente aos termos de aliança entre os homens, percebemos que o inf. M de CbGII teve maior manutenção dos termos do *talian*, 29% e 71% de Pt., seguido do inf. M da CaGII, com 13% de *talian*, 75% de Pt. e 13% de misto. Já quem mais substituiu pelos termos do Pt. foi o inf. de CbGI, 87% em Pt. e 7% em *talian* e o inf. M de CaGI teve 92% em Pt. e 8% em *talian*. Para melhor visualizar, segue o quadro 10:

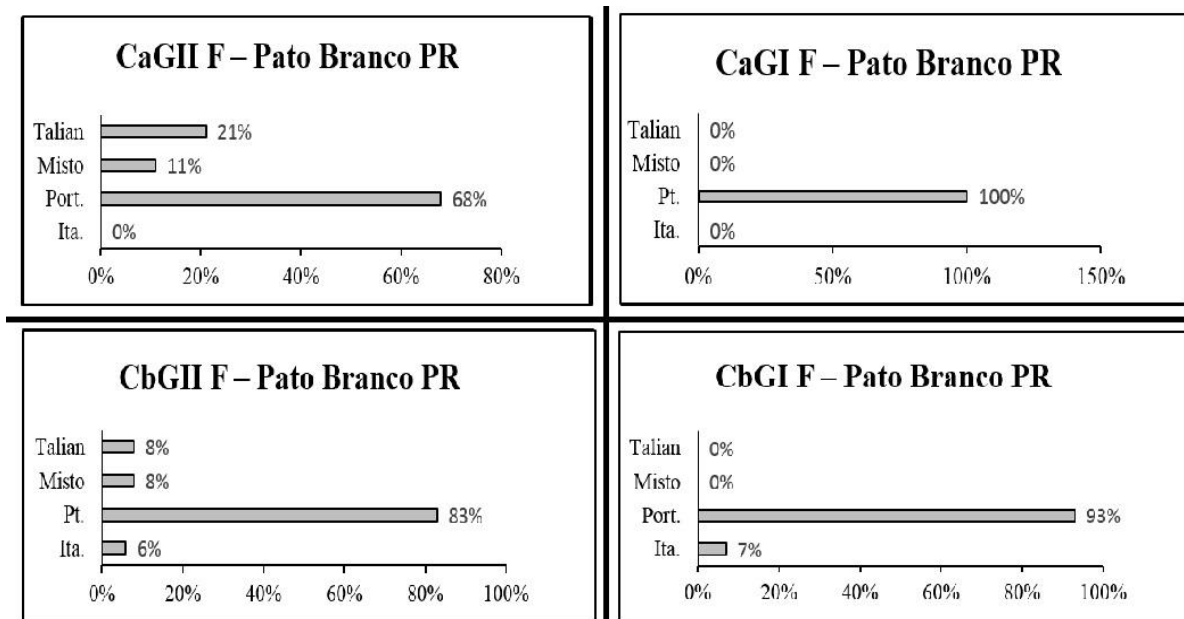
Quadro 10: Termos de parentesco de aliança: Inf.(s) M.(s) de CaGII e CaGI, CbGII e CbGI - Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Conforme o quadro 11 a seguir, entre as mulheres, os termos de parentesco de aliança do *talian* foram mais usados pela inf. F de CaGII, com 21%, teve também 68% de Pt., 11% de misto, seguido da inf. F de CbGII, que teve 8% de termos do *talian*, 83% de Pt. e 8% misto. A inf. de CaGI teve 100% de suas respostas em Pt. e a inf. de CbGI aplicou 93% em Pt. e 7 em Ita.. Vejamos no quadro:

Quadro 11: Termos de parentesco de aliança: Inf.(s) F.(s) de CaGII e CaGI, CbGII e CbGI - Pato Branco PR



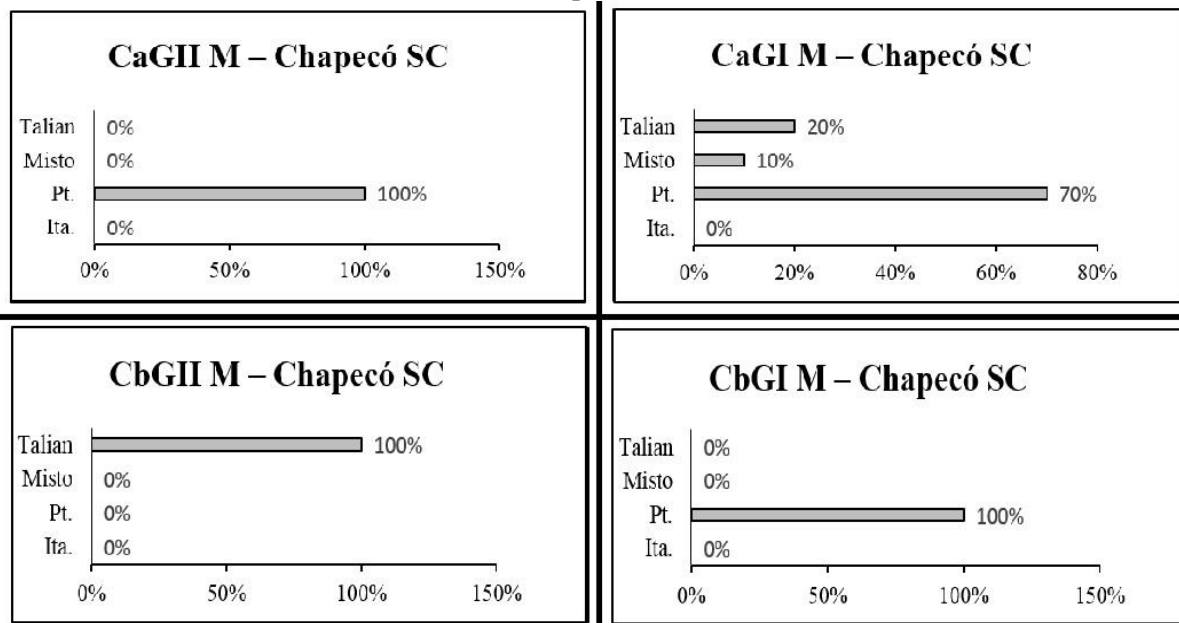
Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Relacionando os números reais de produção dos termos de aliança, entre homens e mulheres de Pato Branco, constata-se que sobre a manutenção dos termos do *talian*, a diferença não foi elevada, os inf.(s) M(s) tiveram 8 termos em *talian* e as inf.(s) F(s) 5. Os números de substituições também ficaram próximas, homens 47 em Pt. e mulheres 54 em Pt.. Vale destacar mais uma vez, que cada inf. poderia usar 16 termos de parentesco, no qual para os quatro homens totaliza 64 possibilidades de aplicações, bem como para as mulheres (no *talian* por haver mais de uma variante em certos termos esse número pode ser maior) (Anexo C2). Chapecó e Pato Branco, com relação à aplicação de quem mais manteve e mais substituiu os termos do *talian* pelos termos do Pt. se iguala, quando se considera os homens, sendo ambos da CbGII. Já no que se refere aos dados das mulheres, a diferença nos pontos de quem mais usou os termos do *talian*; Em Chapecó foi a CbGII e em Pato Branco foi a CaGII. Quem mais substituiu os termos de parentesco de aliança entre os homens de Chapecó, foi a CaGII e CbGI e em Pato Branco a CbGI. Com relação as inf.(s) F(s) há semelhanças quanto à substituição, sendo a CaGI e CbGI em Chapecó e em Pato Branco a CaGI.

Na sequência, será possível ver uma síntese individual dos termos de parentesco espiritual, com aplicações de homens e mulheres de CaGI e CbGI, CaGII e CbGII. Entre os inf.(s) M(s) de Chapecó, quem mais manteve os termos do *talian* foi o inf. de CbGII, com 100%,

seguido do inf. de CaGI, com 20% em *talian*, 70% em Pt.. Os que mais substituíram os termos espirituais do *talian* pelos termos do Pt. em suas respostas espontâneas foi a CbGI e CaGII, com 100% em P.t. Seguem os gráficos, com os resultados no quadro 12:

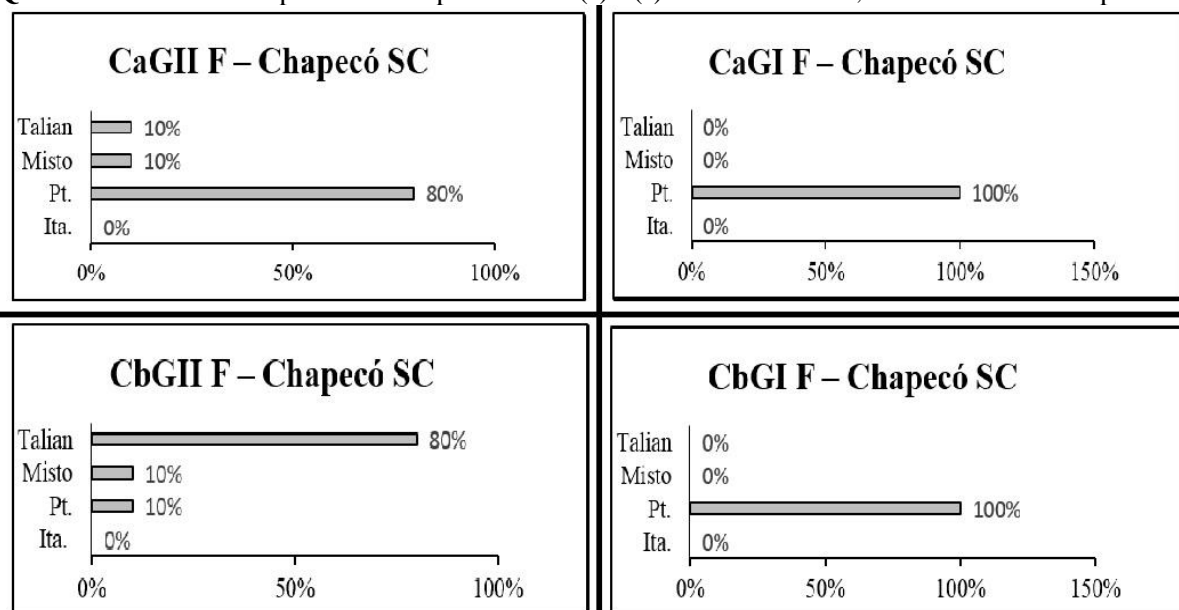
Quadro 12 - Termos de parentesco espiritual: Inf.(s) M.(s) de CaGII e CaGI, CbGII e CbGI - Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Enquanto que entre as mulheres, a que mais usou os termos espirituais do *talian* nas respostas espontâneas foi a inf. de CbGII, com 80%, registrou-se em suas respostas também 10% de Pt. e 10% de termos mistos. A inf. de CbGI aplicou 10% dos termos em *talian*, 80% em Pt. e 10% misto. As inf(s). de CaGI e de CaGI, tiveram a percentagem de 100% dos termos realizados em Pt.. Vejamos a comparação no quadro 13:

Quadro 13: Termos de parentesco espiritual: Inf.(s) F(s) de CaGII e CaGI, CbGII e CbGI - Chapecó SC

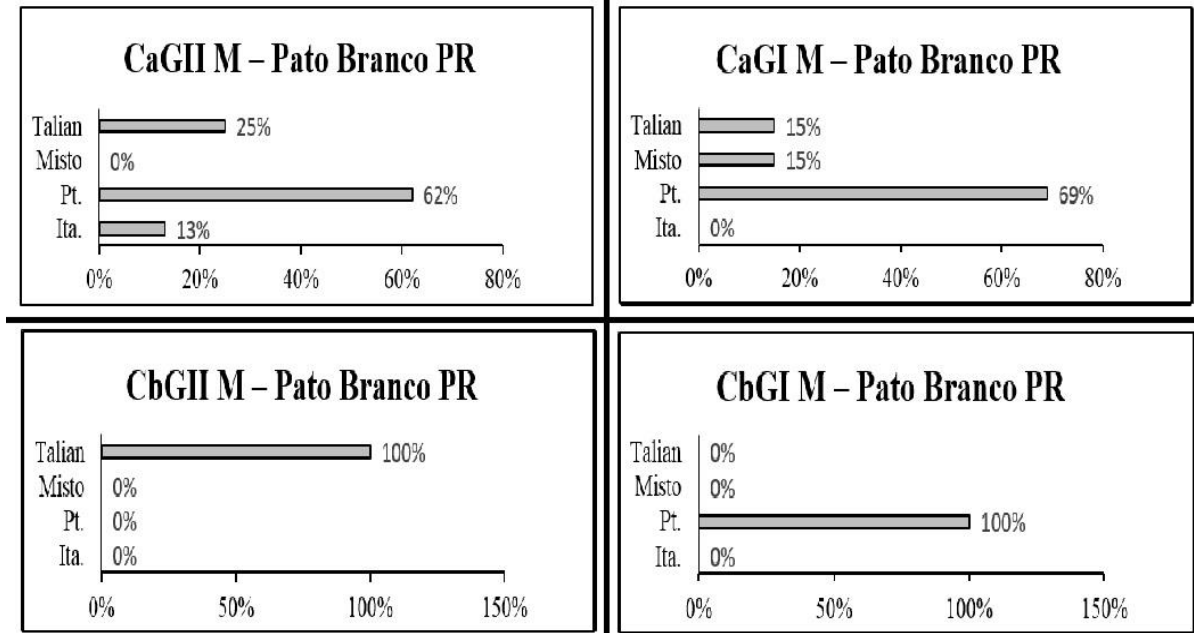


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Ao comparar os números reais de produção dos termos espirituais realizados entre homens e mulheres de Chapecó, observa-se que sobre a manutenção dos termos do *talian*, a diferença não foi elevada, os quatro inf.(s) M.(s) em Chapecó tiveram 11 termos em *talian* e as inf.(s) F.(s) 9. Os números de substituição se diferem consideravelmente, os homens tiveram 25 em Pt. e as mulheres 38 em Pt.. Cada inf. poderia chegar a usar no mínimo nove termos de parentesco do *talian*, mas poderiam usar mais, isso acontece porque determinados termos de parentesco têm mais de uma variante na língua minoritária. Esse fato faz com que os quatro homens pudessem chegar ao total de 36 termo em *talian*, bem como entre as mulheres. Para o Pt. cada inf. poderia chegar a nove termos, totalizando assim 36 para os quatro homens, bem como para as mulheres (Anexo C3).

Como é possível verificar no quadro 13, em Pato Branco, entre os homens, quem mais aplicou os termos de parentesco espiritual em *talian* foi o inf. M de CbGII, com 100%, seguido do inf. M de CaGII, com 25% dos termos em *talian*, 62% em Pt. e 13% de Ita. Já o inf. M que mais substituiu os termos do *talian* foi os de CbGI, com 100% de termos em Pt., seguido da CaGI que realizou 15% dos termos em *talian*, 69% em Pt. e 15 de termos mistos. Vejamos:

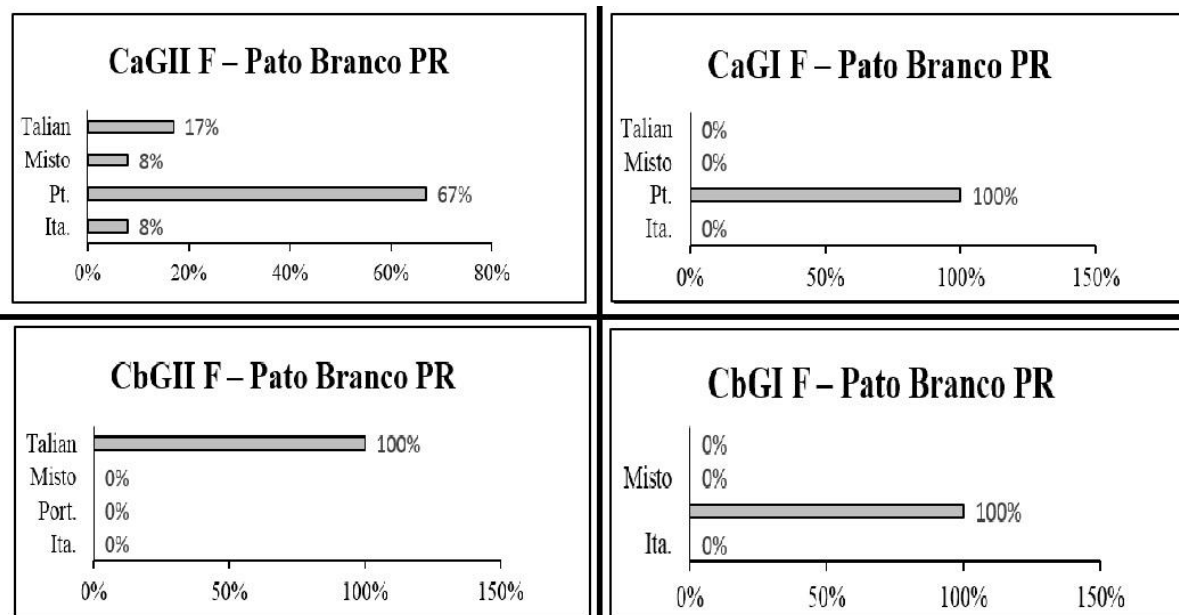
Quadro 14: Termos de parentesco espiritual: Inf.(s) M.(s) de CaGII e CaGI, CbGII e CbGI - Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Quanto às mulheres, conforme o quadro 15, podemos verificar que a situação de aplicação dos termos de parentesco espiritual não se modifica muito, se comparado a dos homens. A CbGII F foi quem mais aplicou os termos do *talian*, com 100% , seguida da inf. de CaGII, que teve 17% dos termos em *talian*, 67% em Pt., 8% misto e 8% do Ita. As inf(s). de CaGI e CbGI, foram as que mais substituíram os termos do *talian*, com igual porcentagem de 100% em Pt.. Segue o quadro:

Quadro 15: Termos de parentesco espiritual: Inf.(s) F.(s) de CaGII e CaGI e CbGII e CbGI - Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Ao realizar a somatória dos números reais, os inf.(s) M(s) tiveram 9 termos em *talian* e as inf.(s) F.(s) 10. Os números de substituição também não se diferem muito: os homens tiveram 23 em Pt. e as mulheres 26 em Pt. Lembrando que cada inf. podia realizar nove termos de parentesco espiritual em Pt. e no mínimo nove ou mais em *talian* (podia ter mais que nove devido alguns termos terem mais de uma variante em *talian*) (Anexo C3).

Portanto, identificamos semelhanças de aplicações dos termos espirituais entre os homens e as mulheres, das diferentes classes e gerações em Pato Branco, mas também algumas diferenças. Quem manteve mais os termos do *talian* foi a CbGII, em ambos os sexos/gêneros. Já dos inf.(s) que mais substituíram os termos do *talian*, entre os homens foi a CbGI com 100%, e entre as mulheres foi a CbGI e a CaGI, também com 100% das respostas espontâneas em Pt..

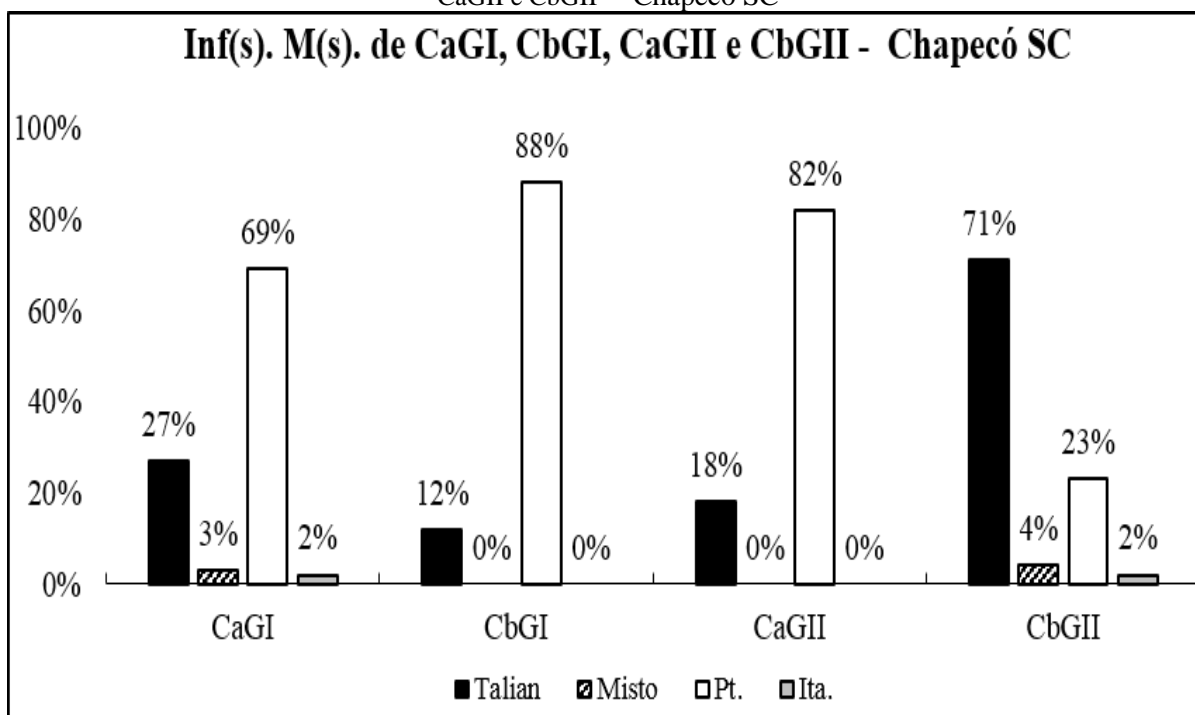
Ao relacionarmos os dados das duas localidades, é possível ver semelhanças também referente a manutenção e substituição dos termos de parentesco espirituais. Homens e mulheres de Chapecó e Pato Branco que mais usaram os termos do *talian* foram os da CbGII, e os que mais substituíram em ambas as localidades tanto homens, quanto mulheres foram inf.(s) da CbGI, na CaGI e CaGII houve variação nas localidades e entre homens e mulheres.

Sintetizando, as realizações dos termos de parentesco do *talian* entre homens e mulheres de CaGII e CaGI, CbGII e CbGI, verificamos que em Chapecó aconteceu em maior número na CbGII, tanto entre os homens, com 71% em *talian*, 23% em Pt., 4% misto e 2% de Ita., enquanto

entre as mulheres, plicaram 68% em *talian*, 25% em Pt., 4% misto e 4% em Ita.. Por sua vez, a segunda célula que mais manteve entre os inf.(s) M.(s) é foi CaGI, com 27% em *talian*, 88% em Pt., 3% misto e 2% em Ita., já entre as inf(s) F(s) foi a da CaGII, com 39% em *talian*, 51% em Pt., 9% misto e 2% do Ita..

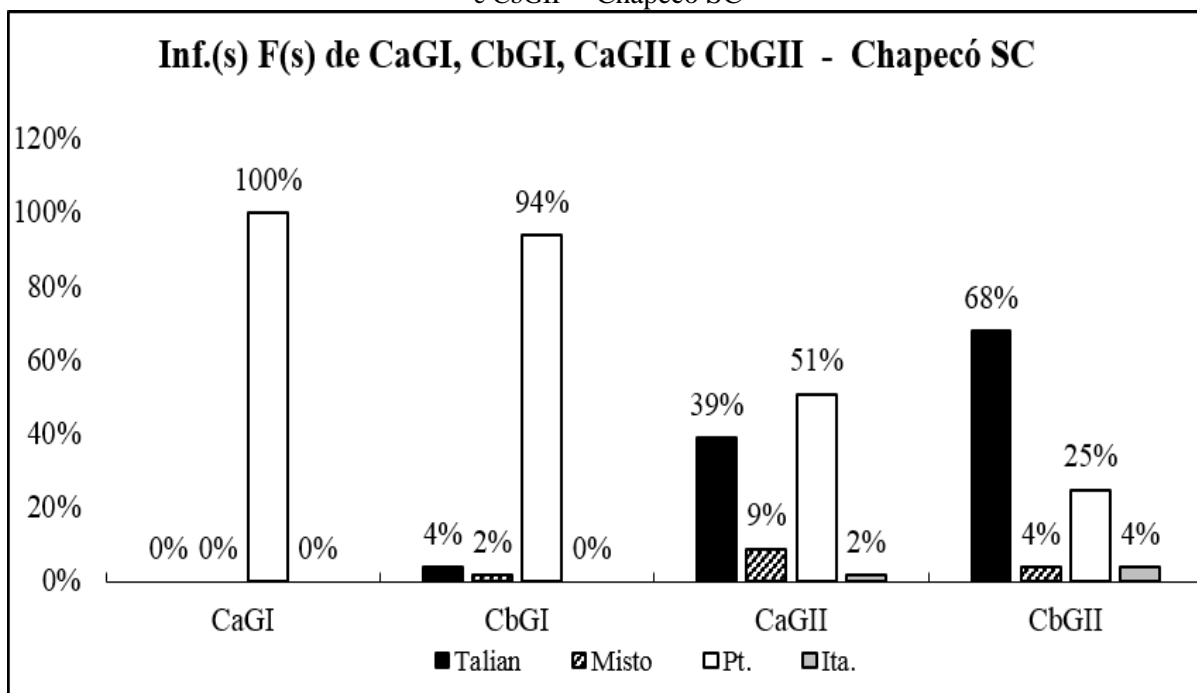
A maior porcentagem de substituição dos termos de parentesco do *talian* pelos termos do Pt. entre os homens é da CbGI, com 88% dos termos usados em Pt., 12% em *talian*, seguido da CaGII, que teve 82% em Pt. e 18% em *talian*; enquanto que entre as mulheres, quem mais substituiu foi a inf. da CaGI, com 100% das respostas em Pt., seguida da CbGI, com 94% em Pt., 4% de *talian* e 2% de misto. Seguem os gráficos 1 e 2:

Gráfico 1 – Síntese das aplicações dos termos de parentesco entre os inf.(s) M.(s) de CaGI e CbGI, CaGII e CbGII – Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 2 – Síntese das aplicações dos termos de parentesco entre as inf.(s) F(s) de CaGI e CbGI, CaGII e CbGII – Chapecó SC

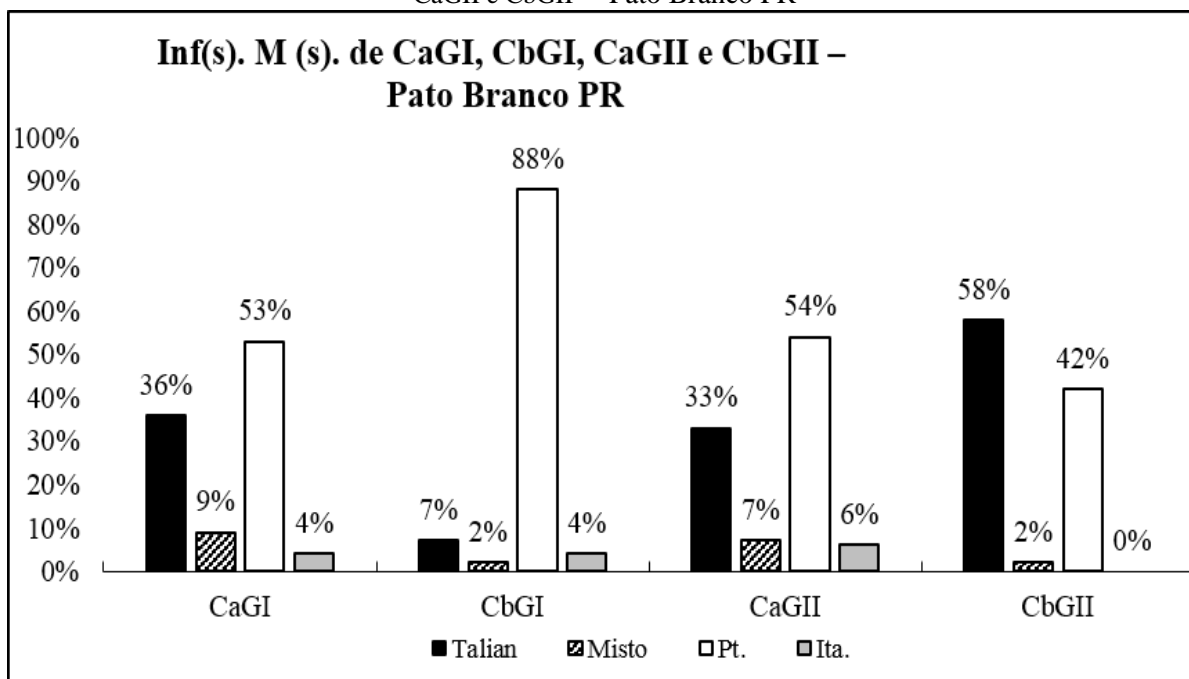


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Em Pato Branco, a CbGII foi a que mais aplicou os termos de parentesco em *talian*. Isso vale para os homens e para as mulheres. O inf. M teve 58% de realizações em *talian*, 42% em Pt., e 2% de misto; já a inf. F aplicou 58% de *talian*, 40% de Pt. e 2% de misto. A segunda célula que mais manteve os termos em *talian* entre os homens foi a CaGI, com 36% das aplicações em *talian*, 53% em Pt., 9% de termos mistos e 4% de Ita.; enquanto que entre as mulheres a segunda célula que mais teve respostas em *talian* foi a CaGII, com 32% em *talian*, 60% de Pt., 6% de mistos e 2% de Ita..

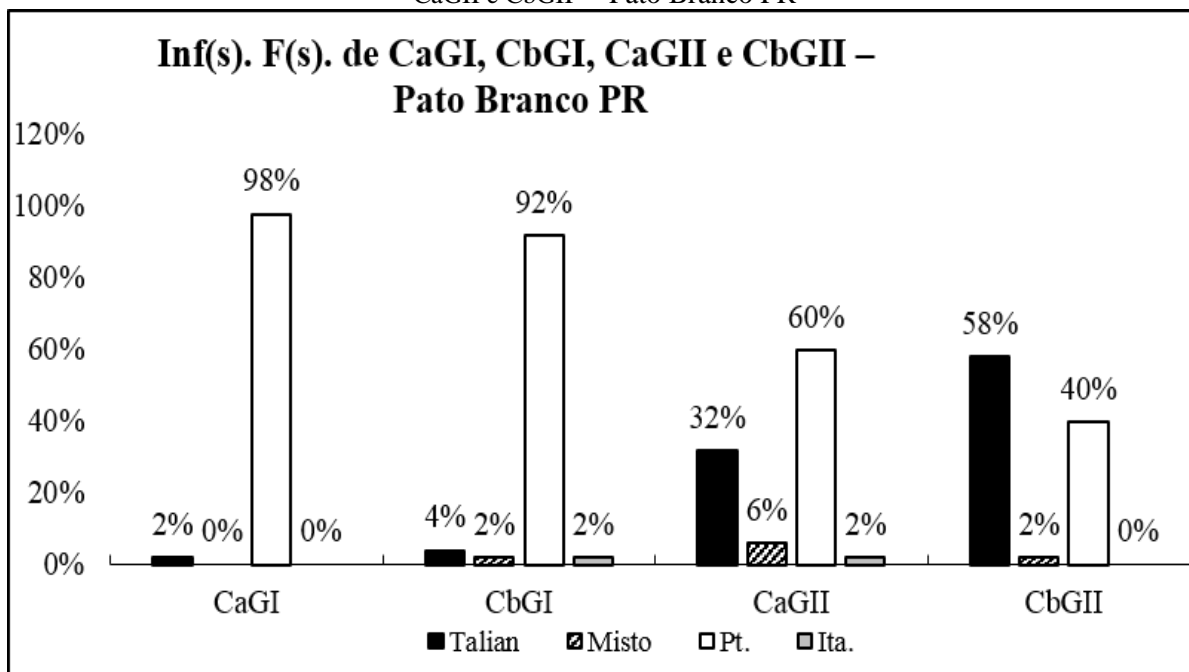
A CbGI foi a que mais substituiu os termos do *talian* pelos termos em Pt.. Entre os inf.(s) M(s), teve os percentuais de 88% de aplicações em Pt., 7% em *talian*., 2% e 4% em Ita., seguido da CaGII, que teve com 54% de Pt., 33% em *talian*, 7% misto e 6% de Ita. Entre as inf.(s) F(s), houve maior ocorrência dos termos em Pt. na CaGI, com 98% em Pt. e 2% em *talian*; seguida da Inf. F da CbGI, que aplicou 92% em Pt., 4% em *talian*, 2% de misto e 2% de Ita..Vejam os dados nos gráficos 3 e 4:

Gráfico 3: Síntese das aplicações dos termos de parentesco entre os inf.(s) M.(s) de CaGI e CbGI, CaGII e CbGII – Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 4 – Síntese das aplicações dos termos de parentesco entre as inf.(s) F.(s) de CaGI e CbGI, CaGII e CbGII – Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Com esses resultados da aplicação dos termos de parentesco, entre os informantes homens e mulheres das diferentes classes e gerações, é possível observar que tanto homens quanto mulheres de CbGII conhecem e produzem mais os termos de parentesco do *talian*, em comparação com aos inf.(s) de CaGI, CbGI e CaGII, esses dados nos mostram que a fala na variedade minoritária italiana está decrescendo da geração de mais idade para a geração mais nova, salvo exceções (CAVALCANTI, 1999; ALTENHOFEN, 2004, KRUG, 2004, 2011; MARGOTTI, 2004).

Além da faixa etária, outro fator que ficou evidente, é que alguns dos inf.(s) mais escolarizados tiveram grande aplicações dos termos de parentesco em Pt., mostrando que inf.(s) com graus mais elevados de estudo se aproximam mais da variedade padrão (LABOV, 2008[1972]), no contexto da nossa pesquisa, seria o Pt., língua majoritária e oficial do país. Porém, há inf.(s) da GI, com escolarização superior, que produziram mais termos de parentesco do *talian* que os menos escolarizados e até mais que a inf. F. da CaGII.

Assim no que se refere a hipótese 1d, que trata da dimensão diassexual, juntamente com a dimensões diastrática e diageracional, em que se pressupôs que as mulheres de CbGII, usariam mais os termos de parentesco do do *talian*, em comparação aos homens da mesma classe e geração, refuta-se a suposição que as mulheres teriam maior aplicação dos termos de parentesco na língua de imigração italiana, pois foram os homens que tiveram maior realização das variantes do *talian* e as mulheres mais variantes em Pt..

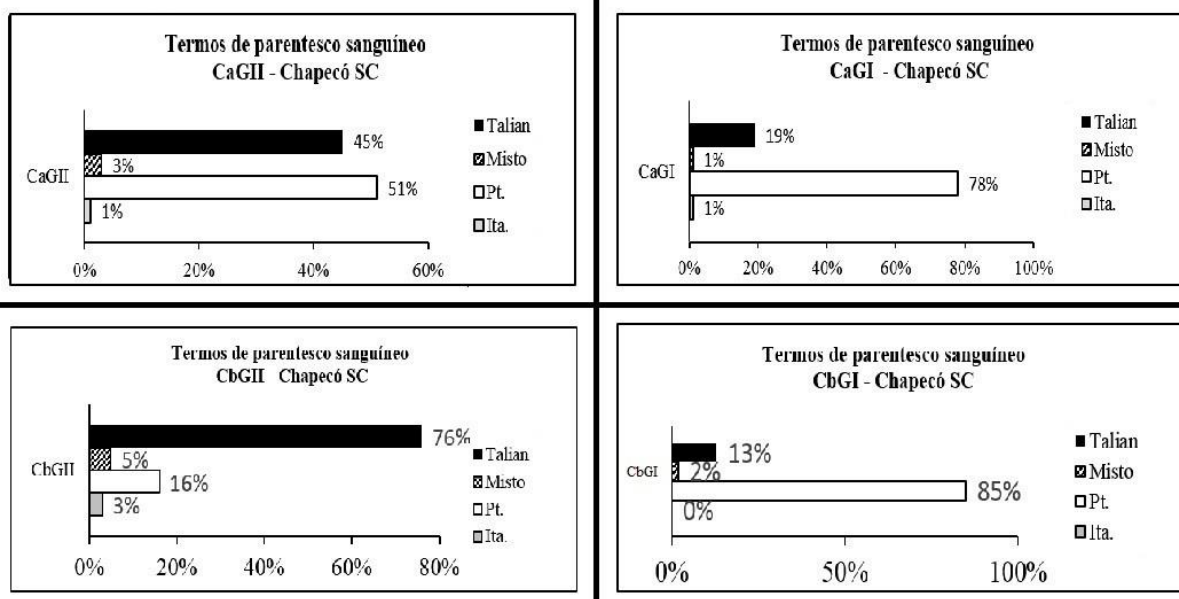
No próximo tópico, será possível ver as aplicações e comparações das respostas espontâneas do questionário lexical, nos diferentes tipos de parentesco, nas classes e gerações. Para tanto, contaremos com a descrição dos percentuais, quadros e gráficos.

3.4 Comparações das aplicações dos diferentes tipos de termos de parentesco na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI

Em seguida, descreveremos e analisaremos a manutenção e a substituição de cada tipo de termos do parentesco e sua aplicação na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI. Para melhor visualização, agruparam-se as informações de cada ponto geográfico em quadro cruz, bem como gráfico com as aplicações de cada tipo de parentesco nas classes e gerações. Ao final, apresentamos um gráfico síntese das realizações de todos os tipos de parentesco.

Em Chapecó, na Ca foram os inf.(s) da GII os que mais aplicaram os termos de parentesco sanguíneo do *talian*, com 45%, 51% em Pt., 3% misto e 1% em Ita., seguido da CaGI, que usaram 19% dos termos em *talian*, 78% em Pt., 1% de mistos e 1% Ita.. Na Cb, foi a GII que também mais aplicou os termos sanguíneos do *talian*, 76%, frente a 16% de termos em Pt., 5% de misto e 3% do Ita.. A CbGI teve 13% em *talian*, 85% em Pt., e 2% misto. Vejamos os resultados da CaGII, CaGI, CbGII e CbGI de Chapecó, no quadro 16:

Quadro 16: Síntese das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI - Chapecó SC

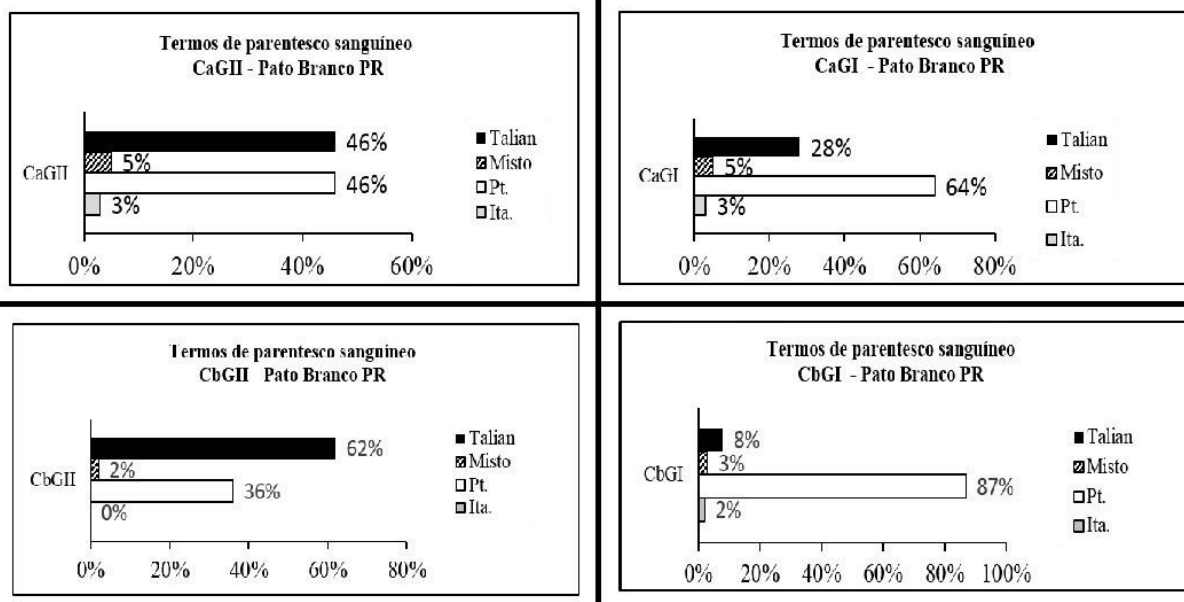


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Ao relacionar a Ca e a Cb, observamos que em Chapecó a CbGII aplicou o maior número dos termos de parentesco sanguíneo do *talian*, seguido da CaGII. A classe e geração que menos aplicou os termos do *talian* foi a CbGI.

Em Pato Branco, a aplicação dos termos de parentesco sanguíneo na Ca, tem porcentagens mais elevadas na GII, 46% de *talian*, 46% em Pt., 10% de misto e 2% do Ita.. Já a CaGI teve 28% dos termos falados em *talian*, 64% em Pt., 5% de misto e 3% de Ita.. Assim, na classe alta, a geração de mais idade realizou mais termos do *talian*, mas a diferença com os inf.(s) mais novos não foi tão alta. Enquanto que, na Cb a diferença é bem mais abrangente. A CbGII produziu 62% dos termos sanguíneos no *talian*, 36% no Pt. e 2% misto, enquanto que a CbGI, teve 8% de *talian*, 87% de Pt., 3% de misto e 2% de Ita.. Segue o quadro 17:

Quadro 17: Síntese das aplicações dos termos de parentesco sanguíneo na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI - Pato Branco PR.

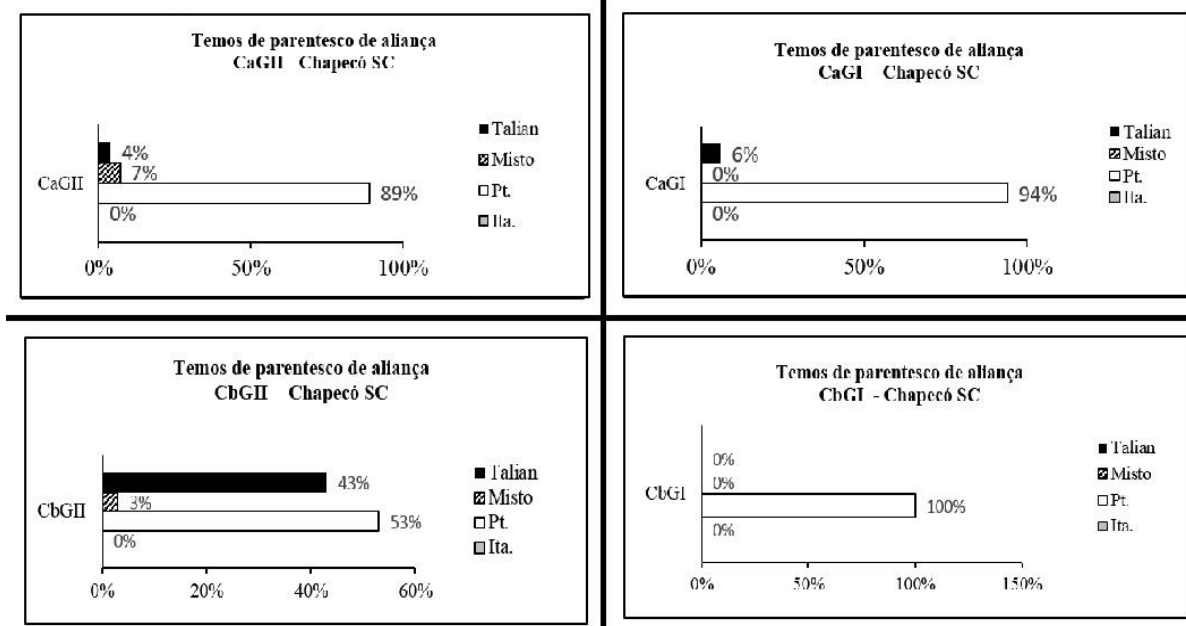


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Em suma, ao compararmos os resultados dos termos de parentesco sanguíneo, de Ca e Cb em Chapecó e Pato Branco, verificamos que nos dois municípios a GII, tanto de Ca como da Cb teve maior ocorrência de termos no *talian*. A CaGII dos dois pontos teve porcentagens bem parecidas. Na CbGII, foram os inf.(s) catarinenses que realizaram mais os termos do *talian*, 76%, enquanto que os inf.(s) paranaenses usaram 62% em *talian*. Quanto a substituição, a GI foi que mais realizou termos do parentesco sanguíneo em Pt. A CaGI de Pato Branco teve maior manutenção dos termos do *talian*, com 28%, frente a 19% em Chapecó. Já na localidade paranaense é a CbGI, que mais substituiu os termos do *talian* pelos termos do Pt., com 87% Pt. e 8% em *talian*, enquanto que os catarinenses tiveram 85% de Pt. e 13% de *talian*. Em anexo (Anexo D) se encontram também os gráficos 5 e 6, com o resultado de todas as classes e gerações do parentesco sanguíneo, em Chapecó e Pato Branco, referente aos quadros 16 e 17.

A seguir, a partir quadro 18 e 19 analisaremos os termos do parentesco de aliança, conforme os usos dos inf.(s) de CaGI, CaGII, CbGI e CbGII. Em Chapecó, na CaGI foi a que mais manteve os termos do *talian*, 6% e com 94% dos termos no port. Os inf.(s) de CaGII, usaram 4% de *talian*, 89% de Pt. e 7% de misto. Porém, a CbGII que manteve mais os termos do *talian*, com 43% e 53% em Pt. e 3% de misto. A CbGI não teve nenhum termo do *talian* e 100% de termos usados em Pt.. Seguem os gráficos, no quadro 18, referentes ao parentesco de aliança em Chapecó:

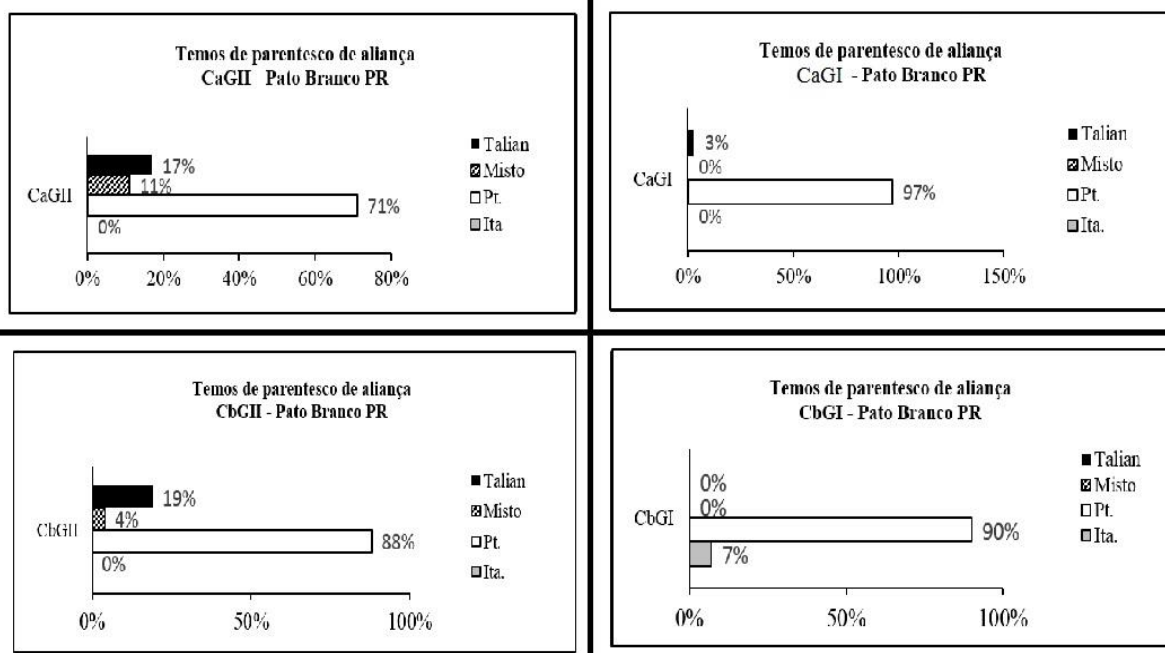
Quadro 18: Síntese das aplicações dos termos de parentesco de aliança na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI - Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Em Pato Branco, por sua vez, na CaGII, ocorreram 17% dos termos de parentesco de aliança em *talian*, 11% de termos mistos e 71% em Pt.. Na CaGI, ocorreu 3% no *talian* e 97% em Pt.. Enquanto que os inf.(s) de CbGII, tiveram 19% dos termos falados em *talian*, 88% de Pt., e 4% misto. E a CbGI produziu 90% dos termos em Pt. e 3 do *talian* e 7% de Ita.. A seguir, o quadro 19 mostra esses resultados:

Quadro 19: Síntese das aplicações dos termos de parentesco de aliança na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI - Pato Branco PR

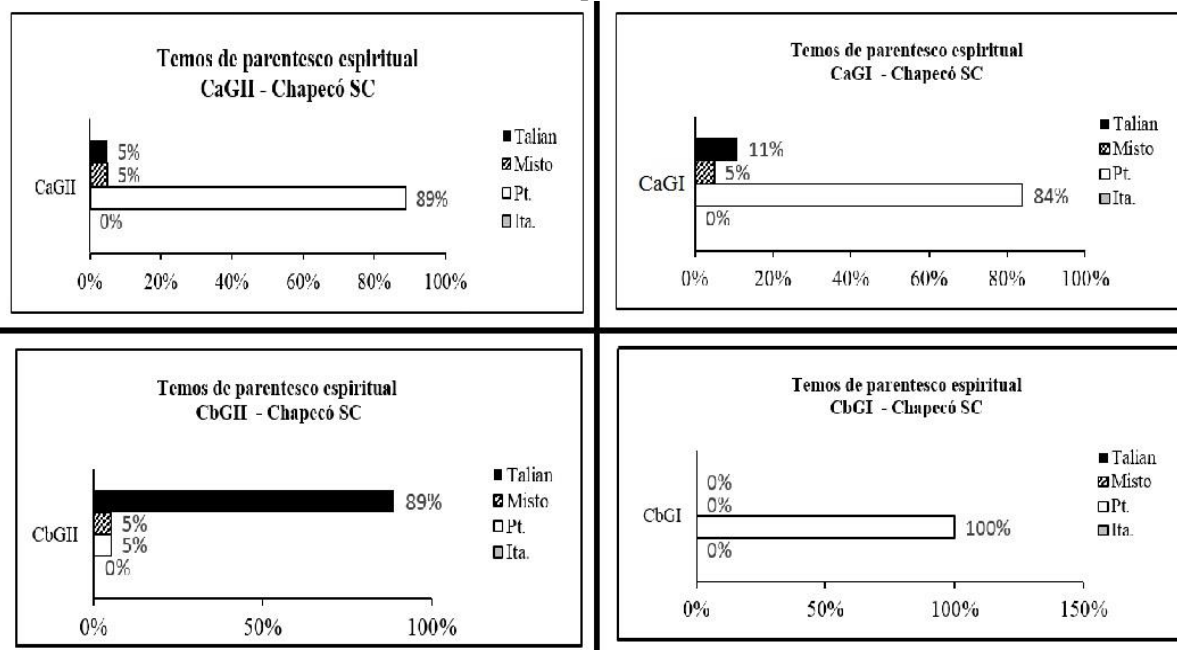


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Ao relacionar as aplicações em Chapecó e Pato Branco, verificamos que predominou em ambos os pontos mais manutenção dos termos de parentesco de aliança em *talian* na GII, tanto de Ca como de Cb. Contudo, o segundo lugar a manter mais os termos do *talian* se difere; em Chapecó, é a CaGI e em Pato Branco, a CaGII. É importante também destacar que, a substituição dos termos do *talian* pelos termos do Pt., principalmente na GI de ambas as classes teve porcentagem bem elevadas. Em anexo também se encontram os gráficos 7 e 8 mostram a síntese das aplicações dos termos de parentesco de aliança, nas diferentes classes e gerações dos dois pontos, vistas nos quadros 18 e 19.

Por fim, como pode ser visualizado quadros cruz 19 e 20, segue a descrição e comparação da aplicação dos termos de parentesco espirituais na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI. Em Chapecó, no que diz respeito à Ca, foram os inf.(s) da GI que mais usaram os termos de parentesco do *talian* se comparada a GII, com 11% em *talian*, 84% em Pt. Já a GII teve 5% de *talian*, 89% de Pt. e 5% de misto. Na Cb, foi a GII que manteve em 89% dos termos do *talian*, 5% de Pt. e 5% de misto e a GI substituiu em 100% os termos do *talian* pelos termos do Pt. Agora, se compararmos Ca e Cb, a CbGII manteve mais os termos do *talian*. Vejamos essas informações no quadro 20:

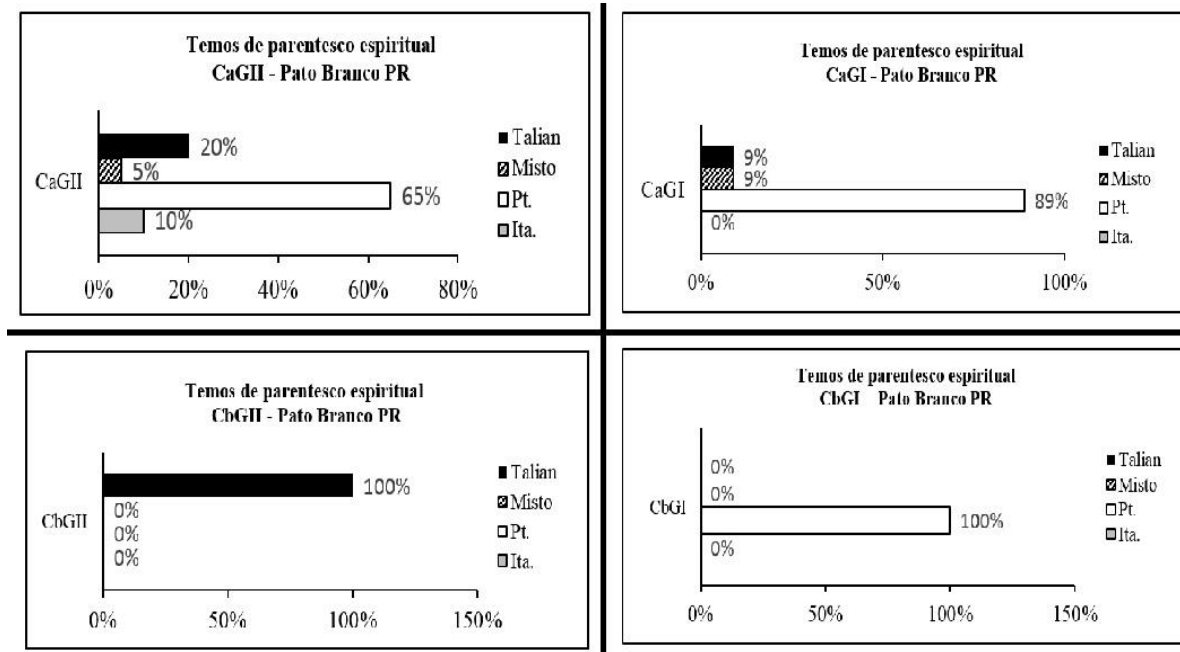
Quadro 20: Síntese das aplicações dos termos de parentesco espiritual na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI - Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

No município de Pato Branco, o resultado obtido entre Ca e Cb se difere do visto em Chapecó. Assim a CaGII foi a que mais aplicou os termos de parentesco do *talian*, com 20%, 65% de Pt., 5% misto e 10% de Ita.; enquanto que a CaGI registrou 9% de termos em *talian*, 82% de Pt. e 9% de mistos. A CbGII que mais mantém, com 100% dos termos falados no *talian*; enquanto que a CbGI teve 100% dos termos realizados em Pt.. Seguem os gráficos no quadro 21:

Quadro 21: Síntese das aplicações dos termos de parentesco espiritual na CaGII, CaGI, CbGII e CbGI - Pato Branco PR

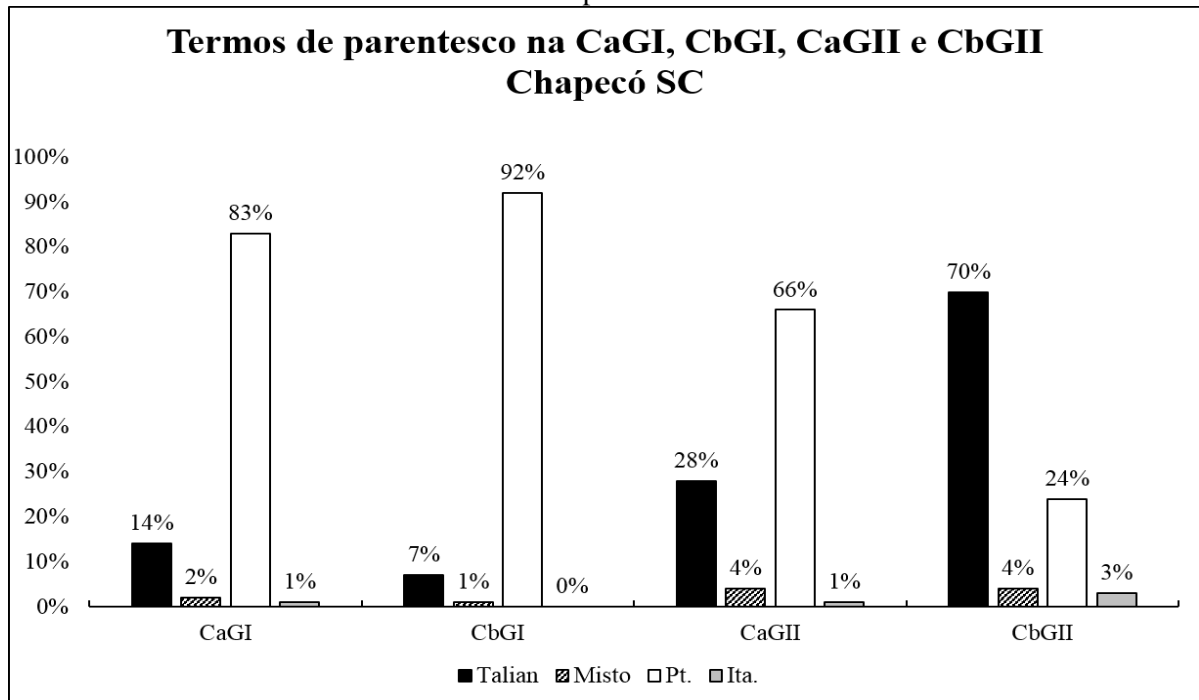


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Comparando a CaGI, CaGII, CbGI e CbGII de Chapecó e Pato Branco, ao considerar as aplicações dos termos de parentesco espirituais, identificamos a predominância do *talian* na CbGII. Na Ca, em Chapecó foi a GI que registrou mais de termos do *talian* e em Pato Branco foi na GII. A CbGI, em ambos os pontos foi que mais substituiu os termos do *talian* pelos termos do Pt.. No Anexo D, é possível observar os resultados apresentados nos quadros 20 e 21, sobre o parentesco espiritual em Chapecó e Pato Branco também em gráficos (gráficos 9 e 10).

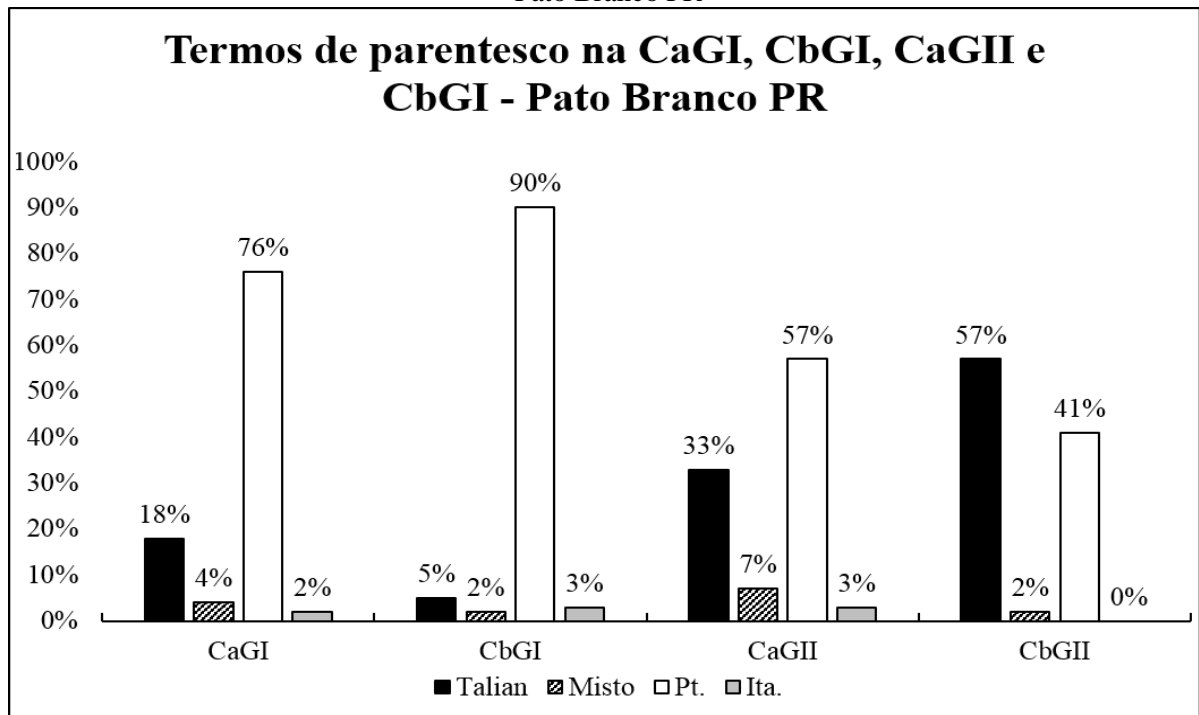
Portanto, ao considerar as aplicações da CaGI, CaGII, CbGII e CbGI, especificamente em cada tipo de parentesco, constatamos que os inf.(s) da GII, de ambas as classes (Ca e Cb), foram os que mais usaram os termos do *talian*. Exceto no parentesco de aliança e espiritual em Chapecó SC, em que a CaGI teve porcentagem um pouco mais elevada de termos na variedade minoritária que a CaGII. Em específico, há variações de usos nos tipos de parentesco, porém se considerarmos os dados de modo geral, tanto Chapecó, quanto em Pato Branco, os termos foram aplicados em números mais elevados na GII de ambas as classes. Vejamos os gráficos, 11 e 12 sobre a síntese das aplicações dos termos de parentesco nas classes e gerações:

Gráfico 11: Aplicação dos termos de parentesco na CaGI, CbGI, CaGII e CbGII - Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 12: Aplicação dos termos de parentesco na CaGI, CbGI, CaGII e CbGII - Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Por fim, ao observar a aplicação nos diferentes tipos de termos de parentesco, em cada classe e geração, e da síntese de aplicação com todos os tipos de parentesco, é possível confirmar a hipótese 1e, em que se pressupomos que na GII, tanto de Ca, quanto de Cb, haveria predominância da manutenção dos termos de parentesco do *talian*, frente à GI de Ca e Cb. Conforme Labov (2003, 2008 [1972]), os inf.(s) com mais escolarização tendem a aproximar mais sua fala da variedade padrão. Essa afirmação perante os dados é válida para a GII, no que se refere a Ca, pois teve mais produções no Pt. do que no *talian*. Já a CaGI, teve maior número de realizações de termos de parentesco no *talian* que a CbGI. Com esses resultados, observamos que não é necessariamente só o grau de escolarização que está atuando na aplicação dos termos de parentesco em uma língua ou outra nos inf.(s) de Chapecó e Pato Branco.

O contato linguístico com familiares que falam a língua minoritária italiana está influenciando a GI, pois através do questionário geral, observamos que os inf.(s) de Chapecó CaGI M e CaGI F e de Pato Branco CaGI M têm contato com membros da família que falam o *talian*; enquanto que nas dos inf.(s) da Cb somente a inf. CbGI tem contato.

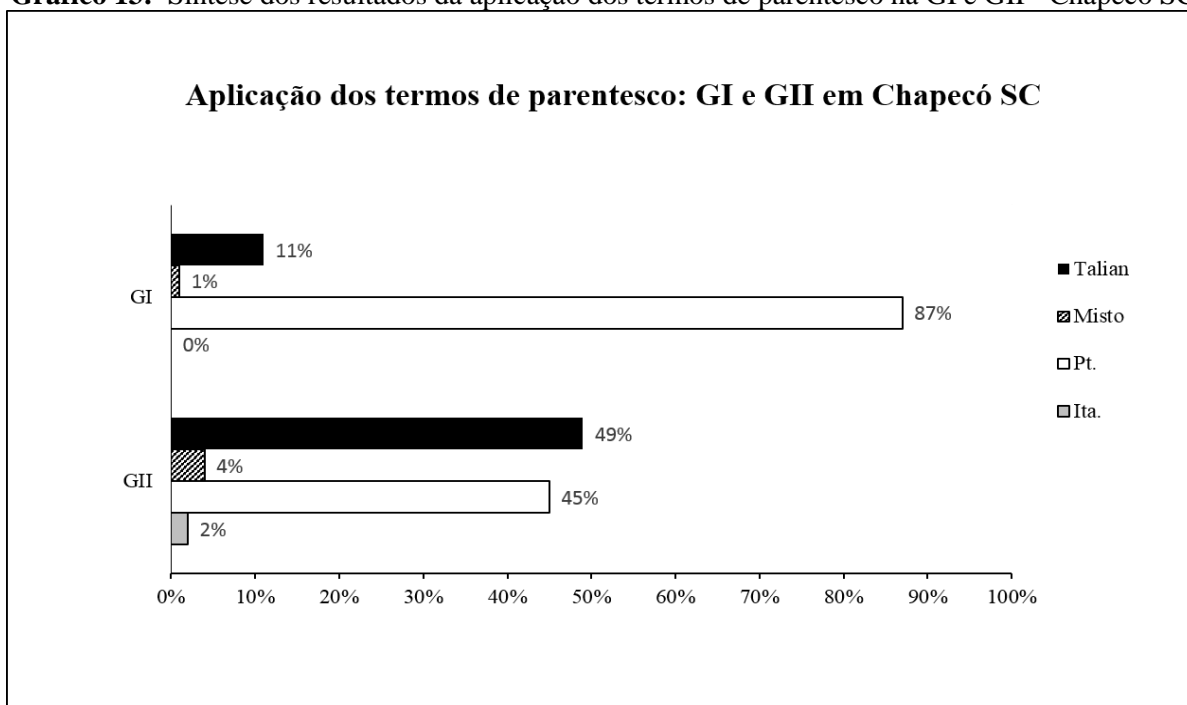
A seguir ocupar-nos-emos com uma síntese comparativa, que envolverá as dimensões já vistas acima em detalhe, sobre as aplicações dos termos de parentesco do questionário lexical, também em situação de resposta espontânea.

3.5 Síntese dos resultados comparativos do questionário lexical nas dimensões diageracional, diassexual, diastrática, dialingual e diatópica

Neste tópico, com o auxílio também de gráficos, serão apresentadas uma síntese geral e a relação dos resultados das respostas espontâneas do questionário lexical, referentes aos termos comuns do parentesco, nas localidades de Chapecó e Pato Branco.

Como é possível observar no gráfico 13, em Chapecó, a GI aplicou o maior número de variantes do Pt., 87% das ocorrências, e 11% em *talian*, os termos mistos e do Ita. não se mostram significativos nesta geração, chegando a 1% de mistos. Enquanto que a GII usou em suas respostas 49% das variantes do *talian*, 45% do Pt., 4% misto e 2% em Ita.. Enfim, os números mostram que na geração em que têm inf.(s) com maior grau de bilinguismo (GII), o resultado de aplicações de *talian* e Pt. fica praticamente igual, referente a manutenção e a substituição dos termos do *talian* pelos termos do Pt.. Segue o gráfico 13:

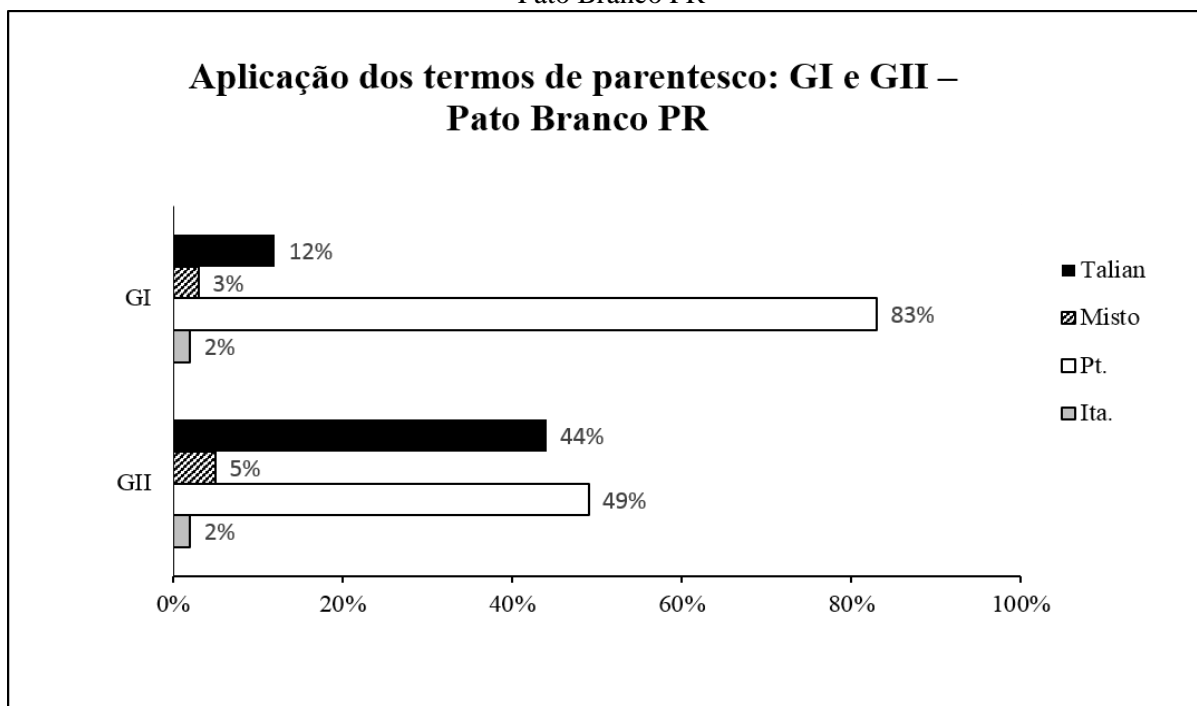
Gráfico 13: Síntese dos resultados da aplicação dos termos de parentesco na GI e GII - Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Enquanto que em Pato Branco, conforme o gráfico 14, a GI teve 83% dos termos falados em Pt., somente 12% de variantes do *talian*, 3% de misto e 2% Ita. A GII produziu 49% das variantes em Pt., 44% em *talian*, 5% misto e 2% de Ita, o que mostra que mesmo essa geração tendo um pouco mais de termos no Pt. que em *talian*, fica evidente que esta geração manteve mais a aplicação dos termos de parentesco na língua minoritária. Vejamos o gráfico 14, com resultados em Pato Branco:

Gráfico 14: Síntese dos resultados da aplicação dos termos de parentesco na GI e GII – Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

A GII, de ambas as localidades foi a que mais aplicou os termos de parentesco *do talian*, e referente aos usos das variantes do Pt., em Chapecó teve menos Pt. e mais *talian*, já em Pato Branco houve maior uso de variantes do Pt. e menor no *talian*. Enquanto que na GI, predominou porcentagens bem maiores de usos de Pt.. fato esse que mostra que na dimensão diageracional a GII tem mais aplicações em *talian* e menos na GI. O que confirma a hipótese 1b, em que pressupomos que os informantes da GII (55 anos ou mais) conheciam mais os termos de parentesco da variedade *talian* do que a GI. Na GI (18 a 36 anos) predominam os termos de parentesco do Pt.. Esse resultado condiz com Cavalcanti (1999), Altenhofen (2004), Krug (2004; 2011) e Margotti (2004), os quais atestam que a fala nas línguas minoritárias segue uma linha decrescente, da geração de mais idade para a geração mais nova. Frosi e Raso (2011) complementam ainda que há também um desaparecimento das marcas da variedade italiana no Pt. dos ítalo-brasileiros; afinal, a língua é heterogênea, está sempre em constate variação e mudança (WEINREICH; LABOV e HERZOG, 2006 [1968]).

Houve uma pequena diferença nos números entre os pontos geográficos: a GII de Chapecó teve 49% de aplicação de termos em *talian* e Pato Branco 44%. O município paranaense produziu também mais termos em Pt. nessa geração: 49%, frente a 45% do município catarinense. Essa informação leva a acreditar que seja devido aos diferentes locais

de residência dos inf.(s), pois no município catarinense os inf.(s) de CbGII residem na zona rural, enquanto que em Pato Branco ambos os inf.(s) moram da cidade. Na CaGII, que também compõe essa célula em Pato Branco, todos os inf.(s) são da zona urbana e exercem profissões como médico, professoras e comerciante.

Portanto, os inf.(s) da GII de Pato Branco residem todos na cidade, tendo contato linguístico acentuado com o Pt.. Além disso, mesmo os bilíngues fluentes têm dificuldades de encontrarem falantes da variedade para se comunicarem em *talian*. Sobre o assunto, a inf. de CbGII F de Pato Branco fala que:

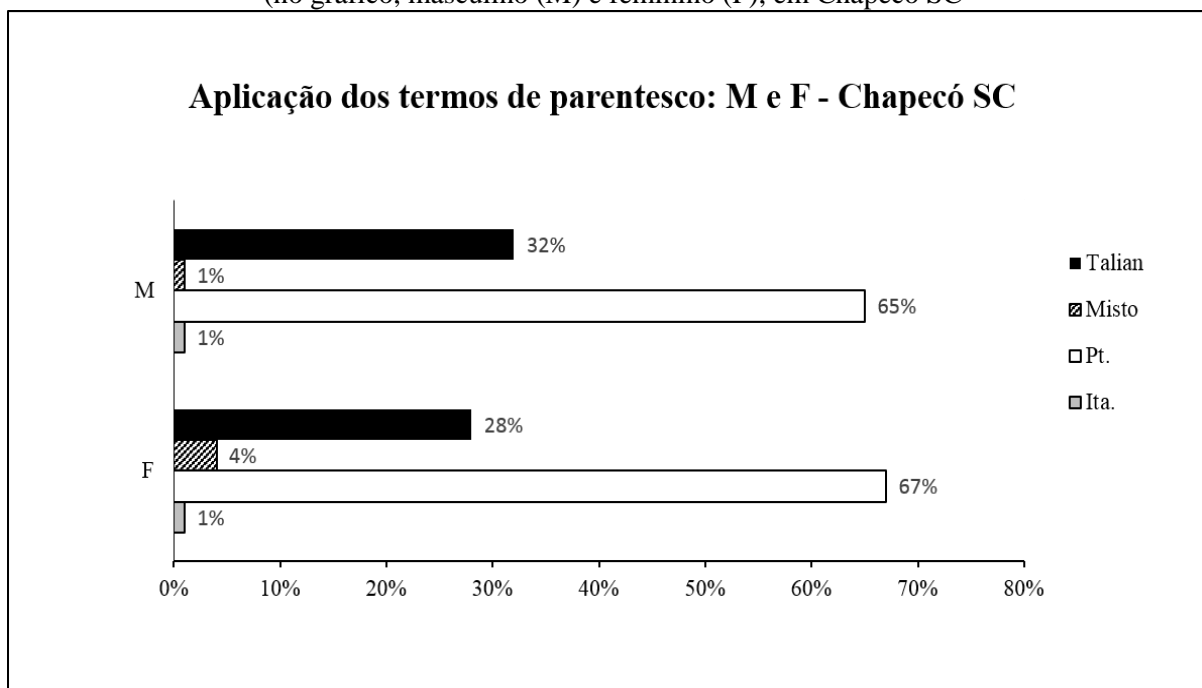
*En questo bairro genè tre quatri che parla talian e solo, o resto parla [...] è taliani i parla brasileri. Mi digo cusita, nostro grupo italiani, che cantemo taliano e parli tute brasileri altri, [...] è che pega il jeito di brasileri [...] pessoas di mai idade che parla, ah gente nova no se vê nien su [...]*²⁸

Com relação à dimensão diasssexual, como se vê no gráfico 15, houve uma singela diferença dos resultados entre homens e mulheres em Chapecó. Os inf.(s) M.(s) foram os que mais mantiveram as variantes do *talian*, 32%, frente às inf.(s) F.(s) que tiveram o percentual de 28%. Sendo as mulheres as que mais substituíram os termos do *talian* pelos do Pt., com 67% das aplicações em Pt., enquanto que os homens usaram 65%. Ao considerar os termos mistos, identificamos diferença, os inf.(s) M.(s) tiveram 1% e as inf.(s) F.(s) 4%; os termos do Ita. chegaram a apenas 1% em ambos os sexos. Segue o gráfico 15, com os dados de Chapecó:

²⁸ **Tradução (Trad.):** Neste bairro têm três, quatro que falam *talian* e só, o resto fala [...] são talianos e falam brasileiro. Eu digo assim, nosso grupo de italianos, em que cantamos em taliano, falam todos em brasileiro, os outros [...] é que eles pegam o jeito dos brasileiros [...] pessoas de mais idade que falam, ah gente nova não se vê ninguém [...].

*Obs. Todas as trad.(s) realizadas ao longo da análise de dados, foram feitas pela autora/pesquisadora.

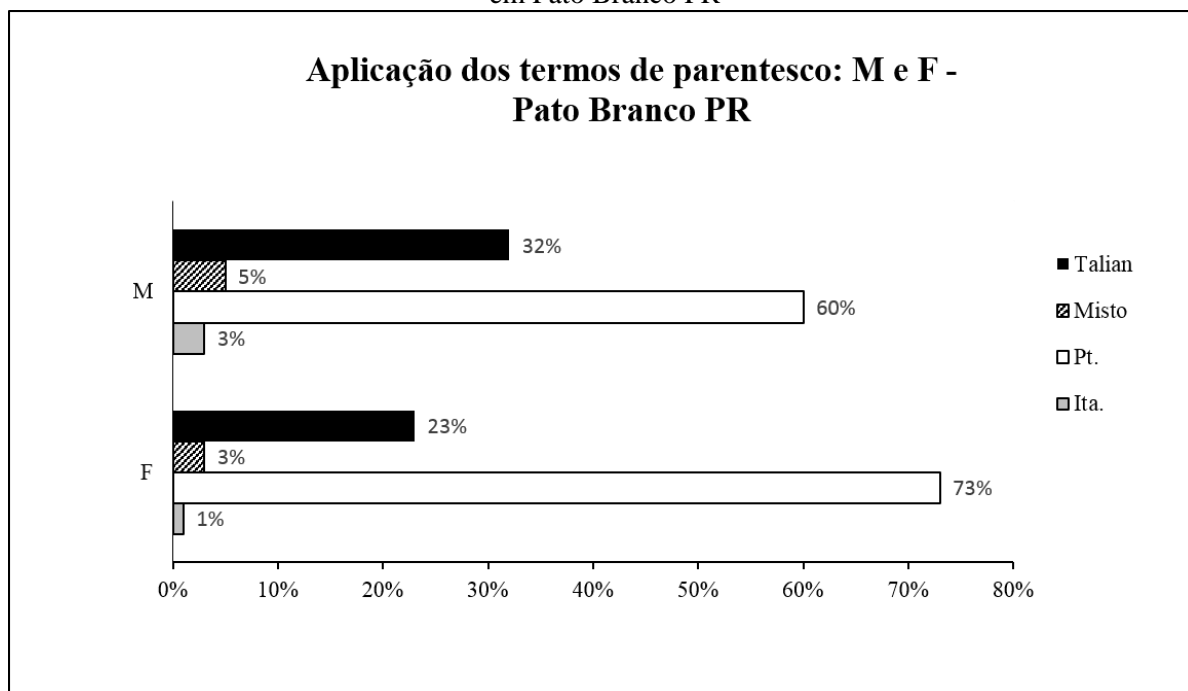
Gráfico 15: Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco entre homens e mulheres (no gráfico, masculino (M) e feminino (F), em Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Em Pato Branco, ao considerar a aplicação dos termos de parentesco conforme o sexo/gênero dos entrevistados, os homens aplicaram mais as variantes em *talian*, 32%, enquanto que as mulheres usaram 23%, diferença não muito significativa, mas existente. Já em relação a aplicação das variantes em Pt., as mulheres substituíram mais os termos do *talian* pelos termos do Pt., 73%, enquanto que os homens tiveram o percentual de 60%. Ainda é possível averiguar que os homens tiveram 3% de termos do Ita. e 5% mistos e as mulheres 1% do Ita. e 3% mistos, conforme o gráfico 16 que segue:

Gráfico 16: Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco entre homens e mulheres, em Pato Branco PR

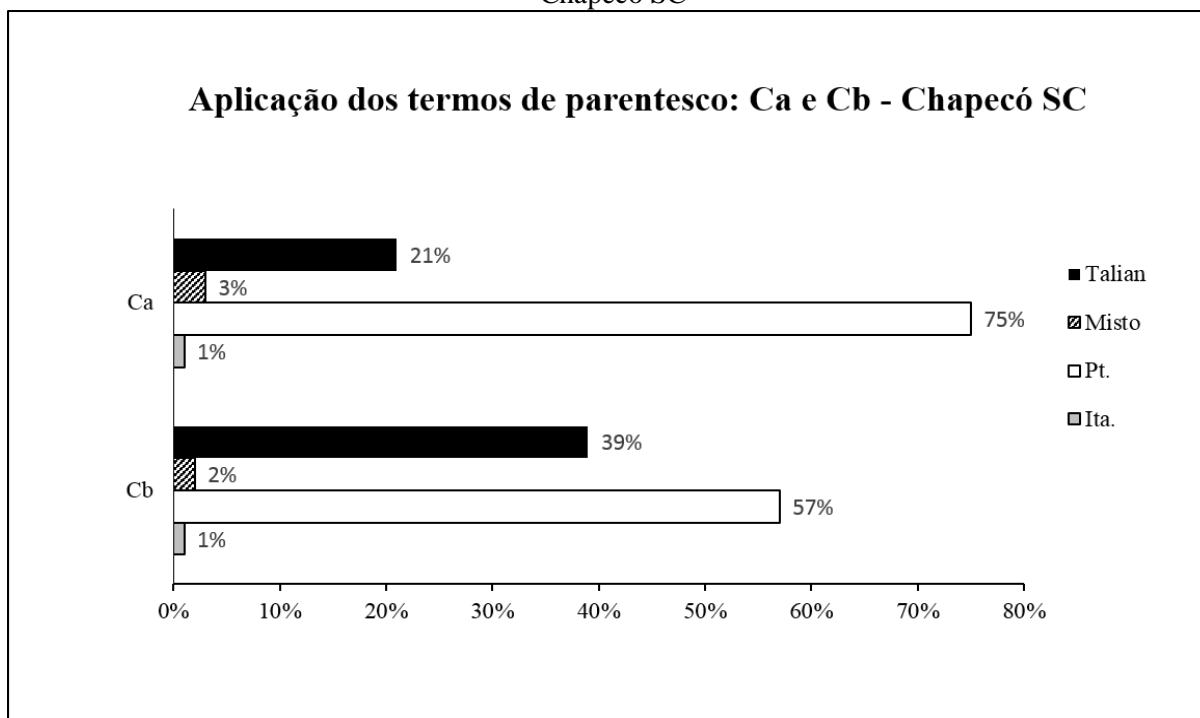


Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Assim, ao relacionar a aplicação dos termos de parentesco homem e mulher nos dois pontos geográficos, é possível observar que tanto em Chapecó como em Pato Branco, os homens mantiveram mais os termos do *talian* e as mulheres substituíram mais os termos do *talian* pelos termos do Pt., se mostrando mais sensíveis à mudança linguística perante a substituição dos termos do *talian* pelos termos do Pt.. Resultado que condiz com Labov (2008 [1972], p. 353), que menciona serem as mulheres as mais inovadoras, adotando antes as mudanças na língua que os homens. Com isso, confirma-se portanto a hipótese 1c, por meio da qual supomos que na dimensão diasssexual, de modo geral, as mulheres iriam aplicar mais os termos de parentesco em Pt. em suas respostas espontâneas ao questionário lexical do que os homens.

A seguir, apresentamos a descrição e comparação na dimensão distrática, entre a Ca e Cb dos informantes ítalo-brasileiros. Então, a partir do gráfico 15 pode-se ver que em Chapecó, a Ca é quem aplica mais as variantes em Pt., 75%, se comparado a Cb, que usou 57% dos termos em Pt., a diferença dos percentuais é considerável, chegando a 22%. O mesmo ocorre com a produção dos termos em *talian*, a Cb aplicou 39% frente a 21% da Ca. Já os termos mistos somam 3% na Ca e 2% na Cb; as aplicações dos termos de parentesco em Ita. chegou a 1% em ambas as classes. Segue o gráfico 17:

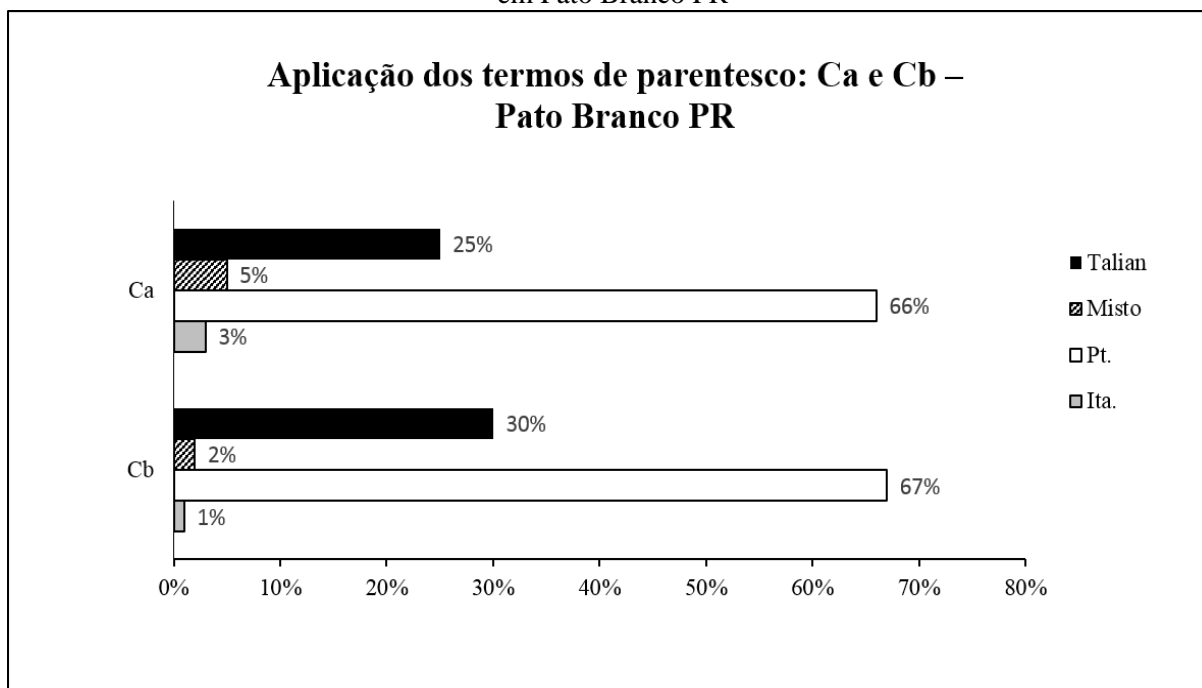
Gráfico 17: Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco na Ca e Cb – Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Em Pato Branco, A Ca e a Cb tiveram percentuais em Pt. semelhante, a Ca teve 66% e a Cb 67%. A Cb foi a que mais manteve os termos do *talian*, 30% , 2% misto e 1% de Ita; enquanto que a Ca teve 25% dos termos realizados em *talian*, 5% misto e 3% em Ita. Para ficar mais claro a observação desses dados de Pato Branco, segue o gráfico 18:

Gráfico 18: Síntese da aplicação dos resultados dos termos de parentesco entre homens e mulheres, em Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Ao comparar os percentuais dos dois pontos, observamos singelas diferenças dos resultados entre Chapecó e Pato Branco. Ca do município catarinense é a que mais aplicou os termos de parentesco em Pt. e a que menos usou os termos em *talian*; enquanto que na localidade paranaense a Cb que tem mais percentual em Pt., mas a diferença é mínima, 67% de aplicações em Pt. na Cb e 66% na Ca. Porém, sobre os percentuais dos termos produzidos em Pt. e *talian* entre a Ca e a Cb, em Chapecó a porcentagem é maior que em Pato Branco. A diferença de percentuais na produção dos termos do Pt. entre Ca e a Cb do município catarinense chega a 18%, enquanto que no município paranaense chega a apenas 1%; já sobre a aplicação do *talian*, em Chapecó a diferença entre as classes fica em 18% a mais para a Cb e em Pato Branco a Cb tem 5% a mais que a Ca.

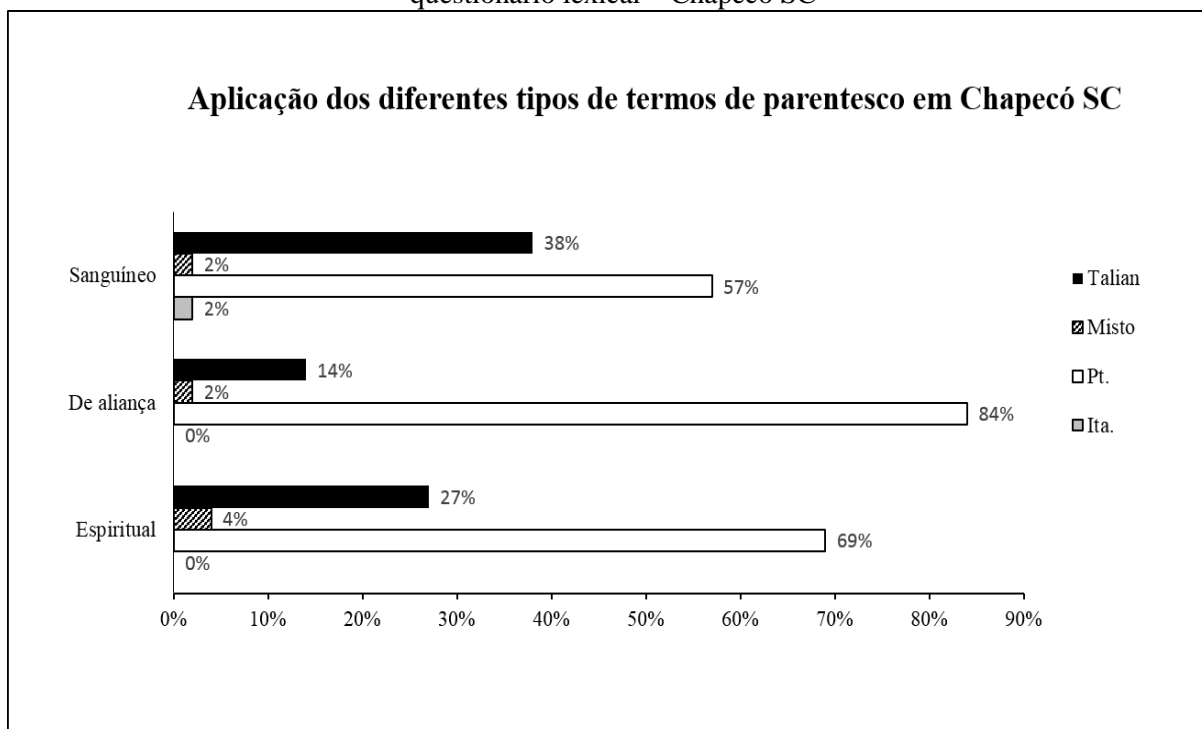
O resultado obtido condiz com Labov (2008 [1972]), que diz que inf.(s) mais escolarizados tendem a aproximar mais suas falas da variedade padrão da língua, ou seja, levando em consideração os dados de Chapecó e Pato Branco, a Ca de modo geral teve mais aplicações de variantes em Pt. que a Cb. Afinal, o Pt. é língua oficial, é utilizada na escola e tem mais *status* em nosso país, se comparada com o *talian*, que é língua minoritária de imigração. Enquanto que os inf.(s) de CbGII, em ambos os locais são os que mais aplicaram as variantes do *talian*. Assim, confirma-se a hipótese 1e, em que supomos que diastraticamente

sobre a manutenção do *talian*, a Cb realizaria maior número de termos de parentesco da variedade italiana que a Ca. Nesse sentido, Pertille (2009) diz que a escola, os meios de comunicação de massa e a urbanização, são fatores que colaboram para que a língua de imigração deixe de ser falada.

Porém ao considerar as dimensões diastrática e a diageracional juntas, essa constatação é válida para a GII, mas não para GI, uma vez que nessa geração os inf.(s) mais escolarizados apresentaram maior número de realização dos termos de parentesco no *talian* do que os menos escolarizados. Ao que parece o que está atuando para este resultado na GI é o contato linguístico com quem fala o *talian*, sendo mais importante que a classe para esta geração, no que se refere a manutenção dos termos no *talian*.

A partir dos resultados dos gráficos 19 e 20, apresentamos a síntese da aplicação dos diferentes tipos de termos parentesco. Em Chapecó os termos do tipo sanguíneo foram os que mais apresentaram a manutenção dos termos em *talian*, ou seja, 38% desses termos sanguíneos foram usados na variedade minoritária e 57% em Pt.. Já os termos de aliança foram os que menos mantiveram o *talian*, com 14% e foram também os que mais substituíram os termos do *talian* pelos termos do Pt., com 84% das ocorrências em Pt.. Os termos do parentesco espiritual ficaram como intermediários, sendo o segundo que mais mantiveram, com 27% dos termos usados em *talian* e também ficaram em segundo lugar para os que mais substituíram os termos do *talian* pelos termos do Pt., com a produção de 69%. Vejamos no gráfico 19:

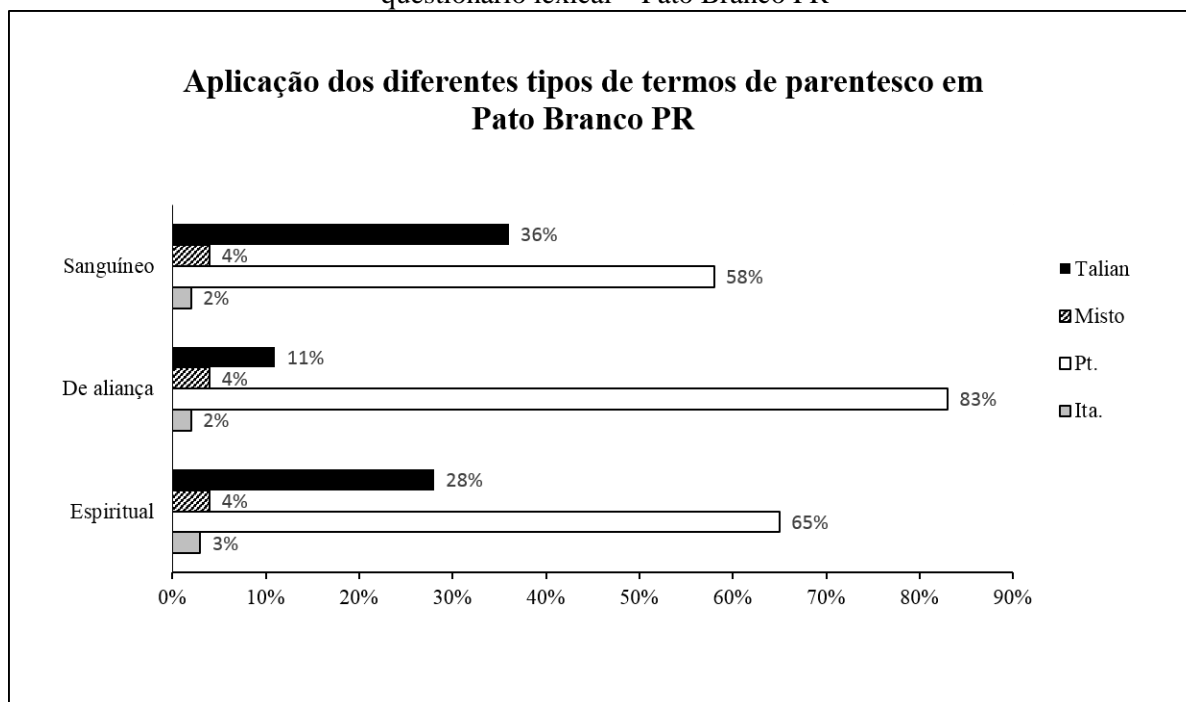
Gráfico 19: Síntese da aplicação dos resultados dos diferentes tipos de termos de parentesco no questionário lexical – Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Em Pato Branco, a ordem dos tipos de termos que mais tiveram manutenção e os que mais substituíram os termos do *talian* pelos termos do Pt. se repete como a de Chapecó, mas as porcentagens apresentam pequenas diferenças. Os termos do tipo sanguíneo foram os que mais tiveram a manutenção do *talian*, 36% e 58% de termos em Pt.. Contrariamente, os termos do tipo de aliança foram os que menos mantiveram os termos do *talian*, com apenas 11%. O parentesco de aliança também foi o tipo que mais substituiu os termos do *talian* pelos termos do Pt., com 83%. Os termos do parentesco espiritual se classificaram como intermediários, sendo o segundo a manter o *talian*, com 28% e também o segundo que mais substituiu os termos da variedade pelo Pt. com a porcentagem de 65% em Pt.. Os termos mistos e do Ita. apareceram com porcentagens bem mais baixas, sendo que os termos mistos foram mais usados que os do Ita., conforme o gráfico 20:

Gráfico 20: Síntese da aplicação dos resultados dos diferentes tipos de termos de parentesco no questionário lexical – Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

O resultado final da aplicação dos diferentes tipos de termos de parentesco aponta que houve maior ocorrência dos termos em Pt. para todos os tipos de parentesco em ambos os pontos geográficos. O parentesco sanguíneo foi o tipo em que mais houve a manutenção dos termos do *talian*, em Chapecó 38% e em Pato Branco 36%. O parentesco de aliança, por sua vez, teve menos manutenção dos termos do *talian*, 14% em Chapecó e 11% em Pato Branco. Com isso, o parentesco por aliança foi o que mais substituiu os termos do *talian*, com 84% em Pt. no município catarinense e 83% na localidade paranaense. Dos três tipos de parentesco, o parentesco espiritual ocupa o segundo lugar que mais manteve o *talian* e o segundo que mais substituiu, com 27% de *talian* e 69% de Pt. em Chapecó e 28% de *talian* e 65% de Pt. em Pato Branco.

Com isso, confirma-se a hipótese 3, de que os termos de parentesco de aliança seriam os menos aplicados no *talian* e com porcentagem maior em Pt., frente aos termos de parentesco do tipo sanguíneo e espiritual; enquanto que os termos de parentesco sanguíneos seriam os com maior número de aplicações no *talian*. Esse fato pode estar relacionado com a ligação forte que os ítalo-brasileiros mantêm com os laços de sangue, com suas origens (SAVOLDI, 2008). Ocorrendo um processo em que a importância da família, do sangue reflete de forma positiva

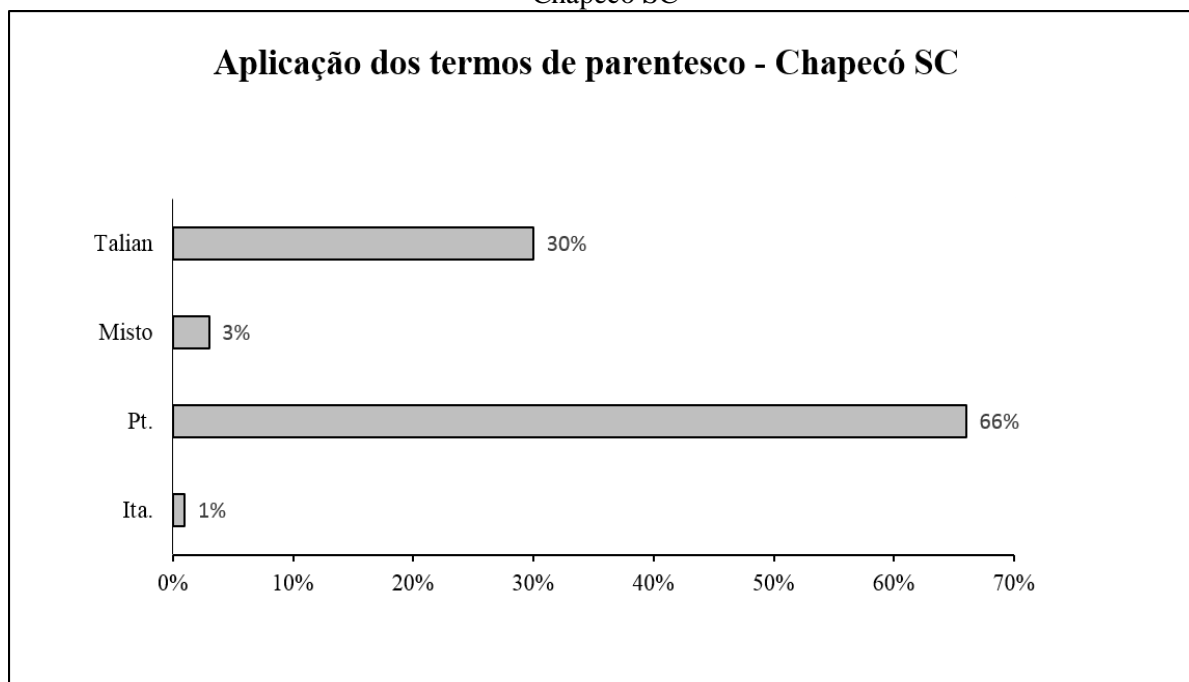
na manutenção linguística dos termos de parentesco do tipo sanguíneo. O parentesco do tipo espiritual, ficou em segundo lugar entre os tipos de termos de parentesco que foram mais aplicados no *talian*. Acreditamos que esta proximidade dos termos espirituais com os termos sanguíneos se deve aos laços de amizade e respeito que principalmente a GII ainda cultiva com parentes e amigos, vizinhos. O resultado desta pesquisa diferencia-se de Horst (2011), na qual os termos mais usados pelos teuto-brasileiros foram os do tipo espiritual, seguido do sanguíneo.

Já o parentesco de aliança foi o que menos aplicações teve no *talian*, sendo o mais substituído pelos termos do Pt.. No que se refere a este tipo de parentesco, o resultado condiz com a pesquisa Horst (2011), em que o parentesco do tipo de aliança foi o menos aplicado em alemão (especialmente na variedade *Hunsrückisch* e *Westfälisch*), entre os teuto-brasileiros em Colinas, RS. Sobre isso Horst (2011, p. 199), conclui que “[...] com os casamentos mistos, os termos de parentesco, especialmente, do tipo por aliança, passaram a ser lusitanizados”. É o que parece que vem ocorrendo há muito tempo entre os ítalo-brasileiros, com os casamentos interétnicos, a variedade foi/é deixada de ser usada, sendo substituída pelo Pt..

Por fim, apresentamos o resultado final da aplicação dos termos de parentesco, com foco nas respostas espontâneas do questionário lexical, nos municípios de Chapecó SC e Pato Branco PR. Em Chapecó, a substituição dos termos de parentesco do *talian* está em 66% em Pt., enquanto que se mantém 30% dos termos em *talian*, 3% foram mistos e 1% no Ita.. Em Pato Branco o resultado é praticamente o mesmo, prevalecendo os termos de parentesco em Pt., com 66% e se manteve 28% dos termos em *talian*. Os termos mistos chegaram a 4% e os do Ita., 2%.

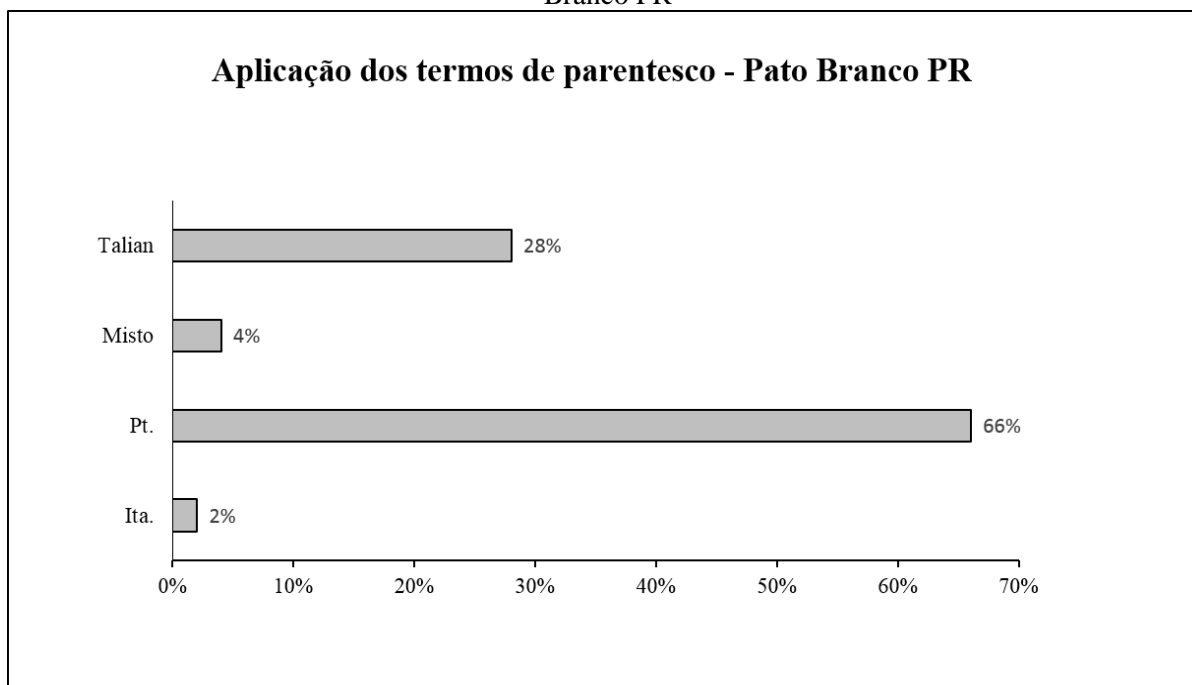
Seguem os gráficos 21 e 22, dos dois pontos geográficos, com a aplicação das respostas espontâneas dos termos de parentesco, vistas no questionário lexical:

Gráfico 21: Resultado final da aplicação dos termos de parentesco no questionário lexical – Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 22: Resultado final da aplicação dos termos de parentesco no questionário lexical – Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Sobre a hipótese 1f, que fala da dimensão dialingual, pressupõe-se que os ítalo-brasileiros iriam produzir mais as variantes em Pt. do que no *talian*, mas que as variantes do *talian* seriam aplicadas também, mesmo que em porcentagem menor, a hipótese se confirma com esse resultado tanto em Chapecó, como em Pato Branco, e segue o percurso das línguas minoritárias de imigração, de declínio, tendendo a um monolinguismo em Pt. (CAVALVANTI, 1999; KRUG, 2004, 2011; MARGOTTI, 2004). Porém, mesmo com números mais baixos de aplicação, se comparados aos termos aplicados em Pt., os termos de parentesco do *talian* também foram usados nas respostas espontâneas ao questionário. Isso significa que a variedade minoritária italiana ainda é falada nessas duas localidades, conforme o grau individual de bilinguismo de cada inf. (HEREDIA, 1989; MACKEY, 1972), mas em grau maior pela CbGII.

O resultado confirma também a hipótese 1a, sobre a dimensão diatópica. Esperávamos encontrar semelhanças entre os dois pontos geográficos, Chapecó SC e Pato Branco PR, afinal os contextos são parecidos, tanto nos fatores históricos, quanto no contexto atual. Os pontos foram colonizados na primeira metade do século XX, por descendentes de italianos vindos do RS e SC; possuem informantes bilíngues, com variação individual de mais ou menos bilinguismo e ambos os locais são tidos como capitais das suas microrregiões, por serem cidades maiores, oferecem estrutura médica, educacional e empregatícia a sua população e para as cidades vizinhas. Os percentuais indicam resultados parecidos entre os pontos, mas em grau de manutenção do *talian*, Chapecó fica na frente de Pato Branco em 2%, mesmo sendo populacionalmente maior e mais urbanizada (IBGE, 2010, 2014; ALERS, 2011).

Nesse sentido, o que também chamou atenção durante as análises, foi que a GII apresentou maior nível de manutenção de modo geral e muitas vezes nas análises específicas também. Contudo, a célula composta pela classe, geração e sexo/gênero, inf.(s) M(s) de CaGI, mostraram resultados positivos no uso do *talian* nas respostas em ambos os pontos geográficos, tendo muitas vezes maior porcentagem de *talian* que a CaGII. Esse fato se explica, pela observação das respostas dos inf.(s) ao questionário geral, que se tratava de perguntas pessoais, em que fica evidente que esses dois inf.(s) tem contato com falantes de *talian*. Percebemos que, além da mudança em curso da geração de mais idade para a geração mais nova (LABOV 2003, 2008 [1972]) (entre a GII e a GI), o que está atuando na manutenção e na substituição dos termos de parentesco do *talian* pelos termos do Pt. é o contato ou a ruptura familiar e linguística com quem fala o *talian*.

3.6 Síntese das aplicações dos termos de parentesco na conversa livre semidirigida e algumas impressões sobre a leitura

Com o objetivo de complementar a análise de dados das respostas espontâneas do questionário lexical, a seguir apresentamos uma síntese dos dados da conversa livre semidirigida e na sequência algumas impressões da pesquisadora sobre a realização da leitura.

A conversa foi realizada logo após a aplicação do questionário e teve como assunto a história da família do informante. Então, se falava inicialmente: *parla sora la to fameia. Seto dirme de ndove ze vegnesti i tataranoni o bisnoni?*.²⁹ Depois ouvia-se o relato do inf. e até dialogava-se com os inf.(s), a fim de deixar a conversa mais informal possível. Se os informantes não falassem muito, continuava-se a perguntar: *E i vostri noni? E il pari?*³⁰. O tempo de duração da conversa variou conforme cada inf. e/ou inf.(s) (se estavam em mais de uma pessoa), mas de modo geral, os relatos foram rápidos.

Na conversa livre semidirigida, em Chapecó e Pato Branco, ficou visível a aplicação de praticamente 100% dos termos de parentesco do tipo sanguíneo, independente se foram falados em Pt. ou no *talian*. Nos inf.(s) da GI de Ca e Cb, com algumas exceções, prevaleceram os termos do Pt., na CaGII houve ocorrência de termos do *talian* e do Pt. e na CbGII, predominaram os termos do *talian*. Assim, em Chapecó, o inf. M de CaGI falou os termos do *talian tataroni, bisnoni, nono, nona, pare e mare* e nenhum termo do Pt., misto ou do Ita., enquanto que a inf. F de CaGI usou em suas respostas, somente os termos no Pt., *bisavós, bisavô, bisavô, vô, pai, mãe e tios*.

Na CbGI, predominaram os termos do Pt., o inf. M disse os termos: *pai, nono, bisavô, avó, neto, neta e vô* e a inf. F aplicou os termos *avós, mãe e pai*. Na CaGII, o inf. M usou os termos: *irmãos, bisavô, avô, pai e mãe* e a F *noni, fioi, filhos, pai e irmãs*. E na CbGII, o M falou os termos do *talian pare, mare* e do Ita. *genitori*, já a inf. F aplicou os termos do *talian nona, mama, fioi, fradèi, pare, mare e santola* e no Pt. *pai e madrinha*.

Em Pato Branco, na CaGI se observa que todos os termos foram realizados no Pt.. Assim, o inf. M aplicou os termos: *bisavô, mãe, pai, bisavôs, avô, avó, pais, tio e irmã* e a F *avó, tataravós, vô, tataravô, bisavó, bisavô e vô*. Os termos do Pt. também se fazem presente na CbGI, o inf. M usou na conversa os termos: *bisavós, tataravós, vô, pai, vô e mãe* e a inf. F

²⁹ **Trad.:** Fale sobre a sua família. Você/tu sabe me dizer de onde vieram seus/teus tataravós/e ou bisavós?.

³⁰ E seus/teus avós? E seus/teus pais?.

disse *vô, pai, nono, bisavô e tataravô*. Na CaGII, houve alternância dos termos do Pt. e do *talian*, assim, o inf. M proferiu os termos do *talian tataroni, noni* e do Pt. *pai, irmãos, mãe*, enquanto que na inf. F constatamos os termos do *talian tataranonos, nonos, nono, nona*, do Pt. *pai, mãe, pais, tios, irmãos, avô, sogro, sogra, marido, irmã, vó* e o termo *irmon*, caso típico de interferência do *talian* no Pt. Na CbGII, da mesma maneira que em Chapecó, predominaram os termos de parentesco em *talian*. O inf. M aplicou durante a conversa os termos *noni, pupà, bisnono e zio*, enquanto que a inf. F proferiu *noni, mama, none, nona* e no Pt. *pai, mãe e irmã*.

Observamos que a aplicação dos termos de parentesco na conversa livre semidirigida variou entre Pt. e *talian*, e a língua em que se realizaram as conversas também variou, pois, conforme Heredia (1989), em locais bilíngues/multilíngues é possível se ter inf.(s) com línguas maternas diferentes convivendo e com graus de bilinguismo diferenciados. A entrevistadora sempre estimulou a realização do *talian*, iniciando as falas na língua minoritária e, quando não era compreendida pelos inf.(s), passava a fala para o Pt.. O que se constatou com essa prática foi que a CbGII respondeu em *talian*, a CaGII e a CaGI teve variação, a maioria entendia o que se falava/perguntava no *talian*, mas respondiam em Pt., ou misturavam, uma parte falavam no *talian* e outra parte em Pt.. A CbGI foi a célula que mais se alterou a entrevista do *talian* para o Pt..

A seguir, no quadro 22, para uma melhor visualização, temos os números de termos de parentesco produzidos por cada inf., em Chapecó e Pato Branco na conversa livre semidirigida:

Quadro 22: Número de termos de parentesco produzidos por cada inf. em Chapecó e Pato Branco

TERMOS DE PARENTESCOS APLICADOS NA CONVERSA LIVRE SEMIDIRIGIDA																		
Língua	CHAPECÓ SC									PATO BRANCO PR								
	CaGI		CbGI		CaGII		CbGII		Total	CaGI		CbGI		CaGII		CbGII		Total
	M	F	M	F	M	F	M	F		M	F	M	F	M	F	M	F	
Talian	6	0	0	0	0	2	2	7	17	0	0	0	0	2	4	4	4	14
Pt.	0	7	7	3	5	3	0	2	27	9	7	6	5	3	11	0	3	44
Ita.	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mistos	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Para melhor ilustrar a variação dos usos dos termos e da alternância das línguas utilizadas durante a conversa livre semidigida, selecionamos alguns trechos de conversas de inf.(s) chapecoenses, vejamos:

CaGI M – Chapecó SC: *I tataranoni i vignesti d`la Itália [...]*
Entrevistadora: *Sabe di che region lá?*³¹ **CaGI M:** *I vegnesti par quà em Porto Alegre e dopo andati par Farropilha, Bento Gonçalves. E bisanoni nascesti chi anca, o nono e a nona anca ze nacesto lá dopo che vegnesto par Cachambu do Sul. I due, me pare e me mare nacesto ali né, anca mi, dopo che semo vegnesto par quà, par Chapecó. [...]*³²

Entrevistadora: Vou pedir para você, se você sabe ou lembra um pouquinho mais da sua família. De onde vieram seus bisavós? **CbGI F – Chapecó SC:** Eles vieram da Itália, mas eu não sei certo a cidade, essas coisas eu não sei, só sei que eles foram para o RS e agora vieram para SC. **Entrevistadora:** Sabe a região do RS em que eles moravam? **Inf. CbGI F:** Maral, ali por essa região, Camargo. **Entrevistadora:** Eles tinham terra? **CbGI F:** Tinham. **Entrevistadora:** Mas os bisnonos não vieram para cá? **CbGI F:** Não, só meus avós [...];

Entrevistadora: [...] *já me parlo che tu bisnoni vieron d`Itália, parla un poco mas de che region*³³. **CaGII M – Chapecó SC:** Eles vieram do norte da Itália, que eu lembro assim, que eu te contava antes, eles viram da cidade de Trento e vieram em três irmãos pro Brasil, dois ficaram no RS e um ficou em SP. O da minha família ficou ali em Carlos Barbosa e aí se originou a família [...]
Entrevistadora: *E tuos noni son do Rio Grande né?*³⁴ **CaGII M:** Do Rio Grande, meu bisavô ele estava em Carlos Brarbossa e daí meu avô se criou em Paim Filho e eu nasci em Paim Filho, meu pai nasceu em Paim Filho e eu também nasci em Paim Filho [...] depois nós fomos para Erechim, aí de Erechim eu sai para estudar fora e depois eu vim para cá, pra Chapecó, a minha mãe ainda mora em Erechim[...] **Entrevistadora:** Faz tempo que está em Chapecó? **CaGII M:** 27 anos já, sou chapecoense [...];

CbGII F– Chapecó SC: *Ze viniste bene distante lure perche vineste, lá nona mia la zea vinista d`Itália, a nona mia, a mama de pai mio né. E luri nacesti lá de banda Rio Grande quà done e de lá somo vinesti par Colônia Cella [...]* e semo vinisti estar estate con la femeia, e gá fato la casa perchè era tuto

³¹ **Trad.:** Sabe de que região de lá?

³² **Trad.:** Os tataravós vieram da Itália [...] **Entrevistadora:** Sabe de que região lá? **CaGI M:** Vieram para cá em Porto Alegre e depois para Farropilha, Bento Gnsalves. E os bisavôs nasceram aqui também, o avô e a avó também nasceram lá e depois vieram para Cachambu do Sul. Os dois, meu pai e minha mãe nasceram ali né, também eu, depois que viemos para cá, para Chapecó. [...];

³³ **Trad.:** Já que me falou que seus bisavós vieram da Itália, me fala um pouco mais de que região.

³⁴ **Trad.:** E teus avós são do Rio Grande né?

*mato. Entrevistadora: E fioi nasceron tuti chi?*³⁵ **CbGII F:** *No la era viniste tute, la ultima era mi de la do e dopo quà nacesti ancora mai due, trè fioi, i fradèi mio, quà su em SC [...] quà su dizia che era bariga verde [...] mà final che gá sofristo, me pare e me mare atravesá mati [...].*³⁶

Nesses excertos de Chapecó é possível constatar três situações distintas. Na CbGII fazia-se as perguntas/falas no *talian* e os inf.(s) responderam no *talian* e na sua maioria, os termos produzidos na conversa foi em *talian* também. Houve uma exceção, os inf.(s) da CaGI e de CbGI, exceto o inf. citado, CaGI, realizaram a conversa em Pt. e usaram os termos de parentesco também do Pt.. A segunda situação, é o que ocorreu com os inf.(s) de Cb, tanto o M., quanto a F, estimulou-se a fala no *talian* iniciando a entrevista na variedade, mas os inf.(s) não entenderam as perguntas, então passou-se a utilizar somente o Pt. e a aplicação dos termos de parentesco ocorreu na sua maioria no Pt.. Outro fato que ocorreu, foi que a entrevistadora realizou as perguntas/falas no *talian* e os inf.(s) entendiam, mas respondiam no Pt., com aplicação dos termos também no Pt. na maioria das vezes. Foi o que correu com a inf. F de CaGI e os inf.(s) M(s) e a inf. F de CaGII.

Na sequência, para ilustrar os dois pontos, mais alguns trechos da aplicação dos termos de parentesco na conversa livre semidirigida, agora com inf.(s) de Pato Branco:

Entrevistadora: *Parla un poco de la historia de tu fameia. De onde vieron tu tataroni, tu bisnoni, tu noni*³⁷ **CaGI F – Pato Branco PR:** [...] então, eles vieram da Itália, o tataravô veio de Treviso, que era divisa com a Austria, entanto que ele casou com uma mulher que era austria, que é a minha bisavó, a filha deles no caso, mas ela veio pra cá quando era criança e se casou com um cara daqui. E da outra família [...] também tem o bisavô e a bisavó que se casaram daí na Itália e vieram pra cá, porque o governo doou as terras para eles e eles vieram morar aqui [...] o meu vô e minha vó [...] moravam no Rio Grande [...] e daí eles foram pra SC e depois vieram morar em Pato Branco quando ainda não era município, porque o meu vô foi um dos pioneiros aqui de Pato Branco;

³⁵ **Trad.:** E os filhos nasceram todos aqui?

³⁶ **Trad.:** Vieram de bem longe, a avó minha, ela veio da Itália, [...], a mãe do meu pai né. E eles nasceram lá pelo Rio Grande e a mulher. E de lá viemos para a Colônia Cella [...] e viemos e estamos aqui com a família, fizemos casa porque era tudo mato. **Entrevistadora:** E os filhos nasceram todos aqui? **CbGII F:** Não viemos todos, a última sou eu de lá e depois aqui também nasceram mais dois três filhos, que são meus irmãos, aqui em SC [...] aqui diziam que era barriga verde [...], mas afinal que sofreram, meu pai e minha mãe atrevesavam matos [...].

³⁷ **Trad.:** Me fale um pouco mais sobre a história de tua família. De onde vieram seus tataravós, seus bisavós, seus avós.

CbGI M – Pato Branco PR: meu vô por parte de mãe, [...] eu não sei, não sei se meu vô por parte de pai não veio direto [...] acho que meu vô vieram direto para o Paraná [...]; **CbGI F– Pato Branco PR:** [...] na verdade o vô do meu pai e o nono do meu pai vieram da Itália [...] o meu tataravô [...] mas eu acho que vinham de lá e iam pro Rio Grande, daí se esparamavam por aqui [...] vinham fazendo umas tira pra lá e pra cá [...];

Entrevistadora: *Parla sora la historia de to fameia. Donde vegnesti tu tataroni, tu bisnoni, lembra?*³⁸ **CaGII F – Pato Branco PR:** Então, os tataranonos acho que vieram da Itália, e os nonos son do RS, lá de Maral, pra lá de Passo Fundo, então como eu te falei primeiro o pai e a mãe vieram pra cá a 60 anos atrás, casaram e construíram a família aqui em Pato Branco [...] e sempre moraram ali, e *gà fato a casa e comprà um toco de tera e laureia a rossa e pai laurar, e so laurar desde picoliti, de matina a note* [...] *tuti de picoleti e più vecchio e tuti te a rossa, sapar, piantar e far de tuti che laori, ararar con i boi* [...] ³⁹ todos eles vieram do Rio Grande, todos ali da region eram de lá, só uma família vizinha que era de SC [...] todos com descendência italiana [...] **Entrevistadora:** *Enton né, tu pupà e tu mama parlavon italiano e perche vocês, i fioi non parlaron mais?*⁴⁰ **CaGII F – Pato Branco PR:** Enton, justamente porque quando a gente começou a estudá houve uma mistura do italiano com o português, e o meu irmon e minha irmã que eram mais velhos, uns dez anos começaram a cortá e dizê pro pai e a pra mãe que eles não deveriam falar italiano porque nós misturava e daí assim achavam palavras e[r]ada e os outros começavam rir da cara da gente, porque em vez da gente chamá vó, a gente falava nona, a gente usava um palavreado mesturado [...] então por isso daí a gente parô de falar italiano literamente, a gente não falava nada quando era jovem [...] nós não conseguia se falar por causa do certo e do e[r]ado [...];

CbGII M – Pato Branco PR: *Ah! Quando vieron par Brasil? Non, non vien in Brasil e si vieron in Mérica [...] a maioria era de chi italianos che vinesti al Brasil era meeiros de feus italianos [...] meeiros piantavon e davon a metade al senhor [...] el bastimenti che vieron par la Mérica me noni, el nome del navio era Andrea Doria, non navio é bastimenti [...] me bisnono estea lá di Castel Gandolf [...] vinesti in Rio Grande [...] Caxias, Antonio Prado [...] io vim de lá, dopo a Santa Catarina, Concórdia e io sou gaúcho cansado [...].*⁴¹

³⁸ **Trad.: Entrevistadora:** Fala um pouco da história de sua família. De onde vieram seu tataravós, bisavós, lembra?.

³⁹ **Trad.:** [...] e fizeram a casa e compraram um pouco de terra e, trabalhavam na roça, o pai trabalhava, e era só trabalhar desde pequenos, de manhã a noite [...] todos os pequenos e os mais velhos e todos na roça, carpir, plantar e fazer todos os tipos de serviço, lavrar com os bois [...]

⁴⁰ Trad.: Então né, seu pai e sua mãe falavam italiano, e por que vocês, os filhos não falaram mais?

⁴¹ **Trad.:** Ah! Quando vieram para o Brasil? Não, não vieram para o Brasil, vieram para a América [...] a maioria daqueles que vieram para o Brasil eram arrendatários de patrões italianos [...] os arrendatários plantavam e davam a metade aos senhores [...] o navio em que meus avós vieram para a América se chamava Andrea Doria [...] não se diz navio e sim bastimenti (navio) [...] meu bisavô era de lá de Castel Gandolf [...] vieram para o Rio Grande, [...] Caxias, Antonio Prado [...] eu vim de lá para SC, Concórdia e eu sou gaúcho cansado [...].

Em Pato Branco, conforme os trechos acima de alguns dos inf.(s), na conversa livre semidirigida, constatamos que na GI, a Ca entendeu na maioria das vezes o que a entrevistadora pedia em *talian*, mas a resposta veio em Pt. e também na maior parte das vezes, os termos foram aplicados em Pt. Na CbGI, foi preciso mudar a fala em *talian* para o Pt., pois muitas vezes não foi compreendido pelos inf.(s). Assim, eles realizaram a conversa no Pt. e a maior parte dos termos também. Os inf.(s) de CaGII, por sua vez compreendiam o que era falado no *talian* e as respostas variaram, passando de Pt. para *talian* ou vice-versa, e os termos de parentesco também foram produzidos de forma alternada, predominando termos do *talian*. Na CbGII, ambos os inf.(s) responderam no *talian*, e a maioria dos termos ditos foram no *talian* também.

Ao compararmos a conversa livre semidirigida com as análises das respostas espontâneas do questionário lexical, constatamos semelhanças nos resultados. As células (classes e gerações) que mais apresentaram aplicações dos termos de parentesco no Pt. no questionário lexical também foram as mesmas que realizaram a conversa no Pt. e tiveram os termos ditos no Pt., com raras exceções. Na CaGII, que no questionário aplicou termos do *talian* e do Pt., também o fez na conversa livre semidirigida, alternando a língua e os termos durante a conversa. A maior manutenção dos termos do *talian* tanto no questionário como na conversa foram percebidos com os inf.(s) de GbGII, em ambos os pontos geográficos. Outro ponto em comum observado entre esses dois estilos foi o tipo de termo mais aplicado, ou seja, os do parentesco sanguíneo.

Todas essas constatações feitas ao longo do questionário e da conversa livre semidirigida perante as aplicações dos termos de parentesco, bem como a realização da fala entre uma língua e outra (*talian* e Pt., ou vice-versa) vem ao encontro de Heredia (1989), Romaine (1995), Mackey (1972), Heye (2003), no qual enfatizam que não há bilíngues com domínio de igual forma, no que se refere às habilidades linguísticas, que podem acontecer entre línguas majoritárias e também entre variedades minoritárias.

No que se refere ao estilo leitura, foi elaborado um texto que contemplou os três tipos de termos de parentesco e dividiu-se esta narrativa em três línguas, *talian*, Pt. e Ita. (vide anexo A4). No trecho da leitura do *talian*, de modo geral foi possível observar que todos os inf.(s), de CaGI, CbGI, CaGII e CbGII, dos dois pontos geográficos tiveram dificuldade para ler. Mesmo os inf.(s) mais proficientes nas duas línguas (*talian* e Pt.), que durante as respostas ao

questionário e conversa semidirigida falaram no *talian*, durante a leitura não conseguiam pronunciar certas palavras corretamente. Possivelmente se estivessem em uma situação de fala isso não ocorreria.

O trecho do texto em Pt. foi que mais teve fluência, fato esse constatado em todos os inf.(s). A GI se mostrou com maior domínio da variedade padrão da língua portuguesa. Alguns entrevistados da CbGII, tiveram influências do *talian* no Pt. durante a leitura, por exemplo pronunciaram palavras como: *enton* / então, *poron* / porão, etc., o que é comum em indivíduos bilíngues (MACKEY, 1972; HEREDIA, 1989; ROMAINE, 1995) .

O trecho do texto em Ita. classificou-se como intermediário no grau de dificuldade, embora também se constatou dificuldade para a leitura, principalmente da GII, parece ser mais fácil a leitura do que o *talian*. Percepção esta confirmada pelos próprios inf.(s); que ao fim da leitura, ou da entrevista, queriam saber “qual era a diferença dos italianos”. A maioria disseram ser o *talian* mais difícil de ler do que o Ita.. Esta prática vem confirmar que a língua minoritária italiana (*talian*) é somente oral, passada de geração em geração (MARGOTTI, 2004). Esse estilo, vem complementar as informações sobre o grau de bilinguismo dos participantes e ficou evidente que foi o mais formal e mais cuidado pelos inf.(s) (THUN, 1999, 2005).

Depois das descrições, análises das respostas espontâneas do questionário lexical, síntese sobre a conversa livre semidirigida e das percepções sobre a leitura, o que podemos dizer sobre a hipótese 2, que tratava da suposição de que é na conversa livre semidirigida em que fica mais visível a influência do Pt. na manutenção e substituição dos termos de parentesco do *talian* pelos termos Pt.. Nesse sentido, foi possível observar além de como os inf.(s) aplicaram os termos de parentesco, também a língua em que realizaram a conversa. Conforme Thun (2005), esse é o estilo mais informal, o que aproxima a fala dos inf.(s) àquela que ele realiza no seu dia a dia. Porém, com esta prática obtivemos poucos termos de parentesco, sendo o questionário lexical um instrumento muito importante para os resultados obtidos neste estudo; pois possibilitou averiguar a aplicação de todos os termos de parentesco.

Essas constatações exigiriam análises mais específicas, comparações entre as dimensões como foi realizado no questionário lexical e só depois disso relacionar os estilos (dimensão diafásica). Porém, devido ao tempo para realização de uma dissertação de mestrado, foi preciso fazer um recorte para analisar os dados. Portanto, essas são percepções da pesquisadora/entrevistadora baseadas em comparação simplificada, e dos registros percebidos

durante a coleta de dados com dezesseis inf(s). ítalo-brasileiros, em dois pontos, através do questionário, conversa livre semidirigida e leitura.

Para nós, interessou descrever a manutenção e a substituição dos termos de parentesco do *talian* pelos termos do Pt. com as respostas espontâneas do questionário lexical, pois proporcionou uma aplicação completa dos três tipos de parentesco. Os dados coletados ficarão em um banco de dados, disponíveis às futuras análises, que poderão ser realizadas em outras perspectivas, devido à complexidade de se trabalhar com textos plurilíngues.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho primeiramente passou pela etapa de leituras e composição do referencial teórico, processo que se fez necessário para dar conta dos objetivos e hipóteses construídas para a realização da pesquisa. Em seguida, houve a preparação para a pesquisa de campo, com elaboração do roteiro de entrevista, em *talian*, em Pt. e Ita.. Nesse mesmo tempo, o projeto de pesquisa tramitou pelo CEP, para ser aprovado. E após a aprovação do trabalho, saímos a campo para o levantamento dos dados. Depois definimos a organização, descrição e análise dos dados.

Por fim, voltamos ao nosso objetivo maior, que era descrever e analisar a manutenção e a substituição dos termos de parentesco do *talian* pelos termos de parentesco do Pt. na fala dos ítalo-brasileiros, nos municípios de Chapecó, SC e Pato Branco, PR. A partir das análises, verificamos, de modo geral, que a substituição dos termos do *talian* pelos termos do Pt. está mais elevada, ficando com 66% em ambas as localidades. Já a manutenção dos termos de parentesco em *talian* está com 30% em Chapecó e 28% em Pato Branco. Vale destacar também que os termos mistos se fizeram presentes nos pontos com 3% no município catarinense e 4% no paranaense, principalmente na CaGII, que foi a célula que mais alternou os termos, entre os do *talian* e do Pt.. O Ita. não ultrapassou 2%, o que indica que nenhum dos informantes possui curso de italiano padrão. O que eles sabem adquiriram provavelmente através da mídia televisiva. Fica evidente também que o *talian* é uma outra língua, uma variedade dos imigrantes vindos da Itália, que misturaram alguns dialetos do norte italiano e depois teve o contato com o Pt.. Essa variedade foi passada aos descendentes e é somente falada (MARGOTTI, 2004).

Vários fatores contribuem para a substituição do *talian* pelo Pt.. A política linguística proibitiva do Estado Novo, de Getúlio Vargas, por exemplo, contribuiu para a diminuição da fala na variedade linguística italiana, entre as gerações seguintes àquele momento, fato que Pertille (2009), também constatou em seu trabalho. Nas localidades estudadas, identificamos informantes bilíngues *talian*-português que passaram pela fase de *Nacionalização do Ensino*, o que deixou a variedade restrita à família e ao grupo de amigos, sendo na escola e na sociedade, de modo geral, falado o Pt., a língua oficial do país. Desse período em diante, o Pt. passou a ter cada vez mais *status*, afinal até os descendentes mais urbanizados e de melhores condições sociais passaram a estigmatizar a língua falada pelos colonos. Assim, os pais deixaram de falar o *talian* com seus filhos e passaram a enfatizar Pt. para eles não sofrerem estigma perante a sociedade.

A urbanização é outro fator importante observado nessas duas localidades para a manutenção e substituição do *talian*. Afinal, são locais mais urbanos, com baixo percentual de moradores nas áreas rurais (IBGE, 2010). Na cidade, o contato frequente com outras etnias, com o ensino, com o mercado de trabalho e os casamentos entre etnias diferentes (HORST, 2011) fazem com que os descendentes de italianos usem no seu dia a dia o Pt.. Já o *talian* fica restrito aos membros da família e amigos que ainda falam, isso na geração de mais idade. Na geração mais nova, percebemos algumas vezes marcas do *talian* no Pt., o conhecimento de algumas palavras do *talian* entre aqueles inf.(s) que têm ou tiveram contato com algum membro da família de mais idade que falam/falavam o *talian*, por exemplo, com o *avô/nono* e a *avó/nona*.

Assim, o contato linguístico com quem fala o *talian* foi um dos fatores mais importantes que se observou para a manutenção dos termos de parentesco da variedade italiana entre os inf.(s) da geração mais nova. Com a aplicação do questionário lexical com o método da Dilectologia Pluridimensional e Relacional em três tempos – perguntar (para obter uma resposta espontânea), insistir e sugerir – foi possível constatar que, na maioria das vezes, a GI aplicava na resposta espontânea os termos em Pt., com a insistência já vinham alguns termos do *talian* e, na sugestão, muitas vezes os inf.(s) mostravam conhecer alguns termos do *talian*. Geralmente mencionavam que ouviram de algum familiar de mais idade, avós / *noni*, tios / *zii*. E aqueles que nunca tiveram contato direto com algum familiar falante do *talian*, mostraram desconhecer a maioria dos termos.

Portanto, esses resultados foram obtidos através das respostas espontâneas ao questionário lexical. Isso revela que se fosse realizar outro estudo, com foco nas respostas por insistência e sugestão, os números seriam outros. Dessa maneira, este trabalho contribui com futuras pesquisas, pois esses dados ficarão em um banco de dados, disponível para outros estudos.

A classe social(escolaridade) e a geração também estão atuando na manutenção do *talian*. Os inf.(s) de CbGII foram os que mais mantiveram os termos de parentesco do *talian*, independentemente de residirem no interior ou na cidade. A escolarização está diretamente ligada com a profissão de cada inf.. Assim, a célula com os inf.(s) de CbGII eram constituídos por donas de casa / agricultoras aposentadas, agricultor aposentado e um protético dentário, também aposentado. As profissões ligadas à agricultura, juntamente com a faixa etária, parecem ser um forte fator que contribuiu para a alta porcentagem de manutenção dos termos do *talian*

nessa célula, pois, no meio rural, a maioria dos moradores são descendentes de italianos, ficam mais restritos em suas comunidades, com pouco contato com outras etnias e com o Pt. falado na cidade.

Já alguns dos inf.(s) de CaGII souberam grande parte dos termos de parentesco do *talian*, outros não e alguns alternaram suas falas no Pt. e no *talian*. Esse fato tem também a ver com o grau de escolarização e da profissão que os inf.(s) exercem, pois dentre eles tivemos médicos, professores e comerciantes, profissões urbanas que colocam os inf.(s) em contato diário com o Pt., devido à variação étnica e etária com que eles convivem. Já, entre os jovens, com raras exceções, predominou o Pt. Portanto, há uma mudança em curso, entre a geração de mais idade e a geração mais nova (LABOV, 2003, 2008). Quanto menor a idade mais Pt. e menos *talian*, o que leva a acreditarmos também na tendência de que, entre as novas gerações, o percentual de manutenção dos termos de parentesco do *talian* seja cada vez menor, fato esse constatado por Cavalcanti (1999), Altenhofen (2004), Krug (2004), Margotti (2004), entre outros.

Sobre os objetivos que sustentaram esta dissertação, podemos considerar que em relação **objetivo específico 1**, o qual propôs-se investigar e relacionar a fala dos ítalo-brasileiros, segundo as dimensões diatópica, diassexual, diageracional, diastrática e dialingual, percebemos que, de modo geral, em ambos os pontos geográficos, os termos de parentesco do *talian* foram mais aplicados pelos homens. Mas se observamos em específico, na CaGII são as mulheres que aplicam mais os termos de parentesco do *talian*, enquanto que na CbGI e CaGI, os homens aplicam mais termos do *talian*, em comparação às mulheres. Agora, sobre a hipótese de que as mulheres de CbGII aplicariam mais termos de parentesco do *talian* que os homens dessa célula, se confirma em partes, pois em Pato Branco a mulher usa mais os termos do *talian*, enquanto que em Chapecó é o homem.

Referente à GII (dimensão diageracional), a Cb (dimensão diastrática) foi a célula que mais realizou os termos de parentesco em *talian*, enquanto que os inf.(s) da GII de Ca aplicaram mais os termos em Pt., ficando evidente a atuação do grau de escolaridade na aplicação dos termos de parentesco, em uma língua ou outra (*talian* e Pt.) na GII. Porém, esse fator parece não ser relevante na GI, pois observamos que a Ca realizou maior número de termos do *talian* do que os inf.(s) de Cb, sendo o contato linguístico com quem fale a variedade minoritária italiana mais significativa na manutenção dos termos do *talian*. Isso se repetiu em ambos os pontos geográficos.

Enquanto que no **objetivo específico 2**, o qual visou observar e analisar a fala dos informantes conforme a dimensão diafásica, primeiramente, é preciso destacar que a coleta de dados se realizou em três estilos, conversa livre semidirigida, questionário e leitura. Porém, na análise dos dados decidimos por analisar os resultados do questionário lexical com mais ênfase, e, fez-se uma síntese da conversa livre semidirigida e da leitura, com o objetivo de comparar com a análise do questionário. Com o questionário lexical, conseguimos acompanhar como foram aplicados todos os termos de parentesco. Sendo assim, é possível destacar que os resultados do questionário e da síntese da conversa livre semidirigida foram semelhantes.

Observamos que tanto no questionário, quanto na conversa livre semidirigida, os inf.(s) de CbGII foram os que mais realizaram a aplicação dos termos de parentesco do *talian*. Na CaGII, os termos de parentesco variaram entre port. e *talian*, sendo mais aplicados por determinados inf.(s) em Pt.. Notamos na conversa que, além da variação dos termos, a aplicação de uma língua ou outra variava também em certos inf.(s). Enquanto que na GI, de Ca e Cb se registrou menos manutenção dos termos do *talian* e mais substituição pelo termos do Pt., em ambos os estilos. Já na leitura, reforça-se a percepção que o *talian* seja realmente uma variedade somente falada, pois os inf.(s) tiveram mais dificuldade de ler o trecho do *talian*, inclusive os bilíngues com grau mais elevado de bilinguismo (CbGII).

O **objetivo 3**, que trata de verificar quais dos tipos de parentesco - sanguíneo, de aliança e espiritual - da variedade italiana que os falantes usam mais, de modo geral, constatamos que os termos do parentesco do *talian* mais usados nas respostas espontâneas foram os do tipo sanguíneo, em todas as classes e gerações. O parentesco espiritual ficou em segundo lugar em termos de manutenção e de substituição também. Sobre esses termos, é interessante observar que a CbGII realizou quase que o total dos termos no *talian*, enquanto que a GI aplicou muito pouco. O parentesco de aliança foi o que menos termos se realizou em *talian*, e o que mais substituiu pelos termos do Pt..

No **objetivo 4**, sobre identificar a proficiência individual em porcentagem de usos de *talian*-português dos inf.(s), de Chapecó SC e Pato Branco PR segundo as respostas espontâneas do questionário lexical; depois da descrição, análise comparativa entre as dimensões, é possível fazer algumas observações dos informantes e das localidades; confirmamos também aqui a hipótese 4, em que pressupomos haver graus de bilinguismo variados em ambos os pontos geográficos (MACKEY 1972, ROMAINE, 1995) :

- 1) Chapecó SC:

- a) Na CaGI - o inf. M, de modo geral teve em suas respostas espontâneas ao questionário 27% dos termos falados em *talian*, 69% em Pt., 3% misto e 2% em Ita.. O inf. compreendeu as falas/questões feitas pela entrevistadora em *talian* e sua fala alternou em alguns momentos entre o *talian* e o Pt., mas prevaleceu o *talian*. A inf. F, teve em suas respostas 0% dos termos aplicados em *talian* e 100% em Pt.. A inf. compreendeu as questões feitas no *talian* e respondeu somente no Pt., porém vale destacar que, na insistência e na sugestão, ela mostrou conhecer grande número dos termos de parentesco.
- b) CbGI – o inf. M. usou 12% em suas respostas dos termos no *talian* e 88% de Pt.. A entrevistadora estimulou o *talian*, iniciando a entrevista na variedade, mas precisou alterar para o Pt., pois o inf. não entendia. Já a inf. F teve 4% de suas respostas no *talian*, 94% em Pt. e 2% misto. Com esta inf., a entrevista também foi feita em Pt..
- c) CaGII – nas respostas espontâneas do questionário, o inf. M aplicou 18% dos termos em *talian* e 82% em Pt., o inf. entendeu algumas questões no *talian*, mas a maior parte da entrevista foi realizada em Pt.. A inf. F teve 39% de suas respostas usando os termos do *talian*, 51% os do Pt., 9% misto e 2% de Ita.. A maior parte das perguntas foram realizadas na língua minoritária, mas houve momentos em Pt. e as respostas da inf. variaram entre Pt. e *talian*.
- d) CbGII – Em suas respostas, o inf. M usou 71% dos termos em *talian*, 23% em Pt., 4% misto e 2% do Ita.. A conversa com o inf. foi realizada em *talian*, com alguma variação no Pt. da entrevistadora. Enquanto que a inf. F produziu 68% dos termos em *talian*, 25% em Pt., 4% misto e 4% do Ita. A entrevista também foi realizada em *talian*, com variações em Pt., muitas vezes da entrevistadora, o que levava a inf. também usar o Pt. algumas vezes.

2) Pato Branco PR:

- a) CaGI – o inf. M totalizou 36% de suas respostas espontâneas ao questionário em *talian*, 53% em Pt., 9% misto e 4% de Ita.. A conversa alternou entre o *talian* e o Pt., pois em alguns momentos o inf. não entendia e depois voltava-se para o *talian*. Enquanto que a inf. F teve 2% dos termos de parentesco falados no *talian* e 98% em Pt.. A entrevista foi alternada no *talian* e no Pt., mas a inf. respondeu somente em

Pt.. Ao insistir e sugerir, mostrou pouco conhecimento dos termos do *talian*, o que se deve à inf. não ter contato com nenhum familiar falante da variedade.

- b) CbGI – Nessa célula, os inf.(s) tiveram realizações bem parecidas. Realizamos a entrevista em Pt. com ambos os inf.(s). O inf. M teve 7% de suas respostas falando os termos em *talian* e 88% em Pt., 2% misto e 4% em Ita.. A inf. F teve 4% em *talian*, 92% em Pt., 2% misto e 2% de Ita..
- c) CaGII – O inf. M aplicou 33% dos termos no *talian*, 54% em Pt., 7% misto e 6% em Ita.. Enquanto que a inf. F teve 32% em *talian*, 60% em Pt., 6% misto e 2% de Ita.. A entrevista com esses inf.(s) variou entre *talian* e alguns momentos em Pt., prevalecendo o *talian*.
- d) CbGII – As conversas foram realizadas em *talian* com os dois inf.(s). O M. teve 58% de usos dos termos do *talian*, 42% em Pt. e 2% misto. Já a inf. F aplicou 58% em *talian*, 40% em Pt. e 2% de misto.

Com esses dados, podemos inferir que os inf.(s) de CbGII têm grau mais elevado de bilinguismo, e que sua língua materna é o *talian*, pois os números de termos em *talian* é maior do que os aplicados em Pt. e as falas foram realizadas fluentemente em *talian*. Na CaGII, os termos do Pt. são mais elevados, mas os termos do *talian* foram expressivos. Na CbGI e CaGI, os números se parecem muito, com pouca realização de termos em *talian* e alto índice de Pt., exceto, os inf.(s) M(s) de Ca, em que os termos do *talian* foram bem elevados em relação dos outros inf.(s) da GI. Provavelmente, isso ocorreu devido ao fato de os inf.(s) terem contato familiar próximo com falantes do *talian*. De modo geral, a situação em Chapecó e Pato Branco se assemelha, mas na somatória, Chapecó apresenta 2% a mais de manutenção dos termos em *talian* que em Pato Branco.

Os dados individuais nos mostram com muita clareza, como menciona Mackey (2005), que não se tem possibilidade de identificar quando um indivíduo se torna bilingue e nem quanto bilíngue ele é, pois é relativo. Portanto, o bilinguismo é visto como um *continuum*, do grau de uso e competência nas línguas envolvidas e na diferença de graus entre esses fatores.

Esperamos que este estudo possa contribuir com novas pesquisas na área da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, bem como ajudar no reconhecimento da importância da manutenção das línguas minoritárias de imigração, que fazem parte da vida dos descendentes. Reconhecer a heterogeneidade linguística, valorizar as etnias, as culturas e costumes locais

torna-se importante também no contexto escolar, a fim de que se estimule a desmistificação do preconceito linguístico, inclusive através da oferta de outras línguas estrangeiras nas escolas, além do inglês e espanhol, aquelas que façam parte da descendência étnica dos moradores locais, por exemplo, o Ita..

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

ALERS - ALTENHOFEN, Cléo V. e KLASSMANN, Mário (Orgs.). **Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**: Cartas Semântico-Lexicais. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Florianópolis: Editora da UFSC, 2011b. Autores: AGOSTINI, Basílio; ALTENHOFEN, Cléo V.; FURLAN, Oswaldo; KLASSMANN, Mário; KOCH, Walter (†); MARGOTTI, Felício Wessling; MERCER, José Luiz da Veiga; VIEIRA, Hilda Gomes (†).

ALMA - Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/projalma/oqueeh/apresentacao.html>. Acessado: 05/12/2014.

ALTENHOFEN, Cléo V. O conceito de língua materna e suas implicações para o estudo do bilinguismo (alemão-português). *Martius-Staden-Jahrbuch*, São Paulo, n. 49, p. 141-161, 2002. [ISSN 1677.051X]. In: **Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL)**, 2004. D:\TEORIAS LINGUÍSTICAS\Artigo políticas linguísticas no Brasil\LINGUA MATERNA - ALTENHOFEN 2002.htm.

_____. Política linguística e concepções linguísticas em áreas bilíngues de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. 2004, 1(3), p. 83-93.

_____. Áreas Linguísticas do Português Falado no Sul do Brasil: um Balanço das Fotografias Geolinguísticas do ALERS. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer**. Londrina: EDUEL, 2005.

_____. Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ESPIGA, Jorge; ELIZAINCÍN, Adolfo. (Org.). **Español y portugués: um (velho) novo mundo de fronteiras e contatos**. Pelotas. Cidade: Editora, 2008. p. 129-164.

_____. In: **II Seminário Internacional de Línguas e Literatura na Fronteira Sul – I Instituto de Estudos Linguísticos**. Minicurso: variação e contatos linguísticos na perspectiva da macroanálise sociolinguística. Chapecó, Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), 2013.

ALTENHOFEN, Cléo V. e MARGOTTI, Felício. O português de contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tomaso (Orgs.). **Os contatos lingüísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

ANAIS DO I FÓRUM INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE LINGUISTICA: para uma política da diversidade linguística no ensino de línguas. **O status da brasilidade das línguas de imigração em contato com o português**. Porto Alegre: Evangraf/Instituto de Letras (UFRGS), 2008, CD 1.

As dez Cidades mais populosas. Disponível em: http://asdezmaiores.blogspot.com.br/2013/09/as-dez-mais-populosas-cidades_do_16.html. Acessado em 06/05/2014, às 1:40.

AUER, P. **From code-switching via language mixing to fused lects: Toward adynamic typology of bilingual speech.** In: *Internacional Journal of Bilingualism*, 1999.

BATALHA, Luiz. **Breve Análise sobre o Parentesco como organização Social.** Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas - Universidade Técnica de Lisboa, 1995.

BATALHA, Luiz. Decodificando o parentesco. In: **Trabalho de Antropologia e Etnologia**, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, v. 43 (3-4), 2003.

BISOL, Leda. Harmonização vocálica, uma regra variável. In: **ENCONTRO SOBRE O BILINGUISTO NO SUL DO BRASIL**, 1., 1982, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre: UFRGS, 1982. p. 71-103.

BOCCHESI, Nero Franca Fornari. **Pato Branco sua história sua gente.** Pato Branco PR: Imprepel Gráfica e Editora Ltda, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *The urbanization of rural dialect speakers. A sociolinguistic study in Brazil.* New York: Cambridge University Press, 1985.

BOURDIEU, Pierre. Des familles sans nom. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, 113, p. 3-7, 1996.

BUSSE, Sanimar; BELONI, Wânia Cristine. Línguas e Culturas em Contato: o talian e a preservação da identidade italiana em Cascavel. **Revista Travessia**, 18. ed., v. 7, n. 2, 2013.

BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual?. *Is Kinship Always Already Heterosexual? Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies* (13)1, 2002, pp.14-44. Tradução: Valter Arcanjo da Ponte; Revisão: Plínio Dentzien.]. Universidade da Califórnia, Berkeley. **Revista Pagu**, v. 21, 2003, p. 219 – 260.

CARDOSO, Suzana Alice e MOTA, Jacyra A. Dialetologia e ensino de língua materna. In: GORSKI, Edairne COELHO, Izete. **Sociolinguística e ensino: construições para formação do professor de língua.** 2006. p. 83-107.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade.** Sao Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CAVALCANTI, Marilda C. Estudos sobre Educação Bilíngue e Escolarização em Contextos de Minorias Linguísticas no Brasil. **Revista Delta**, v. 15, número especial, p. 385-417, 1999.

CÂNDIDO, Marcondes da Silva; FERREIRA, Claudio; GRAPEGGIA, Mariana; SILVA, Jackson André da; TRÊS, Douglas Luiz. **Santa Catarina em números –** Chapecó. Florianópolis: Sebrae/SC, 2010.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P. **La Dialetologia.** Tradução de Carmen Morán Gonzalez. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHERLIN, Andrew J.; FURSTENBERG Jr. Stephamilies in the United States: a reconsideration. **Antral Review of Sociology**, v. 20, p. 359-381, 1994.

CONFORTIN, Helena. Comportamento de falantes bilíngues do Alto Uruguai gaúcho: frente a língua materna (dialeto italiano) e a língua portuguesa. In: BONI, Luiz A. (org.) **A Presença Italiana no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

COSERIU, Eugenio. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982. (Cuadernos de Lingüística; 8).

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL (05/10/1988). Disponível em: http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/con1988_05.10.1988/CON1988.pdf. Acesso em: 02 jun. 2014 , às 22:50 horas.

DICIONÁRIO BILÍNGUE ITALIANO – PORTUGUÊS E PORTUGUÊS – ITALIANO. Trad. Ivone Castilhos Benedetti e Letícia Zini. São Paulo: Editora wmf; Martins Fontes, 2013.

Dicionário online de Português. Dispo – Oligarquia. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/oligarquia/>. Houaiss – Dicionário online de Língua Portuguesa. Acessado em 15/04/2014.

FERGUSON, C. A. Diglossia. In: **Word, New York**, n. 15(2), p. 325-340, 1959.

FERRAZ, Aderlande Pereira. O Panorama Linguístico Brasileiro: A Coexistência de Línguas Minoritárias com o Português. **Filol. linguist. port.**, Universidade Federal de Minas Gerais, n. 9, p. 43-73, 2007.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FISHMAN, J. A. **Bilingualism with and without diglossia; diglossia with and without bilingualism**. In: Journal of Social Issues, v. 23, n. 2, 1967. p. 29-38.

FISHMAN, Joshua A. Language maintenance, language shift, and reversing language shift. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. (eds.). **The handbook of bilingualism**. Malden; Oxford: Blackwell Publishing Ltd, p. 406-436, 2006.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. Porto Alegre: Movimento, 1975.

_____. Comunicação linguística na região de colonização italiana (os dialetos e a língua portuguesa). In: *Imigração italiana: estudos*. Porto Alegre: Escola Superior de Tecnologias de São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1979, p. 97-105.

_____. **Dialetos italianos**. Caxias do Sul: Educs, 1983.

_____. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul: processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira**. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2009.

FROSI, Vitalina Maria. Interrelazione fra il dialetto Venêto e la lingua portoghese-brasiliana. *In*: MEO ZILIO, Giovanni. **Presenza, cultura, lingua, tradizione dei veneti nel mondo**; prima parte, America Latina. Venezia: Giunta Regionale Veneto, p. 215-236, 1987.

_____. A linguagem oral da região de colonização italiana no Sul do Brasil. *In*: MAESTRI, M. (Coord.). **Nós, os ítalo-gaúchos**. Porto Alegre: ED. UFRGS, 1996. p. 158-167.

_____. *Os Dialectos Italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla linguística*. *In*: CARBONI, Florence; MAESTRI, Mario (Org.). **Raizes italianas do Rio Grande do Sul**. Passo Fundo: UPF, 2000.

FROSI, Vitalina Maria; RASO, Tommaso. O italiano no Brasil: um caso de contato linguístico e cultural. *In*: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cleo, RASO, Tommaso (org.), **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

FURSTENBERG, Frank Jr. Reeyeling the family perspectives for a neglected family fron. **Marriage and Family Review**, 2 (3), 1 p. 12-22, 1979.

GALVÃO, Rafael Ribas. **Relações amorosas e ilegitimidade: formas de concubinato na sociedade curitibana (segunda metade do século XVIII)**. Dissertação de mestrado. Curitiba, 2006.

GALVES, Charlotte; GARMES, Helder; RIBEIRO, Fernando Rosa (Orgs.). **África – Brasil caminhos da língua portuguesa**. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

GHASARIAN, Christian. **Introdução ao estudo do parentesco**. Lisboa Portuga: Terramar, 1, 1996. Tradução de Ana Santos Silva.

GIRON, Loraine Slomp. *Identidade: religião e valores*. *In*: GIRON, Loraine Slomp e RADUZ, Roberto. (Org.). **Imigração e cultura**. Caxias do Sul: Educs, 2007, p. 39-58.

GOLDSCHMIDT, Chistian. **Casamentos mistos: liberdade e escravidão em São Paulo colonial**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2004.

GUY, Gregory. Variationist approaches to phonological change. *In*: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard (eds). **Handbook of historical linguistics**. London: Blackwell. 2001.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial: imigrações no Oeste do Paraná (1940 1970)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

GROSSELLI, Renzo, Maria. **Vencer ou morrer**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1987.

GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **XXVII Reunião Anual da ANPOCS**, realizada em Caxambu, de 21 a 25 de outubro de 2003 – faz

parte da pesquisa andamento – “Famílias Gays e Lésbicas: Gênero e Parentesco no Brasil Contemporâneo”. Out. 2003.

HEREDIA, Christiane De. Do bilinguismo ao falar bilíngue. *In*: VERMES, G.; BOUTET, J. (org.). **Multilinguismo**. Campinas: UNICAMP, 1989.

HEYE, Jürgen. Considerações sobre o bilinguismo e bilingualidade: revisão de uma questão. *In*: HEYE, Jürgen; SAVEDRA, Mônica (Org.). **Palavra**. Rio de Janeiro, n. 11, p. 30-38, 2003.

HORST, Cristiane. “**Quando o Heinrich casa com a Iracema, a Urmutter vira bisa**”. **A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do sul do Brasil** – Tese de doutorado. Kiel, Westensee – Verl. 2011 [Zug: Kiel, Univ. Diss., 2011].

HORST, Cristiane; KRUG, Marcelo Jacó. **Línguas em contato no sul do Brasil: um estudo de caso do português e da variedade alemã Hunsrückisc Languages in contact in southern Brazil: a case study of Portuguese and the German dialect Hunsrückisch**. PAPIA 22 (2), p. 367-383, 2012.

IBGE Cidades – Santa Catarina, Chapecó. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=420420>. Acessado em 03/02/2015.

IBGE Cidades – Paraná, Pato Branco. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411850&search=paranalpato-branco>. Acessado em 03/02/2015.

IPHAN - Três línguas são reconhecidas como Referência Cultural Brasileira. Disponível Em: <http://portal.iphan.gov.br/montarDetalheConteudo.do;jsessionid=5D5FF632D3AA6F93796F9E17BEC935EF?id=18612&sigla=Noticia&retorno=detalheNoticia>. Acessado em 20/01/2015.

ISQUERDO, A. N; ROMANO, V. P. Discutindo a sociolinguística do projeto ALIB: Uma reflexão a partir do perfil dos informantes. **Alfa**, São Paulo, p. 891-916, 2012.

KING, K.A; MACKEY, A. **The bilingual Edge: why, when, and how to teach your child a second language**. New York: Collins, 2007.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. *In*: GARTNER, Chistiane e SCHONBERGER, Axel (Eds). Estudos de geolinguística do português americano. Frankfurt a M: TFM, 2000. p. 55-69.

KRUG. M. J. **Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano- português de Imigrante-RS** – Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

KRUG, M. J. **Os bilíngues teuto-brasileiros frente à metafonia funcional do português**. Tese de Doutorado. Kiel: Westensee-Verl, 2011.

KRUG, Marcelo Jacó. **Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF)**. Direitos reservados: FAPERGS/UFGS, 2013.

LABOV, William. **Sociolinguistics patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972 a.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de: BAGNO, Marcos; SCHERRE, Maria Marta P.; CARDOSO, Caroline R. São Paulo, Pará-bola Editorial, 2008. Original em inglês.

_____. **The intersection of sex and social class in the course o linguistic chang**. In: *Language e Variation and Change*, Cambridge University Press, v. 2, p. 205-254, 1990.

_____. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTONS, C. B.; TUCKER, G. **Sociolinguistics: the essencial readings**. Oxford; Blackwell, 2003. p. 234-250.

LARAIA, Roque Barros de. **A estrutura do parentesco tupi**. Museu Nacional do Rio de Janeiro/RJ, s.d.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis; São Paulo: Vozes; EDUSP, 1976.

LIMA, Carla Kelli Shons de; SCHALLENBERG, Erneldo. A fronteira do natural: representações sociais de parentesco em grupos étnicos de alemães e italianos no Sul do Brasil. **Cadernos do CEOM**, ano 25, n. 37, Fronteiras, 2013. Disponível em: bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1430/793. Acesso em: 21 de out. de 2014.

LOBO, Cristina. Famílias Recompuestas – Revisitar a produção americana (1930-2000). In: **Sociologia, problemas e prática**, n.18, p. 91-114, 2005.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Talian (Vêneto Brasileiro): Noções de Gramática, História e Cultura**. Porto Alegre: Sagra/DC Luzzatto, 1994.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Dissionario Talian Vêneto Brasilian Portoghese**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2000.

LUERSEN, Wenrkhausen Rosane. A situação de contato plurilíngue no sul do Brasil. **Revista Científica da Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora – Visões**, n. 7 - p. 2, jul./dez. 2009.

MACKEY, W. **The description of bilingualism**. In: **FISHMAN, A. Reading in the sociology of language**. 3. ed. New York: Linguistic Circle & The Hague, Mouton, 1972.

MACKEY, W. Bilingualism and multilingualism / Bilingualismus und multilingualismus. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus; Trudgill (Hrsg.) **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik**. 2.ed. Berlin; New York, de Gruyter, 2005. (HSK; v. 3.2) p. 1483-1495.

Mapa da Região Sul. Disponível em: <http://www.baixarmapas.com.br/mapa-da-regiao-sul/>. Acessado em 24/05/2014.

MARGOTTI, Felício. **A Difusão Sócio-geográfica do Português em Contato com o Italiano no Sul do Brasil**. Tese de doutorado. Porto Alegre, UFRGS 2004.

MARTELOTTA, Mario Eduardo (org.). **Manual de Linguística**. 2 ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

MASSET, Claude. **Préhistoire de la Famille**. In: André Burguiere et al (ed.), *Historie de la famille*, Armand Colin, Paris, 1986, t.1 (ed. Port: *Pré-História da Família, História da Família*, Terramar, Lisboa, t.1).

MATTOSO, Margot Lévi. **A ambiguidade do conceito de bilinguismo no Brasil**. Anais do I Encontro sobre Bilinguismo no Sul do Brasil. Porto Alegre: UFRGS, 1982, p. 114-133.

MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo; TOMMASO, Raso. **Os Contatos Linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

MEC – Ministério da Educação e Cultura. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/>. Acessado em 15/01/2015.

MIORANZA, Ciro. O futuro dos dialetos italianos. In: DEBONI, Luís A. (Org.) **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Tecnologia; Tourino: Fondazione Giovane Angelli, 1990. p. 595-601.

MINARDI, Inês Manuel. **Imigrantes Italianas**. 2011. Disponível http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/EST/Revistas_EST/III_Congresso_Et_Cid/Comunicacao/Gt10/Ines_Manuel_Minardi.pdf. Acesso em: 20 mar. 2014.

NASCENTES, A. **O Linguajar Carioca**. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

NARO, Anthony Julius. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 43-50.

OLIVEIRA, Gilvan Muller (Org.). *Declaração Universal dos Direitos Linguísticos: novas perspectiva em política linguística*. Campinas: Mercado das Letras / Associação de Laitura do Brasil (ALB); Florianópolis: IPOL, 2003.

OLIVEIRA, Gilvan Muller; ALTENHOFEN, Cléo V. O *in vitro* e o *in vivo* na política da diversidade lingüística do Brasil – Inserção e exclusão do plurilinguismo na educação e na sociedade. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tomaso (Orgs.). **Os contatos lingüísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PAIM, E. A. Aspectos da construção histórica da Região Oeste de Santa Catarina. **SAECULUM - Revista de história**, João Pess

65oa, v.14, jan./jun. 2006.

Pato Branco - PR (dados, história, fotos atuais e antigas, neve, skyline, dados). Disponível em: <http://www.skyscraperlife.com/cidades-e-paisagens/3827-pato-branco-google-page-ranking-dados-hist%F3ria-fotos-atuais-e-antigas-neve-skyline-dados.html>. Acessado 15/07/2013.

PAVIANI, N.M.S. O pronome ético: uma característica dialetal. Porto Alegre: UFRGS, 1992. Dissertação de Mestrado.

PERTILLE, Marley Terezinha. **O Talian entre o Italiano-padrão e o Português Brasileiro: Manutenção e Substituição Linguística no Alto Uruguai Gaúcho**. Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

Pesquisadores da UCS fazem o "Inventário da Diversidade Cultural da Imigração Italiana". Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplNoticias/noticias/1240599541/imprimir>. Acesado em 26/02/2014.

PONSO, Letícia Cao. **A variação do português em contato com o italiano na comunidade bilíngüe de São Marcos – RS**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

Prefeitura Municipal de Pato Branco PR. Disponível em: <http://www.patobranco.pr.gov.br/municipio4.aspx>. Acessado em 20/03/2014, as 20:20 horas.

PONZENATO, José Clemente. **Processos culturais**: reflexões sobre a dinâmica cultural. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

RADIN, José Carlos. **Italianos e Ítalo-brasileiros na Colonização do Oeste Catarinense**. Joaçaba: UNOESC, 2001.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística românica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (eds.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl., p. 25-49, 1996.

RAMBO, Arthur Blásio. Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul -1824-1924 -(Trad. Theodor Amstad (S.J.)), São Leopoldo: UNISINOS. 1999.

RASO, MELO e ALTENHOFEN. Os contatos linguísticos no Brasil – Dinâmicas pré-históricas, históricas e sociopolíticas. In: MELLO, Heliana; ATENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tomaso (Orgs.). **Os contatos lingísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

REVISTA TALIAN BRASIL. Disponível em <http://www.talianbrasil.com.br/>. Acessado em: maio de 2014.

ROMAINE, S. **Bilingualism**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

ROMANO, Valter Pereira. Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil. Londrina Paraná, v. 1, 2015. Tese de doutorado.

SARTI, Cynthia Andersen. “Deixarás pai e mãe”: Notas sobre Lévi-Strauss e a família. **Revista Antheopológicas**, ano 9, v. 16(1), p. 31-52, 2005.

SAVOLDI, Adiles. Culto aos ancestrais: Encontros de Famílias. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 20-42, mar. 2008.

SKUTNABB-KANGAS, T.; PHILLIPSON, R. Linguicide and linguisticism. *In: GOEBL, Hans. et al. (eds.). Contact linguistics: an international handbook of contemporary research. Handbooks of linguistics and communication science. Berlin: Walter de Gruyter & Co., 1996. p. 667-675.*

SILVA, Marcio. Linguagem e parentesco. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 42, n. 1-2, 1999.

SILVA, F. M. da. As dicotomias saussureanas e suas implicações sobre os estudos linguísticos. **REVELLI- Revista de Educação, Linguagem e Literatura**, UEG - Inhumas, v. 3, n. 2, p. 38-55, out. 2011.

SPESSATO, Marizete B. Marcas da história: características dialetais dos imigrantes italianos Na fala de Chapecó. Florianópolis: UFSC, 2001. Dissertação de Mestrado.

_____. **Linguagem e colonização**. Chapecó: Argos, 2003.

SPINASSÉ, K. P. Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil. **Revista Contingentia**, v. 1, p. 01-10, nov. 2006. Disponível em: www.revistacontingentia.com. Acesso em: 10 de set. de 2014.

SNICHELOTTO, Cláudia Andrea Rost. “Olha” e “vê”: caminhos que se entrecruzam. Florianópolis: UFSC, 2009. Tese de doutorado.

STAWINSKI, Aberto Victor. **Vita e Stória de Nanetto Pipetta** – Nassuo in Itália e vegnudo in Mérica par catare la cucagna. 7. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1982.

THÉRY, Iréne. “Préface”. Sylvie Cadolle, 2000, p. 11-17.

THUN, Harald; FORTE, Carlos E.; ELIZAINCÍN, Adolfo. El Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay (ADDU): presentación de un proyecto. *In: Iberoromania*, Tubingen, n. 30, p. 26-62, 1989.

_____. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevideanos en Rivera. *In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Orgs.). Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl., p. 210-269, 1996. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)*

_____. La geolinguística como lingüística variacional general (con ejemplos del Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). *In: RUFFINO, Giovanni (Org.). Tübingen: Niemeyer, 1998, p. 701-729. International Congress of Romance Linguistics and Philology,*

21. 1995, Palermo. Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguística e Filologia Romanza, v. 5.

_____. O tratamento do material etnográfico no Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). *In*: FUNK, Gabriela (Org.). **Encontro sobre Cultura Popular** (1: 1997 : Ponta Delgada - Açores). Actas.... Ponta Delgada: Universidade dos Açores, p. 481-499, 1999.

_____. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. *In*: ZILLES, Ana Maria (Org.). **Estudos de variação Linguística no Brasil e no Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

_____. Pluridimensional Cartography. 2008

_____. Pluridimensional cartography. *In*: LAMELI, Alfred; KEHREIN, Roland; RABANUS, Christian (eds.). **Language mapping**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 506-523.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=ncc7WLAXlmQC&oi=fnd&pg=PA159&dq=DO+OUTRO+LADO+DO+ATLANTICO&ots=fQTGGNfqN2&sig=YrgFToQcFnWNaI1Gz5U1q5rlxeI#v=onepage&q=DO%20OUTRO%20LADO%20DO%20ATLANTICO&f=false>. Acesso em: 10 mar. 2014, às 21:35.

UNESCO *ad hoc* Expert Group Language Vitality and Endangerment. (Document submitted to the international expert meeting on UNESCO) Programme Safeguarding of Endangered Languages. Paris, 10-12 March, 2003.

VOLTOLINI, Sittilo. **Retorno 1 – origens de Pato Branco**. Pato Branco: Imprepel – Grafica e Editora Ltda, 2005.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvyn. **Empirical foundations for a theory of language change**. Austin: University of Texas Press, 1968. [reimpressão]

_____. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de: BAGNO, Marcos. São Paulo: Parábola, 2006. Original em inglês. WEINREICH, U; LABOV.

WEINREICH, Uriel. **Languages in Contact. Findings and Problems**. 3. The Hague, Mouton, 1964 [1953].

ZANELATTO, João Henrique. **Comparação da imigração europeia e inserção sociopolítica dos imigrantes e seus descendentes nas regiões sul, Vale do Itajaí e Norte de Santa Catarina (1850-1920)**. Saeculum – Revista de História [24]; João Pessoa, jan./jun., 2011.

ANEXOS

Anexo A

Roteiro de entrevista:

*Obs. O roteiro de entrevista se encontra primeiramente em *talian*, na sequência separado por uma barra (/) no português e em seguida, separada também por uma barra (/) em italiano padrão. A escrita da variedade *talian* foi baseada em observações da fala local das duas comunidades, Chapecó SC e Pato Branco PR, bem como tivemos a ajuda de alguns ítalo-brasileiros dos municípios (estes não foram informantes da pesquisa) para traduzir o roteiro para o *talian*. Também contamos com a colaboração e revisão da equipe da *Revista Talian Brasil* e do professor Dr. José Carlos Radin – UFFS.

Testo introdutivo par scomission de la gravassion:/ Texto introdutório para início de gravação:/ Testo introduttivo per iniziare la registrazione:

Inf. mas.:

Incoi, di/ Hoje, dia/ Oggi, giorno.....
Stemo in/ Estamos em/Siamo nel.....
Me nome Zé/ Meu nome é (nome do entrevistador (a));/ Il mio nome è.....
Semo quà con lo/ Estamos com (nome do informante) / Siamo con.....
Che fa parte del/ Que faz parte da/Che fa parte del.....

Inf. fem.:

Incoi, di/ Hoje, dia/ Oggi, giorno.....
Stemo in/ Estamos em/Siamo nel.....
Me nome Zé/ Meu nome é (nome do entrevistador (a));/ Il mio nome è.....
Semo quà con lo/ Estamos com (nome do informante) / Siamo con.....
Che fa parte del/ Que faz parte da/Che fa parte del.....

Ti te sè dacordo che questa parola la sépie gravada e dopurada par la peschisa de cugno sientífico?/ Você/tu está de acordo que está conversa seja gravada e que seja usada para fins de pesquisa e publicações de cunho científico? (vide ALCF, 2013)./ Tu / te sei d'accordo che questa conversazione viene registrata e verrà utilizzato per scopi di pubblicazioni di ricerca e scientifiche morire?

Anexo A1

Questionario geral / questionário geral / quationario generale

Identificassion de la personi:/ Identificação dos informantes:/ Identificazione di informatori:

- 1- Come ze el to nome? E el cognome (dona del scapula)?/ Qual é seu/teu nome e o sobrenome (mulheres de solteira) (vide ALMA A1, Horst, 2011 *apud* ALCF, 2013./ Qual è il tuo nome? e sobrenome (donne del sposate)?
- 2- Qual zelo el giorno de to nassimento?/ Qual é sua/tua data de nascimento? (vide ALMA – I – 3, Horst, 2011 *apud* ALCF, 2013);
- 3- Qual zela la toa scolarità? Qual sua/tua escolaridade? (vide ALMA A – I – 4 Horst, 2011; Krug, 2004, 2011; Steffen 2007, *apud* ALCF, 2013);
- 4- Lavoro: Cosa fai?/ Trabalho: Em que você/tu trabalha? (vide ALMA 5, Horst, 2011; Krug 2004, 2011; Steffen 2007 *apud* ALCF, 2013)./ Lavoro: In che laorito?;
- 5- Qual la religion dea fameia?/ Qual a religião da família? (vide ALMA A – I – 6 Horst, 2011 *apud* ALCF, 2013)./ Che religione è la tua famiglia?

Identificason del pari:/ Identificação dos pais:/ Identificazione dei genitori:

- 6- Nome dea fameia (fémene dea scàpole) – Come ze el cognome del pupà e de la mama?/ Nome de família (mulheres de solteira) - Qual o sobrenome do pai e da mãe? (vide ALMA A – II – 7; Horst, 2011; Krug 2004, 2011; Steffen 2007 *apud* ALCF, 2013);/ Cognome (le donne di sposate) - Qual è il cognome del padre e della madre?
- 7- Scolarità- zela qual la scolarità de to pupà e de la mama?/ Escolaridade – Qual a escolaridade do seu/teu pai e da mãe? (vide ALMA – A – II – 9, Horst, 2011; Krug 2004, 2011; Steffen 2007 *apud* ALCF, 2013);/ Istruzione - Qual è l'educazione tuo padre e tua madre?
- 8- Laoro: In che to pupà laora? E la to mama?/ Profissão – No Que seu/teu pai trabalha? E sua/tua mãe (vide ALMA – II – 10, Horst, 2011; Krug 2004, 2011; Steffen 2007 *apud* ALCF, 2013./ Profissão - In che cosa tuo padre lavora? E tua madre?

**Grado de bilinguismo de le persone, de la comunità e el ricognossimento de la identità:/
 Grau de bilinguismo dos informantes, da comunidade e o reconhecimento da identidade:/
 Grado di bilinguismo degli informatori, la comunità e il riconoscimento dell'identità:**

9- Parla un poco dei to antenati. De ndove ze vegnesti to noni? E i vostri genitori? Quanto tempo la to fameia ze de star in questa region? E ntea cità?/ Fale um pouco dos seus/teus antepassados. De onde vieram seus avós? E seus pais? Quanto tempo sua família mora na região? E na cidade? (vide Margotti, 2004);/ Raccontaci un po 'sui tuoi antenati. Da dove venivano i tuoi nonni? E i loro genitori? Da quanto tempo la vostra famiglia vive in la regione? E in città?

10- Come che te senti depiù, talian? Brazilian? Paranaense - Catarinense? Pato-Branquense - Chapecoense?/ Como se sente mais, Italiano (a)? Brasileiro (a)? Paranaense? Pato-branquense/Chapecoense? (vide ALCF, 2013 – adaptado para o contexto);/ Come ti senti più mai, italiano (a)? Brasiliano (a)? Paranaense? Pato-branquense/Chapecoense?

11- Che lengoa te costumi parlar ntea fameia? Quante volte? Quando? Con chi?/ Que língua (s) costuma falar em família? (quantas vezes? Quando, com quem?) (Krug, 2004, Steffen 2007 *apud* ALCF, 2013)./ Che lingua (i) costume parlare in famiglia? (Quante volte? Quando, con chi?)

12- Te capissi cossa quelaltri parla in talian: ledi? Canta? Scrivi? Brontola?prega? altri?/ Entende o que os outros falam em italiano: Lê ; Escreve; Imita; Canta; Xinga; Reza; e Outros. (vide Margotti, 2004);/ Vedere ciò che gli altri parlam in italiano: legge; scrive; imita; canta; maledizioni; Reza; e altri.

13- Chi che parla in talian quà? Nonno; nona; pupà, mama, fradèi; zii; cusini; amighi; visigni; maestri./ Quem fala italiano aqui? Avô; avó; pai; mãe; irmãos; tios; primos; amigos; vizinhos; professores. (vide Margotti, 2004);/ Chi parla italiano qui? Nonno; nonna, padre, madre, fratelli; zii; cugini; amici; vicini; insegnanti.

14- Che lengoa te parli ntele seghinte ocasion in to munissìpio?/ Que língua você fala nas seguintes ocasiões no seu município?/ (vide Schmidt *apud* ALCF, 2013)./ Che lingua voi parla il seguente occasioni in suo comune?

	Português/portoghese	Talian	Talian e portoghese
Ntel coreio./ No correio/ In posta			
Nel merca./ No mercado/ In mercato			
Ntel lògie ./ Nas lojas/ In negozi			

Ntel sindicato./ No sindicato/ In sindicato			
Ntel prefeitura./ Na prefeitura/ In prefettura			
Ntel posto de salute./ No posto de saúde/ In centro de salute			
Con i prèti./ Com o padre/ Con sacertote			
Ntele feste e baili./ Nas festas e bailes/ Nel feste e balli			
Ntele Confessionàrio./ No confessionário/In confessionale			
Ntel posto de gasolina./ No posto de gasolina/ In stazione di gás			
Ntel laoro./ No trabalho/ In lovorò			

15- Come te ghè imparà el talian che te parli?/ Como é que você/tu aprendeu o italiano que fala? (vide Pertille, 2009)/ Come hai imparato a parlare italiano?

16- Come zelo el nome de questo talian che se parla quà?/ Como é o nome desse italiano que se fala aqui?/ Qual è il nome di questo italiano parlato qui?

17- Te estudiato taliano na scola o há fato algum curso di italiano?/ Você/tu estudou italiano na escola ou já fez algum curso de italiano?/ Voi ai studiato italiano a scuola o fatto alcun corso di italiano?

18- Quande te parli portoghese misturito la varietà minoritària? Se si, cossa che te misturi e parché?/ Quando fala português, você mistura a variedade minoritária? Se sim, o que você mistura e por quê? (vide ALCF, 2013 –adaptado ao contexto);/ Quando si parla portoghese, si mescolano la varietà minoranza? Se sì, che cosa si mescolano e perché?

19- **(Só para os monolíngues em português)** Como é que se deu de você não falar a língua de origem de seus antepassados, mesmo com pais/avós que falam ? (vide Pertille, 2009 – adaptado);

20- **(Só para monolíngues em português)** Lamenta ou não o fato de não falarem a língua de origem, hoje? (vide Pertille, 2009);

21- **(para os bilíngues italiano-português)** E come ghe to imparà el portoghese? Con che eta?/ E como é que aprendeu o português? Com que idade? (vide Pertille, 2009);/ E come si impara portoghese? A che età?

22- (para bilíngues italiano-português) Ghetto orgòlio o vergogna de la maniera che te ghè de parlar?/ Você/tu tem orgulho ou vergonha de seu modo de falar? (vide Pertille, 2009);/ Voi ghá orgoglio o vergogna del modo di parlare?

Anexo A2

Questionario lexical / questionário lexical / questionário lessicale

Termi dei parentà/ Termos de parentesco (ALMA <i>apud</i> Horst (2009) – adaptado)/ Termini di parentela	Anotassion/Anotações/Anotazione Resposta espontâneo (E); Resposta por insistência (I); Resposta por sugerência (S)	
	Masculino (M)	Feminino (F)
<p>1) Come ciamé la persona che ve ga portà al mondo?/ Como você chama a pessoa que te gerou?/ Come voi chiama la persona che ti ha dato la vita?</p> <p>a) Mama b) Mare c) Mãe c) Madre</p>	<p>a) Mama () b) Mare () c) Mãe () d) Madre ()</p>	<p>a) Mama () b) Mare () c) Mãe () d) Madre ()</p>
<p>2) Tuti noantri ghemmo na mama e un?/ Todos nós temos uma mãe e um?/ Tutti noi abbiamo una madre e un?</p> <p>a) Pupà b) Popà c) Pare d) Pai e) Padre</p>	<p>a) Pupà () b) Popà () c) Pare () d) Pai () e) Padre ()</p>	<p>Pupà () b) Popà () c) Pare () d) Pai () e) Padre ()</p>
<p>3) E la mama e el pupà ze nostri?/ E a mãe e o pai são nossos?/ E la madre e il padre sono nostri?</p> <p>a) Pari b) Pais c) Genitori</p>	<p>a) Pari () b) Pais () c) Genitori ()</p>	<p>a) Pari () b) Pais () c) Genitori ()</p>

<p>4) Come la mama ciama a un tosatel che ela ga portà al mondo?/ Como a mãe chama para um menino que ela gerou?/ Come la madre chiama per un ragazzo che ha generato?</p> <p>a) Fiol b) Filho c) Figlio</p>	<p>a) Fiol () b) Filho () c) Figlio ()</p>	<p>a) Fiol () b) Filho () c) Figlio ()</p>
<p>5) Come la mama ciama na toseta che ela ga portà al mondo?/ Como a mãe chama para uma menina que ela gerou?/ Come la madre chiama per una ragazza che ha generato?</p> <p>a) Fiola b) Filha c) Figlia</p>	<p>a) Fiola () b) Filha () c) Figlia ()</p>	<p>a) Fiola () b) Filha () c) Figlia ()</p>
<p>6) Come la mama ciama a tute le persone che ela ga portà al mondo?/ Como a mãe chama a todas as pessoas que ela gerou?/ Come la madre chiama la tutte le persone che ha generato?</p> <p>a) Fioi b) Filhos c) Bambini</p>	<p>a) Fioi () b) Filhos () c) Bambini ()</p>	<p>a) Fioi () b) Filhos () c) Bambini ()</p>
<p>7) Come ciamemo quando la mama la ga metesto al mondo due bambini insieme?/ Como se diz quando uma mãe dá a luz a dois filhos juntos?/ Come si chiama quando una madre dà alla luce due figli insieme?</p> <p>a) Gemèi b) Gêmeos c) Gemelli</p>	<p>a) Gemèi () b) Gêmeos () c) Gemelli ()</p>	<p>a) Gemèi () b) Gêmeos () c) Gemelli ()</p>

<p>8) Come zela la parola che se dise par identificar el primo fiol?/ Que palavra se diz para identificar o primeiro filho?/ Quale parola si dice per identificare il primo figlio?</p> <p>a) Fiolo più vecchio b) Primogênito c) Figlio più vecchio</p>	<p>a) Fiolo più vecchio () b) Primogênito () c) Figlio più vecchio ()</p>	<p>a) Fiolo più vecchio () b) Primogênito () c) Figlio più vecchio ()</p>
<p>9) Come zela la parola che se dise par identificar el fiol più gioveno?/ Que Palavra se diz para identificar o filho mais novo?/ Quali parole si dece per identificare il figlio più giovane?</p> <p>a) Bambin b) Caçula c) Figlio più giovane</p>	<p>a) Bambin () b) Caçula () c) Figlio più giovane ()</p>	<p>a) Bambin () b) Caçula () c) Figlio più giovane ()</p>
<p>10) I fioi del medèsimo pare i ze?/ Os filhos do mesmo pai são?/ I figli di uno stesso padre sono?</p> <p>a) Fradèi b) Irmãos c) Fratelli</p>	<p>a) Fradèi () b) Irmãos () c) Fratelli</p>	<p>a) Fradèi () b) Irmãos () c) Fratelli</p>
<p>11) I ze fioi del medèsimo pupà. El tosatel zelo cossa dea toseta?/ São filhos do mesmo pai. O que o menino é da menina?/ Sono figli dello stesso padre. Il che lo ragazzo è dela ragazza?</p> <p>a) Fradel b) Irmão c) Fratello</p>	<p>a) Fradel () b) Irmão () c) Fratello ()</p>	<p>a) Fradel () b) Irmão () c) Fratello ()</p>
<p>12) E che la toseta zela del tosatel?/ E o que a menina é do menino?/ E lo che la ragazza è dello ragazzo?</p> <p>a) Sorela b) Irmã c) Sorella</p>	<p>a) Sorela () b) Irmã () c) Sorella ()</p>	<p>a) Sorela () b) Irmã () c) Sorella ()</p>

<p>13) Come te ciami i pari de to pupà e to mama?/ Como você chama para os pais de seu pai e de sua mãe?/ Come si chiama i genitori di tuo padre e tua madre?</p> <p>a) Noni b) Avós c) Nonni</p>	<p>a) Noni () b) Avós () c) Nonni ()</p>	<p>a) Noni () b) Avós () c) Nonni ()</p>
<p>14) El pupà de to mama ze to?/ O pai de sua mãe é seu?/ Il padre di tua madre é tuo?</p> <p>a) Nono b) avô c) Nonno</p>	<p>a) Nono () b) avô () c) Nonno ()</p>	<p>a) Nono () b) avô () c) Nonno ()</p>
<p>15) La mama de to mama ze toa?/ A mãe de sua mãe é sua/tua?/ La madre di tua madre é tua?</p> <p>a) Nona b) Avó c) Nonna</p>	<p>a) Nona () b) Avó () c) Nonna ()</p>	<p>a) Nona () b) Avó () c) Nonna ()</p>
<p>16) No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fioi dei to genitori?/ Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, o que seus/teus filhos são ou seriam de seus pais?/ No so se voi tene o no, ma in relazione a voi, o che el tuo figli sono del tuo genitori?</p> <p>a) Nepoti b) Netos c) Nepoti</p>	<p>a) Nepoti () b) Netos () c) Nepoti ()</p>	<p>a) Nepoti () b) Netos () c) Nepoti ()</p>
<p>17) No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fiol dei to genitori ?/ Não sei se</p>	<p>a) Nepoto () b) Neto () c) Nepote ()</p>	<p>a) Nepoto () b) Neto () c) Nepote ()</p>

<p>você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, o que seu/teu filho é ou seria de seus pais?/ No so se voi tene o no, ma in relazione a voi, o che tuo figlio è dei suoi genitori?</p> <p>a) Nepoto b) Neto c) Nepote</p>		
<p>18) No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fiola dei to genitori ?/ Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, o que sua/tua filho é ou seria de seus pais?/ No so se voi tene o no, ma in relazione a voi, o che tua figlia è dei suoi genitori?</p> <p>a) Nipota b) Neta c) Nepote</p>	<p>a) Nepota () b) Neta () c) Nepote ()</p>	<p>a) Nepota () b) Neta () c) Nepote ()</p>
<p>19) I genitori de to noni i ze toi?/ Os pais de seus avós são seus?/ I genitori del suoi nonni sono suoi?</p> <p>a) Bisnonni b) Bisavôs c) Bisnonni</p>	<p>a) Bisnonni () b) Bisavôs () c) Bisnonni ()</p>	<p>a) Bisnonni () b) Bisavôs () c) Bisnonni ()</p>
<p>20) El pupà de to noni el ze to?/ O pai de seus avôs é seu/teu? / Il padre dei nonni è il suo?</p> <p>a) Bisnonno b) Bisavô c) Bisnonno</p>	<p>a) Bisnonni () b) Bisavôs () c) Bisnonni ()</p>	<p>a) Bisnonni () b) Bisavôs () c) Bisnonni ()</p>

<p>21) La mama de to noni la ze to?/ A mãe de seus avós é sua/tua?/ La madre dei suoi nonni è sua?</p> <p>a) Bisnona b) Bisavó c) Bisnonna</p>	<p>a) Bisnona () b) Bisavó () c) Bisnonna ()</p>	<p>) Bisnona () b)Bisavó () c) Bisnonna ()</p>
<p>22) No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fioi dei to noni ?/ Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, os seus filhos são ou seriam o que de seus avós, / No so se voi tene o no, ma in relazione a voi, il suoi figli sono lo che del suoi nonni?</p> <p>a) Bisnipoti b) Bisnetos c) Bisnepoti</p>	<p>a)Bisnipoti () b) Bisnetos () c) Bisnepoti ()</p>	<p>a) Bisnipoti () b) Bisnetos () c) Bisnepoti ()</p>
<p>23) I fradèi de to genitori zeli toi?/ Os irmãos de seus/teus pais são seus?/ Il fratelli di suoi genitori sono suoi?</p> <p>a) Zii b) tios c) Zii</p>	<p>a) Zii () b) tios () c) Zii ()</p>	<p>a) Zii () b) tios () c) Zii ()</p>
<p>24) El fradel de pupà ze?/ O irmão do seu pai é?/ I fratello di padre è?</p> <p>a) Zio b) Tio c) Zio</p>	<p>a)Zio () b) tio () c) Zi ()</p>	<p>a)Zi () b) tio () c) Zi ()</p>
<p>25)La sorela de pupà ze?/ A irmã do pai é?/ La sorella di padre è?</p> <p>25) La sorela de pupà ze?/ A irmã do pai é?/ La sorella di padre è?</p> <p>a) Zia b) Tia c) Zio</p>	<p>a) Zia () b) Tia () c) Zio ()</p>	<p>a) Zia () b) Tia () c) Zio ()</p>
<p>26) I fioi de fradel zeli lo che sorela?/ Os filhos do irmão são o</p>	<p>a) Neodi () b) sobrinhos () c) Nepoti ()</p>	<p>a) Neodi () b) sobrinhos () c) Nepoti ()</p>

<p>que da irmã?/ Il figli di fatello sono lo che di sorella?</p> <p>a)Neodi b) sobrinhos c) Nepoti</p>		
<p>27) El fiol de fradel ze lo che di sorela?/ O filho do seu irmão é o que da irmã?/ Il figlio di fratello è lo che di sorella?</p> <p>a) Neodo b) Sobrinho c)Neodo</p>	<p>a) Neodo () b) Sobrinho() c)Neodo ()</p>	<p>a) Neodo () b) Sobrinho () c)Neodo ()</p>
<p>28) La fiola de fradel z elo che di sorella?/A filha do irmão é o que da irmã/ La figlia di fratello è lo che di sorella?</p> <p>a) Neoda b) Sobrinha c) Nepote</p>	<p>a) Neoda () b) Sobrinha () c) Nepote ()</p>	<p>a) Neoda () b) Sobrinha () c) Nepote ()</p>
<p>29) No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fioi dei to zio son di tu?/ Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, os filhos de seu tio são seus/teus? No so se voi tene o no, ma in rezone a voi, il figli di suo zio sono suoi?</p> <p>a) Cusini b) Primos c) Primi d) Cugini</p>	<p>a) Cusini () b) Primos () c) Primi () d) Cugini ()</p>	<p>a) Cusini () b) Primos () c) Primi () d) Cugini ()</p>
<p>30) No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fiol dei to zio è di tu?/ Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, o filho do seu/teu tio é seu/teu?/ No so se voi tene o no, ma in relazione a voi, il figlio di suo zio è suo?</p> <p>a) Cusin b) Primo d) Cugino</p>	<p>a) Cusin () b) Primo () d) Cugino</p>	<p>a) Cusin () b) Primo () d) Cugino ()</p>

<p>31) No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fiola dei to zio è di tu ?/ Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, a filha do seu tio é sua/tua?/ La figlia di suo zio è sua?/ No so se voi tene o no, ma in relazione a voi, la fiola de to zio ze toa?</p> <p>a) Cusina b) Prima c) Cugina</p>	<p>a) Cusina () b) Prima () c) Cugina ()</p>	<p>a) Cusina () b) Prima () c) Cugina ()</p>
<p>32) Un fiol senza pupà e senza mama ze?/ Um filho sem pai e sem mãe é?/ Un figlio senza padre e senza madre è?</p> <p>a) Òrfano b) Orfão c) Orfano</p>	<p>a) Òrfano () b) Orfão () c) Orfano ()</p>	<p>a) Òrfano () b) Orfão () c) Orfano ()</p>
<p>33) Un omo se ga spartio e se ga maridà con nantra fémena, cossa la ze del fiol de quelaltro matrimònio?/ Um homem se separou e casou-se com outra mulher, o que ela é do filho do outro casamento?/ Un uomo si staccò e sposò un'altra donna, lo che la è di figlio di altro matrimonio?</p> <p>a) Maregna b) Madrasta c) Matrigna</p>	<p>a) Maregna () b) Madrasta () c) Matrigna ()</p>	<p>a) Maregna () b) Madrasta () c) Matrigna ()</p>
<p>34) E el fiol zelo che dea fémena nova de so pupà?/ E o filho é o que da nova mulher do seu pai?/ E lo figlio è lo che della nuova moglie di suo padre?</p> <p>a) Fiastro b) Enteadò c) Figliastro d) Fiolastro</p>	<p>a) fiastro () b) Enteadò () c) Figliastro () d) Fiolastro ()</p>	<p>a) fiastro () b) Enteadò () c) Figliastro () d) Fiolastro ()</p>
<p>35) Na dona se ga spartio e se ga maridà con nantro omo. Cossa zelo lu dea fiola de quelaltro casamento?/ Uma mulher se</p>	<p>a) Paregno () b) Padrasto () c) Patrigno ()</p>	<p>a) Paregno () b) Padrasto () c) Patrigno ()</p>

<p>separou e casou-se com outro homem, o que ele é da filha do outro casamento?/ Una donna si staccò e sposò un'altro uomo, lo che lo è di figlia di altro matrimonio?</p> <p>a) Paregno b) Padrasto c) Patrigno</p>		
<p>36) E la fiola zelo che del novo marido de so mama?/ E a filha é o que do novo marido da sua mãe?/ E La figlia è lo Che di nuovo marito della sua madre?</p> <p>a) Fiastra b) Enteada c) Figliastra d) Fiolastra ()</p>	<p>a) Fiastra () b) Enteada () c) Figliastra () d) Fiolastra ()</p>	<p>a) Fiastra () b) Enteada () c) Figliastra () d) Fiolastra ()</p>
<p>37) Come el omo ciama par la fèmena con chi se ga maridà?/ Como o homem chama para a mulher com quem se casou?</p> <p>a) Donna b) fèmene c) Esposa d) Donna e) Sposa</p>	<p>a) Donna () b) fèmene () c) Esposa () d) Donna () e) Sposa ()</p>	<p>a) Donna () b) fèmene () c) Esposa () d) Donna () e) Sposa ()</p>
<p>31) Come la fèmena ciama par el omo con chi se ga maridà?/ Como a mulher chama para o homem com quem se casou?/ Come La Donna invita lo uomo com che ha sposato?</p> <p>a) Marì b) Omo c) Esposo d) Uomo e) Sposo</p>	<p>a) Marì () b) Omo () c) Esposo () d) Uomo () e) Sposo ()</p>	<p>a) Marì () b) Omo () c) Esposo () d) Uomo () e) Sposo ()</p>
<p>39) E lori due i forma un?/ E os dois formam um?/ I due formano un?</p> <p>a) Casal b) Casal c) Coppia</p>	<p>a) Casal () b) Casal () c) Coppia ()</p>	<p>a) Casal () b) Casal () c) Coppia ()</p>

<p>40) I genitori del marì o de la sposa i ze?/ Os pais do marido ou da esposa são os?/ Il genitori del marito o la moglie sono los?</p> <p>a) Messieri b) Sogros c) Suoceri</p>	<p>a) Messieri () b) Sogros () c) Suoceri ()</p>	<p>a) Messieri () b) Sogros () c) Suoceri ()</p>
<p>41) El pupà del marì o de la sposa ze el?/ O pai do marido ou da esposa é o?/ Il padre del marito o di moglie è lo?</p> <p>a) Missier b) Sòcero c) Sogro d) Suocero</p>	<p>a) Missier () b) Sòcero () c) Sogro () d) Suocero ()</p>	<p>a) Missier () b) Sòcero () c) Sogro () d) Suocero ()</p>
<p>42) La mama del marì o de la sposa ze la?/ A mãe do marido ou da esposa é a?/ La madre del marito o di moglie è la?</p> <p>a) Sòcera b) Sogra c) Suocera</p>	<p>a) Sòcera () b) Sogra () c) Suocera ()</p>	<p>a) Sòcera () b) Sogra () c) Suocera ()</p>
<p>43) I fradèi del marì o de la sposa ze i?/ Os irmãos do marido ou da esposa são os?/ Il fratelli del marito o di moglie sono los?</p> <p>a) Cugni b) Cunhados c) Coniati</p>	<p>a) Cugni () b) Cunhados () c) Coniati ()</p>	<p>a) Cugni () b) Cunhados () c) Coniati ()</p>
<p>44) El fradel del marì o de la sposa ze el?/ O irmão do marido ou da esposa é o?/ Il fratello del marito o di moglie è lo?</p> <p>a) Cugnà b) Cunhado c) Coniato</p>	<p>a) Cugnà () b) Cunhado () c) Coniato ()</p>	<p>a) Cugnà () b) Cunhado () c) Coniato ()</p>
<p>45) E la sorela del marì o de la sposa ze la?/ E a irma do marido ou</p>	<p>a) Cugnada () b) Cunhada ()</p>	<p>a) Cugnada () b) Cunhada ()</p>

<p>da esposa é a?/ E la sorella Del marito o di La moglie è la?</p> <p>a) Cugnada b) Cunhada c) Coniata</p>	<p>c) Coniata ()</p>	<p>c) Coniata ()</p>
<p>46) El marido o la sposa i ze che dei genitori de so compagno(a)?/ O marido ou a esposa são o que dos pais do seu companheiro (a)?/ Il marito o la moglie sono lo che genitori che di genitori di suo compagno (a)?</p> <p>a) Generi b) Genros c) Generi</p>	<p>a) Generi () b) Genros () c) () Generi</p>	<p>a) Generi () b) Genros () c) () Generi</p>
<p>47) El marì zelo che dei genitori de so fémena?/ O marido é o que dos pais de sua mulher?/ Il marito è lo che di genitori della sua moglie?</p> <p>a) Gènero b) Genro c) Genero</p>	<p>Gènero () b) Genro () c) Genero ()</p>	<p>Gènero () b) Genro () c)Genero ()</p>
<p>48) La sposa zelo che dei genitori de so omo?/ A esposa é o que dos pais de seu marido?/ La moglie è lo che di genitori del suo marito?</p> <p>a) Niora b) Nora c) Nuora</p>	<p>a) Niora () b) Nora () c) Nuora ()</p>	<p>a) Niora () b) Nora () c) Nuora ()</p>
<p>49) E i genitori del omo e dela fémena zeli che tra de lori?/ E os pais do marido e da mulher são o que entre si?/ E los genitori del marito e dela moglie sono lo che di loro?</p> <p>a) Consòceri b) Consogros c) Consogri d) comissieri</p>	<p>a) Consòceri () b) Consogros () c) Consogri () d) comissieri ()</p>	<p>a) Consòceri () b) Consogros () c) Consogri () d) comissieri ()</p>

<p>50) Le persone scoieste par i genitori de un bambin par el batèsimo i ze?/ As pessoas escolhidas pelos pais de uma criança para o batizado são os?/ Las personas scelto per genitori di un bambino per lo battezzati sono los?</p> <p>a) Sàntoli b) Padrinhos c) Padrini</p>	<p>a)Sàntoli () b) Padrinhos () c) Padrini ()</p>	<p>a)Sàntoli () b) Padrinhos () c) Padrini ()</p>
<p>51) Un omo scoiesto par i genitori de un bambin par el batèsimo el ze?/ Um homem escolhido pelos pais de uma criança para o batizado é o?/ Un uomo scelto per genitori di un bambino per lo batesimo è lo?</p> <p>a) Sàntolo b) Padrinho c) Padrino</p>	<p>a)Sàntolo () b) Padrinho () c) Padrino ()</p>	<p>a)Sàntolo () b) Padrinho () c) Padrino ()</p>
<p>52) Na fémena scoiesta par i genitori de un bambin par el batèsimo ze a?/ Uma mulher escolhida pelos pais de uma criança para o batizado é a?/ Una moglie scelto dai genitori di un bambino per lo batesimo è la?</p> <p>a) Sàntola b) Madrinha c) Madrina</p>	<p>a)Sàntola () b) Madrinha () c) Madrina ()</p>	<p>a)Sàntola () b) Madrinha () c) Madrina ()</p>
<p>53) Come i santoli ciama i tosatei che lori i ga batesà?/ Como os padrinhos chamam para as crianças que eles batizaram?/ Come los padrini chiamata per los bambini che esse battezzati?</p>	<p>a)Fioffi () b) Afilhados () c) Figliocci ()</p>	<p>a)Fioffi () b) Afilhados () c) Figliocci ()</p>

a) Fiozzi b) Afilhados c) Figliocci		
54) Se un bambin ze un tosatel i santoli ciama de so?/ Se a criança for um menino os padrinhos chamam de seu?/ Se il bambino è un ragazzino los padrini chiamanodi suo? a) Fiosso b) Afilhado c) Figliocco	a)Fiosso() b) Afilhado () c) Figliocco ()	a)Fiosso () b) Afilhada () c) Figliocco ()
55) Se ze na bambina, i santoli la ciama de so?/ Se a criança for uma menina os padrinhos chamam de sua?/ Se il bambino è una ragazzina los padrini chiamano di sua? a) Fiossa b) Afilhada c)Figliocca	a)Fiossa () b) Afilhado () c) Figliocca ()	a)Fiossa () b) Afilhada () c) Figliocca ()
56) I genitori e i santoli dei bambini batedai i ze?/ Os pais e os padrinhos da criança batizada são?/ Il genitori e los padrini del bambini battezzati sono? a) Compari b) Compadres c) Compadri	a)Compari () b) Compadres () c) Compadri ()	a)Compari () b) Compadres () c) Compadri ()
57) Cossa zelo dei genitori, el omo scoiesto par batesar el bambin?/ O que o homem escolhido para batizar a criança é dos pais?/ L'uomo scelto per battezzare del bambino é di genitori? a) Compare b) Compadre c)Compadre	a) Compare () b) Compadre () c) Compadre ()	a) Compare () b) Compadre () c) Compadre ()
58)Cossa zelo dei genitori, la dona scoiesta par batedar el so bambin?/ O que a mulher escolhida para batizar a criança é dos pais?/ Lo che la moglie scelto per battezzare del bambino é di genitori?	a) Comare () b) Comadre () c) Comadre ()	a) Comare () b) Comadre () c) Comadre ()

a) Comare () b) Comadre () c) Comadre ()		
--	--	--

Anexo A3

Converssacìon semidirigida / Conversa livre semidirigida / Conversazione libera semidirected:

24) Parla sora la to fameia. Seto dirme de ndove ze vegnesti i tataranoni o bisnoni? E i vostri noni? I vostri genitori?/ Fale sobre a sua família. Você sabe me dizer de onde vieram seus tataravós/e ou bisavós? E seus avós? E seus pais?/ Parlate della vostra famiglia. Puoi dirmi dove sono i tuoi bisnonni provenivano e / o bisnonni? E i tuoi nonni? E i loro genitori?

Anexo A4

Letura/ Leitura/Lettura

I preparativi par la festa de casamento/Os preparativos para a festa de casamento/ I preparativi per la festa di matrimonio

Parte em *talian*:

Maria Chiara e Mateo José ze due gioveni sognadori, come ze stati i so bisnoni, che ga viaià tanti e tanti giorni ntel navio, portando poche cose e so fioi, tuto par un sònio de gaver un toco de terà quà ntea fabolosa Amèrica. Mateo ze avogado, el ga so clienti e va ben, Chiara incora studia nela graduassion e la ze de star con so pupà e so mama ntel interior, insieme el nono e la nona. Dal tempo chei ga risolvevto maridarse, i preparativi ze tanti, a scomissiar par la casa ndove i va de star, ma questo ze belche stá resolvevto, el sòcero e la sòcera dea tosa i ga giutà so fiol e i ga compra la casa par el novo casal. I due gioveni se ga cognossesto ntea casa dei genitori de Mateo. Chiara e a sorela de lu le studia insieme e ze amighe e desso anca cugnade, ma lu ga due fradèi, la sorela pi giovena e un fradel più vècio. Dopo de due ani i morosi ga risolvevto èsserghe marido e sposa, ou omo e fémèna.

Parte em português:

Três meses antes do casamento, decidiram fazer uma reunião com as famílias, para resolverem as coisas. Estavam presentes os noivos, os consogros, a cunhada e o cunhado de Clara, e também a avó e o avô dela, que fizeram questão de estarem presente, pois adoravam os netos e a neta era tudo para eles. Estavam muito felizes pelo novo neto que estavam ganhando. Todos queriam uma grande festa de casamento, principalmente seu Domingos e dona Maria de Fátima, pais de Clara, que estavam casando sua única filha. Queriam reunir todos os parentes, do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e os amigos. Resolveram que o casamento seria na igreja da comunidade onde vive Clara e sua família. A festa será na bonita propriedade de seu Domingos, na qual tem um grande parreiral, com uma pequena vinícola no porão da casa e uma vista para o campo onde o gado fica. O cunhado de Clara deu a ideia da comemoração ser ao ar livre e claro que a cunhada gostou. Então depois do local estar decidido, começaram a fazer a lista dos convidados, tarefa difícil, pois não podiam esquecer de ninguém e as duas famílias eram grandes. Então iniciaram, pelos tios, os avós, as primas, os primos, os padrinhos.

Parte em italiano:

La signora Maria suocera del fidanzato si ricorda della torta, e dice che la zia Margarida fa un'ottima torta. Allora il genero dice che quando lui e Clara andranno fino alla casa degli zii per portare l'invito possono anche parlare sulla torta. Mario, il padre del fidanzato, dice che vuole andare insieme a Santa Catarina per invitare il "compadre" e la "comadre" perché da molto che non si trovano, fino da quando si sono trasferiti per Paraná. Clara, la nuora di Domingos e Maria di Fatima si ricorda del cugino Toni e della cugina Julia che vivono lontano. La coppia ha una bella storia, quando gli zii si sono sposati, entrambi già avevano dei bambini. Così la zia Judite è matrigna di Antônio e lo zio Ângelo è patrigno di Julia. Il genero di Domingos si ricorda dei suoi figliocci: Marina e anche di Bernardo Pedro che possono portare le alleanze. Per celebrare il fine della lista di invitati, il signore Domingos prende un vino per festeggiare. Fanno un brindisi alla nuova famiglia, poi Mario dice alla coppia di non dimenticarsi che sono pronipoti d'italiani, e che la loro unione durerà molti anni come del bisnonno Giuseppe e della bisnonna Caterina.

Anexo B

Descrição dos resultados individuais do questionário lexical – termos de parentesco, conforme vistos nas tabelas 1, 2 e 3 do subcapítulo 3.2 (Análise dos dados)

Em Chapecó SC, ao ser perguntado: 1. *Come ciamé la persona che ve ga portà al mondo?/ Como você/tu chama a pessoa que te gerou?* Os inf(s) de CaGI M e F disseram *mãe* e aceitaram a sugestão do termo *mama*. Na CbGI, os inf.(s), M e a F. também falaram *mãe*, ele aceitou a sugestão de *mama* e ela na insistência falou *mama*. Na CaGII, o inf. M e a inf. F produziram *mama*; na CbGII ela disse *mama* e o inf. M proferiu *mare*, com a insistência ele falou também *mama*. Em Pato Branco, o inf. de CaGI M, primeiramente falou *madre* e aceitou a sugestão de *mama* e a inf. F disse *mãe* e conhece *mama*; na CbGI ambos os inf.(s) falaram primeiro *mãe* e em seguida o inf. M disse *madre*. Já na CaGII, o M disse espontâneo *mãe* e *mama* e a F *mama* e por insistência *mare*; na CbGII, tanto M e F disseram *mama*.

Em Chapecó, ao perguntar: 2. *Tuti noantri ghemo na mama e un? / Todos nós temos uma mãe e um?* O inf. de CaGI M falou *pupà* e a inf. F proferiu *pai*, por insistência mencionou *pare* e disse desconhecer *pupà*. O inf. de CbGI M primeiramente falou *pai* e *papi*, mencionou na sugestão já ter ouvido *pare* e não conheceu o termo *pupà*; já a inf. F aplicou *pai*, na insistência disse *padre* e desconheceu o termo sugerido *pupà*. O inf. da CaGII M pronunciou *papa* e *papi*, na insistência *padre* e por sugestão mencionou já ter ouvido falar *pupà*; enquanto que a F fala *pupà*. Na CbGII, o inf. M produziu *papa* e conhece *pupà* e a inf. F pronunciou *pupà*. No município de Pato Branco, na CaGI, o inf. M proferiu *patri* e a F disse *pai* e *papi* e desconhece *pupà*; na CbGI, o inf. M respondeu *pai* e *papa* e mencionou desconhecer *pupà*, enquanto que a inf. F falou *pai* e também nunca ouviu *pupà*. Na CaGII o inf. M disse *padre* na sugestão falou que conhece *pupà* e nunca ouviu *pare*; a inf. F fala *papa*, na insistência *pare* e disse conhecer o termo *pupà*. Na CbGII, inf. o M disse *pupà* e a F *papa* e *papi* e falou conhecer *pupà*.

No município de Chapecó temos o seguinte resultado individual para a questão 3: *E la mama e el pupà ze nostri? / E a mãe e o pai são nossos?* Os inf.(s) CaGI M e F, proferem *pais*, por insistência ele falou *pari* e desconhece *genitori* e ela desconhece *pari* e *genitori*; enquanto que na CbGI, o inf. M aplicou *pais* e *padre*, desconhece *pari* e a F proferiu *pais*, por insistência *padres* e nunca ouviu *pari*. Na CaGII, o inf. M fala *pai* e já ouviu *pari* e a F disse o termo misto *padres* e desconhece *pari*. Já os inf.(s) de CbGII M e F falaram espontaneamente *genitori* e a

F disse também *pari*. Em Pato Branco, na CaGI, o inf. M profere *genitori* e *patri*, enquanto que a F fala *pais* e diz já ter ouvido *genitori*. Na CbGI ambos falaram *pais* e desconhecem *pari*. Já os inf.(s) de CaGII M e F falam o termo *pais* espontaneamente, porém, ele diz conhecer *genitori* e desconhece *pari*; já a F já ouviu *genitori* e *pari*. Na CbGII ambos dizem conhecerem *pari*.

Em Chapecó, para a pergunta 4: *Come la mama ciama a un tosatel che ela ga portà al mondo?* / *Como a mãe chama para um menino que ela gerou?* Na CaGI, o inf. M falou *filho* e na sequência *fiol* e a inf. F disse *filho* e por insistência *fiol*, já os inf.(s) de GICb M e F falaram *filho*, ele nunca ouviu *fiol* e a inf. conhece o termo *fiol*. O inf. M da CaGII falou *filho* e conhece *fiol* e a F preferiu *fiol* espontaneamente; os inf.(s) de CbGII M e F falaram *fiol*. Na localidade de Pato Branco, na CaGI, o inf. M respondeu *bambino* e a F *filho* e desconhece *fiol*. Ambos os inf.(s) da CbGI responderam *filho* e desconhecem a sugestão de *fiol*. Já na CaGII, no que se refere ao inf. M preferiu *toseto* e por insistência *fiol* e a F falou *fiol*.; já na CbGII, o M falou *fiol* e a F *toseto* e disse conhecer *fiol*.

Em Chapecó, para a questão 5: *Come la mama ciama na toseta che ela ga portà al mondo?* / *Como a mãe chama para uma menina que ela gerou?* Os inf.(s) de CaGI M e F preferiram *filha*, ele disse também na sequência *fiola* e a F respondeu na insistência *fiola*. Na CbGI, o inf. M falou *filha* e desconhece *fiola*, enquanto que a inf. F disse *filha* e quando se insistiu falou *fiola*. O inf. M da CaGII disse *filha* e aceitou a sugestão de *fiola* e a F disse *fiola*. No diz respeito a CbGII, o inf. M como primeira resposta, falou *fiola*; a F *tosa* e conhece *fiola*. Já em Pato Branco, o inf. CaGI M disse já ter ouvido falar *fiola*, e a F falou *filha* e desconhece *fiola*. Na CbGI ambos falam *filha* no espontâneo e na sugestão ele desconhece *fiola*, enquanto que ela já ouviu. Os inf.(s) de CaGII, M e F proferem *fiola* espontaneamente, o mesmo aconteceu na CbGII.

Ao perguntar: 6. *Come la mama ciama a tute le persone che ela ga portà al mondo?* / *Como a mãe chama a todas as pessoas que ela gerou?* No município catarinense, o inf. de CaGI M falou espontaneamente *fioi* e *tosatèi*; a F disse *filhos* e aceitou a sugestão de *fioi*. Os inf.(s) de CbGI M e F disseram *filhos* e nunca ouviram falar *fioi*. O mesmo ocorreu com o inf. M da CaGII que falou *filhos* e não aceitou *fioi*, enquanto que a inf. F falou *fioi*. Os inf.(s) CbGII M e F disseram *fioi*. Na localidade do sudoeste do PR, o inf. M de CaGI respondeu *prole* e quando sugerido *fioi* disse nunca ter ouvido falar; os inf.(s) de CaGI e CbGI M e F em resposta espontânea, disseram *filhos* e não aceitaram a sugestão de *fioi*. Na CaGII, o inf. M respondeu *filho* e disse já ter ouvido *fioi*, enquanto que a inf. F disse *fioi*. Na CbGII, o inf. M respondeu *fioi* e a F aceitou o termo na variedade italiana.

Dessa maneira, quando perguntado: 7. *Come ciamemo quando la mama la ga metesto al mondo due bambini insieme? / Como se diz quando uma mãe dá a luz a dois filhos juntos?* Em Chapecó, Os inf(s).de CaGI e CbGI M e F falaram espontaneamente *gêmeos* e na sugestão dizem nunca terem ouvido *gêmei*. Na CaGII, o inf. M relatou *gêmeos* e aceitou *gêmei* e a F disse *gêmei* e na CbGII, os inf(s) M e F produziram *gêmei*. Na CaGI de Pato Branco, o inf.M falou *gêmei* e a F disse *gêmeos* e nunca ouviu *gêmei*. Na CbGI, o inf. M respondeu *gêmeos* e na sugestão nunca ouviu o termo na variedade; já a F respondeu também *gêmeos*, mas já ouviu falar *gêmei*. Enquanto que os inf. (s) de CaGII CbGII M e F disseram *gêmei*.

Para a questão 8: *Come zela la parola che se dise par identificar el primo fiol? / Que palavra se diz para identificar o primeiro filho?* O inf. de CaGI M de Chapecó respondeu *fiolo più vecchio* e não conheceu o termo no Pt. *primogênito*; já a inf. F. falou *primogênito* e não aceitou o termo da variedade italiana. Na CbGI, o inf. M proferiu *primogênito* e desconheceu o termo do *talian*, enquanto que a inf. F não falou nada no espontâneo e aceitou a sugestão de *fiolo più vecchio* e *primogênito*. Na CaGII, o inf. M disse *primogênito* e desconhece *fiolo più vecchio*; já a F falou *fiolo più vecchio* e *primogênito*. Na CbGII, o inf. M respondeu *primogênito* e na insistência *fiolo più vecchio*; a inf. F disse *fiolo più vecchio*. E Pato Branco, os inf.(s) da CaGI e CbGI M e F, falaram *primogênito*, o inf. M da Ca disse conhecer o termo na variedade, os outros inf.(s) desconhecem. Na CaGII, o inf. M aceitou a sugestão de *primogênito* e de *fiolo più vecchio* e a inf. F disse *primogênito* e na insistência mencionou o termo na variedade. O inf. de CbGII M falou *primogênito* e desconhece o termo no *talian*, enquanto que a inf. F disse *primo fiol* e já ouviu o outro termo do *talian*.

Segue em detalhes, as respostas de todos os inf(s). para a pergunta de número: 9. *Come zela la parola che se dise par identificar el fiol più giovane / Que Palavra se diz para identificar o filho mais novo?* Na CaGI de Chapecó, o inf. M respondeu usando o termo do italiano padrão, *figlio più giovane* e não aceitou a sugestão de *bambim*; a inf. F falou no Pt. *caçula* e também ao sugerir, diz não ser usado *bambim* nesse caso. Na CbGI, o inf. M disse *nène* e aceitou *bambim*; já a F desconhece *bambim* e a aceita a sugestão de *caçula*. Na CaGII, o inf. discorreu espontaneamente *bambim*, *caçula* e *nène* e a inf. F disse *figlio più giovane*, *nène* e aceita a sugestão de *bambim*. O inf.da CbGII M relatou *nène* e a inf. F *figlio più giovane*. Em Pato Branco, na CaGI, o inf. M disse *nène* e conhece *bambim* a inf. F da Ca e os inf.(s) de CaGI M e F mencionaram *caçula* no espontâneo e também conhecem *bambim*. No grupo da CaGII, o inf. M respondeu *figlio più giovane* e conhece *bambim*, enquanto que a F falou *bambim*. Na

CbGII, ele disse *pì giovane* e na sugestão já ouviu *bambim* e a inf. F mencionou *nène* e também aceitou *bambim*.

Para a pergunta: *I fioi del medèsimo pare i ze?* / Os filhos do mesmo pai são? O inf. de CaGI M de Chapecó falou *fradèi* e a inf. F *irmãos*, mas na insistência ela disse *fradèi*; Na Os inf. (s) de CbGI M e F respondem espontaneamente *irmãos*, porém ele não aceitou a sugestão de *fradèi* e ela aceita. A CaGII, o inf. M respondeu *irmão* e desconhece *fradèi*, enquanto que a F falou *irmãos* e *fradèi*. Na CbGII, os inf.(s) Ma e F disseram *fradèi*. Pato Branco apresenta resultados bem parecidos, na CaGI o inf. M disse *fradèi* e a inf. F *irmãos* e desconhece *fradèi*. Os inf.(s) de CbGI M e F produziram como resposta *irmãos* e não aceitaram a sugestão de *fradèi*. Na CaGII e a CbGII, todos os inf.(s), M(s) e F(s) falaram no espontâneo *fradèi*.

Após a pergunta 11: *I ze fioi del medèsimo pupà. El tosatel zelo cossa dea toseta?* / São filhos do mesmo pai. O que o menino é da menina? O inf. CaGI M de Chapecó disse *fardel* e a inf. F *irmão* e na insistência ela falou *fradel*. Os inf.(s) de CbGI M e F respondem *irmão*, mas ele desconhece *fardel* e ela quando se insiste disse *fradel*. Na CaGII, o inf. M no espontâneo relata *irmão* e conhece *fradel*, enquanto que a inf. F disse *fradel*. Os inf.(s) de CbGII M e F disseram *fradel*. No município de Pato Branco, o inf. M de CaGI discorreu *frati* e aceitou a sugestão de *fradel*, já a inf. F os inf.(s) de CbGI M e F falaram *irmão* e desconhecem *fradel*. Os inf.(s) de CaGII e na CbGII M(s) e F(s) responderam *fradel*.

Ao interrogar na questão 12: *E che la toseta zela del tosatel?* / E o que a menina é do menino? Em Chapecó, os inf.(s) de CaGI falaram em Pt. *irmã*, ele aceitou a sugestão de *sorela* e ela na insistência disse *sorela*; na CbGI, o M não respondeu e ao sugerir não conhece o termo no *talian* e a inf. F disse *fradela* e aceitou *sorela*. Na CaGII, os dois inf.(s) responderam *fradela* e ela disse conhecer *sorela* e na CbGII, ambos proferiram *sorela*. Em Pato Branco, o inf.(s) M de CaGI aceitou a sugestão de *sorela* e a inf. F disse *irmã* e desconhece *sorela*; na CbGI, ambos os inf.(s) falaram *irmã* e nunca ouviram *sorela*. Na CaGII, o inf. M mencionou *fradela* e conhece *sorela*, ela também disse já ter ouvido *sorela* e os inf.(s) de CbGII M e F disseram *sorela*.

Para a interrogação 13: *Come te ciami i pari de to pupà e to mama?* / Como você/tu chama para os pais de seu pai e de sua mãe? O inf. da CaGI M de Chapecó disse *noni* e a inf. F aplicou *avós* e desconhece *noni*; na CbGI, o inf. M relatou *noni*, e a inf. F *avós* e *nonos*. Já na CaGII, o inf. M aceitou a sugestão de *noni* e a F falou *avós* e disse conhecer *noni*. Os inf.(s) de CbGII, M e F respondem *noni*. Em Pato Branco, o inf. M da CaGI, na sugestão aceita *noni* e

a inf. F falou *avós* e nunca ouviu *noni*; os inf(s). da CbGI M e F disseram *nonos* e já ouviram *noni*. E os inf.(s) da CaGII e CbGII M(s) e F(s) responderam *noni*.

Quando perguntados na pergunta de número 14: *El pupà de to mama ze to? / O pai de sua mãe é seu/teu?* Em Chapecó, o inf. M de CaGI respondeu *nono* e a inf. F *avô* e na insistência *nono*. Na CbGI, o inf. M não disse nada e a F falou *avô* e quando se insistiu como seria no italiano ela mencionou *nono*. Na CaGII, o inf. M não se manifestou e a F disse *nono*. Na CbGII, ambos os inf.(s) falaram *nono*. O inf. M de CaGI em Pato Branco respondeu *nono* e a inf. F aplicou *avô* e disse não usar *nono*. Todos os inf(s).de CbGI, CaGII e GbGII M(s) e F(s) responderam *nono*.

Ao ouvirem a pergunta 15: *La mama de to mama ze toa? / A mãe de sua mãe é sua/tua?* Em Chapecó, o inf. M de CaGI disse *nona* e a F *avó*, mas insistindo ela falou *nona*. Nas CbGI, CaGII e CbGII, todos os inf(s). M(s). e F(s). responderam *nona* espontaneamente. Em Pato Branco, na CaGI, o inf. M relatou *nona* e a F disse *avó* e na insistência *nona*. Na CbGI, CaGII e CbGII, todos os inf(s). M(s) e F(s) produziram nas suas respostas espontâneas *nona*.

Para a pergunta 16: *No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fioi dei to genitori? / Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, o que seus/teus filhos são ou seriam de seus pais?* Os inf(s). de CaGI de Chapecó responderam *netos* e na sugestão disseram que nunca ouviram o termo na variedade italiana *nepoti*; na CbGI, o M falou o termo misto *nèti* e a F *netos* e ao sugerir o termo do *talian* mencionou que nunca ouviu. Na CaGII, o M disse *netos* e a F *nèti* e desconhece *nepoti*; a CbGII, o M respondeu *nepoti* e a F *nèti* e relatou desconhecer o termo *nepoti* ao ser sugerido. Em Pato Branco, o M disse *nèti* e desconhece *nepoti* e a F falou *netos* e nunca ouviu *nepoti*; Ambos, M e F de CbGI pronunciaram em suas respostas *netos* e ao sugerir *nepoti* enfatizaram que nunca ouviram. Os inf.(s) de CaGII falaram *nèti* e não aceitam a sugestão de *nepoti*, já a CbGII, o M mencionou *netos* e a F respondeu *nepoti*.

A questão 17: *No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fioi dei to genitori ? / Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, o que seu/teu filho é ou seria de seus pais?* e 18: *No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fiola dei to genitori ? / Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, o que sua/tua filha é ou seria de seus pais?* Todos os inf.(s) de CaGI, CbGI, CaGII e CbGII M(s) e F(s), nas duas localidades aplicaram os de parentesco em Pt., *neto* e *neta*, em suas respostas. Somente houve duas exceções: na questão 17 o inf. M de CbGII disse *neto* e *nepoto* e na pergunta 18, o inf.M disse *neta* e *nepota*.

Para a questão 19: *I genitori de to noni i ze toi?* / Os pais de seus avós são seus? Os inf.(s). de CaGI e CbGII M(s) e F(s) de Chapecó disseram *bisavôs*, porém os inf.(s) M(s) aceitaram a sugestão de *bisnoni* e as inf.(s) F(s), ao insistir, mencionaram *bisnoni*. Na CaGII, o inf. M falou *bisavôs* e *bisnoni* e a CbGII, ambos disseram *bisnoni*. Em Pato Branco, na CaGI, o inf. M respondeu *bisnonos* e *bisnoni* e a inf. F *bisavôs* e relatou que nunca ouviu *bisnoni*. Na CbGI, os dois inf.(s) falaram *bisavôs* e aceitaram a sugestão de *bisnoni*. Na CaGII, ambos os inf.(s) disseram *bisavôs*, mas ele por insistência fala o termo do *talian* e ela aceitou a sugestão de *bisnoni* e os inf.(s) de CbGII M(s) e F(s) falaram *bisnoni*.

Ao perguntar a questão 20: *El pupà de to noni el ze to?* / O pai de seus avós é seu/teu? E 21: *La mama de to noni la ze to?* / A mãe de seus avós é sua/tua? Na CaGI e CbGI, os inf.(s). dos dois municípios falaram as variantes do port. *bisavô* e *bisavó* e por sugestão falaram as variantes do *talian* *bisnono* e *bisnona*. Os inf. (s) de CaGII e CbGII M(s) e F(s) da localidade catarinense mencionaram *bisnono* e *bisnona*, exceto o inf. M de Chapecó que relatou *bisavô* e ao se insistir falou *bisnono*. Em Pato Branco, o inf. M da CaGI, falou *nono biso* e *nona bisa* e aceitou *bisnono* e *bisnona*, enquanto que a F e os inf.(s) da CbGI disseram *bisavô* e *bisavó* e disseram não conhecer *bisnono* e *bisnona*. Na CaGII, os inf.(s) falaram espontaneamente *bisavô* e *bisavó*, por insistência os inf.(s) M(s) falaram *bisnono* e *bisnona* e elas aceitaram a sugestão. Na CbGII, todos os inf.(s) mencionaram *bisnono* e *bisnona*.

Na questão 22, *bisnepoti* / bisnetos e *bisnèti*, na sua maioria falaram a variante em Pt., *bisnetos* e quem não disse em Pt. usou o termo misto *bisnèti*. Ninguém falou a variante do *talian*, *bisnepoti*, simplesmente desconhecem.

Assim, ao perguntar: *No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fioi dei to noni ?* / Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, os seus filhos são ou seriam o que de seus avós? Todos os inf.(s) de CaGI, CbGI, CaGII e CbGII M(s) e F(s) de Chapecó relataram em suas respostas *bisnetos*, exceto as inf.(s) F(s) de CaGII e CbGII que produziram *bisnèti*, mas ninguém aceitou *bisnepoti* na sugestão. Em Pato Branco, todos como em Chapecó falaram *bisnetos*, menos o inf. M, de CaGII, que disse *bisnèti* e ninguém aceitou *bisnepoti*, exceto o inf. M de CbGII.

Portanto, ao interrogar as questões 23: *I fradèi de to genitori zeli toi?* / Os irmãos de seus/teus pais são seus?; 24: *El fradel de pupà ze?* / O irmão do seu pai é? e 25: *La sorela de pupà ze?* / A irmã do pai é? verificamos que em Chapecó, na CaGI, CbGI todos os inf.(s) falaram os termos no Pt. *tios*, *tio* e *tia* e na CaGII, o inf. M disse *tios* e desconhece *zii*, enquanto que a inf. F falou *tios*, mas aceitou *zii*; sobre os termos *tio* e *tia*, o inf. de CaGI M disse *tio* e *tia*

e desconhece *zio* e *zia* e a F e a CbGII falaram *zio* e *zia*. Em Pato Branco, todos falaram *tios*, exceto os inf.(s) M(s) de CaGII, que não responderam e aceitaram *zii*. Na CbGII os inf.(s) disseram *zii*. Sobre o termo *tio*, a CaGI e a CbGI falaram *tio* e não conhecem *zio*; na CaGII, o M disse *zio* e a F aplicou *tio* e na insistência produziu *zio*; na CbGII ambos falaram *zio*. No que diz respeito ao termo *tia*, todos da CaGI e CbGI falaram *tia* e desconhecem *zia*, exceto o inf. M de CaGI que falou *zia*. Na CaGII, ambos disseram *zia* e a inf. F mencionou também *tia*. Na CbGII, o M disse *tia* e na insistência relatou *zia* e a inf. F falou *zia*.

Para a pergunta 26: *I fioi de fradel zeli lo che sorela?* / Os filhos do irmão são o que da irmã?, os inf.(s) da CaGI e CbGI das duas localidades responderam dizendo *sobrinhos* e ao sugerir o termo no *talian*, *neodi*, disseram nunca terem ouvido, com exceção do inf. M de CaGI de Pato Branco que falou *nèpi*. O inf. M de CaGII de Chapecó produziu o termo em Pt. *sobrinhos* e desconhece *neodi* e a inf. F falou *sobrinhi* e nunca ouviu *neodo*; em Pato Branco, os inf. (s) de CaGI falaram o termo misto *sobrinhi* e desconhecem o termo no *talian*. Na CbGII em Chapecó, o inf. M disse *sobrinhi*, relata nunca ter ouvido *neodi* e a F falou *sobrinhos* e já ouviu termo do *talian* *neodo*; em Pato Branco ambos falam *sobrinhos* e nunca ouviram *neodi*.

Assim, sobre a questão 27: *El fiol de fradel ze lo che di sorela?* / O filho do seu irmão é o que da irmão? e 28: *La fiola de fradel ze lo che di sorela?* / A filha do irmão é o que da irmã?, em Chapecó, os inf.(s) M(s) e F(s) da CaGI, da CbGI e da CaGII falaram espontaneamente *sobrinho* e *sobrinha* e quando sugerido os termos no *talian* *neodo* e *neoda* mencionaram desconhecer esses termos. Na CbGII, o inf. M falou *neodo* e *neoda* e a inf. F disse *sobrinho*, mas já ouviu *neodo* e *neoda*. Os inf.(s) M(s) e F (s) de Pato Branco de todas as gerações e classes responderam *sobrinho* e *sobrinha* e ao sugerir *neodo* e *neoda* disseram não terem conhecimento desses termos.

Para a pergunta 29: *No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fioi dei to zio son di tu?* / Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, os filhos de seu tio são o que seus/teus? Em Chapecó, o inf. M de CaGI, disse o termo misto *primi* e desconhece o termo do *talian* *cusini*, já a F e os inf.(s) da CbGI, disseram *primos* ao sugerir *cusini*, relatam nunca terem ouvido. Na CaGII, o inf. M falou *primos*, desconhece o termo *cusini* e já ouviu *primi* e a inf. F mencionou *primi* e nunca escutou *cusini*. No grupo da CbGII, o M disse *cusini* e a F *primi*. Na localidade de Pato Branco, o M da CaGI, menciona na sua resposta espontânea *primi* e disse já ter ouvido seus pais e tios falando *cusini*; já a inf. F e os inf.(s) M(s) e F(s) da CbGI disseram *primos* e ao sugerir, mostraram desconhecimento ao termo *cusini*. Na CaGII, o inf. M respondeu *primi* e desconhece *cusini*; a inf. F responde *primos* e nunca ouviu *cusini*.

Na CbGII, os inf.(s) falam espontaneamente *primos*, porém o inf. M disse também *primi* e ela, na insistência, menciona *primi*, mas nunca ouviram *cusini*.

Então ao perguntar 30: *No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fiol dei to zio è di tu? / Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, o filho do seu/teu tio é seu/teu?* e 31: *No sò se te ghinè o nò, ma in relassion a ti, cossa ze o saria to fiola dei to zio è di tu? / Não sei se você/tu tem ou não, mas em relação a você/tu, a filha do seu tio é sua/tua?* em Chapecó, os inf.(s) da CaGI, CbGI e CaGII responderam com os termos em Pt. *primo* e *prima* e nunca ouviram os termos do *talian*, *cosin*, *cosino* e *cosina*. Na CbGII, o inf. M falou *cusin* e *cusina* e a inf. F disse *primo* e *prima* no espontâneo, mas na sugestão disse conhecer os termos *cusin* e *cusina*. Em Pato Branco todos os inf.(s) falaram os termos do Pt. *primo* e *prima*, porém, o inf. M da CaGI disse espontaneamente *cugino*, termo do italiano padrão. Os inf.(s) de CbGII, ao ser sugerido os termos *cusin* e *cusina* dizem conhecer.

Para as perguntas do parentesco de aliança 33: *Un omo se ga spartio e se ga maridà con nantra fèmena, cossa la ze del fiol de quelaltro matrimònio? / Um homem se separou e casou-se com outra mulher, o que ela é do filho do outro casamento?* e 35: *Na dona se ga spartio e se ga maridà con nantro omo. Cossa zelo lu dea fiola de quelaltro casamento? / Uma mulher se separou e casou-se com outro homem, o que ele é da filha do outro casamento?*, a CaGI, CbGI, CaGII e CbGII, tanto de Chapecó como de Pato Branco desconhecem o termos do *talian*, alguns inf.(s) relatam que eles descrevem a situação. Então, todos falaram os termos do port. *madrasta* e *padrasto*, exceto os inf.(s) da CbGI de Pato Branco que responderam *patrigno*, termo do italiano padrão, mas todos desconhecem o termo do *talian*, *maregna* e *paregno*.

Quando perguntados, 34: *E el fiol zelo che dea fèmena nova de so pupà? / E o filho é o que da nova mulher do seu pai?* e 36: *E la fiola zelo che del novo marido de so mama? / E a filha é o que do novo marido da sua mãe?*, todos os inf.(s) de Chapecó e Pato Branco falaram espontaneamente os termos do port. *enteado* e *enteada*, somente a inf. F da CaGII de Chapecó que não respondeu e na sugestão dos termos em Pt. aceitou *enteado* e *enteada*. Porém, ninguém aceitou a sugestão dos termos no *talian*.

Para a pergunta 37: *Come el omo ciama par la fèmena con chi se ga maridà? / Como o homem chama para a mulher com quem se casou?* em Chapecó, o inf. M da CaGI respondeu *femene* e *esposa* espontaneamente e na sugestão disse já ter ouvido falar *dona*, enquanto que a inf. F e os inf.(s) da CbGI falaram *esposa*, as Inf. (s) F (s) aceitaram a sugestão de *dona* e o inf. M de CbGI, na insistência, mencionou *femene*. Na CaGII, o inf. M falou *esposa*, aceitou as sugestões de *femene* e *dona* e a inf. F aplicou *femene* e *esposa*. Na CbGII, o inf. M disse *dona*

e aceita os apontamentos de *femene* e esposa, já a inf. F disse *femene* e aceita *dona*. Em Pato Branco, o inf. M responde *femene*, esposa e já ouviu *dona*, enquanto que a inf. F falou esposa e nunca ouviu *femene* e *dona*. Na CbGI, ambos os inf.(s) dizem esposa e desconhecem *femene*. Os inf.(s) de CaGII mencionaram *esposa* e conhecem os termos *femene* e *dona*. Na CbGII, o inf. M falou *dona* e esposa, enquanto que inf. F mencionou *esposa* e disse conhecer os termos *femene* e *dona*.

Quando perguntado aos inf.(s) a questão 38: *Come la fémena ciama par el omo con chi se ga maridà?* / *Como a mulher chama para o homem com quem se casou?*, em Chapecó, o inf. M respondeu *marido e esposo*, na sugestão não conhece o termo do talian *marì* e a inf. F falou *esposo* e na insistência menciona *omo* e desconhece *marì*. Na CbGI, ambos os inf.(s) falaram *marido* e desconhecem *omo* e *marì*. Na CaGII, o inf. M disse *marido* e ao sugestão conhece *omo* e nunca ouviu *marì*, enquanto que a inf. F menciona *marido*, *esposo* e desconhece os termos do *talian*. Na CbGII, ambos os inf.(s) respondem *omo* e desconhecem o termo *marì*. O inf. M da CaGI de Pato Branco aceitou a sugestão de *omo* e desconhece *marì* e a F disse *marido*, *esposo* e nunca ouviu *omo* e *marì*. Na CbGI, ambos os inf.(s) disseram *marido* e não conhecem os termos do *talian*; já na CaGII, o M falou *esposo*, aceitou a sugestão de *omo* e desconhece o termo *marì*, já a F relatou *marido*, *omo* no espontâneo e desconhece *marì*. No grupo CbGII, o M aplicou *esposo* e *omo*, desconhece *marì* e a F, na insistência, menciona *omo*, aceita a sugestão de *marido* e desconhece *marì*.

Sobre a questão 39, *casal / coppia* tem-se a mesma grafia e pronuncia para o termo no *talian* e no Pt. Portanto, decidimos desconsiderar esse termo para a análise dos dados, pois 100% dos inf.(s) falaram *casal*.

Para as perguntas, 40: *I genitori del marì o de la sposa i ze?* / Os pais do marido ou da esposa são os?, 41: *El pupà del marì o de la sposa ze el?* / O pai do marido ou da esposa é o? e 42: *La mama del marì o de la sposa ze la?* / A mãe do marido ou da esposa é a?, em relação ao termo sogros, os únicos inf.(s) que não falaram o termo em Pt. foram as inf.(s) F(s) de CaGII e o inf. M de CbGII de Chapecó, que disseram o termo misto *sogri* e os inf.(s) de CaGII de Pato Branco, que respondeu espontaneamente *sogri*. Os demais responderam *sogros*. Todos desconhecem o termo do *talian* *missier*, exceto a inf. F de CaGII do município catarinense. No que diz respeito ao termo sogro, todos os inf.(s) das duas localidades responderam no espontâneo *sogro*, desconhecem *sòcero* e *missier*, apenas é aceito como sugestão pela inf. F de CbGII de Chapecó e pelo inf. M de CbGII de Pato Branco. Quanto ao termo sogra, todos

responderam usando o termo em Pt. *sogra* e desconhecem o termo do talian *sòcera*. Somente a inf. F de CbGII de Chapecó que variou e disse *madona* em sua resposta espontânea.

Ao responderem a interrogativa 43: *I fradèi del marì o de la sposa ze i?* / Os irmãos do marido ou da esposa são os?, em Chapecó, os inf.(s) de CaGI e CbGI e o inf. M de CaGII em resposta usam o termo em Pt., *cunhados*, a inf. F de CaGII mencionou o termo misto *cunhadi* e na CbGII, aplicam termos mistos, o inf. M disse *cunhài* e a F *cunhà*. Todos os inf.(s) dessa localidade, ao ser sugerido o termo do talian *cugni*, relatam nunca terem ouvido. Em Pato Branco, os resultados se assemelham a Chapecó. Na CaGI, ambos os inf.(s) realizaram o termo em Pt. *cunhados*; a CbGI, espontaneamente falou o termo do itaP., *coniati*; na CaGII, ambos realizaram o termo do Pt. e na CbGII, o inf. M respondeu *neodi* (trocando o termo *cunhados* / *neodi* por *sobrinhos* / *cugni*) e a inf. F usou *cunhadi*. Depois da resposta espontânea se insistia para ver se lembravam do termo do talian, mas não houve resultados para este termo e na sugestão, todos disseram desconhecer o termo *cugni*.

Para as perguntas 44: *El fradel del marì o de la sposa ze el?* / O irmão do marido ou da esposa é o? e 45: *E la sorela del marì o de la sposa ze la?* / E a irmã do marido ou da esposa é a?, em Chapecó a CaGI, a CbGII e a CaGII M e F aplicaram os termos em Pt. *cunhado* e *cunhada* e ao sugerir os termos *cugnà* e *cugnada*, mencionam nunca terem ouvido. Já na CbGII, ambos respondem usando o termo do talian *cugnà*. Sobre o termo *cunhada* nessa geração teve diferença, o M disse *cugnada* e a F *cunhada* e desconhece *cugnada*. Quanto ao município de Pato Branco, os inf.(s) de CaGI, CbGI, CaGII M e F realizaram os termos em Pt. *cunhado* e *cunhada* e desconheciam os termos do talian *cugnà* e *cugnada*, menos a inf. F de CaGII, que na insistência disse *cugnà*. Na CbGII, o inf. M falou *neodo* e aceita a sugestão de *cugnà* e para o termo *cunhada* usa o do Pt. e desconhece o do talian. A inf. F de CbGII, realizou ambos os termos do Pt. e desconhece os do talian.

Ao responderem a questão 46: *El marido o la sposa i ze che/o sarian dei genitori de so compagno(a)?* / O marido ou a esposa são o que/ou seriam dos pais do seu companheiro (a)?, em Chapecó, os inf.(s) de CaGI usaram o termo em Pt. *genros* para responderem e desconheciam o termo no talian, menos o inf. M de Cb que ao sugerir disse já ter ouvido. A inf. F da CbGII não respondeu a pergunta. Na CaGII, o inf. M falou *genros* e na sugestão conhece *generi*, a inf. fem. disse *generi*, na CbGII, ambos mencionam o termo do talian, *generi*. Enquanto que em Pato Branco, os inf.(s) de CaGI e CbGI mencionaram o termo em Pt., exceto o inf. M que não respondeu (aconteceu algumas vezes, com um inf. e outro, quando era pedido o termo no plural, o inf. mencionava o termo no singular, por exemplo, em vez de responder

genros, dizia genro.). Na CaGII, o inf. M realizou o termo em *talian*, *generi* e a inf. F em Pt. e o termo misto *gendros*. O inf. M não respondeu e a inf. F disse no Pt. e ao sugerir o termo em *talian*, mostrou desconhecer.

Sendo assim, ao perguntar as questões 47: *El marì zelo che dei genitori de so fémèna? / O marido é o que dos pais de sua mulher?* e 48: *La sposa zelo che dei genitori de so omo? / A esposa é o que dos pais de seu marido?*, nas GI e GII em Chapecó, os inf.(s) realizam os termos do Pt. e mostraram desconhecimento dos termos do *talian*, menos o inf. M de Cb que não falou nenhum termo e ao sugerir o termo *gènero* relatou que já ouviu. Na CaGII, todos falam os termos do Pt. e desconheciam os termos do *talian*. Na CbGII, o inf. M respondeu usando os termos do Pt. e conhece *gènero* e nunca ouviu *niora*, já a inf. F respondeu *gènero* e *nora*, sendo que também desconhece *niora*. Em Pato Branco, as CaGI, CbGI e CaGII, os inf.(s) realizam os termos em Pt.. Sobre o termo genro, a CaGI não conhece o termo *gènero* e a CbGI e CaGII mencionaram já terem ouvido, para o termo *nora*, somente o inf. M de CaGII disse conhecer o termo no *talian* e no espontâneo disse *genera*. Na CbGII, ambos os inf. não responderam o termo *genro* e para *nora* falaram no Pt.; o inf. M conhece o termo do *talian* e a inf. F nunca ouviu.

Para findar os termos de parentesco de aliança, na questão 49: *comissieri / consogros / consogri / consòceri*, que teve como pergunta: *E i genitori del omo e dela fémèna zeli che tra de lori? / E os pais do marido e da mulher são o que entre si?*, constatamos um caso de desconhecimento dessa variante entre os ítalo-brasileiros. Nenhum inf. mencionou conhecer a variante do *talian*, nem a variante do Pt. Somente a inf. F de CaGI de Pato Branco que respondeu espontaneamente usando o termo do Pt. *consogros*.

Para a pergunta 50: *Le persone scoieste par i genitori de un bambin par el batèsimo i ze? / As pessoas escolhidas pelos pais de uma criança para o batizado são os?*, em ambas as localidades predominou entre os inf.(s) da CaGI e CbGII o termo de parentesco do Pt. *padrinhos* e na sugestão do termo em *talian* *sàntoli* mostraram desconhecimento, com exceção do inf. M da Cb de Chapecó. No município catarinense, na CaGII, o inf. M usou o termo do Pt. em sua resposta, a inf. F menciona o termo misto *padrinhi* e ambos nunca ouviram o termo do *talian*. Na CbGII, os dois inf.(s) usaram o termo *sàntoli* e a inf. F disse também *padrinhi*. Na CaGII de Pato Branco, o inf. M, na insistência, falou o termo *sántoli* e a inf. F disse *padrinhos* e *padrinhi*.

Em resposta as interrogativas 51: *Un omo scoiesto par i genitori de un bambin par el batèsimo el ze? / Um homem escolhido pelos pais de uma criança para o batizado é o?*, os

inf.(s) da CaGI, da CbGI e da CaGII das duas localidades usaram os termos do Pt. *padrinho* e *madrinha*. Na insistência a inf. F da CaGI de Chapecó disse os termos em *talian sântolo* e *sântola* e o inf. M, na sugestão, mencionou conhecer os termos do *talian*. Em Pato Branco, o inf. M da CaGI, também falou espontaneamente *patrino* e *madrina* e a inf. F de CaGII ao ser sugerido os termos *sântolo* e *sântola* disse já ter ouvido. Na CbGII, todos mencionaram os termos do *talian* em suas respostas.

Olhando mais detalhadamente para os dados das questões 53: *Come i santoli ciama i tosatei che lori i ga batesà? / Como os padrinhos chamam para as crianças que eles batizaram?*; 54: *Se un bambin ze un tosatei i santoli ciama de so? / Se a criança for um menino os padrinhos chamam de seu?* e 55: *Se ze na bambina, i santoli la ciama de so? / Se a criança for uma menina os padrinhos chamam de sua?*, verificamos que em Chapecó, na CaGI, CbGI e CaGII, todos os inf.(s) usaram nas suas respostas espontâneas os termos do Pt.; na insistência, a inf. F de CaGI mencionou os termos do *talian fioffi*, *fiosso* e *fiossa*. Já a inf. F da CbGI, ao se insistir disse *fiosso* e *fiossa* e na sugestão demonstrou conhecer *fioffi*. Na CbGII, o inf. M usou *fioffi*, *fiosso* e *fiossa* e a F disse *afilhados*, *fiosso* e *fiossa* e na sugestão disse que já ouviu *fioffi*. Em Pato Branco, referente ao termo *afilhados*, os inf.(s) da CaGI, da CbGI e da CaGII, falaram o termo do Pt. e, na insistência, os inf.(s) de CaGII mencionaram conhecer o termo do *talian fioffi*, sendo que os inf.(s) da GI nunca ouviram. Na CbGII proferiram *fioffi*. Sobre os termos *afilhado* e *afilhada*, os inf.(s) de CaGI e CbGI falaram os termos no Pt. e desconhecem os termos do *talian*. Já a CaGII e CbGII todos falaram os termos do *talian fioffi* e *fiossa*.

Mais especificamente ao serem perguntados 56: *I genitori e i santoli dei bambini batedai i ze?*

Os pais e os padrinhos da criança batizada são entre si?, 57: *Cossa zelo dei genitori, el omo scoiesto par batesar el bambin? / O que o homem escolhido para batizar a criança é dos pais?* e 58: *Cossa zelo dei genitori, la dona scoiesta par batedar el so bambin? / O que a mulher escolhida para batizar a criança é dos pais?*, em Chapecó, o inf. M disse *compadres*, *compare* e *comare* e na sugestão mostrou conhecimento também do termo *comapari* e a inf. F, no espontâneo, relatou *compadre* e *comadre*, na insistência *compadres*, *compare*, *comare* e ao sugerir o termo *comapari*, ela disse já ter ouvido. Na CbGI, os inf.(s) respondem espontaneamente usando os termos do Pt., na insistência a inf. F. disse *compadre* e por sugestão eles aceitam *compare*, *compare* e *comare*. Na CaGII, ambos os inf.(s) responderam usando os termos do Pt., na sugestão aceitaram *comapari*, *comare* e recusaram *compare*. A CbGII falou todos os três termos em *talian comapari*, *compare* e *comare*.

No município de Pato Branco, os inf.(s) CaGI e a CbGI, responderam usando os termos em Pt. e nas sugestões, o inf. M de CaGI disse já ter ouvido os termos do *talian compare*, *compare* e *comare*, já os demais inf.(s) relataram que nunca ouviram. Na CaGII, todos disseram os termos do Pt., exceto o inf. M de CaGII, que falou o termo misto *compadri*. Na insistência a inf. F da CaGII falou *compare* e *comare* e, com a sugestão, o inf. M aceitou todos os três termos no *talian*. Na CbGII, os inf.(s) falaram espontaneamente os termos *compari*, *compare* e *comare*, somente o inf. M que falou *comare* na insistência.

Anexo C

Tabelas com números de aplicações das respostas espontâneas, nos diferentes tipos de termos de parentesco

Anexo C1

TERMOS DE PARENTESCO SANGUÍNEO – RESPOSTAS ESPONTÂNEAS																
CHAPECÓ SC								PATO BRANCO PR								
Línguas	CaGI		CbGI		CaGII		CbGII		CaGI		CbGI		CaGII		CbGII	
	H	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Total de resp. esp.	36	31	31	30	34	33	31	32	29	32	33	30	30	31	31	30
Pt.	21	31	25	27	24	10	4	6	8	31	28	27	12	16	12	10
<i>Talian</i>	13	0	6	2	10	20	25	23	16	1	3	2	14	14	18	20
Misto	1	0	0	1	0	2	1	1	3	0	1	1	2	1	1	0
Ita.	1	0	0	0	0	1	1	2	2	0	1	0	2	0	0	0

Anexo C2

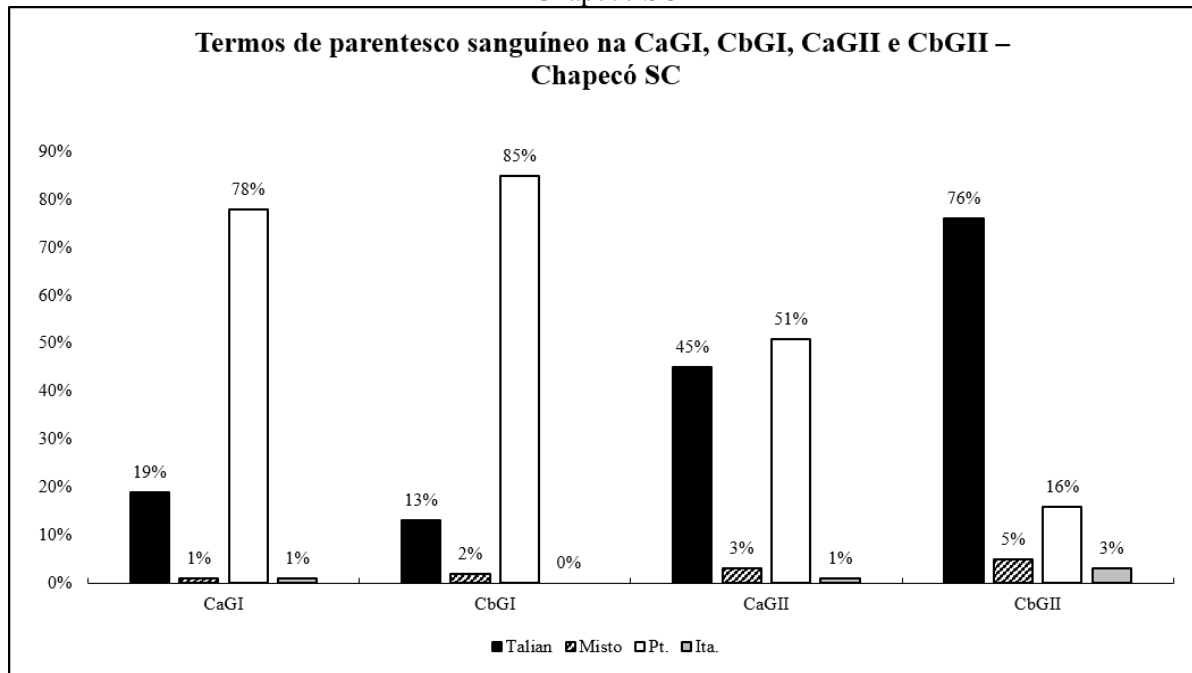
TERMOS DE PARENTESCO DE ALIANÇA – RESPOSTAS ESPONTÂNEAS																
CHAPECÓ SC								PATO BRANCO PR								
Línguas	CaGI		CbGI		CaGII		CbGII		CaGI		CbGI		CaGII		CbGII	
	H	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Total de resp. esp.	18	15	12	15	13	14	16	14	13	17	15	15	16	19	14	12
Pt.	16	15	12	15	13	11	9	7	12	17	13	14	12	13	10	10
<i>Talian</i>	2	0	0	0	0	1	6	7	1	0	1	0	2	4	4	1
Misto	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0	2	2	0	1
Ita.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0

Anexo C3

TERMOS DE PARENTESCO ESPIRITUAL – RESPOSTAS ESPONTÂNEAS																
CHAPECÓ SC									PATO BRANCO PR							
Línguas	CaGI		CbGI		CaGII		CbGII		CaGI		CbGI		CaGII		CbGII	
	H	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F	M	F
Total de resp. esp.	10	9	9	9	9	10	9	10	13	9	9	9	8	12	7	8
Pt.	7	9	9	9	9	8	0	1	9	9	9	9	5	8	0	0
<i>Talian</i>	2	0	0	0	0	1	9	8	2	0	0	0	2	2	7	8
Misto	1	0	0	0	0	1	0	1	2	0	0	0	0	1	0	0
Ita.	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0

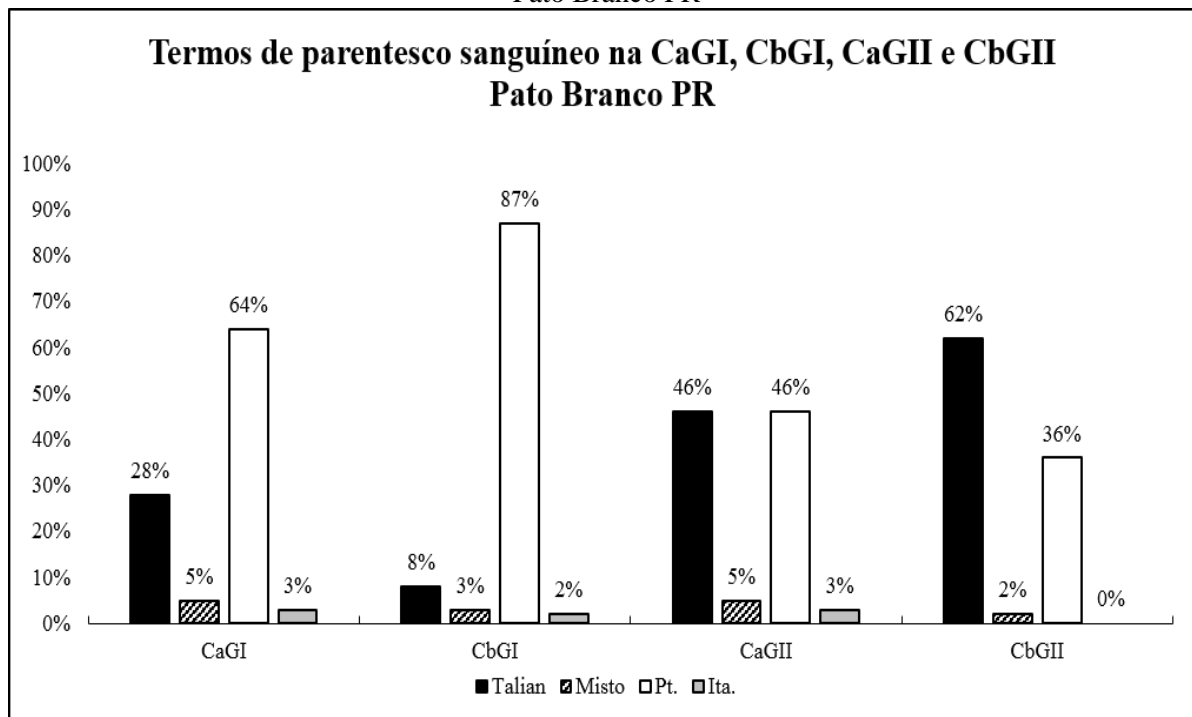
Anexo D

Gráfico 5: Síntese das aplicações do parentesco sanguíneo na CaGI, CaGII, CbGI e CbGII – Chapecó SC



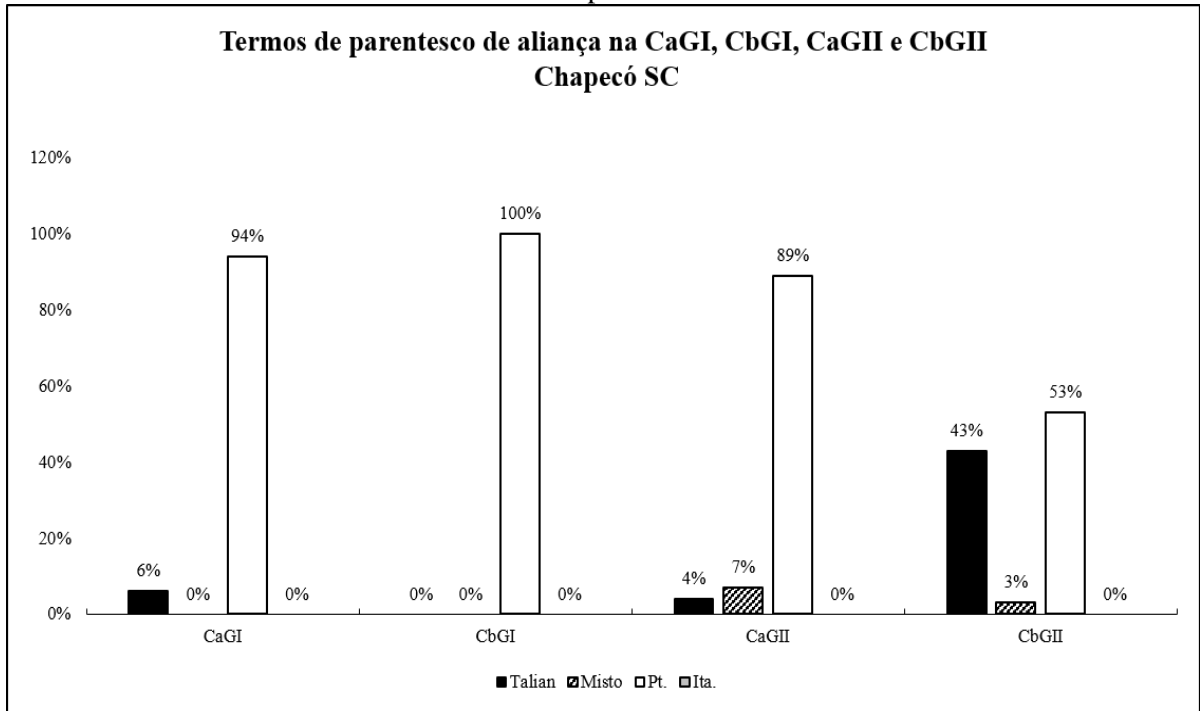
Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 6: Síntese das aplicações do parentesco sanguíneo na CaGI, CaGII, CbGI e CbGII – Pato Branco PR



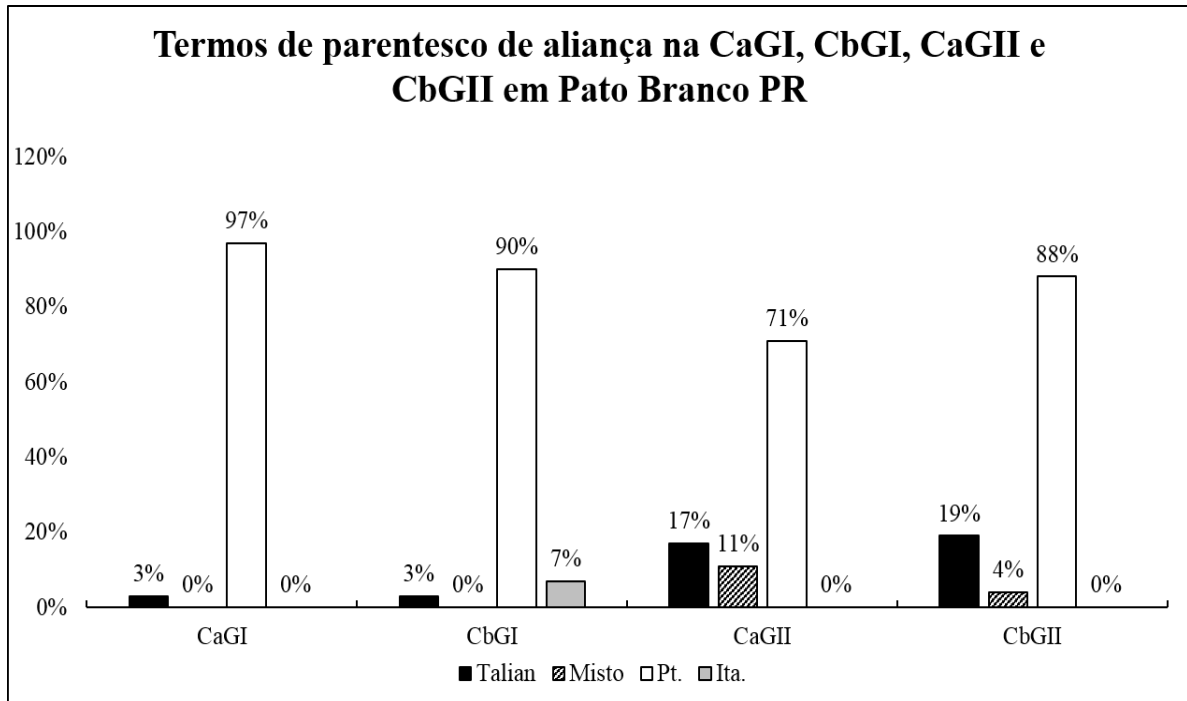
Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 7: Síntese das aplicações dos termos de parentesco de aliança na CaGI, CbGI, CaGII e CbGII - Chapecó SC



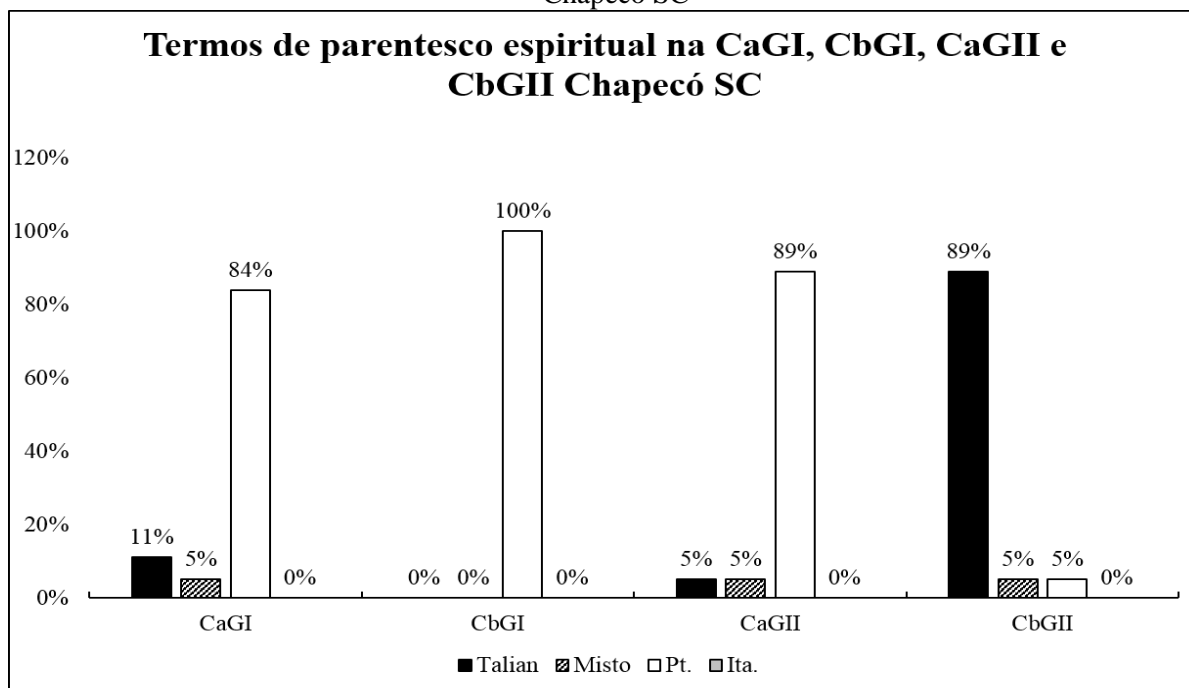
Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 8: Síntese das aplicações dos termos de parentesco de aliança na CaGI, CbGI, CaGII e CbGII Pato Branco PR



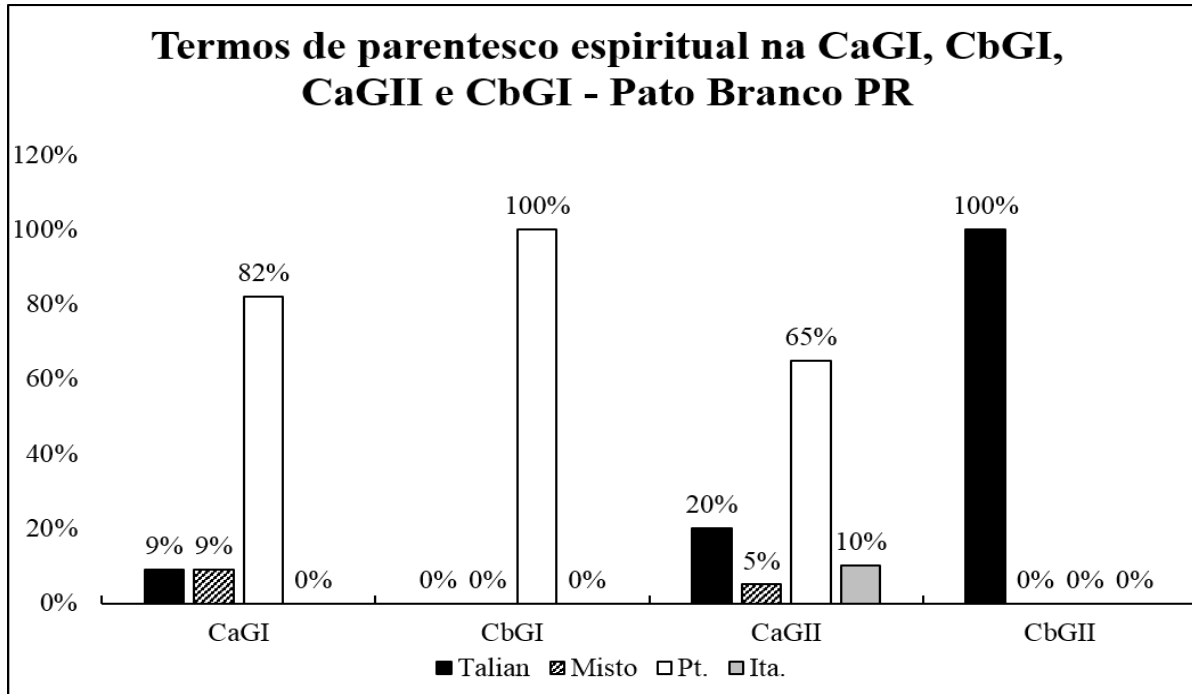
Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 9: Síntese das aplicações dos termos de parentesco espiritual na CaGI, CbGI, CaGII e CbGII – Chapecó SC



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Gráfico 10: Síntese das aplicações dos termos de parentesco espiritual na CaGI, CbGI, CaGII e CbGII – Pato Branco PR



Fonte: Dados da pesquisadora (2014)

Anexo E

Mapa da região sul do Brasil no contexto dialetal de Antenor Nascentes de 1922.



Fonte: Altenhofen (2008)